



Da autora de *Doces Silêncios* e *A Doçura da Chuva*

Deborah Smith

*O Jardim das
Flores de Pedra*





Deborah Smith é uma das autoras americanas mais lidas em todo o mundo: a sua obra já vendeu mais de três milhões de exemplares. Nomeada para diversos prémios importantes, como o RITA Award da Romance Writers of America e o Best Contemporary Fiction da *Romance Reviews Today*, foi distinguida com o Prémio de Carreira atribuído pela Romantic Times Magazine. No catálogo da Porto Editora figuram os seus romances *A Doçura da Chuva*, *Segredos do Passado*, *O Café do Amor*, *Milagre*, *Doces Silêncios* e *Regresso a Casa*, que obtiveram assinalável êxito junto dos leitores portugueses.

O Jardim das Flores de Pedra

Deborah Smith

Publicado em Portugal por

Porto Editora
Divisão Editorial Literária - Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt
Título original:

The Stone Flower Garden

© 2002, Deborah Smith

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: António Pinto

Imagens da capa: © Shutterstock.com

1.ª edição em papel: junho de 2019

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67826-3

Prólogo

Numa noite escura de primavera, vinte e cinco anos depois de ter ajudado a enterrar a minha tia-avó Clara Hardigree, dei por mim a desenterrá-la. Sentia-me como se fosse a atriz principal de uma grotesca telenovela sulista, uma Scarlett O'Hara na cena do cemitério do *Hamlet*, a declamar: «Ah, pobre Clara! Eu conheci-a.»

Aos meus pés, entre os fetos, um candeeiro a gás sibilava e tremeluzia. Escavei os ossos da minha tia-avó o mais depressa que consegui, no bosque iluminado pelo luar. Um enorme jarão de mármore erguia-se sobre mim, com as flores de mármore e os ramos de mármore a espetarem-se-me nos ombros e na cabeça como dedos rígidos. O Jardim das Flores de Pedra fazia parte da floresta e era um símbolo da família Hardigree, tanto quanto a sepultura oculta de Clara. Estremeci. As montanhas Apalaches, antigas como a Terra, assistiam do alto à minha vergonha e, para lá do vale estreito com os ossos e o jarão de mármore, as luzes de Burnt Stand, na Carolina do Norte, a minha cidade natal adormecida, piscavam, cúmplices.

Sempre desconfiámos de que não eras feita da pedra Hardigree mais forte. O meu nome de família era sinónimo de mulheres e de mármore inquebrável. Mas eu, Darl Union, neta de Swan Hardigree Samples e bisneta de Estha Hardigree, eu tinha quebrado.

E tudo por causa de um homem. Ergui os olhos para Eli Wade, o homem cuja confiança traíra, tal como o meu silêncio traíra o pai dele, falsamente acusado, vinte e cinco anos antes. Eli olhava para mim sem compreender o que estava prestes a mostrar-lhe.

Por fim, encontrei o esqueleto de Clara, a pouco mais de um braço de profundidade no solo argiloso da floresta. Quando era pequena, ao ver a minha avó Swan abrir a cova, esta parecera-me ter um quilómetro de profundidade. Agora Clara era apenas um monte de ossos sujos, à espera de serem levantados, um a um. Se calhar devia ter trazido uma das toalhas de linho da minha avó para os embrulhar. Uma das melhores, com monograma. Nós, as Hardigrees, sabemos pôr mesas bonitas.

A única coisa que me chocou foi um colar que tirei do meio da terra da sepultura. Quando limpei o pequeno pendente e o aproximei da luz da lanterna, vi o brilho de um diamante encastrado numa lasca minúscula e polida de mármore Hardigree, branco como leite. A minha avó tinha um igual. Eu também. Era uma tradição de família. Não um brasão, mas o mais aproximado possível: pedra dura em pedra dura, impregnada da mácula da nossa ambição.

Estremeci outra vez. *Pronto, está feito.* Todas as peças da nossa infâmia, ali expostas. Senti a náusea subir-me na garganta e agachei-me, com o pendente de Clara preso no punho, de cabeça baixa, olhos fechados. Nunca fora minha intenção, em criança, ajudar a minha avó a assassiná-la e a pôr as culpas noutra pessoa. Tal como todos os destinos imprevisíveis – ódio e amor verdadeiro, sucesso e fracasso –, simplesmente acontecera.

– Não foi o teu pai que matou a Clara – confessei a Eli. – Fomos nós, eu e a Swan.

Eli fitou a sepultura, chocado, e depois, muito devagar, virou os olhos para mim. O ar da noite, entre nós, encheu-se de raiva e de uma tristeza inefável. Nesse momento, acreditei que ele nunca me conseguiria perdoar e que eu nunca me perdoaria a mim própria.

– Como foste capaz de me fazer uma coisa destas? – perguntou ele.

– Família – respondi, num murmúrio.

As crianças perdem a inocência pouco a pouco. As camadas são desbastadas até o nosso coração ficar exposto, polido com um brilho pouco natural. Passamos o resto da vida a tentar recordar porque é que alguma vez amámos de modo tão apaixonado e tivemos sonhos tão simples, antes de a vida nos cinzelar até ao âmago.

Primeira Parte
1972

Capítulo 1

Quando crescer, hei de viver num sítio tão plano como uma mesa de mármore, jurou Eli Wade, de dez anos de idade. Era um rapaz rústico, pobre e inteligente, decidido a subir na vida, apesar da tenra idade. Ofegante e suado, ajudou o pai, Jasper, a empurrar a carrinha carregada pelo alcatrão escaldante da estrada montanhosa invulgarmente bem cuidada. Os Wades tinham passado as duas últimas semanas na estrada, mudando-se da paisagem familiar do Tennessee para as montanhas Smoky, do outro lado da fronteira estadual da Carolina do Norte, na espinha dorsal das mais altas terras altas do Sul. A cada troço mais íngreme, a maldita carrinha vermelha enferrujada desmaiava.

Tachos e painéis, lanternas a querosene e um fogareiro a carvão enferrujado batiam nas laterais da carrinha como peixes metálicos a debaterem-se em anzóis. Os ramos baixos das árvores tentavam derrubar os velhos colchões e as cadeiras presas no cimo da pilha. Um pano da loiça esvoaçava de fora de uma das janelas abertas, como se estivesse a acenar a Annie Gwen, a mãe de Eli, que subia estoicamente pela berma da estrada, com o suor a deslizar-lhe pelo rosto e Bell, a irmã de Eli, com quatro anos, agarrada ao pescoço.

Eli franziu os olhos e viu o suor a pingar do rosto grave e dos braços grossos do pai, que manobrava o volante com uma mão, colocando todo o seu peso contra a carroçaria, com a porta da carrinha aberta. Eli fez uma careta. O suor, a pobreza e o orgulho colavam-se à família Wade como a poeira das pedreiras onde o pai trabalhava. Eli tinha vergonha do pai e, ao mesmo tempo, era-lhe fervorosamente dedicado. De súbito, reparou num pinheiro fino, à beira da estrada, a cujo tronco tinham sido pregadas cinco pequenas tabuletas pintadas à mão.

«Deus abençoe o presidente Nixon»

«Jesus não salva os *hippies*»

«Acabem com a guerra»

As primeiras três eram bastante vulgares – Eli já as vira, ou a outras muito parecidas, em diversas estradas de província. Mas as duas tabuletas de baixo chamaram-lhe a atenção como se fossem letreiros de néon.

«BURNT STAND, NA, FOI FEITA SOBRE SANGUE, FOGO E PUTAS»

«QUEM MANDA AQUI É A FILHA DA JEZEBEL»

Credo, pensou Eli.

– Olha, mamã – disse em voz alta, chamando a atenção para as tabuletas com a mão.

A mãe susteve a respiração.

– Não olhes para elas!

– O que quer aquilo dizer?

– Não sei bem como te explicar; por isso, não olhes.

Eli baixou a cabeça e continuou a empurrar. Que sítio era este para onde se dirigiam? A seguir a uma curva, olhou através do cabelo escuro e molhado, passou o dedo sujo pelas lentes dos óculos baratos e viu uma coisa espantosa. Ali, muito brancos contra o verde profundo da floresta, erguiam-se dois pilares de mármore branco-rosado, um de cada lado da estrada. Ambos estavam cobertos de bonitas placas de mármore com palavras gravadas em letra cuidada. Abriu a boca de espanto. Mais tabuletas. Jezebel governaria nos Portões do Paraíso?

– *Estas* sim, são palavras que vale a pena ler – maravilhou-se a mãe num tom suave.

No seu sotaque arrastado, Eli leu as placas em voz alta, por causa do pai. Jasper conseguia ver a mais fina racha numa laje de mármore ou encontrar uma estrela cadente na Via Láctea sem precisar de óculos. Porém, não conseguia aprender a ler.

– «Bem-vindo a Burnt Stand, Carolina do Norte. Coroa de Mármore das Montanhas.» E a outra diz: «Lar da Companhia de Mármore Hardigree. Fundada com orgulho em 1925 por Estha Hardigree, que acendeu o fogo do progresso e que nunca deixou nada por fazer em nome do comércio.»

Para lá dos dois estranhos monumentos de mármore, havia grandes abetos e montanhas azuis-esverdeadas. A estrada de duas faixas, ladeada de rododendros, subia a colina íngreme até à floresta alta nas montanhas, lançando sombras frescas e escuras contra o sol abrasador de agosto. Eli e o pai empurraram a carrinha mais alguns metros e, por fim, alcançaram o cume da última e agonizante subida.

– Meu Deus – exclamou o pai de súbito. Eli, a mãe e Bell pararam ao lado dele no meio da

estrada, a olhar, num silêncio aturdido, para o vale antigo e uma cidade como nunca poderiam ter imaginado.

- É cor-de-rosa - sussurrou Eli.

Ali estava Burnt Stand, ruborizada e enganadoramente inocente sob os raios de sol.



Cor-de-rosa. Toda a minha vida era cor-de-rosa. Cidade cor-de-rosa, fortuna do mármore rosa, mansão de mármore rosa, vestidos de folhos cor-de-rosa, pele rosada. O meu nome era Darleen Swanoa Union, mas bem podia ser Rosinha. Swan Hardigree Samples, a minha avó, tinha-me sempre tão bem arranjada e protegida do sol que era muito provavelmente a única menina de sete anos de idade, no condado de Hardigree, na Carolina do Norte, sem uma única sarda no rosto. Eu era a herdeira da Companhia de Mármore Hardigree, uma princesa do mármore das montanhas do Sul. Era cor-de-rosa e infeliz.

Estávamos nos dias mais quentes do verão. O ar parecia um pano quente a tapar-me o nariz. À noite, as rãs, os grilos e os notibós do lado de fora das janelas do Solar de Mármore cantavam com melancolia, como se a lua minguante de verão os chamasse para se lamentarem. Poucas semanas antes, os terroristas tinham matado quase uma dúzia de atletas israelitas nos Jogos Olímpicos de Munique. O nosso sacerdote batista local considerava que isso provava a aproximação do fim do mundo, o que fazia sentido para mim, já que Jerusalém ficava em Israel.

O chão parecia estar a assar sobre uma chapa de pedra. Burnt Stand ficava sobre o único grande veio de mármore do Estado. A pedra rosada e polida conferia ao tribunal, à câmara municipal, à biblioteca e a outros edifícios da baixa da cidade um brilho de elegância europeia, uma leveza quase mediterrânica no meio da floresta verde. O mármore reluzia nos muros. Pedacos descartados contornavam os nossos canteiros. No quintal, os tomateiros cresciam encostados a paredes de mármore em bruto. A brochura da câmara afirmava que todas as casas e edifícios públicos continham pelo menos uma fundação ou decoração feita da nossa preciosa rocha. Há décadas que os turistas aqui vinham só para ver a fabulosa praça central e deambular pelos passeios de mármore.

Eu odiava aqueles passeios. Nesse miserável dia de verão, em 1972, queimavam-me os pés mesmo através das sandálias cor-de-rosa. No entanto, ali estava eu, debaixo do toldo em frente do salão de exposições dos Mármore Hardigree, tal como a minha avó me ordenava que fizesse sempre que estava em público: os ombros direitos, a cabeça levantada, as mãos cruzadas sobre a malinha de palha cor-de-rosa em frente da camisola cor-de-rosa imaculada, com uma rosa bordada à frente. O suor fazia-me comichão e molhava as fitas cor-de-rosa que enfeitavam a minha longa trança. Eu era uma criança forte e morena, com olhos azuis-escuros, interessada em ver o mundo sem um verniz cor-de-rosa.

Ao meu lado, quase idêntica a mim graças à camisola cor-de-rosa e às fitas no cabelo entrançado, estava a minha melhor amiga e única companheira de brincadeiras, Karen Noland. Karen e eu partilhávamos um professor no Solar de Mármore, a propriedade da minha avó, e não frequentávamos a escola pública. Nunca podíamos brincar com outras crianças da cidade e só tínhamos liberdade para correr à vontade no bosque atrás da propriedade. Éramos solitárias, mas adorávamo-nos uma à outra. Ambas éramos órfãs que estavam a ser criadas pelas respetivas avós: Swan Hardigree Samples, a minha avó, e Matilda Dove, a assistente dela, conheciam-se desde sempre, tal como as filhas falecidas - as nossas mães - se tinham conhecido a vida toda, e agora eu e Karen. Só havia uma diferença assinalável entre a minha família e a de Karen.

Nós éramos brancas e elas não.

Mesmo na nossa cidadezinha isolada, definida e governada pela minha avó, isso fazia *toda* a diferença. Eu não podia dizer que Karen e a avó, Matilda, fossem negras, porque eram mais cor de mel, com olhos esverdeados e cabelo grosso e comprido, da cor de gelado de chocolate. Nem Karen nem eu tínhamos alguma vez visto uma fotografia da mãe dela, Katherine, por isso não sabíamos qual o tom da pele dela. Karen tinha uma fotografia do pai na mesa de cabeceira: um homem negro de ar simpático, com um uniforme dos Marines¹. Eu sabia que Karen e Matilda não eram iguais a nós, mas também percebia que não eram iguais às outras pessoas negras espalhadas pelas quintas da região: não eram negras como a noite, como se costumava dizer. E amava-as de todo o coração.

- Quem me dera que pudéssemos descer a rua e ir a pé para casa - murmurou Karen pelo canto da boca enquanto esperávamos, a derreter ao calor. - Parecemos umas idiotas.

- Só gente ordinária e zés-ninguéns, como os ciganos, é que caminham pela beira da estrada -

declarei. Era uma das expressões preferidas das nossas avós.

- Idiotas cor-de-rosa e cheias de calor - insistiu Karen.

Suspirei. Era verdade. Parecíamos estatuetas de mármore, ali especadas em frente do salão de exposições dos Mármoreos Hardigree, onde as pessoas abastadas do Sul podiam encomendar qualquer coisa, desde uma tonelada de chão de mármore a um querubim esculpido à mão. À nossa frente, nas sombras do parque no centro da praça, uma réplica pouco modesta do Panteão fazia as vezes de mirante. «Oferecido aos cidadãos gratos por Estha Hardigree, 1931», confirmava uma placa. Algumas crianças normais corriam umas atrás das outras na relva do parque. Doía-me o coração com dignidade forçada. Karen gemeu baixinho. Não podíamos violar as ordens das nossas avós.

Enquanto ali estávamos a derreter sob o peso do nosso estatuto peculiar - uma menina branca cor-de-rosa e uma menina de mel cor-de-rosa -, uma visão estranha surgiu ao cimo de West Main. Uma velha carrinha entrou na praça, por entre as magnólias gigantes nos passeios de mármore, e avançou lentamente, ao que parecia sem mão humana a conduzi-la. Tachos e painéis baloiçavam como badalos na ponta de cordas contra as laterais da carrinha de caixa aberta. Montes de caixas e sacas de serapilheira estavam empilhadas e amarradas com cordas, e um triciclo cor-de-rosa ferrugento fora preso com uma corrente ao para-choques frontal da carrinha.

Dos passeios, do parque e das portas das lojas, toda a gente ficou a olhar. Estiquei o pescoço e, por fim, vi um homem alto, bem-parecido mas de ar rude, a empurrar a carrinha do lado do condutor. Uma mulher magra, de cabelo castanho, caminhava atrás do veículo, com a saia do vestido de poliéster a ondular por cima dos ténis de tecido fino. Trazia ao colo uma menina pequena, com o rosto escondido no pescoço da mãe.

E depois vi o rapaz.

Parecia duro, com o cabelo castanho quase preto muito curto, exceto uma madeixa desgrenhada que lhe caía sobre a testa, e óculos de armações pretas, como os que os velhos usavam. O corpo era alto e magro dentro das calças de ganga coçadas e de uma *t-shirt*. Tinha os ombros esguios encostados à parte de trás da carrinha, como uma formiga a empurrar um pedregulho, com os músculos salientes nos braços magros. Parecia um Jesus menino a empurrar uma carrinha, em vez de carregar uma cruz.

Não, um rapaz cigano, pensei para me redimir, embora não houvesse provas de que os ciganos tivessem alguma vez passado por Burnt Stand. Pelo menos este rapaz tinha o controlo do seu mundo, fazia-o mover-se. O meu mundo estava tão preso ao chão como os querubins de mármore na montra do salão de exposições dos Mármoreos Hardigree, e eu não detinha qualquer controlo sobre ele. Fascinada, fiquei a ver a carrinha barulhenta contornar devagar a rotunda da praça e aproximar-se de onde eu me encontrava. Aos poucos, o rapaz e o seu mundo dirigiram-se a um lugar de estacionamento vazio mesmo em frente das portas brancas e enfeitadas, e das janelas altas e arqueadas do salão de exposições dos Mármoreos Hardigree, a meia dúzia de metros de mim e de Karen. Tínhamos lugares na primeira fila.

- Estranhos e gente ordinária - murmurou Karen em tom temeroso, e recuou até estar encostada à fachada de mármore do edifício. Lançou-me um olhar de horror teatral e cómico. - É melhor vires para aqui comigo!

Abanei a cabeça. O mundo exterior, esse sítio excitante e assustador, acabara de estacionar mesmo à minha frente. O rapaz estava ofegante. Passou a mão pelos óculos, espalhando sujidade e humidade nas lentes, e levantou a cabeça. Quando os seus olhos passaram por mim, voltaram bruscamente atrás. Eu sabia que parecia um ovo de Páscoa pintado de cor-de-rosa, e corei de humilhação. Ele, como se não tivesse a certeza se eu era real, tirou os óculos e limpou-os na fralda da *t-shirt* branca. Fitei-o abertamente e ele susteve-me o olhar. Tinha olhos grandes, castanhos e emotivos, com pestanas compridas, os mais bonitos que eu já vira. Inclinou a cabeça enquanto tentava ver-me sem a ajuda das lentes.

- Sim - observou. - Ainda estás cor-de-rosa.

- Eli, espera aqui com a Bell - pediu a mulher, pousando a menina no chão ao lado dele. - O teu pai e eu voltamos já, ouviste?

- Sim, senhora. - Pegou na mão da irmã mais nova. A menina aproximou-se e escondeu o rosto na barriga dele. Com uma expressão resignada, o rapaz fez-lhe uma festa na cabeça. A mãe dele olhou

para mim e sorriu timidamente.

- Olá - cumprimentou. - Mas que menina tão linda.

- Olá, minha senhora - respondi com afetação. - Muito obrigada.

A avó treinara-me em boas maneiras através de inúmeros chás, jantares e piqueniques. Eu fora apresentada ao governador, ao vice-presidente e a muitos barões do mármore, incluindo a um italiano amigo dela que praticamente nem reparava em mim, exceto quando me tratava por *mia rosa poco*, «minha pequena rosa».

- Como está, minha senhora?

- Oh, bem, muito obrigada.

- Annie, vamos. - O homem de ar rude passou um pente pelo cabelo escuro e esfregou o rosto com uma toalha que tirou de cima do *tablier* da carrinha. Ignorou-me e dirigiu-se a Carl McCarl, o faz-tudo da minha avó. Carl McCarl arrastava-se como um urso velho e calvo enquanto lavava os passeios de mármore e as fachadas dos edifícios. E estava maldisposto. A avó dera-lhe ordens para, quando terminasse o trabalho ali, ir arrancar as tabuletas que o pregador Al pusera outra vez no pinheiro junto à estrada.

Em tempos, o pregador Al trabalhara na pedreira como canteiro, mas a determinada altura enlouquecera e forçara a bisavó Estha a expulsá-lo da cidade. O seu único púlpito eram as tabuletas que afixava no pinheiro e que toda a gente ignorava. Swan julgava-o apenas um velho triste, e a misericórdia que mostrava em relação a ele sempre me espantara. De tempos a tempos, Carl McCarl retirava as tabuletas sórdidas do pinheiro. Swan nunca me quis explicar o que significavam.

- Desculpe - dirigiu-se o pai do rapaz a Carl McCarl na voz profunda e arrastada de um trabalhador, uma voz de campos de milho e fábricas têxteis, de viagens de longo curso ao volante de um camião, e de bares à beira da estrada abertos pela noite dentro. - Chamo-me Jasper Wade. Venho falar com o Tom Alberts. Disseram-me para o procurar no salão de exposições dos Mármore Hardigree. É aqui?

Arrebitei as orelhas. Tom Alberts era o gestor de negócios da minha avó, o homem que tratava dos detalhes mais mundanos, como contratar e despedir trabalhadores para a pedreira e para a loja. Os Mármore Hardigree davam trabalho a mais de trezentas pessoas. Quase um terço da força laboral de Burnt Stand.

Carl McCarl virou-se devagar e olhou para Jasper Wade durante muito tempo. Jasper Wade franziu a testa e fletiu os braços musculados.

- Tem algum problema comigo?

- Vá lá atrás. Vire ali naquela esquina, para o beco. Toque à campainha onde vir o leiteiro do escritório. E não se preocupe com a carrinha. Eu arranjo um mecânico para lhe dar uma vista de olhos.

Uma expressão de surpresa suavizou as arestas do rosto de Jasper Wade, dando a entender que, depois de uma vida inteira de trabalho duro e portas das traseiras, qualquer gentileza era inesperada.

- Muito obrigado. - Fez sinal à mulher para o seguir. Vi-os percorrer o passeio em brasa e virar para o beco de mármore ao fundo do quarteirão. Carl McCarl ficou a olhar para eles até desaparecerem. Eu nunca vira o velho tão interessado num mero trabalhador, ou em qualquer outra pessoa, a bem da verdade. Limpou a testa com uma mão trémula e entrou no salão de exposições com passo arrastado.

Ignorei este comportamento invulgar e voltei de novo a minha atenção para o rapaz, enquanto pensava como poderia testá-lo. Costumava cumprimentar as pessoas com um «saudações» em vez de um «olá». Lera esse cumprimento num livro vitoriano de boas maneiras e a palavra colara-se a mim como o perfume reconfortante de um ramo de flores, um teste para descobrir outras almas solitárias neste mundo. Isto acontecia porque Swan me mantinha muito isolada e falava comigo como se eu fosse uma adulta em ponto pequeno e tons de rosa. Assim, eu tornara-me uma caricatura, como uma má reprodução de um jarrão clássico de mármore. Uma falsa criança. Nunca ninguém respondia da mesma forma ao meu cumprimento. As minhas excentricidades eram demasiado obscuras. Com o coração aos saltos, disse, em voz bem alta: - Saudações.

E fiquei à espera de que ele me respondesse qualquer coisa estúpida.

Após refletir alguns instantes, o rapaz acenou com a cabeça.

- Saudações - retorquiu com ar sério. Era o primeiro rapaz a fazê-lo.

Sorri, incrédula.

- Chamo-me Darl Union. E tu?

- Eli Wade.

- Essa é a tua irmã?

- Sim. - A irmãzinha enterrou ainda mais o rosto na barriga dele e agarrou-se à sua *t-shirt* com os pequenos punhos.

Olhei melhor para ela.

- E ela consegue respirar assim?

Eli encolheu os ombros.

- Oh, ela é uma truta. Já nasceu com guelras.

Era a coisa mais engraçada que eu alguma vez ouvira; e agora admirava sem reservas o talento de Eli Wade com as palavras. Abri a boca para lho dizer mas, pelo canto do olho, percebi que vinham aí sarilhos.

As crianças que brincavam no parque incluíam vários rapazes mais velhos, todos brancos, à exceção de Leon Forrest, filho de um cultivador de tabaco. Leon estava perto de nós, escanzelado e negro como a noite, de má cara, vestido com calças de ganga e uma *t-shirt* velhas. Estava à espera de que o pai saísse da loja de rações e sementes. Tinha um fraquinho por Karen: sempre que a via em público, ficava a admirá-la tentando não dar nas vistas. Por seu turno, Karen ignorava-o.

Senti o estômago a apertar-se quando um bando de rapazes saiu do parque e correu na nossa direção.

- Darl, Darl, anda já para ao pé de mim! - chamou-me Karen. Não me mexi. Os ombros de Eli ficaram tensos e levantou a cabeça. Empurrou os óculos para cima e inspecionou os outros rapazes com um olhar cortante. Em troca, eles cuspiram para o chão e soltaram risinhos desdenhosos. Filhos de canteiros. Duros como rocha.

- Que raio de carrinha é esta? - perguntou um. Os outros juntaram-se-lhe: - Nunca vi porcaria tão grande.

- Vivem todos nesta coisa?

Eli não disse nada. Como se estivesse à espera do pior, afastou a irmã da barriga, pegou-lhe ao colo, abriu a porta da carrinha do lado do passageiro e sentou-a no banco de napa desbotado. Ela gemeu, lançou um olhar aterrorizado à cena e deslizou para o chão da carrinha, para se esconder. Ouvi-a soluçar. Quando Eli se virou para o gangue, os rapazes aproximaram-se. Um dos mais atrevidos soltou um grito e esticou a mão, dando um toque no ombro de Eli.

- Eh, o que é que a miúda tem? É atrasada mental?

Eli desferiu um soco, tão depressa como uma cobra a apanhar um rato. O rapaz cambaleou para trás e foi contra os outros. De súbito, estavam todos aos gritos. Eli ficou onde estava, os pés calçados com os ténis sujos ligeiramente afastados, os punhos no ar como um pugilista, numa atitude silenciosa e mortífera. O calor embaciou-lhe os óculos.

- *Apanhem-no!* - gritou um dos rapazes, e todos avançaram. Voaram murros; um deles acertou na boca de Eli e ele caiu. Os outros rapazes saltaram-lhe para cima.

A minha vida como estátua chegou ao fim.

Saltei para o meio da refrega, uma bolinha cor-de-rosa perdida na confusão, e arranhei e dei pontapés até conseguir chegar a Eli. Ouvi Karen gritar e, quando ergui o rosto, vi-a correr para a frente em minha defesa. Um dos rapazes empurrou-a, mas Leon Forrest agarrou-o pelos colarinhos e sacudiu-o. Quando os outros perceberam que o valente negro e duas raparigas - e não eram duas raparigas quaisquer - estavam metidos na luta, recuaram como se tivessem tocado em veneno. Eli Wade levantou-se e cambaleou, com sangue a escorrer-lhe pelo queixo. Eu fiquei estendida no passeio.

Todos os rapazes do grupo olharam para mim e empalideceram. Tinha o aplique cor-de-rosa meio arrancado da camisola, as fitas cor-de-rosa de cabelo todas tortas e a saia levantada até à cintura, deixando ver as cuecas cor-de-rosa. Olhei para os arranhões no meu braço.

- De-desculpa - pediu um dos rapazes.

- Oh, merda - sussurrou outro.

- Ele é *meu* - declarei. - Se não o deixarem em paz, peço à minha avó para *despedir* os vossos

pais da pedreira. – No calor do momento, dei por mim desprovida de misericórdia ou nobreza. Senti uma mão debaixo do braço. Como um galante cavalheiro, Eli ajudou-me a levantar e colocou-se à minha frente, enquanto eu endireitava a saia. Tinha os olhos franzidos por trás dos óculos, mas os punhos não tremiam.

– Desapareçam, imbecis – ordenou aos rapazes. Eles deram meia-volta e fugiram.

Com a respiração ofegante, sentime subitamente tonta. Quando me acalmei, Eli estava a olhar para mim de testa franzida. Abanei a cabeça.

– Não tenhas medo. Não estava a falar a sério sobre os pais deles. Os canteiros pertencem-nos a nós, as Hardigrees. Os rapazes ficaram a saber que tu vais ser um deles a partir de agora.

Eli limpou furiosamente o sangue que lhe escorria do nariz.

– Eu não pertenço a *ninguém*. Deixa-me em paz. – Subiu para a carrinha, tirou a irmã para fora e fechou a porta. – Chiu, Bell – pediu, para a acalmar, sentado no apoio dos pés com a menina ao colo.

– Não há nada ferido a não ser o nosso orgulho.

Karen pegou-me no braço e fez-me virar.

– Olha para ti! Oh, Darl! Estamos metidas em sarilhos. – Uma das suas tranças estava meio desfeita, o cabelo castanho e espesso a soltar-se como enchimento a sair de uma almofada.

– Estás bem, Karen? – perguntou Leon Forrest, que ainda não se afastara dela. – Tens a trança desmanchada.

Ela girou sobre si própria e olhou para o rapaz alto e escuro como se ele quisesse manchar-lhe a pele mais clara.

– Vai à tua vida. Xô. Desaparece.

– Se não estás magoada...

– Estou ótima – balbuciou Karen. – Vai, rapaz. Obrigada. Adeus.

Ele suspirou como se pudesse viver daquela pequena gratidão e afastou-se pelo passeio, de ombros curvados. Olhei, triste, para Eli e para a irmã. A menina tinha o rosto escondido na barriga dele e estava a chorar. Eli, imóvel, ignorava-me com ar estoico.

Nesse momento, Matilda, a avó de Karen, chegou no seu sedã dourado e saiu do grande carro com um sussurro de tecidos de qualidade. Matilda era uma mulher imponente, alta, esguia e impecavelmente arranjada, com um vestido azul feito por medida, o cabelo grosso e cor de chocolate com um corte curto e elegante, a pele suficientemente clara para ter sardas. A única coisa que a separava de Swan, em termos do efeito majestoso que tinham sobre as pessoas, eram alguns graus de tom de pele.

– O que é que se passa aqui? – inquiriu, e os olhos esverdeados fitaram Eli e faiscaram. – Quem és tu, rapaz?

Ele levantou-se e afastou a irmã por um momento. Baixou a cabeça num cumprimento educado que poucas crianças brancas se dignavam fazer a uma mulher de cor.

– Eli Wade, minha senhora.

Ela ficou muito calada e levou a mão à garganta, lentamente.

– Wade – repetiu, baixinho. Tal como Carl McCarl, parecia aturdida.

– Ele não fez nada – intervim, rapidamente. – Eu fico com as culpas. Ele é *meu*, Matilda. Por favor? – Passei a mão pelo braço para limpar o sangue do arranhão. Tinha visto algo parecido num filme. Rituais de sangue. Antes que Eli Wade conseguisse afastar-se, passei o dedo pelo sangue por baixo do nariz dele e depois pela minha face. Inconsciente das outras forças que redemoinhavam à nossa volta, senti o calor e o espanto no olhar de Eli. – O meu canteiro – disse-lhe.

Eu decidira que éramos talhados da mesma rocha.



O passado está gravado em pedra. Nunca deixes ninguém encontrar os pedaços. Swan Hardigree Samples escrevera essa regra num pedaço de papel quando era nova e nunca mais a esquecera. O aviso passava-lhe agora pela cabeça enquanto olhava para uma fotografia amarelecida, sentada à sua secretária no luxo sombrio da biblioteca no Solar de Mármore. Matilda puxou uma cadeira de braços para perto da secretária e ambas inclinaram as cabeças sobre a fotografia.

Fora tirada numa rua de Burnt Stand em meados dos anos trinta. Estha, a mãe de Swan, já com uma certa idade, posava com elegância ousada frente aos andaimes e blocos de mármore de mais uma bela casa que estava a construir. As «Casas Estha», chamava-lhes. Estava a criar a sua própria cidade, a sua própria versão do passado, e a reduzir tudo o resto a pó. Um laço apertado de tecido

escuro cingia-lhe o vestido acima das ancas largas. O corpete era alguns centímetros mais decotado do que seria de bom-tom, revelando o início dos belos seios por baixo de um pescoço com a pele macia como tecido crepe.

À sua volta, vários trabalhadores posavam com ar constrangido, de chapéu na mão e obediência nos olhos. Atrás dela, num pedestal improvisado de pedra caída, a olhar diretamente para a câmara, estava Swan, em toda a glória de uma jovem de dezanove anos com o futuro pela frente, encantadora e discreta, com uma saia travada comprida e uma blusa branca abotoada até ao pescoço, de olhos severos mas, ainda assim, capazes de calor e humor. Ao seu lado, sobre um muro de pedra baixa, estava a irmã, Clara, com um vestido de algodão ainda infantil, mas reclinada como uma Cleópatra sulista, desde a posição à expressão astuta no rosto. A um lado, afastada dos brancos, encontrava-se Matilda, com uma postura semelhante à de Swan, de decoro e autoridade silenciosa, com um broche pesado a fechar-lhe a blusa no pescoço. Quem não as conhecia, presumia que ela fosse uma companheira de cor ou uma criada pessoal que residia com a família.

Mais atrás, e acima de todos os outros, emoldurado pelas paredes de mármore inacabadas da casa, erguia-se um homem alto de cabelo escuro, com as pernas compridas apoiadas no andaime. Vestia roupas de trabalhador e tinha a estatura musculada de um canteiro, mas no seu rosto havia mais orgulho do que humildade. Tinha os polegares enfiados nos bolsos largos. Parecia estar no topo do mundo.

Chamava-se Anthony Wade.

- Como era bonito o Anthony naquele tempo - observou Matilda. - Mal conseguíamos tirar os olhos dele.

- Mas ele só tinha olhos para ti. - Swan guardou a fotografia numa pequena caixa de madeira e mármore com fechadura. Trancou-a e estendeu a caixa a Matilda. - Preferia que não a tivesses guardado.

- É a única fotografia que tenho do Anthony. - Fez uma pausa e engoliu em seco. - Obrigada por me ajudares a encontrar a família dele. - Tocou-lhe ao de leve na mão. Swan assentiu com a cabeça, com uma expressão grave.

- Não te esqueças de que esta família do Anthony só surgiu muito tempo depois de ele ter deixado Burnt Stand - recordou-lhe. - Não lhes debes nada.

- Devo ao Anthony.

- Se a Clara perceber que os trouxemos para cá, sabes que vai haver problemas.

- Ela não vai saber. Ninguém se lembra do Anthony a não ser nós... e o velho Carl. Mais ninguém associará o nome Wade a ele. - Levantou-se com a caixa na mão. - Tenho de ajudar o filho do Anthony e a família dele, Swan. Tenho de tentar.

Swan acenou com ar resignado. Queria fazer a vontade a Matilda, embora ela própria há muito tivesse deixado de lado os sentimentos. Tinham ambas sobrevivido a infâncias difíceis, a regras mesquinhas, a homens que chegavam e partiam, e a filhas que nunca tinham compreendido e que haviam morrido novas. Temia que trazer os Wades para Burnt Stand fosse um erro de que se arrependeria para o resto da vida.

- Manda entrar a Darl - pediu a Matilda.

Matilda franziu a testa.

- Ela reivindicou o Eli Wade como o seu projeto pessoal. Vai defendê-lo. Não sei o que pensar disso. Devias tê-los visto juntos. Dois pequenos guerreiros.

Uma criança extraordinária, pensou Swan. Apoiou o queixo na mão e fechou os olhos. Darl era inteligente, alegre, bela, carinhosa. O seu futuro podia tão facilmente ir por água abaixo. Tal como uma pedra dura de qualidade, era preciso cinzelá-la da maneira certa. Swan não tencionava repetir os mesmos erros que cometera com Júlia, a mãe de Darl.

- Por enquanto, vou deixá-la ficar com o rapaz. - Swan abriu os olhos e fitou Matilda. - Não será preciso muito tempo para ela compreender qual é o lugar de um e do outro.

- Como acontece com todos nós - respondeu Matilda com tristeza antes de sair da sala.



«Oh, Darl, cada dia estás mais parecida com a tua avó», disseme uma senhora de idade um dia, enquanto eu estava à espera de Swan.

«Não, acho que ela é mais parecida com a tia-avó, a Clara», contrapôs com veemência a companheira da mesma idade.

«Não digas isso! Não ponhas essa maldição na pobre criança.»

«Mas a Clara era linda!»

«Era feia como o pecado.»

Horrorizada e confusa, ouvi-as debater a moral da minha tia-avó de forma apaixonada – e calarem-se abruptamente assim que Swan apareceu. Foi quando percebi que Clara era tão má que conseguia envergonhar o nome da família em público, algo que uma Hardigree nunca podia fazer.

E agora eu também o fizera.

Esperei pela sentença de Swan sentada num banco de teca no corredor, do lado de fora da biblioteca. Os meus pés tamborilaram um ritmo irregular no chão de mármore. Estremeci: Swan mandara instalar recentemente ar condicionado na velha mansão e eu tinha saudades do zumbido das ventoinhas de teto e das brisas quentes.

– Ajuda-me – murmurei ao retrato da minha falecida mãe, Júlia Samples Union, que se encontrava por cima da lareira. Ela sorriu-me, na sua beleza inútil de debutante.

Toda a gente dizia que a minha mãe fora uma pessoa muito doce e querida. À noite, eu sonhava com ela e com o meu pai, que não passava de um jovem canteiro dos Mármoreos Hardigree. Não conhecera nenhum dos dois. Era apenas uma bebé quando ele se matou, e à minha mãe, num acidente causado pelo excesso de velocidade numa estrada da montanha à saída da cidade. Não fizera de propósito. Segundo Swan, os homens nunca faziam essas coisas de propósito.

A minha bisavó, Estha, fitava-me de outra parede. O retrato dela era quase em tamanho real e fora pintado em finais dos anos trinta, pouco antes de ela morrer. Estha estava apenas na casa dos cinquenta e ainda transmitia poder, sendo dona de uma beleza voluptuosa, provocadora, olhava para o mundo com uma das sobrancelhas ligeiramente erguida. Um vestido de baile, azul como o gelo, apertava-lhe os seios e abria a partir da cintura, como uma flor, e ao pescoço usava um pequeno pendente Hardigree, de mármore com um diamante no centro, num colar de pérolas e safiras. Swan tinha um igualzinho.

Ao lado dela havia um retrato enorme do marido, o meu bisavô A. A. Hardigree, um homem bem parecido e moreno, de olhos ardentes. Fora ele que fundara a pedreira e construíra a cidade original de Burnt Stand, morrendo quando um incêndio destruiu a maior parte da cidade nos anos vinte. Eu tinha medo dele, e só conseguia imaginá-lo a morrer assado. Perto dele, o meu avô, o doutor Paltrow Samples, sorria num retrato emoldurado em mármore. Era de uma família importante de Asheville e morrera de problemas no coração antes de eu nascer. Swan raramente falava dele, tal como era raro mencionar a minha falecida mãe ou a tia-avó Clara, que vivia em Chicago.

Não havia qualquer retrato de Clara em nossa casa. Ela era o monstro no armário de que não se falava, e que me apanharia se eu não aprendesse a ser uma senhora. Claro que Swan nunca mo dizia diretamente, mas, mesmo em criança, eu sabia que era mau sinal quando ninguém mencionava o nome de uma pessoa.

Se não tivesse cuidado, podia acabar igualmente invisível.

As portas de carvalho maciço da biblioteca abriram-se com um estalido suave. Levantei-me de um salto e uni as mãos atrás das costas como se estivesse acorrentada. Matilda saiu.

– Podes entrar – disse em tom gentil. – Está tudo bem – garantiu, dando-me uma palmadinha nas costas. Matilda tinha dentro de si um calor que faltava a Swan. Assenti e engoli em seco.

Quando entrei na biblioteca, a luz refletiu-se com suavidade no candelabro de cristal. Swan levantou-se. Estremeci, apesar de a minha avó nunca me ter tocado com um dedo e raramente levantar a voz. Ela protegia-me com fervor, instruía-me com firmeza e era muitíssimo orgulhosa. Eu queria agradar-lhe a todo o custo.

– Desobedeceste à minha regra mais importante sobre o nosso comportamento em público – declarou Swan no seu tom de voz culto. Baixei a cabeça, envergonhada.

Ela atravessou a sala com a graciosidade de uma modelo da *Vogue*, vestida com uma saia de linho clara, uma blusa branca e sapatos brancos de salto baixo. Uma fiada de pérolas, a combinar com os pequenos brincos, adornava-lhe o pescoço. Tinha um relógio de pulso de ouro, a aliança de casamento com diamantes incrustados e o seu pendente Hardigree. Swan estava apenas na casa dos cinquenta e ainda era deslumbrante, com cabelo castanho pelos ombros que só recentemente começara a pintar para disfarçar alguns brancos. Os seus olhos eram ainda mais azuis do que os meus. Tinha as sobrancelhas arqueadas.

- Nunca me tinhas desobedecido.
- Lamento muito.
- Por teres sido apanhada?
- Sim, avó. Isto é, não, avó.

Para meu espanto, um leve sorriso perpassou-lhe pelos lábios.

- Conta-me o que aconteceu. - Sentou-se atrás da secretária de madeira trabalhada e bateu com a caneta na superfície de mármore escuro importado, um presente do barão do mármore italiano.

- A avó diz sempre que temos um dever para os nossos empregados, por isso achei que tinha de cumprir o meu. Eles estavam a bater-lhe e não podia ficar ali sem fazer nada.

- Esse rapaz, o Eli, parece-me problemático. Ouvi dizer que bastou uma leve provocação para desatar aos murros aos outros rapazes. O que achas?

- Penso que ele está acostumado a que trocem dele e a ter de se defender. Mas não bateu em ninguém enquanto não se meteram com a irmãzinha mais nova.

- Estou a perceber. Então, na tua maneira de ver, é uma pessoa nobre?
- Ajudou-me a levantar. E pôs-se à minha frente para ninguém me fazer cair outra vez.
- Hum. Seja como for, não quero mais problemas entre ti e o Eli Wade.

Senti o coração apertado.

- Sim, avó. - Swan nunca dava ordens que não quisesse ver cumpridas.
- Nunca te rebaixes ao nível dos que te são inferiores.
- Sim, avó.
- Mas luta por aquilo que te pertence.

Olhei para ela, confusa.

- Avó? Isso quer dizer que está tudo bem?
- Desta vez - respondeu ela, e enxotou-me com um aceno. - Podes ir.

Corri para a porta como se me tivessem tirado um grande peso de cima, embora me apercebesse de que as regras complexas da minha avó se tinham tornado mais confusas do que nunca. Mais tarde, com a idade, viria a compreender que a tinha impressionado. Os fracos podem herdar a Terra, mas nunca herdariam os Mármore Hardigree. Parei junto às portas enormes e olhei para trás.

- Onde é que os Wades vão viver, avó?

Swan já tinha aberto uma gaveta e retirado um monte de livros de contas para analisar. Olhou para mim com alguma impaciência.

- Na Vivenda de Pedra. Estava a precisar de um caseiro para lá.

Contive uma exclamação. A Vivenda de Pedra era nossa; na verdade, ficava a menos de dez minutos a pé, na vasta propriedade arborizada atrás do Solar de Mármore. Isso significava que os Wades eram especiais. Queria também dizer que Karen e eu já não estaríamos completamente sozinhas no bosque onde fazíamos as nossas brincadeiras solitárias. Eu fora abençoada por uma sorte inacreditável.

Toda a vida me vira rodeada de dureza, a dureza do mármore rosa. Agora, porém, o meu mundo pequeno, solitário e protegido alargara-se com a chegada de uma criatura fascinante.

Eli Wade.

¹ Fuzileiros Navais. (N. do E.)

Capítulo 2

Ela está a olhar para nós como se estivéssemos à venda. O pensamento queimou o cérebro de Eli enquanto ele, a mãe, o pai e Bell se alinhavam sobre os azulejos do escritório elegante e cheio de antiguidades de Swan Hardigree Samples, na pedreira dos Mármore Hardigree. Swan estava sentada atrás da secretária, a observá-los. Era a mulher mais bonita que Eli alguma vez vira, muito diferente da imagem que tinha de uma avó. Atrás dela, de pé, como se estivesse de guarda, encontrava-se a bonita mulher de cor, a senhora Dove, que não parava de olhar para o pai de Eli como se ele fosse um bálsamo para os seus olhos. Eli não conseguia perceber a repentina adoração.

- Já trabalhou como criada de casa? - perguntou Swan Samples à mãezinha. E a mãezinha fez que sim com a cabeça antes de responder: - Sim, senhora.

- A senhora Dove depois fala consigo - disse Swan Samples, indicando a outra mulher com um gesto. - É ela que governa a propriedade.

A mãe de Eli inclinou a cabeça na direção da senhora Dove.

- Obrigada, minha senhora. - A senhora Dove respondeu também com um aceno.

- Como se chama a sua menina? - perguntou Swan ao paizinho. Bell estremeceu nos braços do pai, com as pernas magras de fora de um vestido feito pela mãe, e escondeu o rosto no pescoço dele. Num gesto protetor, ele pousou a mão grande na cabeça da menina.

- Annette Bell, minha senhora. É muito tímida. Não conseguimos fazê-la falar. O médico diz que ela nasceu assim.

- As fraquezas de nascimento podem ser ultrapassadas com força de vontade e disciplina, senhor Wade.

O paizinho baixou a cabeça. Não conseguia aprender a ler, por mais que tentasse. Pessoas como Swan eram a razão pela qual guardava tão ciosamente o seu segredo vergonhoso, e pela qual esse segredo o atormentava tanto. Era uma fraqueza. Eli sentiu o rosto arder de tristeza e embaraço ao olhar para o pai.

- Sim, senhora, estamos a trabalhar nisso - respondeu ele, por fim.

Swan olhou então para Eli. O rapaz tentou manter uma expressão neutra, mas ela não se deixou enganar.

- Porque estás a olhar para mim com esse ar tão zangado, rapaz?

Sentiu os olhos preocupados da mãezinha e do paizinho sobre ele. *Pensa depressa, não te denuncies!* Com o esforço para manter o rosto impassível, sentiu um músculo a tremer debaixo do olho direito. Era o mais fraco dos dois. Empurrou os óculos para cima. Provavelmente, ela acharia que aquele olho só precisava de mais força de vontade.

- Eu... estava a olhar para esse quadro atrás de si e da senhora Dove, minha senhora - mentiu rapidamente.

Ela ergueu uma sobrancelha. Na parede atrás de si, um quadro enorme mostrava uma Liberdade seminua a conduzir Washington e as suas tropas sob um céu tempestuoso.

- O que é que te incomoda no quadro?

- Bom, se a Liberdade realmente queria que o general Washington a levasse a sério, não devia ter tapado o peito com uma armadura?

A mãezinha esticou a mão e puxou-lhe as costas da camisa de xadrez. *Mais uma palavra*, queria o gesto dizer, *e o próximo vai ser a doer*. Eli lançou um rápido olhar apologetico ao pai e viu que ele estava zangado. Porém, quando olhou novamente para Swan, ela fitava-o de forma diferente.

- Muitas vezes, a melhor armadura é invisível.

Eli não respondeu. Cada palavra acarretava o risco de mais problemas.

- Vejo que és um pensador e um estudante - comentou ela.

- Sim, senhora.

- Muito bem. Continua assim. - Fez uma pausa. - Mas nunca mais olhes para mim dessa maneira.

Eli quase se engasgou. Olhou para o paizinho e ele fez-lhe um sinal. Era uma luta e tinham de se deixar derrotar, de permitir que aquela mulher os esmagasse, se assim o entendesse.

Estremeceu, furioso.

- Sim, senhora.

Nunca se esqueceria.



Quando ouvi dizer que Eli tinha feito pouco do quadro da Liberdade no escritório de Swan, fiquei estupefacta. Que alma destemida era aquela? Não compreenderia o poder da minha avó? Ela não tolerava quaisquer desrespeitos. Ainda no ano anterior tinha cortado de vez relações com uma senhora de elevada posição social que vivia na cidade de Asheville, na montanha. De Burnt Stand a Asheville era uma viagem arrepiante de noventa minutos por estradas sinuosas que atravessavam duas cordilheiras íngremes. Swan e eu costumávamos ficar na casa dessa mulher sempre que Swan organizava bailes ou festas no Grove Park Inn, que, com o seu átrio alto e o terraço de pedra enorme, era o hotel mais elegante da Carolina do Norte, pelo menos para mim. Adorava-o porque não era cor-de-rosa, não era feito de mármore e não albergava qualquer mistério sombrio, ao contrário dos edifícios de Burnt Stand, «a cidade tão repleta de vícios que o Diabo a queimou.» Esta era a legenda de uma fotografia antiga num livro de história da Carolina do Norte, que eu encontrara na estante na sala de estar da senhora de Asheville. A fotografia mostrava Burnt Stand no início dos anos vinte, pouco antes do incêndio que matou o meu bisavô. A minha bisavó, Estha, escapara com Swan, a bebé Clara e Matilda, a filha de uma criada negra.

Pela fotografia, era fácil perceber por que razão Estha decidira reconstruir a cidade em mármore. A povoação original era apenas um conjunto de edifícios de troncos e papel alcatroado encostados uns aos outros no meio do vale. Todas as árvores tinham sido cortadas, e havia uma carroça puxada por uma mula atolada na lama, onde agora ficava a Main Street. Grupos de homens com má cara e de mulheres mal-arranjadas caminhavam sobre os passeios de tábuas tortas, e até as nossas gloriosas montanhas pareciam feias. A um canto, o autor anónimo desenhara uma seta a apontar para uma nuvem de poeira. «A pedreira fica apenas a oitocentos metros e não há árvores, pelo que, em dias ventosos, todas as raparigas do A. A. Hardigree ficam cor-de-rosa. Ah! ah! ah!»

Mostrei a fotografia e as legendas a Swan.

«O que é um vício, avó? Porque é que este homem se está a rir das raparigas? O bisavô não era um homem simpático? Que raparigas é que ele tinha? O que quer dizer esta fotografia, avó?»

«Quer dizer que a minha amiga deixou de o ser», respondeu Swan com frieza. «Tem muito mau gosto em livros de história e pouco respeito pelo meu bom nome.»

Tirou-me o livro das mãos e não disse mais nada, mas nunca mais voltámos a visitar a casa daquela mulher.

A Vivenda de Pedra era outro dos mistérios associados ao passado da minha família. A bisavó Estha construíra-a em finais dos anos trinta, ao mesmo tempo do Solar de Mármore e das fabulosas Casas Estha. A Vivenda de Pedra tinha três quartos, uma sala, uma casa de jantar, uma cozinha e até uma garagem separada para um carro – tudo em mármore cor-de-rosa, claro. Chegava-se lá por um caminho de terra batida ladeado de azáleas, que começava numa estrada secundária do lado oposto da propriedade do Solar de Mármore.

Quando eu era pequena, Swan contou-me que a vivenda fora em tempos a casa de hóspedes de Estha, o que me pareceu algo estranho, já que estava escondida do Solar de Mármore por várias colinas e um pequeno vale, e para lá chegar a partir da nossa casa era preciso uma longa caminhada pelo bosque, passando pelo Jardim das Flores de Pedra, outro sítio peculiar e mágico.

Swan mandava Carl McCarl fazer a manutenção geral, mas nunca lá punha os pés. De vez em quando, algum amigo ou conhecido a precisar de solidão ocupava-a durante um ou dois meses, mas quando os Wades aqui chegaram estava vazia há vários anos.

Agora, brilhava com luz.

– Estão a viver numa casa assombrada, de certeza – murmurou-me Karen. Estávamos deitadas de barriga para baixo na orla de um maciço de loureiros, na colina sobre a Vivenda de Pedra. Karen tinha uma fixação por morte e fantasmas, uma vez que o pai morrera no Vietname quando ela era bebé e a mãe, Katherine, sucumbira a uma doença qualquer desconhecida pouco tempo depois. Eu tentava não pensar muito na possibilidade de os meus pais ainda se encontrarem no éter.

Karen matou um mosquito que esvoaçava em torno do seu cabelo castanho meticulosamente entrançado.

– Espero bem que este rapaz valha a pena – resmungou.

Enchi a boca de saliva e bombardeei um mosquito em pleno voo.

– Apanhei um.

– Que nojo.

- Pelo menos não tenho medo de fantasmas.
- É porque não sabes. - Inclinou a cabeça. - A Vivenda de Pedra está *cheia* de espíritos.
- Não, é só uma casa vazia. Não está assombrada.
- Aposto que os fantasmas das nossas mães andam por aqui.
- Porquê?
- Porque elas costumavam brincar neste bosque. Foi a minha avó que me contou.
- Hum... Mas não ficaram cá - respondi num tom frio. - Por isso não devem ter sido muito felizes.

E, de qualquer maneira, não querem saber de nós; não tinham motivos para ficar. - Sacudi os mosquitos da cara e rezei para que nenhuma cobra verde ou centopeia saísse de entre as folhas apodrecidas e me entrasse pelas jardineiras. De súbito, vi movimento na casa.

- Ali está ele!

Escondemo-nos melhor e vimos Eli sair pela bonita porta das traseiras da casa. Estávamos em princípios de setembro, pouco depois do Dia do Trabalhador². Era uma época festiva, o final do verão: em todos os cruzamentos da região havia uma grelha e uma banca a vender sanduíches de carne de porco, guisado Brunswick e entrecosto a escorrer molho. Tínhamos visto os pais de Eli chegarem na carrinha, que já estava arranjada, e levarem caixas cheias de comida para dentro. Jasper Wade trabalhava para os Mármore Hardigree há quase um mês.

Eli trazia um osso de entrecosto na mão. Sozinho no meio do pátio, nas traseiras da casa, saboreou essa comida barata do campo como se fosse uma iguaria *gourmet*, apanhando o molho com a língua e lambendo os ossos. Sujou os óculos de molho e teve de parar para os limpar, mas primeiro lambeu o molho das lentes.

- Não é grande coisa - sussurrou Karen. - Olhos esbugalhados, com óculos, escanzelado...

Dei-lhe uma cotovelada.

- Ele é pobre. Só precisa de ganhar algum peso. Eu acho-o muito bonito. E nobre. Já estive noutros sítios e não precisa de ficar parado à espera seja do que for. É como o Galahad ou... ou o Chad Everett da série *Medical Center*.

- Nobre? Hum...

Senti o coração apertado ao vê-lo roer mais uma vez os ossos limpos, chupando cada partícula de sabor. O novo ano letivo começaria na próxima semana e, uma vez que Karen e eu tínhamos aulas no Solar de Mármore, já não o poderia ver muito.

- Nobre - repeti. - E bonito.

Karen soltou um gemido exasperado.

- O que é que achas que vais fazer? Namorar com ele? A tua avó nunca te deixará. Só quando fores grande e ela quiser que tu cases e te escolher alguém.

- Posso ter um namorado quando eu quiser!

- Estás doida? Tu e eu somos pessoas importantes. Temos de casar com homens ricos.

Soergui-me sobre os cotovelos.

- Eu caso com quem eu quiser!

Karen soltou uma exclamação abafada.

- *Pouco barulho*, sua idiota! Para baixo!

Baixei-me novamente, mas era tarde de mais. Eli estava a olhar diretamente para o nosso esconderijo. Contraiu o maxilar. Atirou o osso para os arbustos e começou a subir a colina com passo rápido. Senti os cabelos da nuca arrepiados. Ao meu lado, Karen gritou: - Foge!

E foi o que fizemos.

Corri pelo bosque, subi as colinas de gatas e deslizei pelas encostas, tropecei nas raízes expostas de uma grande faia, sempre a ouvir os passos furiosos de Eli, cada vez mais perto. Karen, que corria à minha frente por um trilho estreito, abandonou-me por completo. Pouco depois, só ouvia os meus gritinhos, a minha respiração ofegante e os passos de Eli. Dirigi-me para o único lugar onde me sentia segura.

Escalei um monte íngreme, tropecei numa raiz de muscadínea e estatelei-me num pequeno vale sombrio, percebendo onde estava pouco antes de bater com a testa numa base de mármore meio coberta de musgo. A pancada sacudi-me o cérebro e fiquei muito quieta, deitada de costas, a ver estrelas douradas girarem-me diante dos olhos. Por cima de mim, flores e trepadeiras de mármore, minuciosamente esculpidas, caíam de um enorme jarrão de mármore rosa, mais alto do que um

homem. À minha volta havia bancos de mármore gastos pelas intempéries, aninhados entre fetos e madressilvas, e vasos de mármore rosa vazios, à espera de plantas que nunca tinham chegado. Eu corraera para o Jardim das Flores de Pedra, que me prendera nos seus braços de mármore.

Eli caiu de joelhos ao meu lado e segurou-me no rosto com ambas as mãos.

- Céus! Não desmaies, está bem? - Estava pálido e a fúria anterior parecia ter-se desvanecido. - Vou buscar água ao ribeiro. - Desapareceu por um minuto e, quando voltou, tinha a parte de baixo da *t-shirt* molhada. Sentei-me, meio tonta, encostada ao jarrão gigante, e ele passou o tecido fresco e ensopado na minha testa e faces. - O que é que pensaste? - quase gritou. - Que eu ia apanhar-te e matar-te?

As estrelas começaram a desvanecer-se e fiquei com as ideias mais claras.

- Bom, pela maneira como vinhas a correr, talvez! Parecias zangado!

- E estava. Mas não te ia bater, nem nada. Não bato em miúdas.

- Mas corres atrás delas como um lobo. - Levei o dedo ao alto que já começava a crescer-me na cabeça. Ele empurrou os óculos para cima e inspecionou-o. Depois, fitou-me nos olhos. As suas mãos, esguias mas já fortes, tiraram-me folhas secas das jardineiras.

- Vais chorar?

- Não. Sou uma Hardigree. Choro lágrimas de mármore e cuspo saliva de mármore.

Ele assobiou baixinho e apoiou-se nos calcanhares.

- És uma espia, é o que tu és.

- Só queria ver se estavas a dar-te bem na casa nova.

- Ouve, eu só quero que me deixem em paz. Não quero sarilhos. O meu pai precisa deste trabalho. Há seis meses que não tinha um trabalho de jeito. A pedreira no Tennessee fechou. E trabalhar nas pedreiras é tudo o que ele sabe fazer.

- Porquê? Parece forte e esperto.

Eli ficou em silêncio uns bons cinco minutos.

- Mas não é - disse, por fim. - Pelo menos, não da maneira que é preciso. - Mais silêncio. Baixou a cabeça.

Uma vaga de compreensão abateu-se sobre mim.

- Mas é um bom pai?

- Sim.

- Está bem. Nesse caso, podes dar-te por feliz. Eu não tenho pai. *Nem* uma mamã.

Ele levantou-se, de testa franzida.

- Porquê?

- Morreram num acidente de carro quando eu era bebé. Ainda se veem as marcas na rocha por baixo de Hightower Ridge.

- Lamento muito.

- O meu papá era canteiro nos Mármore Hardigree. Como o teu.

Ele fitou-me.

- C'os diabos!

C'os diabos! Este rapaz ia parar ao Inferno. Decidi que iria com ele.

- Raios me partam! - exclamei, corajosamente.

De súbito, ele apercebeu-se onde estávamos, no vale escondido rodeado pela floresta, e arregalou os olhos ao ver o jarrão de mármore e as flores gigantes.

- Que raio de sítio é este?

- Um bom esconderijo, exceto quando *tu* vens atrás de mim. Foi a minha bisavó que o construiu. Ninguém sabe porquê.

- Aposto que há aqui magia.

Uma vaga de entusiasmo percorreu-me. *Ele compreendia.*

- Montes dela.

- Quem é que costuma cá vir?

- Só eu. A minha amiga Karen tem medo. - Hesitei. - Mas tu podes vir também. Não me importo.

Os olhos dele endureceram.

- Porque é que estás a ser simpática comigo? O que é que queres? Não sou igual a ti.

- Pois eu acho que *és*. - Quando ele ficou calado, soltei um suspiro desapontado. Levantei-me,

sacudi as jardineiras e comecei a subir a encosta com as pernas ainda bambas.

- Eh! - chamou-me Eli. Parei e virei-me. Lançou-me um olhar que me fez o coração bater um bocadinho mais depressa. - Nunca serei *cor-de-rosa* como tu - declarou. - Mas acho que é uma boa cor para uma amiga.

Apaixonei-me por ele nesse dia, com apenas sete anos de idade.



Porque é que ela é simpática comigo? perguntava-se Eli constantemente. No Tennessee habituara-se a ser ignorado ou gozado, insultado e chamado de ordinário, quatro-olhos, feio, e, pior ainda, filho de um burro que nem sabia ler e irmão de uma miúda que não sabia falar. Travara todas as suas batalhas sozinho, até a rapariga cor-de-rosa se juntar à sua causa.

«Saudações», dissera-lhe Darl Union, como uma princesa.

«Saudações», respondera-lhe ele, como um príncipe.

E agora ela mostrara-lhe aquele fantástico jardim escondido. A magia e a boa sorte estavam a começar a chegar. O jardim, com as suas flores de pedra, estava a mudar a vida da família.

Todas as manhãs, Eli dava com a mãe a chorar de alegria enquanto fazia papas de aveia e ovos estrelados na cozinha da bonita casa nova, embora a estranha casinha não lhes pertencesse e fosse apenas uma regalia do trabalho na Companhia de Mármore Hardigree. Há anos que viviam em quartos arrendados, caravanas velhas e até mesmo na carrinha, naquelas últimas semanas. Nunca tinham tido uma casa, muito menos uma feita de mármore. O ar era doce e fresco. A hera subia pelas paredes exteriores da casa e enfeitava as cornijas do telhado. As paredes, por dentro e por fora, eram de um rosa limpo e suave. Toda a casa lhe fazia lembrar Darl Union.

«Não há sol suficiente para uma horta», queixava-se o paizinho; mas não conseguia encontrar mais nenhum defeito. Os eletrodomésticos estavam limpos, eram decentes e trabalhavam todos, havia duas bonitas casas de banho com grandes banheiras de mármore e, à noite, a pequena casa ficava repleta de luz, iluminada pelos candeeiros de teto e apliques de ferro forjado nas paredes. Até tinham máquina de lavar roupa.

À noite, quando Eli se deitava ao lado de Bell na cama que partilhavam, depois de um belo banho de imersão, apertava contra o peito um velho exemplar de *As Viagens de Gulliver* e jurava que faria tudo o que lhe pedissem desde que a família pudesse ficar ali - *por favor, Jesus* - até os tempos difíceis ficarem para trás e esquecidos, como um mau sabor. Todos os dias ia ao Jardim das Flores de Pedra e rezava mais um pouco.

O paizinho pôs uma pequena fotografia do avô Wade na parede da sala, ao lado da lareira. Costumava trazê-la na carteira e era a única fotografia que tinha dele. Estava muito gasta. O avô cortara-a de uma fotografia maior, segundo o paizinho, mas não sabia como era a fotografia original nem onde fora tirada. Nessa altura, o avô era o melhor canteiro num raio de cinco Estados, antes de um acidente na pedreira o ter deixado quase inválido. O paizinho ainda não era nascido. Aliás, o retrato fora tirado antes de o avô ter sequer conhecido a avó Wade, o que só sucedera depois do acidente. Ela casara com ele mesmo assim, e ganhava a vida a trabalhar como cozinheira e enfermeira. O avô Wade matara-se com a bebida quando o paizinho era criança.

Naquela fotografia gasta, porém, estava de pé, jovem e bem-parecido, junto da parede de uma grandiosa casa de mármore, de pernas afastadas, os polegares enfiados nos bolsos das calças, a sorrir com os cantos da boca ligeiramente virados para baixo, como se alguém nessa direção o merecesse mais do que o resto do mundo.

Eli sempre tivera curiosidade de saber quem era essa pessoa, e onde é que o avô fora tão feliz.



Ao longo do outono e do inverno, fui espiar a Vivenda de Pedra inúmeras vezes. Costumava ver Eli quando ele saía para ajudar a mãe a estender a roupa. Um dia, quando Swan estava na pedreira, o pai dele entrou no escritório, de chapéu na mão, e pediu autorização para limpar meio acre de terreno ao pé da casa para plantar uma horta na primavera.

- Gosto muito do seu trabalho, senhor Wade - respondeu Swan, detrás da grande secretária de mogno com embutidos de mármore. - Portanto, tem a minha autorização. - Era um louvor extraordinário, em especial vindo de uma mulher que raramente achava algo ou alguém digno de recompensa.

Nos meses duros de inverno, eu ia então agachar-me no monte acima da Vivenda de Pedra, envolta nos meus casacos de lã macia e camisolas de caxemira, a ver Eli e o pai abaterem grandes

abetos e pinheiros no terreno destinado à nova horta da família. Mesmo de longe, conseguia ver Eli a tremer de frio, no seu casaco militar fino e gorro de lã esgaçado. Jasper Wade também tremia; no entanto, nenhum deles desistia e ia para dentro. Com toda a paciência, Jasper ensinou Eli a trabalhar com uma perigosa serra elétrica, tão pesada que as costas de Eli se dobravam um pouco quando lhe pegava. Eu tinha a certeza de que Jasper pouparia tempo se cortasse as árvores ele próprio, mas não o fez.

Sempre que uma grande árvore tombava, fruto do esforço conjunto de pai e filho, Jasper Wade, esse homem rude e duro, puxava Eli para si num abraço rápido e eu via o sorriso de satisfação no rosto do rapaz. Soube então, sem que fosse preciso pô-lo em palavras, que Eli adorava o pai da mesma forma que eu adorava Swan. Ansiava por conquistar um sorriso dela, um abraço, um gesto de amor, apenas um.

Annie Gwen vinha regularmente cá fora, trazer-lhes bebidas quentes e ajudar a manter a fogueira que eles faziam com os ramos cortados. Bell, enrolada em mantas e cachecóis de poliéster baratos, brincava com um pau na orla da fogueira. Annie Gwen ia buscar salsichas e *marshmallows* e, muitas vezes, a família sentava-se em volta da fogueira ao fim de um longo dia, a assar estes alimentos simples sobre as chamas. Bell aninhava-se no colo da mãe e Eli sentava-se de pernas cruzadas no chão, entre ela e o pai. Às vezes, Annie Gwen cantava velhas canções *country* e Jasper fumava um cigarro enquanto a ouvia. O aroma doce e pungente de pinho que se erguia da fogueira chegava até mim e eu inalava-o com uma solidão tão grande que quase me rasgava a pele.

Era o aroma do amor de uma família.



Quando chegou março, Eli enfiou-se no bosque denso da montanha, de calças de ganga coçadas e camisa de camuflado – um disfarce, porque era uma pessoa muito metódica. Esperara até que as árvores tivessem folhas suficientes para se esconder. Avistou a mansão rosa da família Hardigree por entre as árvores e susteve a respiração perante o seu tamanho. Rastejou por baixo de um loureiro denso no cimo da colina virada para a parte de trás da mansão até conseguir uma visão desimpedida, e contemplou o esplendor que tinha pela frente com temor respeitoso.

A mansão erguia-se no cimo da colina como um palácio cor-de-rosa numa ilustração de Shangri-La de um dos seus livros. Varandas de mármore e janelas altas reluziam ao sol. A casa estava rodeada de grandes salgueiros e cornizos, e a relva no jardim das traseiras parecia tão verde e lisa como o feltro de uma mesa de bilhar. Havia canteiros com flores maravilhosas, um mirante de mármore e uma piscina! Uma piscina pessoal e privada! Tudo unido por um terraço de pedra incrível, à largura de toda a casa, no cimo de uma parede de blocos de mármore cor-de-rosa com quase dez metros de altura. Uma escadaria de mármore descia do terraço e terminava numa espécie de pátio na orla da floresta.

O pátio, salpicado pela luz do sol que passava entre os ramos das árvores, curvava em volta de um grande lago com uma delicada fonte de mármore no centro, a imitar um pagode chinês. A água deslizava suavemente do telhado de mármore. Nenúfares brancos flutuavam sobre a água do lago e, enquanto Eli olhava, um peixe dourado e branco do tamanho de uma truta surgiu brevemente à superfície. Era uma visão extraordinária, mesmo para um leitor ávido como Eli. A sua mente encheu-se de histórias sobre locais exóticos e tradições fabulosas. Darl tinha um lago privado, com peixes dourados gigantes e um pagode em miniatura. Ela vivia como se fosse a filha de um samurai japonês.

Mal recuperara o fôlego quando olhou de novo para o terraço elevado e um arrepio lhe percorreu o corpo. Dispostos a intervalos regulares no terraço, entre as hortênsias brancas, uma dúzia de gloriosos cisnes de mármore olhavam diretamente para Eli com ar feroz, como que a desafiá-lo a violar a santidade da sua fortaleza.

O Diabo tinha demónios a guardar os portões do Inferno. A avó de Darl, por seu turno, tinha aves de mármore.

Zangado e assustado, com vontade de lhes atirar pedras e fugir a sete pés, Eli fez um esforço para lhes suster o olhar. De súbito, abriu-se uma porta envidraçada e Eli sentiu o coração parar por um instante quando a avó de Darl saiu da grande mansão cor-de-rosa. Era como se soubesse que ele se aproximara demasiado da beira do fosso do castelo. Eli encolheu-se entre as grandes folhas verdes.

- Valha-me Deus - murmurou. Ela parecia uma estrela de cinema, com o fato de banho preto, os

óculos de sol e o roupão preto comprido e transparente. Passou pela piscina e aproximou-se da ponta do terraço, afastando o cabelo castanho do rosto e observando o bosque. Eli tentou fazer-se mais pequeno. Não conseguia mexer-se.

Swan Samples caminhava na sua direção, descendo os degraus de mármore. Parou no pátio. Espantado, Eli viu-a ajoelhar-se junto ao lago e enfiar os dedos na água escura. Instantes depois, endireitou-se. Segurava um dos grandes peixes dourados à sua frente, como se estivesse a decidir entre comer a pobre criatura viva ou deixá-la sufocar fora de água, só pela piada. O peixe debatia-se desvairadamente, mas ela não o largou.

Por fim, quando o peixe começava a desistir, a avó de Darl voltou a ajoelhar-se e colocou-o de novo dentro de água. Com uma sacudidela aliviada da cauda, o peixe desapareceu. Ela passou as mãos por água, sacudiu-as, levantou-se e subiu as escadas. Despiu o roupão e mergulhou na piscina de águas azuis. Era ela quem mandava. Podia fazer o papel de Deus. Ninguém conseguiria sufocá-la a *ela*, fosse na água ou no ar.

Eli soltou a respiração, trémulo. Vira-a agora vestida para a guerra.

² Nos Estados Unidos da América, este feriado celebra-se na primeira segunda-feira de setembro. (*N. do E.*)

Capítulo 3

- Faça o favor de se levantar, menino Wade. - A professora do quinto ano, a senhora Dane, lançou um olhar furioso a Eli através dos óculos quadrados de armação de massa. Tinha o teste dele na mão, como se tencionasse usá-lo para o fustigar. Parecia capaz de chacinar alguém - pequena, mortífera, forte, com um rolo de gordura à volta da cintura e a cara de bulldogue. Usava uma peruca loira por baixo da qual se escapavam fios do cabelo castanho verdadeiro. Parecia sempre que estava prestes a perder o enchimento.

Eli sentiu os cabelos da nuca arrepiados. Levantou-se da cadeira tão devagar como xarope a escorrer do frasco. Detestava ser chamado na aula e ter de se levantar, com a camisa de flanela comprada na loja de roupa em segunda mão e as calças de ganga largas, que já eram demasiado curtas para as pernas em crescimento. Um leve coro de risinhos quase inaudíveis ergueu-se à sua volta como um mau cheiro. Ajeitou os óculos. A senhora Dane olhou para ele através dos elegantes óculos cor de âmbar. Eli sustentou-lhe o olhar, determinado.

- Eli Wade - continuou ela em tom seco -, terminaste este teste de matemática em cinco minutos. O resto da turma precisou de uma hora. - Bateu com os papéis na mesa. - Está visto que copiaste.

- Não, senhora professora - respondeu ele com toda a calma. - Não copiei, minha senhora.

- Nesse caso, explica-me como fizeste isto - ordenou ela, sacudindo os papéis.

- Eu só... não preciso de pensar muito. Os números saem sozinhos.

- Como pus de uma borbulha - sussurrou um rapaz. - É um cabeça de pus.

O coro de risos abafados silenciou-se quando a senhora Dane deu uma palmada na secretária. Eli sentiu o rosto a arder.

- Faz favor de vires ao quadro - ordenou a Eli.

Com os joelhos a tremer, ele dirigiu-se lentamente à frente da sala e ficou à espera, em sentido, como um soldado. A senhora Dane escreveu num bloco.

- Multiplica estes números no quadro. Duzentos e setenta - Eli pegou num pedaço de giz e escreveu o número - vezes duzentos e cinquenta. - Eli escreveu o segundo número.

- O resultado é sessenta e sete mil e quinhentos - respondeu.

- Não te armes em engraçadinho!

- Não estou a tentar ser engraçadinho, professora. É o resultado.

A senhora Dane fez a conta no seu bloco e um rubor coloriu-lhe as faces. Franziu a testa.

- Muito bem. Está certo. - Eli sentiu o peito encher-se de alívio. A professora cerrou os lábios, desafiadora. - Seis mil e sete a dividir por doze - lançou-lhe.

Eli nem se deu ao trabalho de passar os números para o quadro.

- Quinhentos vírgula cinquenta e oito. Falta zero vírgula zero quatro para um número inteiro.

A professora fez as contas. Soltou uma exclamação abafada. Levantou a cabeça e fitou-o com incredulidade.

- Dois milhões e vinte e um vezes sessenta e sete!

- Cento e trinta e quatro milhões, mil quatrocentos e sete. - Fez uma pausa. - Certos. - A senhora Dane sentou-se, fez as contas e, por fim, pousou o lápis. Ergueu novamente o rosto e olhou para ele de boca aberta. Distraída, puxou a peruca loira e uma grande madeixa de cabelo castanho apareceu atrás da orelha. *Fiz o cérebro dela cuspir uma bola de pelo*, pensou Eli. A professora apontou para ele.

- Mas tu és um génio!

Uma vaga de orgulho percorreu-o. Controlara o temperamento, acreditara em si próprio e vencera a humilhante competição. Quando olhou para o resto da turma, viu os colegas de olhos arregalados, como ratos a olhar para o maior queijo do mundo.

O Grande Queijo. Ele.

- Saudações - disse.



Aos sábados, Swan costumava levar-me com ela para os escritórios da pedreira para observar, arquivar alguns papéis e ir aprendendo o negócio duro da pedra. Eu sentava-me a uma pequena secretária ao canto do gabinete, a olhar com melancolia pela grande janela panorâmica para o céu aberto, a cova larga e funda da pedreira e os homens que trabalhavam com guindastes e ferramentas de corte. Preferia a fábrica de corte, ao lado da pedreira, onde me deixavam ficar em

certas áreas, com óculos de proteção, a ver os mestres artífices a esmerilarem, cortarem e polirem a pedra. Aos sábados, os homens podiam trazer para ali os filhos durante uma hora, para lhes ensinar a profissão. Não eram permitidas raparigas. Exceto eu.

Nessa manhã fria de sábado, em março, ali estava Eli, com as mãos pequenas enfiadas em luvas de cabedal gigantes, a cara e as roupas cobertas de poeira, um lenço a tapar-lhe o nariz e a boca. Trabalhava ao lado do pai e nunca erguia os olhos quando eu estava a olhar para ele, embora o tivesse conseguido apanhar a olhar para mim. Desviara o olhar e depois, com astúcia, virara-me de repente e apanhara-o.

De súbito, Swan saiu do gabinete para o piso da fábrica, algo que raramente fazia quando havia poeira no ar. Era uma figura distinta, que usava a moda mais recente para mulheres de carreira dos anos setenta. Nesse dia, era um fato de calças e casaco azul, feito à medida. Um lenço de seda colorido prendia o casaco na cintura, com as pontas caídas sobre a anca. Os saltos dos sapatos azuis importados esmagaram as lascas de mármore. Tinha a garganta enfeitada por uma gargantilha de pérolas. Todos os músculos da sua estrutura alta e esbelta se moviam com uma sincronia perfeita de autoconfiança; todos os homens da fábrica ergueram os olhos quando ela passou. Ainda era muito bela; podia ser a irmã mais velha de Scarlett O'Hara, ou a mãe de Jaclyn Smith em *Os Anjos de Charlie*.

Eu, claro, vestia uma camisola de lã cor-de-rosa e botas de esqui pelo joelho, da mesma cor.

Swan parou junto de Jasper Wade e chamou-o com um gesto. Quando ele tirou a máscara e pousou o esmeril, ela pediu-lhe: – Venha ao meu gabinete, senhor Wade. E traga o seu filho.

Eu não imaginava o que poderia ela querer de Jasper e Eli, mas sorri-lhe, radiante, porque podia fazer parte do que quer que fosse. Quando Eli baixou o lenço e limpou os óculos, os seus grandes olhos castanhos não me passaram despercebidos, e vi a preocupação neles. Senti o coração apertado.

– Ela nunca despede ninguém pessoalmente – murmurei, enquanto seguíamos a minha avó e o pai dele. – Manda o gerente, o senhor Alberts, tratar disso. Não te preocupes com o teu papá.

Ele lançou-me um olhar irado e eu franzi a testa. Entrámos no gabinete. Swan sentou-se e mandou-me para a minha pequena secretária. O pai de Eli também parecia preocupado, apesar de ser alto e forte, um homem moreno e bem-parecido coberto de poeira de mármore, suor e submissão, mesmo num dia frio de primavera. Ele e Eli ficaram em cima dos azulejos de mármore logo à entrada, sem ousarem pisar o belo tapete turco sobre o qual nós caminhávamos. Sentei-me atrás da minha bonita secretária de tampo de mármore e cruzei as mãos sobre a pedra fria.

– Senhor Wade – começou Swan –, a senhora Dane, a professora, informou-me de que o Eli é um génio matemático.

No silêncio aturdido que se seguiu, olhei para Eli de boca aberta, e vi que o pai dele também tinha arregalado os olhos.

– Ele trabalha bem com a cabeça, minha senhora – concordou Jasper, por fim. – E sim, suponho que não é mau de todo com números. É ele que aponta as nossas despesas todas e nunca se enganou nas contas, nem uma vez.

– Que idade tinha ele quando o deixou tratar sozinho da contabilidade da família?

Jasper olhou para Eli.

– Sabes, filho? Não tenho a certeza.

A expressão reservada de Eli indicava que não sabia bem se devia ou não admitir a verdade. Por fim, engoliu em seco.

– Seis anos, paizinho.

Os olhos de Jasper brilharam. Virou-se para Swan.

– Sim, parece-me que ele estava no primeiro ano, minha senhora.

Swan recostou-se na cadeira alta. Uniu as pontas dos dedos e encostou-os aos lábios, estudando Eli com os intensos olhos azuis, como se estivesse a calcular o valor dele em pedra de boa qualidade. De súbito, inclinou-se para a frente e introduziu alguns números na máquina calculadora que tinha em cima da secretária. A máquina soltou zumbidos e estalidos e cuspiu um papel. Ela rasgou o pedaço de papel e escondeu-o.

– Eli, depressa e de cabeça, faz-me esta conta. Quanto é cento e vinte e três vezes quarenta e dois?

Eli olhou para ela e nem pestanejou ao responder: – Cinco mil, cento e sessenta e seis.

Ela levantou as sobrancelhas.

– Correto. – Quase caí da minha pequena cadeira. Ele era brilhante! Swan fez outra conta na máquina de calcular. – Oitocentos e noventa e cinco a dividir por oitenta e dois.

– Dez vírgula noventa e um – respondeu ele sem hesitar.

Swan fez-lhe mais dez perguntas. Eli nunca hesitou e não falhou uma única resposta. Por fim, a minha avó atirou os pedaços de papel para cima da secretária e voltou a recostar-se na cadeira, apoiando o queixo nas costas da mão. Ergueu os olhos para Jasper.

– Senhor Wade, quero que o Eli trabalhe aqui no escritório depois da escola, para o senhor Alberts lhe ensinar contabilidade. Ele é apenas uma criança, mas ficou claro que não é uma criança qualquer. Todos os anos ofereço uma bolsa de estudo a um aluno merecedor desta cidade. Se o Eli provar que é estudioso e bom rapaz, receberá essa bolsa quando acabar o ensino secundário. Estudará gestão de empresas e contabilidade na Universidade Duke, em Chapel Hill e, quando acabar o curso, virá trabalhar para mim.

Aquilo era espantoso. Swan escolhera os Wades para viverem na nossa Vivenda de Pedra e dera permissão a Jasper Wade para cortar árvores com centenas de anos da nossa floresta, e agora estava a prometer que, um dia, pagaria os estudos de Eli na melhor universidade do Estado. Ela reconhecia a nobreza dele!

Jasper Wade parecia demasiado surpreendido para saber o que responder. Eli abriu e fechou a boca. Olhou para cima e depois, finalmente, para mim. *És especial e ela sabe-o; mostra que estás feliz!* Eli deve ter visto o entusiasmo no meu rosto. Porém, tudo o que vi no dele foi raiva e infelicidade. Ia ser propriedade dos Mármore Hardigree, quer quisesse, quer não.

– Ninguém na minha família andou na universidade – murmurou o pai de Eli.

Swan assentiu com a cabeça.

– Nesse caso, está na altura. Tem aqui uma oportunidade rara para mudar o rumo do futuro da sua família. Isso vale qualquer sacrifício.

– Sim, minha senhora. A mãe dele vai ficar doida de alegria. É o sonho dela.

– Ótimo. Nesse caso, vamos torná-lo realidade.

– Obrigado, minha senhora. Muito obrigado. Ele não a desiludirá. – Jasper olhou para Eli, com orgulho e autoridade a brilharem nas feições rudes. O filho mais velho acabara de receber uma oportunidade de trabalhar com a cabeça e não com as mãos. A possibilidade de vir a ser alguém. – O que dizes, filho?

Eli ergueu os olhos para ele e perscrutou-lhe o rosto. Depois, devagar, virou-se para a minha avó. Parecia ter-se abatido sobre ele um peso maior do que todas as lajes de mármore da pedreira.

– Sim, senhor. Obrigado, minha senhora.

Era o som da derrota. Ele seria meu, um dia, mas contra a sua vontade. Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Uma vitória vazia.

Era este, então, o lado negro da fortuna e do poder: para termos esse poder, tínhamos de tirar algo aos outros, tínhamos de os controlar pelo bem dos nossos interesses, tínhamos de ser responsáveis por eles. Passei toda essa triste primavera a refletir sobre o meu futuro como detentora desse poder, e a pensar na expressão vencida que se apoderara dos olhos de Eli quando Swan fechara as mandíbulas dos Mármore Hardigree sobre a sua jovem vida. Muito bem, esta seria a minha solução: quando os herdasse, libertá-lo-ia. E depois casaria com ele.

Não queria realmente casar com ninguém, mas fá-lo-ia para o bem de Eli. Não tinha nenhum modelo de felicidade matrimonial, mas tentaria aprender. A minha mãe fora morta pelo casamento e Swan, claro, era uma entidade independente, um enigma fora do reino das convenções matrimoniais. O meu avô, o médico, era apenas um homenzinho careca de ar submisso numa fotografia. Tanto quanto eu sabia, a minha mãe fora resultado de uma conceção imaculada. Via Swan receber graciosamente vários homens como convidados nas suas festas, mas nunca a vira beijar nenhum. O barão do mármore italiano aparecia por vezes quando íamos a Nova Iorque e, nessas ocasiões, Swan deixava-me aos cuidados de uma *socialite* nova-iorquina qualquer, alguma amiga de juventude, e saía com o barão pela noite dentro. Mas era tudo.

Por outro lado, o marido de Matilda, o senhor Dove, era um mistério sem rosto. Matilda vivia sozinha com Karen numa das Casas Estha mais pequenas, uma bonita vivenda dos anos trinta, feita

de pedra do rio debruada a mármore, numa rua sombria não muito longe do Solar de Mármore. Não era segredo nenhum que Swan lhe oferecera a casa e cinco acres de terreno quando era nova. Por mais que esta generosidade tresandasse a resquícios do sistema de servidão nascido da escravidão, ou a alguma *noblesse oblige* inerente ao privilégio branco da família Hardigree, sem dúvida que Matilda mais do que merecia o teto de mármore sobre a sua cabeça. Orgulho e independência pareciam motivá-la tanto quanto à minha avó.

E depois havia a tia-avó Clara, a dos silêncios sinistros e da história envolta em mistério. Não valia a pena seguir-lhe o exemplo.

Ao que parecia, os homens eram apenas decoração de montras no universo feminino da família Hardigree, o suporte que apoiava a jarra em exposição, muito diferente de uma fundação sólida ou de uma decoração permanente. Eu não conseguia imaginar Swan a fazer aquilo que as mulheres tinham de fazer para ter um bebé. Karen explicara-me todo o processo, desde o deitar juntos, todos nus, até aos beijos e à penetração, e ao resultado nojento. Tinha de acreditar que ela estava a dizer a verdade, já que obtivera a informação no livro *A Alegria do Sexo*, que encontrara numa caixa na Biblioteca Municipal Hardigree, para onde Matilda enviava os livros que Swan doava. Mesmo assim, não conseguia concebê-lo.

Swan nunca se despiria em frente de um homem – nem sequer o fazia à minha frente. Eu nunca a vira em nada mais revelador do que uma camisa de noite fabulosa sob um roupão de seda branco e comprido. Tinha uma coleção deles. Além disso, Swan nunca permitiria que ninguém – homem, mulher, Deus ou o Diabo – se pusesse em cima dela.

Disso, eu tinha a certeza absoluta.

Todos os meses de maio, Swan organizava um fim de semana de festa no Solar de Mármore para as suas ex-colegas de turma da Escola Feminina de Asheville. Até uma prima de um dos descendentes dos Vanderbilt frequentara a escola quando Swan era adolescente, já que, nessa altura, vários herdeiros Vanderbilt ainda viviam na mansão de Biltmore, um autêntico castelo isolado numa vasta propriedade nas fronteiras de Asheville.

Mais uma vez, o Solar de Mármore encheu-se de damas elegantes da sociedade sulista. Swan contratou ajuda extra para servir as refeições, o chá da tarde e os *cocktails* à beira da grande piscina de mármore e do mirante de mármore no jardim atrás da casa. Era o primeiro grande evento de Annie Gwen como nossa empregada, e Eli foi contratado para ajudar com o lixo e a lavar pratos. No tempo livre, devia tomar conta de Bell. Não correu bem.

Bell Wade fitou-me com um ar aterrorizado de dentro de um dos grandes armários da vasta cozinha da mansão, onde se enfiara, no meio de tachos e panelas. Tinha um passador na cabeça. Fios do seu cabelo escuro saíam pelos buraquinhos do mesmo. Vestia calções de ganga e uma pequena *t-shirt* da *Rua Sésamo*.

– Aqui está ela, Eli. Escondida como um coelhinho na toca.

Eli puxou as calças para cima e ajoelhou-se ao lado da porta do armário. Eu tinha um vestido de orandi cor-de-rosa com sapatinhos de verniz a condizer.

– Maninha – chamou ele em tom suave, estendendo a mão. – Sai daí. Pareces um astronauta.

Ela fitou-nos com os grandes olhos escuros, mas não se mexeu.

– Temos de a tirar daí antes que a Matilda a veja. – Olhei para a porta que levava à sala de jantar. Matilda e Annie Gwen estavam do outro lado, a servir pratos de sopa de tomate e salada de frango com amêndoas a Swan e às suas vinte e cinco convidadas. – A Matilda faz a tua mãe polir estes tachos como se fossem de prata de lei!

– Bom, agora são uma coroa para a Bell. – Eli pousou a mão sobre os dedinhos da irmã com cuidado. Ela tinha uma panela no colo, à qual se agarrou com mais força. – Vá lá, maninha, sai daí. Por mim. – Eli nunca perdia a paciência com Bell, apesar de ela o levar amiúde ao limite. Levantei o vestido fino e cor-de-rosa e ajoelhei-me também.

– Sai já daí – ordenei em voz fria e seca. – Tempo é dinheiro, e estás quase a arruinar os meus planos.

Eli rangeu os dentes e olhou para mim de viés.

– Não preciso da tua ajuda. – Enfiou a mão dentro do armário e segurou no pulso da irmã. – Toca a sair daí, Bell. – Ela soltou um gritinho abafado, mas ele puxou-a para fora na mesma. Apanhei rapidamente os tachos e panelas, tentando impedir que batessem uns nos outros. Bell apoiou um

dos pequenos ténis na parte de dentro da porta do armário. Eli resmungou, agarrou-lhe na perna com as duas mãos e puxou.

Ela deslizou sobre o chão de mármore como se estivesse a nascer do ventre de uma panela. Sob a luz forte do sol que entrava pelas janelas altas da cozinha, vi como estava pálida, morta de medo daquele sítio e daquelas pessoas estranhas. Tremia, apavorada. Eli fez uma careta e puxou-a para si num abraço apertado.

- Está tudo bem, maninha.

Mas não estava. Lentamente, uma poça de urina espalhou-se por baixo dela. Levantei-me de um salto. O som de passos do outro lado da porta sobressaltou-nos. Fechei a porta do armário.

- Esconde-a - ordenei a Eli. - Sobe pelas escadas dos fundos. Há um armário grande mesmo ao cimo. Entrem e fechem a porta. Já lá vou ter.

Eli franziu a testa e pegou em Bell.

- O que é que vais...

Os passos soavam quase junto à porta.

- Vão!

Eli e Bell saíram por uma outra porta, ao canto da cozinha. Ouvi os seus passos na escada estreita dos criados e, depois, um abençoado silêncio. Virei-me para a porta da sala de jantar, ofegante. Esta abriu-se e Annie Gwen entrou. Trazia nas mãos uma grande bandeja de prata vazia. Tinha o cabelo castanho preso num carrapito apertado e vestia um uniforme de criada cor-de-rosa, com ténis da mesma cor. O seu rosto simples e simpático iluminou-se num sorriso quando me viu.

- Menina Darl, minha querida, precisa de alguma coisa?

Aliviada, levei o dedo aos lábios.

- A Bell fez chichi. - Apontei para o chão.

Annie Gwen soltou um gemido de consternação.

- Onde é que ela está?

- O Eli levou-a para cima. Eu ajudo-o a limpá-la. Não se preocupe.

Annie Gwen correu para a despensa e pegou numa esfregona. Eu subi rapidamente as escadas. A casa pareceu fechar-se sobre mim, escura, fresca e silenciosa como um grande mausoléu de mármore. No patamar, abri cuidadosamente a porta do armário. Eli estava sentado no chão, com Bell encolhida ao colo. Enrolara-a numa das melhores toalhas de banho com monograma de Swan. Os calções de ganga e as cuecas floridas e ensopadas da menina estavam no chão ao lado deles.

- Está tudo bem - tranquilizei-o, e expliquei o que acontecera. Ele suspirou.

- Então só tenho de ir buscar roupa seca para ela.

- Eu trato disso. Tenho um baú cheio de roupa que já não me serve. Espera aqui. - Fechei a porta e subi rapidamente mais um lanço de escadas. O meu quarto era uma pequena *suite* cor-de-rosa na parte de trás da mansão. Tinha vista para a piscina, o mirante e os jardins. Até conseguia ver para além do terraço de pedra rosa, até ao lago dos peixes lá em baixo. Ao longo do terraço, entre os arbustos, a fila de cisnes de mármore guardava os segredos da família Hardigree, incluindo o meu pequeno segredo sobre Bell.

Procurei num baú branco de cedro até encontrar um par de calções com folhos e umas cuecas. Pareciam ser do tamanho certo. Estava tudo bem. Desci a correr e tinha acabado de entreabrir a porta do armário quando ouvi passos na escadaria de mármore do outro lado do corredor. Atirei as roupas a Eli.

- É só uma das hóspedes - sussurrei. - Vou falar com ela.

Eli apertou mais a pobre Bell.

- Não deixes ninguém abrir esta porta.

- Não deixo. - Fechei-a e sentei-me numa grande cadeira de braços, como se fizesse parte da decoração. O corredor era largo e comprido, o chão de mármore coberto com uma passadeira em padrões delicados de flor de lis. Havia mais locais para as pessoas se sentarem ao longo do seu comprimento. As paredes estavam decoradas com quadros de paisagens inglesas e boas reproduções dos mestres europeus. Baloicei as pernas como se estivesse perfeitamente descontraída, na esperança de que a hóspede nem sequer desse por mim ali nas sombras. O corredor estava iluminado apenas pelo sol que entrava por uma janela alta na extremidade oposta.

Uma mulher loura, de pele pastosa e um vestido de seda clara apareceu ao cimo da escadaria de

mármore, ofegante. Estava ruborizada e parecia cambalear.

- Oh, pequena Darleen, o que estás a fazer?

A voz arrastada era simpática, mas um pouco entaramelada. Com certeza bebera demasiados *Bloody Marys* ao almoço.

- Estou só aqui sentada, senhora Colson. - Ela aproximou-se e sentou-se ao meu lado num pequeno sofá antigo de veludo. Os seus olhos vermelhos encheram-se de lágrimas.

- És igualzinha à Júlia, aí sentada. Era um dos seus sítios preferidos. Costumava brincar com as bonecas dentro daquele armário. Chamava-lhe a casa de bonecas especial.

Parei de abanar os pés e senti um arrepio. As amigas de Swan nunca falavam comigo sobre a minha mãe.

- Ela era tão bonita como nos retratos?

- Linda. Uma linda morena de grandes olhos azuis, tal e qual como tu.

- E era inteligente?

- Não, minha querida, era pateta e imprudente. Mas era uma querida, não há dúvida.

Olhámos uma para a outra durante algum tempo, enquanto eu absorvia tamanha honestidade. A senhora Colson começou a falar sobre Swan e a minha mãe: como eram chegadas, como estavam sempre alegres e sorriam uma para a outra, como Swan a adorava e mimava. Uma pequena pontada de dor trespassou-me o coração. A minha mãe tivera uma mãe a sério. Porque é que Swan não gostava de mim assim?

A senhora Colson continuou a falar, abanando a cabeça, pesarosa.

- Foi uma pena, ela e a Katherine. Pobre Katherine. Sangue selvagem. Que outra coisa seria de esperar de uma mistura daquelas?

Katherine Dove. Ela referia-se à filha de Matilda e mãe de Karen, a rapariga desconhecida que nunca víramos em nenhuma fotografia, de quem nunca ouvíamos falar. Levantei-me da cadeira, rígida como um soldado em sentido. A senhora Colson pousou a mão húmida no meu braço e fitou-me por entre as lágrimas.

- Se não fosse a má influência daquela rapariga, acredito que a tua mãe teria tido outra sorte. Pobre menina. Não te sintas mal. Podes não ter tido uma boa mãe, mas tens uma avó maravilhosa.

Senti um nó na garganta.

- A minha mãe não me queria?

A senhora Colson acariciou-me os braços, com exclamações de conforto.

- Bom, não, mas a tua avó quer-te muito. E quando a Swan Hardigree Samples quer alguém, não há fuga possível. - Soltou-me, fez-me mais uma festa no cabelo e depois afastou-se pelo corredor, entrou num dos quartos e fechou a porta atrás de si.

Virei-me cegamente, a chorar sem lágrimas, entorpecida. Abri a porta do armário. Eli continuava sentado no chão, com Bell ao colo. Ela escondera o rostinho na toalha e tudo o que eu via onde a cara dela devia estar eram as letras SHS, o monograma de Swan. Eli ergueu para mim os olhos grandes e escuros, cheios de compreensão, e, horrorizada, percebi que ele ouvira tudo o que a senhora Colson dissera.

- Darl - chamou ele, a voz rouca. Era a primeira vez que se dirigia a mim pelo meu nome.

Eu não conseguia respirar.

- Vou para o Jardim das Flores de Pedra.

Deixei-o ali e desci rapidamente as escadas das traseiras até uma sala iluminada e, daí, saí para a claridade da tarde primaveril. Evitei os jardins escondendo-me atrás das hortênsias altas, e desci os degraus de pedra ao fundo do terraço. Pouco depois, passei a correr pelo lago japonês e entrei no bosque, a escorregar e cair nas folhas, com as silvas a prenderem-me a roupa. Quando cheguei ao vale fundo, atirei-me para o chão ao lado de um dos bancos, escondi o rosto nos braços e chorei.

Eli seguiu-me, com Bell ao colo. Sentaram-se nas folhas ao meu lado. Assombrosamente, ele passou-me o braço pelos ombros.

- Este é um bom sítio, um sítio seguro - observou. - Quando aqui estamos, não temos de ser quem somos. Seremos apenas quem queremos ser. Está bem?

Levantei a cabeça e fiz que sim. De súbito, uma mão pequenina e macia tocou-me no braço. Eli e eu olhámos ambos para Bell, estupefactos. Ela apontou para os calções que eu lhe dera. Cor-de-rosa, claro.

- Agora sou cor-de-rosa - murmurou. Os seus olhos eram tristes, mas a voz, doce e melódica. Deu-me uma palmadinha no braço. - Como tu.

- Deus seja louvado, ela está a falar - murmurou Eli. Bell tinha um talento para a compaixão, e eu libertara-o ao chorar no nosso jardim mágico. Esfreguei os olhos e sentei-me. Eli e eu trocámos um olhar surpreendido. A força do braço dele sobre os meus ombros era uma boa sensação. Ele acenou com a cabeça.

- Seremos nós próprios, aconteça o que acontecer - declarou.

Daí para a frente, ele, eu e Bell encontrávamo-nos muitas vezes naquele jardim escondido e peculiar, onde sonhávamos juntos e partilhávamos as nossas esperanças, no único mundo seguro que conhecíamos.

Capítulo 4

Passaram três anos. Eli continuava muito metido consigo, ameahando cada dia de tranquilidade e segurança na nova vida da família como um aarento incapaz de perder de vista as suas moedas. Contudo, no jardim, desabafava com Darl todos os seus sonhos. Nunca lhe disse que odiava trabalhar no escritório dos Mármoreos Hardigree, embora achasse que ela desconfiava. Tal como ele desconfiava que Darl era a criatura mais solitária à face da Terra, exceto quando estavam juntos. Nessas alturas, o mundo girava em pequenos círculos silenciosos e eles estavam no centro.



Valha-me Deus, é o Leon Forrest em carne e osso; e se os olhares matassem, toda a gente neste escritório já teria caído para o lado.

Este foi o primeiro pensamento de Eli naquela tarde de inverno, quando o rapaz mais velho entrou no escritório dos Mármoreos Hardigree para preencher os papéis de candidatura a um emprego na pedreira. Eli ergueu os olhos da mesinha de canto onde o senhor Alberts o pusera a somar faturas, tão depressa quanto os seus dedos conseguiam trabalhar com o lápis. Leon parecia trazer consigo uma nuvem de tempestade. Tinha agora catorze anos, um metro e oitenta de altura e era mais magro do que Eli, que não lhe ficava muito atrás em termos de altura. A pele de Leon era negra como carvão e o seu cabelo formava tufos com vida própria, por mais que ele tentasse manter um penteado uniforme. Os pais tinham perdido tudo na quinta e agora ele tinha de deixar a escola e ir trabalhar na pedreira. Vestia um velho casaco militar e olhou para Eli com os ombros abatidos e expressão azeda.

- Estás a olhar para onde?

Eli apertou o lápis e recusou-se a desviar o rosto.

- Não sei. Parece que estamos no mesmo barco. Eu também tenho de trabalhar aqui.

- Ah! O que estás a fazer não é trabalho.

- É melhor do que andar a partir mármore ao frio. - Eli apontou para o livro-razão. - É trabalho *inteligente*.

- Estás a dizer que eu não tenho cabeça para fazer o que tu fazes?

- Não faço ideia. Mas, se me deixassem, eu ensinava-te a tratar disto. Odeio este trabalho.

- Eu era capaz de tratar dos livros. Gosto de números. Podes ter a certeza de que não vou partir mármore a vida toda.

- Olha que vais, pelo menos se não aprenderes a fazer mais nada. Já percebi que isso acontece muito por estes lados.

Leon estava furioso. O senhor Alberts viu-o da janela do gabinete e, de sobrolho franzido, saiu.

- Não fiques aí especado, rapaz. O teu pai depois vem cá tratar da papelada. - Apontou para a janela que dava para a pedreira. - Vai ter com aquele homem alto de casaco azul e diz-lhe que eu disse para ele te pôr a trabalhar.

- Sim, senhor - resmungou Leon.

O senhor Alberts olhou com uma careta de desgosto para as jardineiras de Leon e para as botas cheias de lama na carpete do escritório.

- E nunca mais entres aqui com esses pés sujos. - Deu meia-volta e entrou no gabinete. Eli lançou um olhar compreensivo a Leon Forrest e viu-lhe a humilhação no rosto.

- O homem de casaco azul é o meu pai. Faz o que ele te mandar e podes ter a certeza de que serás tratado de forma justa. Verás.

Leon olhou para Eli.

- Um dia, ninguém por estes lados me poderá dizer onde vou ou deixo de ir. - E saiu com passos furiosos.

Às seis, o senhor Alberts fechou o escritório. A tarde fria estava a dar lugar a um crepúsculo gelado.

- Por hoje chega, «Senhor Génio» - declarou.

Aliviado, Eli vestiu o casaco forrado, enrolou um cachecol grosso ao pescoço e dirigiu-se ao parque de estacionamento para esperar pelo pai. Já só restavam algumas carrinhas no parque rodeado por encostas íngremes cobertas de abetos, que o transformavam numa espécie de arena natural. A sua respiração formava nuvens no ar frio. Eli estremeceu e viu, aterrado, três rapazes negros de ar agressivo arrastarem Leon para longe das árvores enquanto o atacavam com socos.

Não os reconheceu. Leon defendeu-se como pôde, e os quatro embrulharam-se no meio das carrinhas.

Podia ir chamar o paizinho, pensou Eli primeiro; mas não havia tempo. Aproximou-se sorrateiramente, pelo meio das carrinhas, até estar perto o bastante para ouvir os gritos e imprecações. Leon estava a levar uma tarefa. Enquanto Eli olhava, um dos outros rapazes sacou de uma navalha. Eli levantou-se e gritou como se estivesse possuído quando o outro rapaz atacou Leon. Todos se sobressaltaram. A ponta da lâmina só apanhou Leon de raspão na cara, mas deixou um corte feio. O sangue vermelho escorreu-lhe pela pele escura do queixo e do pescoço.

Com a respiração a formar nuvens como um comboio a vapor, Eli saltou sobre o rapaz mais velho com os punhos no ar. Ao verem o rapaz branco, alto e escanzelado a gritar como um louco e a desferir socos a torto e a direito, os três atacantes devem ter começado a pensar nos polícias brancos de Burnt Stand e em problemas com os brancos em geral.

- Merda! - soltou o que tinha a faca. Desferiu um golpe contra Eli e, depois, correram os três para um carro prateado e baixo, desaparecendo numa nuvem de gravilha e poeira.

Eli viu-os afastar-se antes de pensar em olhar para baixo. O enchimento do casaco saía de um corte de vinte centímetros mesmo por cima da barriga. Trémulo, desabotoou-o para verificar se estava inteiro. Leon gemeu e sentou-se. Eli ajoelhou-se ao lado dele, observando o rosto ferido e ensanguentado com uma careta. A pele da face estava aberta como um fecho de correr, um golpe vermelho na pele negra.

- Parece que vais precisar de pontos - observou Eli.

- Nem pensar. A minha família não tem dinheiro para isso. - Leon abriu o casaco de Eli. - Cortaram-te?

- Não. Sou muito magro e o casaco é grande de mais para mim.

- És maluco. Não te metas nos meus problemas.

- Quais são os teus problemas?

- Oh, aqueles estúpidos são de Ludawissee Gap. Um deles disse coisas que não devia à minha irmã Prig. Ela tem uma mercearia. Estão sempre a roubar-lhe cenas da loja. Juntei alguns familiares e fomos lá pô-los na linha. Agora vieram retribuir.

Então, Leon tinha uma irmã para proteger. Eli reconheceu instantaneamente a nobreza e a honra dessa atitude. Falaria a Darl sobre o heroísmo de Leon. Depois, podia introduzir a história de como ele próprio escapara por pouco a ser esventrado. Darl ficara impressionada.

- Obrigado pela ajuda - agradeceu Leon. - Mas andar à pancada não nos leva a lado nenhum. Eu tento evitar ao máximo.

- Sim? Mas quem te visse aos socos àqueles idiotas diria que te achas o Joe Frazier. - Leon sorriu com uma careta de dor e deu-lhe uma palmada nas costas. Levantaram-se e Eli puxou um pedaço de enchimento do forro do casaco. - Toma, põe isto na cara até chegares a casa.

Foi nessa altura que o pai de Eli apareceu no parque de estacionamento à procura dele.

- Anda, queres boleia? - perguntou Eli a Leon, embora achasse que ele não aceitaria ajuda de brancos. E estava certo. O rapaz mais velho abanou a cabeça; apertou o enchimento contra a face ensanguentada e dirigiu-se ao bosque. Depois, olhou para trás.

- Um dia - declarou -, também te ajudarei.

Eli levava todas as promessas muito a sério.

- Quando o fizeres, ficarei muito grato.

Contou a Darl o que acontecera com Leon e ela mencionou o incidente a Matilda que se certificou de que a cara de Leon Forrest era cosida por um médico. O episódio despertou algo em Matilda que, a partir daí, discretamente, abrigou o rapaz sob a sua asa. Sempre se mantivera à parte das poucas famílias negras de Burnt Stand, as quais a rejeitavam em igual medida. Eli ficou sempre a pensar que ajudar Leon fora a única forma que Matilda encontrara para se redimir perante elas.

Era esta, decidiu, a magia que ele e Darl faziam juntos.



No meu décimo aniversário, num domingo em finais de setembro, Swan e eu sentámo-nos frente a frente na sala de jantar das visitas do Solar de Mármore, a almoçar na nossa melhor loiça: frango assado, pão de milho doce e salada de feijão-frade. Eu estava muitíssimo contente pela rara oportunidade de comer sozinha com ela, de merecer toda a sua atenção. Como de costume, tínhamos assistido ao sermão matinal na Igreja Metodista de Burnt Stand, um santuário histórico de

mármore, adornado com uma placa a avisar Deus de que fora a bisavó Estha que o construíra.

Annie Gwen entrou pela porta da cozinha com uma bandeja de prata onde havia algo volumoso escondido sob um guardanapo branco. Sorriu ao ver a minha expressão surpreendida. Pousou a bandeja no aparador antigo, enfiou a mão debaixo do guardanapo e puxou um fio com uma ficha na ponta. Com o garfo suspenso sobre a salada, vi-a ligar a ficha a uma tomada na parede.

Olhou para Swan, que fez que sim com a cabeça.

- Feliz aniversário, menina Darl - desejou-me Annie Gwen, saindo da sala. Olhei do mistério ligado à eletricidade para a minha avó. Ela levantou-se da mesa, elegante como sempre, com a saia pelo meio da canela e o casaco a combinar, hoje num tom de âmbar suave. Eu continuava limitada ao rosa.

- Já tens dez anos - declarou Swan. - É um marco importante. - Tirou uma garrafa de champanhe de um balde de prata em cima do aparador e serviu dois copos altos de cristal com o líquido dourado. Depois acabou de os encher com sumo de laranja de um jarro de prata. - A tua primeira *mimosa*. Anda cá.

Levantei-me e aproximei-me do aparador, desconfiada, ainda a olhar de soslaio para o objeto elétrico por baixo do guardanapo branco imaculado. Tanto quanto sabia, a minha avó podia estar a pensar marcar-me com um ferro quente. Swan passou-me o copo de champanhe e eu ergui-o, imitando todos os adultos que vira nas festas. Ela tocou-lhe com o seu, num tinido melódico. Esperei que dissesse alguma coisa, nem que fosse apenas «Parabéns», mas não o fez. Suspirei e levei o copo aos lábios. Então era este o sabor de estar a meio caminho da idade adulta - doce e ácido, com uma vaga de calor efervescente que me percorreu da cabeça aos pés.

Bebi tudo de uma só vez. Queria tanto ser crescida. Deixá-la ainda mais orgulhosa de mim.

- Nunca mais faças isso - ordenou-me Swan. A piscar os olhos, já um bocadinho tonta, fitei-a sem compreender. Os olhos dela fulminaram-me. - Nunca bebas nada alcoólico como se fosses um bêbado a emborcar cerveja num bar. Goles pequenos. E deixa sempre pelo menos um centímetro no fundo do copo. Não sejas glutona, em especial quando se trata de álcool. E nunca tomes mais do que duas bebidas, seja em que situação for... e, se estiveres sozinha na companhia de um homem, nem uma sequer.

- Sim, senhora.

Ela pegou no meu copo e pousou-o ao lado do seu, com o resto exigido pelas boas maneiras no fundo.

- Tenho um presente para ti.

Olhei para a bandeja tapada. Senti um gosto estranho na boca.

- Vai doer?

- O quê?

- Nada. Peço desculpa, avó.

Ela levantou a ponta do guardanapo, revelando uma bela caixa de joias dourada. Pegou-lhe e abriu a tampa. Soltei um suspiro de prazer ao ver o delicado pendente num fio de ouro fino. Uma lágrima minúscula de mármore rosa, encastrada em ouro trabalhado, com um diamante de um quilate no centro da pedra.

- É igual ao seu!

- Sim. O objetivo é esse. - Tirou o colar da caixa e colocou-a no aparador. Depois, puxou um pendente idêntico de dentro da gola macia do casaco. - Recebi o meu da minha mãe quando fiz dez anos. Se olhares para o retrato dela, verás que também tinha um. - Swan fez uma pausa e os seus lábios curvaram-se num ligeiro esgar. - A minha irmã Clara possui um. E... - Mais uma pausa, e depois terminou num sussurro: - Dei um à tua mãe quando ela era da tua idade. Todas nós, as mulheres Hardigree, usamos um pendente igual.

- Avó, gostava muito da minha mãe, não era? Também gosta de mim? - perguntei, sem me conseguir conter.

A expressão dela tornou-se imediatamente implacável.

- És minha neta e a minha única herdeira - declarou. - Isso é muito importante para mim.

Toda a minha alegria, o meu entusiasmo e o meu orgulho se desvaneceram. Nem sequer era capaz de o dizer. Por que razão eu não o merecia? Pôs-me o colar ao pescoço e fechou-o. O fio curto deixava o pendente sobre a parte de cima do peito. Swan levantou o guardanapo da bandeja de

prata.

Com a cabeça a andar à roda, olhei para o que me pareceu ser uma espécie de arma.

- Isto é um ferro de soldar - explicou Swan. Enfiou os dedos sob o meu colar. Dobrou o guardanapo e colocou-o por baixo do fecho. Fiquei paralisada. Ela esclareceu, em tom tranquilizador: - Vou apenas soldar o fecho.

- Porquê?

Os seus olhos azuis fitaram os meus sem pestanejar.

- Porque é a nossa tradição e quero que a honres. Porque o meu está soldado, bem como o da tua mãe estava. E o da Clara. E o da tua bisavó. Todos fechados com solda.

- Quer dizer que nunca mais o posso tirar?

- Exatamente.

Fiquei ali, quieta, como um bezerro premiado, enquanto ela manobrava o ferro e soldava o fecho do colar com um pedaço de fio de prata. Senti um cheiro acre a fumo que me deu a volta ao estômago. *Ela não me ama, e é por isso que me está a pôr uma corrente ao pescoço, como se eu fosse um cão. Tenho uma coleira.*

- Pronto - declarou Swan, e recuou um passo. - Já está.

- Obrigada, avó - consegui dizer.

Assim que pude fazê-lo sem parecer indelicada, saí da casa de jantar e corri para fora da casa: desci os degraus do terraço, passei pelo lago e enfiei-me no bosque, onde vomitei.



- Não, maninha, esse não. - Eli agarrou no balão antes que Bell conseguisse prendê-lo ao ramo mais baixo de um jovem sassafrás. A árvore brotara do solo um ano antes, na encosta do Jardim das Flores de Pedra. Embora ele, Bell e Darl tivessem limpado, arranjado e domado o pequeno vale, decidiram deixar o sassafrás, com as suas folhas engraçadas em forma de luvas.

Bell franziu a testa quando Eli pegou no fio do balão.

- Porquê?

- É cor-de-rosa. Nada de cor-de-rosa.

Ela fez uma expressão chocada.

- Oh! A Darl ia odiar! - Eli esvaziou o balão e enfiou-o no bolso das calças. Consultou o relógio de pulso que os pais lhe tinham dado no décimo terceiro aniversário, três meses antes. - Bem, está na hora. Vou esperar por ela no cimo da colina. Vê se estás preparada.

Bell sorriu.

- Está bem. - Com sete anos de idade, continuava reservada e ainda se assustava facilmente, mas não tinha comparação com a criança encolhida que estremecia ao mero olhar de um desconhecido. Com calções de ganga e uma *t-shirt*, correu para trás do jarrão de pedra e agachou-se. Eli aprovou com um aceno de cabeça e subiu a colina, empurrando os óculos para cima.

A mãezinha e o paizinho tinham-lhe comprado umas armações metálicas das quais não desgostava. De seis em seis semanas, sem falha, cortavam o cabelo no barbeiro de Burnt Stand, onde as madeixas pretas do cabelo de Eli e do pai caíam sobre o chão de mármore rosa tão bem como as de qualquer outro homem da cidade. Há muito que abandonara o corte rapado de lado e à escovinha em cima com que ali chegara.

As coisas estavam bem melhores. Na pedreira dizia-se que o paizinho em breve seria promovido a capataz. A mãezinha poupava dinheiro suficiente do seu trabalho como empregada no Solar de Mármore para comprar uma mobília de sala de carvalho envernizado numa loja de descontos em Asheville, e o paizinho acrescentara orgulhosamente vinte dólares para comprar dois candeeiros elegantes na feira.

É assim que o mundo funciona, pensou, sombriamente, enquanto se sentava à espera de Darl no tronco caído de um velho carvalho. *É preciso dar muito para receber só um bocadinho.* Deus e Swan Hardigree Samples tinham sido bons para a sua família, mas os Wades tinham trabalhado arduamente para retribuir o favor, e Eli nunca faria nada para prejudicar essa sorte. Ouviu o restolhar das folhas e levantou-se depressa. O seu estado de espírito ficou mais leve, como acontecia sempre que Darl aparecia no cimo da colina. Ela acenou-lhe e ele ergueu a mão em resposta.

Darl nunca vestia cor-de-rosa quando se escapulia para o bosque. O cabelo castanho-claro caía-lhe sobre os ombros da blusa azul em ondas largas. Crescera pelo menos dez centímetros nos últimos anos e ia ser uma rapariga alta e esguia como a avó. Tinha braços e pernas compridos e

fortes, pele suave como seda e os olhos, mesmo à distância, de um azul profundo. Eli viu-a aproximar-se com uma nova sensação que o atormentava mais de dia para dia. Amava-a, mas não devia olhar para ela daquela maneira. Ela ainda nem tinha peito.

Por cada momento nobre que passavam no jardim escondido, a ler livros um ao outro e a Bell, a conversar sobre a vida, a ouvir música ou a dançar ao som de um rádio portátil, ele passava agora uma quantidade de tempo equivalente – mas muito menos digna – a fantasiar com raparigas do nono ano que tinham o peito desenvolvido, e com as modelos de *lingerie* do catálogo da Sears, e mesmo com peras e pimentos de formas perversas no supermercado de Burnt Stand, algo que o envergonhava desesperadamente.

E, contudo, ali estava ela, a sua melhor amiga, a sua fiel apoiante, o seu único amor, Darl Union. Vinha com ar um pouco triste, mas tinha muitas vezes essa mesma expressão carregada até Eli falar com ela. O rapaz gostava de ver como os olhos dela se iluminavam ao vê-lo.

– Fica onde estás. – Aproximou-se de Darl e tirou um lenço azul do bolso. – Tenho de te vender. A Bell e eu temos uma surpresa para ti.

– Hum. Ainda caio ribanceira abaixo; isso é que será uma bela surpresa.

– Oh, cala-te. Eu ajudo-te. – Inspirou o aroma doce das roupas e da pele dela enquanto lhe prendia cuidadosamente o lenço atrás da cabeça. Antes de lhe tapar os olhos, ela fitara-o com confiança, perturbando todos os seus pensamentos nobres e misturando galanteria com hormonas. Depois de a venda estar bem presa, afastou-lhe uma madeixa de cabelo do rosto e segurou-lhe no braço. – Caminha ao meu lado.

– Está bem.

Com cuidado, conduziu-a encosta acima. Quando chegaram ao cume, de onde se via o Jardim das Flores de Pedra, tirou-lhe a venda.

– Feliz aniversário.

Ela riu-se e levou as mãos ao rosto. O vale estava cheio de balões coloridos presos ao jarrão de pedra, aos bancos, ao sassafrás e aos arbustos de rododendros, a baloiçar e a dançar no ar quente do princípio de outono.

– Parabéns, Darl! – desejou Bell. Saiu de trás do jarrão com um pequeno bolo com cobertura branca equilibrado nas mãos, com dez velas acesas em cima.

– Oh, que maravilha – murmurou Darl. Deu a mão a Eli e desceram a correr. – Que bonito! – exclamou ao olhar para o bolo.

Bell corou e baixou a cabeça, embaraçada.

– Fui eu que o fiz – sussurrou.

– Foste? Ainda melhor!

Eli apertou-lhe a mão.

– Pede um desejo e sopra as velas.

A expressão de Darl acalmou-se e ela fitou com ar sério o pequeno bolo engraçado com as suas luzes frágeis.

– Desejo que tu e a Bell fossem da minha família.

Bell abriu um sorriso radiante e Eli sucumbiu a uma vaga quente de prazer misturado com um mau pressentimento e ansiedade.

– Não podes dizer o desejo em voz alta.

Bell susteve a respiração e concordou com um aceno veemente. Acreditava em magia com todo o seu coração.

– Assim não se realiza!

O olhar de Darl endureceu.

– Eu hei de fazer com que se realize. Seja lá como for. – Apagou as velas com um sopro decidido e ergueu os olhos para Eli.

Ele sentiu um aperto no coração. Tirou do bolso um pequeno embrulho de papel de seda branco, muito bem dobrado, e estendeu-lho. Darl abriu-o como se fosse a mais pura seda. Lá dentro, encontrou um pedaço de mármore muito bem polido e esculpido numa oval perfeita.

– Fi-lo para ti – disse Eli. Gravado no centro via-se um oito alongado. – É um símbolo matemático – explicou, atrapalhado. – Significa infinito. Para sempre.

Ela beijou-o. Pôs-se em bicos de pés antes de se aperceber sequer do que ia fazer, agarrou-lhe no

peito da camisa, puxou-o para si e deu-lhe um beijo rápido nos lábios. Eli ficou vermelho como um tomate e Darl também. Fitou-o nos olhos, mas afastou rapidamente o rosto, num raro acesso de timidez.

- Para sempre - murmurou.

Depois disso, nenhum deles sabia bem o que dizer. Sentaram-se no chão ao pé de um banco, a empurrar os balões que roçavam ternamente neles, a enfiar os dedos na cobertura branca e no bolo macio, sem olharem um para o outro enquanto comiam, nem para Bell, que se ria deles.

Eli saboreou cada instante e pensou que o seu coração se ia partir. Darl seria sempre a coisa mais doce do mundo. Para sempre.



Era um sábado quente e luminoso a meio de outubro. Lembro-me das silhuetas nítidas da longa fila de carvalhos que ladeavam o caminho de acesso ao Solar de Mármore, da quietude da terra, do silêncio dentro da mansão nesse dia. Uma chuva forte de outono fizera cair as últimas folhas das árvores na noite anterior. Os meus pensamentos estavam também despídos para o inverno que se avizinhava.

Sentei-me no banco da janela na biblioteca, enroscada nas almofadas, a aquecer-me ao sol enquanto lia avidamente um livro novo: *Era Uma Vez em Watership Down*. Algures na mansão, Swan estava ao telefone com o decorador e a empresa de *catering*, a planejar as festas dessa época em Burnt Stand e em Asheville. Matilda fora passar o fim de semana fora e Karen estava a fazer a sesta no meu quarto. Annie Gwen, que praticamente já geria sozinha a casa e a cozinha, limpava o pó na sala de estar.

Dentro de uma hora, planeava vestir o casaco e ir ter com Eli, Karen e Bell ao jardim. Fora forçada a ter aulas de dança formal para debutantes na escola de dança de Asheville, muito contrariada, e estava a ensinar a valsa a Eli. No entanto, ele não costumava dançar. Bell, Karen e eu baloiçávamo-nos e rodopiávamos enquanto ele se esticava no chão, ao sol, a rir das nossas patetices.

Os ponteiros do relógio por cima da lareira avançavam lentamente. Virei a página. Um som inesperado chegou-me aos ouvidos, mas ignorei-o como se fosse o zumbido de uma mosca. No entanto, foi aumentando de intensidade e levantei a cabeça. Um carro a subir o caminho. Não havia nada de estranho nisso. Swan devia ter convidado alguma senhora da cidade para uma visita. Todas elas sabiam que não era do seu interesse recusar um convite da minha avó.

- Eu abro a porta - gritei a Annie Gwen. Saí para o átrio alto e elegante, e espreitei pelos vidros ao lado das portas trabalhadas do Solar de Mármore. Era um *Trans Am* desportivo vermelho, a ronronar no caminho ladeado de carvalhos. Isso despertou-me a curiosidade. Swan não costumava dar-se com o tipo de pessoas que conduzia um *Trans Am*. O carro tinha a capota fechada e não consegui ver o condutor. Abri as portas maciças, ladeadas por dois cedros esguios em grandes vasos de mármore. Aqueci-me no calor de outono e semicerrei os olhos para ver melhor.

Uma mulher. Uma mulher de cabelo escuro, olhos ocultos por óculos de sol, atrás do volante do carro encarnado. Virou para o pátio, quase derrubando um canteiro de arbustos muito bem aparados. Os pneus guincharam quando travou a centímetros dos degraus polidos do alpendre. Aquela entrada dramática deixou-me estupefacta. A mulher abriu a porta do carro e saiu. Botas vermelhas de salto alto sobre os tijolos rosa. Calças de ganga caras e justas sobre as pernas magras e compridas. Endireitou os ombros por baixo do blusão de cabedal com franjas. Os seios voluptuosos esticavam os botões de uma camisa branca tão transparente que eu conseguia ver o *soutien* preto e reduzido por baixo. Tinha os lábios pintados de cor de cereja, o cabelo preso numa nuvem de caracóis.

Fitei-a de boca aberta. Uma mulher selvagem à nossa porta.

Ela fitou-me diretamente com um sorriso atrevido nos lábios que lhe fez surgir algumas rugas nas faces, e reparei na pele ligeiramente flácida do maxilar. Não era tão jovem como queria parecer, mas era exatamente tão sarcástica como pretendia ser.

- Vejam bem: és mesmo a copiazinha perfeita do raio da tua avó - disse, com sotaque arrastado.

A raiva espicçou-me a pele. Fechei a boca e ergui a cabeça com altivez.

- Minha senhora, só pessoas ordinárias é que falam comigo dessa maneira.

Ela riu-se.

- Valha-me Deus! Tal e qual a Swan!

Atrás de mim, as portas da mansão abriram-se com um sussurro elegante. Virei-me rapidamente

e vi Swan, a olhar para a nossa visitante. Não podiam ser mais diferentes, em modos e em indumentária. Swan parecia um retrato de uma revista de moda, com a habitual roupa casual de fim de semana, mais precisamente calças feitas à medida e uma camisola de malha cinzenta com um colar de pérolas. A visitante parecia tirada do cartaz de um restaurante à beira da estrada.

Nenhuma delas falou. Os olhos de Swan, frios como o gelo azul do Ártico, não se desviaram da outra mulher, que devolveu o olhar com ar mal-humorado. O silêncio prolongou-se. Eu estava a sustentar a respiração há tanto tempo que me doíam os pulmões. Eram como pistoleiros num filme do Velho Oeste, cada uma a desafiar a outra.

- Saquem - murmurei em tom urgente.

A visitante tirou os óculos escuros e não consegui conter uma exclamação. Uns olhos azuis Hardigree fixaram Swan, como um mangusto a olhar para uma cobra.

- Olá, irmã - cumprimentou a mulher.

Swan respondeu num silvo.

- Olá, Clara.

- E depois tirou quatro ou cinco malas enormes do carro e arrastou-as para dentro - continuei rapidamente, com as palavras a tropeçarem umas nas outras. - A minha avó ficou ali parada a olhar. Não disse «Para», nem «Não», nem «Não és bem-vinda aqui». Limitou-se a deixá-la entrar. E assim a minha... a minha tia-avó Clara levou as malas todas para cima, para o maior quarto de hóspedes da casa, e bateu com a porta. E a avó foi para o escritório dela e fechou a porta. E eu fiquei ali, com os olhos tão arregalados que estava a ver que me saltavam da cara, a tentar perceber o que ia acontecer a seguir.

Eli, Karen e Bell estavam sentados à minha frente no Jardim das Flores de Pedra. Eli ouvia-me com uma expressão de concentração no rosto anguloso. Bell tinha a boca aberta num permanente «Oh!» de estupefação. Karen assobiou baixinho. Por fim, Eli franziu a testa com ar pensativo e abanou a cabeça.

- Bom, não tem nada a ver contigo e é só isso que me interessa.

Inclinei-me para ele.

- Alguma vez ouviram a vossa mãe dizer alguma coisa sobre a minha avó e a Clara? Tenho a certeza de que a Matilda sabe coisas que não nos quer contar, mas talvez tenha feito algum comentário à vossa mãe.

- A mamã é tão caladinha como um rato - murmurou Bell. - Eu saio a ela.

- Tenho de descobrir o que se passa. A avó e a Clara odeiam-se. Mas ninguém me explica porquê. Eli franziu a testa e empurrou os óculos para cima.

- Não podes é meter-te no meio delas. Se elas começarem à pancada, ou pegarem em armas ou dispararem mísseis atômicos, grita que eu vou buscar-te.

Senti o coração a derreter.

- Quando as bombas forem disparadas, escondi-me ao lado do lago e berro: «Para baixo!»

Desatámos todos a rir - era o efeito que tínhamos uns nos outros, mesmo nos piores momentos. No meio dos risos ouvimos um som distante. Karen e eu levantámo-nos de um salto, aflitas. Era o sino pendurado num poste de carvalho no jardim das traseiras. A avó e Matilda tocavam-no para nos chamar quando andávamos a brincar no bosque.

- Temos de ir.

Eli e Bell também se levantaram.

- Tem cuidado com a Clara! - avisou-me Bell. Abracei-a.

- Não tenho medo dela. Usa tanto vermelho que a veria aproximar-se a um quilómetro. Não consegue apanhar-me distraída.

Eli franziu a testa. Eu adorava fitar aqueles seus olhos protetores, tão doces como o mel.

- Grita se precisares de mim - repetiu, baixinho. - Promete-me.

Só me apetecia beijá-lo. Controlei os meus impulsos e assenti com um aceno silencioso.

Um nó de ansiedade apertou-me o estômago assim que Karen e eu avistámos o terraço. Matilda estava lá em cima à nossa espera. O seu cabelo castanho, agora com alguns fios grisalhos, não se mexia sob a brisa da tarde, e tinha o rosto moreno fixo numa expressão preocupada, o corpo tenso no vestido de lã. Subimos rapidamente os degraus de pedra.

- Darl, vai preparar a tua mala de fim de semana - ordenou ela secamente. - A tua avó decidiu

que vais passar uns dias em minha casa, com a Karen.

- Boa! - exclamou Karen, contente.

- A avó e a Clara vão discutir? - perguntei.

- A Clara veio à procura de dinheiro e, assim que conseguir o que quer, vai-se embora. É apenas uma questão de quanto a tua avó está disposta a dar-lhe, e quando, e de quanto tempo a Clara está disposta a esperar.

Eu nem queria acreditar que Matilda nos estava a dizer aquilo. Era mais do que alguém admitira perante nós no passado.

Peguei na mão de Karen e corremos para o meu quarto para fazer a mala. Eu sentia a tensão na casa através do silêncio furtivo e desconcertante da avó e da irmã dela, e fiquei à espera de que aquelas bombas de olhos azuis explodissem no meu mundo.

- Não me importo de estar aqui - murmurei a Karen nessa noite, ambas encolhidas debaixo do edredão de penas na sua cama de dossel. O quarto estava decorado em tons de creme e amarelo vivo. Até a fotografia do pai de Karen, o herói morto no Vietname, com o seu uniforme de Marine, se encontrava numa moldura creme e amarela, em cima da cómoda. - Não é cor-de-rosa.

Ela aconchegou-se mais a mim na sua camisa de dormir de flanela. Os dias na montanha podiam até ser quentes no inverno, mas à noite arrefecia sempre.

- Se não fosses uma menina branca, podias vir visitar-nos mais vezes. As pessoas não fariam.

- Queria mesmo que fosses tu a passar a noite no Solar de Mármore comigo. Ninguém se atreve a falar mal dos hóspedes da minha avó.

Ela soltou uma risada desdenhosa perante a minha ingenuidade e suspirou.

- Quem me dera que fôssemos irmãs.

- Eu também. - Demos as mãos. - Não seríamos como a minha avó e a Clara. Havíamos de gostar uma da outra.

- Só que as pessoas não deixariam. Eu sou preta, Darl.

A palavra ficou suspensa no ar como um demónio feito de sombras. Ela dissera-a tão naturalmente que não tinha muito poder. No entanto, nem mesmo nas nossas vidas protegidas era possível escapar-lhe por completo. Olhei na escuridão para as paredes claras, para a renda amarela nas cortinas cremes, e até para a moldura amarela onde o pai negro de Karen nos fitava com orgulho sob a luz de presença amarela.

- Não me interessa o que as pessoas dizem.

- Não sabes o que nos chamam, a mim e à minha avó, quando vamos a algum lado sozinhas.

- Nunca se atreveriam! A Swan não permitiria.

- Não é aqui. Quando vamos a Asheville, as senhoras olham-nos de lado nas lojas. Uma vez, ouvi uma delas comentar: «Valha-me Deus, olhe para estas pretas, armadas em elegantes.» E quando parámos para meter gasolina numa estação de serviço, o homem que nos atendeu disse à minha avó: «Deve trabalhar para uma senhora branca rica, para ela deixar uma preta conduzir um carro destes.» É sempre assim, Darl. É por isso que eu e a avó *nunca* vamos para longe sozinhas.

- Hei de proteger-te sempre. Juro.

Ela riu-se.

- Não quero que me protejas, palerma. Além disso, não podias. O resto do mundo não é como Burnt Stand.

Senti o coração dorido. De que adiantava ter dinheiro e poder se era impotente para defender as pessoas que mais amava?

- Raios... Raios!

Capítulo 5

No dia seguinte à tarde, Matilda saiu para tratar de alguns assuntos e Karen adormeceu no sofá da sala com os manuais escolares abertos à sua volta e um episódio proibido da série *Days of Our Lives* a passar numa velha televisão a preto e branco – a única cedência de Matilda a entretenimentos mais vulgares. Enfie um casaco cor-de-rosa de malha por cima da saia de lã cor-de-rosa e da blusa cor-de-rosa, escapuli-me da bonita vivenda de Matilda com os meus ténis cor-de-rosa e caminhei um quilómetro e meio em direção a oeste, por entre os bosques acidentados e pelos caminhos de terra estreitos das quintas isoladas na montanha.

A tarde de outubro estava quente; tive de despir o casaco, que atei à cintura. Quando por fim subi o caminho do Solar de Mármore, o sol lançava sombras profundas por entre as folhas douradas das árvores. Ainda não eram cinco horas, por isso sabia que Swan devia estar ou no escritório, na pedreira, ou na loja, na cidade. Passei à frente da casa e atravessei o jardim de buxos de um dos lados. Tinha a chave da porta da cozinha e tencionava usá-la e procurar silenciosamente Clara dentro da mansão para ver se a sua aura letal crepitava como gelo sob o ar quente do outono.

Não precisei de procurar muito. Saí do jardim de buxos por um portão de ferro forjado no muro alto de mármore que delimitava esse lado do jardim e ali, sentada ao sol ao lado da piscina, numa espreguiçadeira de verga branca coberta de almofadas, estava Clara.

Completamente nua.

Parei, como um veado perante um cão selvagem, na esperança de que o mero facto de estar imóvel conseguisse camuflar-me contra o muro rosa do jardim. Talvez fosse por isso que Swan sempre me vestira de cor-de-rosa – para a minha própria segurança. Mas era tarde de mais. A cadeira de Clara estava virada para mim. Ela ergueu um pouco a cabeça e um sorriso irónico percorreu-lhe o rosto. Não lhe conseguia ver os olhos, escondidos atrás dos óculos escuros grandes, octogonais, de armações brancas, que lhe davam a aparência alienígena de um inseto mutante num filme de terror. Talvez estivesse a pensar em comer-me viva, só pela piada. O cabelo castanho pintado caía de um carrapito em caracóis largos. As pernas compridas e magras estremeceram de forma provocadora quando cruzou os tornozelos.

Tinha quarenta e oito anos de idade, mas ainda possuía o corpo esguio que tornava as mulheres Hardigree tão sedutoras e tão rápidas a atacar. Eu nunca tinha visto com os meus olhos uma pessoa despida, muito menos alguém de família. Não conseguia desviar o olhar dos seios nus, empinados no peito e artificialmente redondos, e tentei desesperadamente não reparar em nada da cintura para baixo.

– Anda cá, minha querida Darl – chamou-me ela num tom suave. Fiquei surpreendida com a aparente amabilidade. – Eu não mordo.

– Vim só fazer uma... ah... uma visita, minha senhora. Vim buscar umas roupas.

– Sim, claro. – Ela deslizou para baixo sobre a grande toalha azul, que arrastava no chão de mármore do pátio. Como que para não ofender a minha modéstia, puxou uma das pontas e tapou as virilhas, embora sem fazer qualquer tentativa de cobrir os seios. – Anda cá fazer-me um bocadinho de companhia. – Indicou uma cadeira de verga. Quando viu que eu não me mexia, as sobancelhas ergueram-se acima da armação dos óculos. – Não tens medo da tua tia-avó, pois não, querida? Não acredito que a Swan criou uma cobarde.

Marchei em direção a ela com dignidade grave. Um aroma pungente atingiu-me as narinas e vi o cinzeiro meio escondido debaixo da cadeira. Um estranho cigarro artesanal nele poisado espalhava o seu aroma pelo ar, ao lado de um dos melhores copos *Baccarat* de Swan, vazio. Eu sabia muito sobre álcool, mas nunca tinha sentido o cheiro de marijuana. Sentei-me à beira da cadeira, com os joelhos bem juntos, como se aquele cheiro exótico pudesse enfiar-se pela minha saia e dar-me vontade de despir também a roupa toda.

Depois de me acalmar um pouco reparei no colar. O pendente de mármore e diamante suspenso de um fio de ouro em volta do pescoço de Clara, tal como do meu e do de Swan. O meu coração encheu-se de alívio. Clara não podia ser assim tão má, se continuava a honrar as tradições Hardigree.

– Também tenho um pendente desses, minha senhora. – Tirei-o de dentro da gola da blusa.

Ela soltou uma risada rouca.

– Marcadas para a vida. Devia arrancar o meu e atirá-lo para a sanita mais próxima, mas é

praticamente a única coisa da minha mãe que pude guardar quando a Swan me expulsou da cidade. Tinha apenas dezasseis anos, na altura. Sabes essa história?

Funguei, insegura.

- Não, minha senhora. - Levantei-me. - É melhor ir andando. Tenho de ir buscar as roupas.

Clara levantou a mão com as unhas compridas e bem tratadas, num gesto tranquilizador.

- Só estou a reclamar contigo porque estou entediada. Não posso deixar as instalações. - Riu-se.

- A Swan pôs-me em prisão domiciliária.

- O que... o que é que fez, minha senhora?

- Nasci com todas as piores características da família, minha querida Darl, a acreditar na Swan.

Enfiei a mão no bolso da saia e apertei a pedra de mármore polido que Eli me oferecera. Clara assustava-me e precisava da sensação reconfortante do talismã.

- Ela nunca me falou muito sobre si.

- Claro que não. Eu vivo no lado escuro do planeta Hardigree. Onde está a diversão toda. - Inclinou-se para a frente. Os seios baloiçaram. Eu sentia-me hipnotizada. Clara sorriu. - Podia contar-te histórias sobre a nossa família... mas não o farei.

Apertei mais a pedra. Tinha a palma da mão húmida por causa dos nervos e a pedra escorregou como se estivesse oleada. Saltou do bolso para as lajes do pátio, como uma criatura viva, e deslizou até junto de Clara, que baixou a mão e a apanhou.

- Oh, tens um amuleto de mármore? Que querida. O que significa o oito?

- Nada, minha senhora. - Estendi a mão. - Pode devolver-mo, se faz favor?

- Não. - Fechou a mão sobre a pedra. - Diz-me o que significa ou atiro-o para a piscina.

Estremeci.

- O oito não significa nada. A sério. Nada. E tudo. Não é um oito. É para se ver de lado. É um símbolo matemático. Quer dizer «infinito». Para sempre.

- Hum... Meu Deus, és uma intelectualzinha, não és?

- Pode devolver-ma agora, por favor?

- Ainda não. - Abriu a mão, virou a pedra e estudou o outro lado. Soltou um risinho desagradável.

- Ah, agora sim. Um coração. E iniciais. D. U. Estas são as tuas. E. W. Hum... A Darl tem um namorado. Quem é o E. W.?

- É só um amigo.

- Não, é um namorado. E sabe trabalhar a pedra.

- Não, minha senhora. Não.

Ela riu-se.

- O filho de um canteiro, então! Oh, merda, mas isso é perfeito! - Levou as mãos aos seios, recostou-se na cadeira e riu-se como um camionista. Enquanto isso, atirou-me a pedra. Agarrei-a no ar e voltei a guardá-la no bolso da saia. Clara baixou os óculos escuros para a ponta do nariz e fitou-me com ar divertido e, ao mesmo tempo, irritado. - Não percebes? A Swan está a tentar sugar-te a vida, mas foste atingida pela maldição da família. Sabes, é que não conseguimos afastar-nos dos homens que trabalham a pedra... e quanto mais sujos, melhor. Deixa-o depressa, querida. Ele vai arruinar-te, matar-te ou partir-te o coração. E, se ele não o fizer, a Swan trata disso.

Ela era tão arrogante, tão cruel. O meu orgulho sobrepôs-se ao bom senso.

- O meu *namorado* é a pessoa mais inteligente da cidade, um génio, e nunca faria nada para me magoar. A avó até o contratou para trabalhar no escritório, a fazer a contabilidade. Daqui a alguns anos vai para a universidade. Não vai cortar pedra a vida toda. E não é sujo!

- Oh, é sim; e vai cortar pedra, podes ter a certeza, de uma maneira ou de outra. É bonito? - A expressão astuta regressou-lhe ao rosto. - Bonito e rude? É assim que gostamos dos nossos homens. Em bruto. Pobres e orgulhosos, mas não tão orgulhosos que não façam aquilo que nós queremos. Trata-o como um cachorrinho de estimação agora, querida. Mas quando ele tiver idade para te cuspir em cima, livra-te dele. Ou a Swan fá-lo-á por ti.

A fúria fez-me ferver o sangue. Avancei para ela de punhos cerrados.

- A senhora tem uma cabeça suja e uma boca ainda mais suja. Já percebi por que motivo a avó nunca a convida para nos vir visitar. Pois bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa. O Eli Wade é o melhor rapaz do mundo. E...

- Como é que disseste que ele se chama? - inquiriu ela, de boca aberta.

- Eli Wade. Os pais e a irmã e ele chegaram aqui há três anos e são bons trabalhadores. Vivem na Vivenda de Pedra. A mãe dele trabalha como empregada com a Matilda, o que significa que é boa pessoa. E a minha avó concedeu favores especiais aos Wades... e toda a gente sabe que ela não faria isso se fossem pessoas ordinárias. E...

- Wade. Wade? Oh, meu Deus. - Clara arrancou os óculos escuros do rosto e olhou para mim como se, por mais que repetisse o nome, não conseguisse acreditar. Para variar, não havia sinais de humor ou sarcasmo nos seus olhos. Parecia aturdida. - Wade... Tens a certeza de que é esse o apelido deles?

Recuei dois passos. A intensidade dela estava a enervar-me.

- Tenho.

- De onde é que vieram?

- Do Tennessee.

- E como é que eles são? Como é que é o pai do Eli?

- Não sei o que quer dizer com isso. É um homem grande e alto, com braços musculados, calado...

- Tem cabelo e olhos escuros?

- Sim, mas...

- Raios me partam! - Olhou para o vazio, com os olhos a moverem-se de um lado para o outro como se estivesse a comparar informações num quadro mental. Fitei-a, ansiosa e confusa. Depois, ela levantou-se de um salto e enrolou a toalha à volta do corpo como uma toga. Tremia e o seu olhar era quase febril.

- Sai daqui - ordenou-me -, e não digas a ninguém que estivemos a falar sobre os Wades. E não te atrevas a contar que eu vou à cidade. - Qualquer aparência de afeto ou mesmo de cinismo tolerante tinham desaparecido.

- Pensei que não estava autorizada a sair daqui.

- Isso era antes. O jogo mudou completamente... se aquilo que eu estou a pensar for verdade. - Atirou a cabeça para trás e soltou um gemido furioso. - Swan e Matilda - sussurrou -, suas cabras mentirosas.

Dirigiu-se à casa, abriu uma das portadas que davam para o pátio e entrou intempestivamente. Eu fiquei onde estava, chocada, e senti o temor apoderar-se de mim.

Até ali, Clara estivera presa por magia, como se fosse um demónio ou um espírito mau.

E, sem saber bem como, eu libertara-a.



A cabeça de Eli era um turbilhão de sonhos para o futuro. A sorte não vinha em acasos isolados - convencera-se disso ao ver que tudo o que acontecia à avó de Darl parecia ser bom. A boa sorte era uma soma que se multiplicava em razões tão puras como a própria vida. Depois de o cálculo começar a ser feito mentalmente, se acreditássemos nos números, a sorte crescia.

E agora tinha chegado à família Wade.

- Vamos celebrar, filho - declarou o paizinho, exibindo um raro sorriso e com os olhos a brilhar, enquanto o empregado atrás do balcão do Bar do Neddler colocava uma caneca alta de cerveja à frente dele e um pequeno copo também de cerveja à frente de Eli. O bar, que ficava no meio do bosque, numa estrada secundária nos arredores de Burnt Stand, era uma espécie de barracão com um telhado de chapa ondulada. O chão era feito de restos de mármore, e o balcão, de uma laje da mesma pedra. Nas paredes de tábuas, entre as cabeças de veado empalhadas e os letreiros de néon de publicidade a cerveja que tapavam as janelas, havia fotografias da pedreira. Tinha uma *jukebox*, mesas de bilhar e cheirava a casa de banho.

- Ao Jasper Wade, o novo capataz - gritou um homem, e várias dezenas de canteiros levantaram-se com as canecas ou garrafas na mão. - *Patrão Wade, patrão Wade* - entoaram. Eli levantou-se e pegou no seu precioso copo de cerveja.

- Ao meu paizinho - declarou, orgulhoso. - O patrão Wade.

Todos beberam. A cerveja deslizou pela garganta de Eli como um tónico amargo. Esforçando-se para conter o vômito, pousou o copo no balcão e sorriu ao pai, que soltou uma gargalhada. O paizinho nunca parecera tão feliz em toda a sua vida.

- Daqui a nada vamos para casa, dar as boas notícias à tua mãe e à Bell - disse. - E sabes que mais? Quando receber o primeiro salário com o aumento, vamos todos comer fora. A um restaurante

em Asheville. Com toalhas de mesa e velas.

- Que bom, paizinho. - Eli içou-se cuidadosamente para o banco de bar. Sentia as pernas bambas, mas de súbito apercebeu-se de que já chegava com os pés ao apoio do banco alto quase tão facilmente como o pai. Media perto de um metro e oitenta. Era quase um homem. Ajeitou os óculos e podia jurar que o mundo estava diferente, melhor, de dia para dia. Se o paizinho podia chegar a capataz mesmo sem saber ler, então as possibilidades eram infinitas.

Eli pensou em Darl, que o fazia sentir-se capaz de mover montanhas. *Vou entrar na universidade por mérito próprio*, pensou, entusiasmado. *Não preciso da bolsa. Assim, depois não tenho de voltar para aqui e trabalhar nos Mármore Hardigree para pagar à Swan*. Voltaria por Darl quando ela tivesse idade suficiente, porque nessa altura Eli já seria um homem licenciado e rico, sem sombra de dúvida. Levaria a família dali, e Darl também. Iriam ver o mundo, e o mundo vê-los-ia.

A porta de madeira do bar abriu-se e a corrente do trinco chocalhou. Todas as cabeças se viraram para ver quem era o recém-chegado. Um raio de sol de outono penetrou no interior sombrio e cheio de fumo. Eli franziu os olhos e viu uma silhueta feminina recortada contra a claridade da porta. Pernas compridas, calças de ganga justas, botas de salto alto com sola grossa, o peito apertado numa blusa, o cabelo ondulado caído sobre os ombros. A silhueta entrou e um homem perto da entrada apressou-se a fechar a porta.

A *jukebox* estava entre canções e o silêncio abateu-se sobre o bar quando todas as conversas cessaram. Os homens pararam, com os tacos suspensos sobre as mesas de bilhar, de boca aberta e olhos postos nela. Tudo naquela mulher gritava «sexo» em letras tão coloridas como os letreiros de néon do bar. À luz fraca, quase conseguia passar por uma mulher com menos de trinta anos, mas os seus olhos azuis eram os de um predador, como um velho falcão. Sacudiu um caracol escuro do rosto e perscrutou o bar como se fosse capaz de liquidar qualquer homem ali presente com um mero olhar. Eli sentiu um arrepio de alarme e curiosidade percorrer-lhe a espinha e terminar nas virilhas. Corou. Quem seria esta mulher estranhamente familiar?

Creighton Neddler, o velho dono do bar, foi o primeiro a regressar à vida.

- Menina Hardigree - disse em voz alta, olhando em volta como que para se certificar de que todos os homens no bar tinham ouvido o nome. - Ah... é um prazer recebê-la. Posso servir-lhe uma cerveja?

Ela nem se deu ao trabalho de responder, continuando a analisar os homens ali presentes. Eli susteve a respiração. *Hardigree. Seria a tia-avó de Darl, Clara?* Isso significava que devia ter quase a mesma idade de Swan, idade para ser avó de alguém. Lançou um olhar ao pai, cuja expressão dizia que tudo o que estivesse relacionado com a presença de uma mulher Hardigree num bar, fosse qual fosse a sua idade, nunca poderia ser bom para os homens que dependiam dos cheques de Swan para viver.

O pai pousou a caneca de cerveja e levantou-se. Tinha de cuidar dos seus homens. A sua voz arrastada, profunda e rude, mas firme, ecoou pelo bar.

- Minha senhora, sou o novo capataz dos Mármore Hardigree. Chamo-me Jasper Wade. Em que posso ajudá-la? Está à procura de alguém?

O olhar dela fixou-se nele como uma corrente elétrica. Com um relance, a mulher vislumbrou Eli, mas ignorou-o, e os seus olhos, semicerrados, perscrutaram o pai do rapaz. Inclinou a cabeça para o inspecionar de outro ângulo e, para estupefação de Eli, a sua expressão era um misto de raiva e dor. Depois, endireitou bruscamente a cabeça, aproximou-se de Jasper Wade e parou perto o suficiente para lhe tocar.

O que fez, inesperadamente.

Eli quase se engasgou quando a mulher levantou a mão e passou os dedos pelo queixo do paizinho. Os ombros dele ficaram tensos e afastou bruscamente a cabeça. Então, ela acariciou-lhe a face. Eli fez um esforço para não gritar: «Deixe-o em paz!»

O paizinho não podia empurrá-la: nunca agiria com violência para com uma mulher, porque o paizinho não maltratava mulheres, fosse por que razão fosse. Mas também não podia recuar, porque isso não o deixaria bem visto aos olhos dos outros homens. Estavam todos a olhar para eles.

- Minha senhora - disse o paizinho em tom tenso -, agradeço-lhe que se afaste de mim. Sou um homem casado e, se continuar a fazer isso, terei de ser eu a afastá-la.

Ela baixou a mão, mas continuou a estudá-lo, com a cabeça inclinada para trás e o peito a subir a

cada inspiração. A amargura invadiu-lhe os olhos. Sorriu.

- É muito parecido com ele, sim. Só pode ser verdade. O seu pai chamava-se Anthony Wade, não era?

Após um instante de silêncio aturdido, o paizinho respondeu, desconfiado: - Sim, minha senhora. Uma exclamação abafada brotou dos lábios dela.

- De Wichitaw, Tennessee.

- Sim, senhora.

- A pedreira dos Mármore Payson. Foi onde ele trabalhou em Wichitaw, antes de vir para cá.

Eli estava mudo de espanto. O que é que se estava a passar ali? Quando se encostou ao pai e olhou para o seu rosto, viu que a estupefação dele não era menor.

- Minha senhora, o meu pai morreu quando eu era pequeno, há uns bons trinta anos. Não sei onde quer chegar. Conheceu-o?

Ela riu-se.

- Se o conheci? Oh, conheci-o, sim... antes de você nascer. Quando ele era o falatório da cidade por estes lados. Não havia homem capaz de cortar pedra como o Anthony Wade. - Inclinou a cabeça e enfatizou as palavras, conferindo-lhes uma entoação desagradável.

O paizinho corou.

- Minha senhora, o meu pai nunca viveu na Carolina do Norte e nunca trabalhou para os Mármore Hardigree.

- Como sabe? Já lhe disse que foi antes de você nascer. Pode ter a certeza de que ele viveu aqui. - Fez uma pausa e depois ergueu a voz. - Foi a minha mãe que o trouxe para cá. Ele construiu o Solar de Mármore e todas as Casas Estha da cidade. Construiu a Vivenda de Pedra e até o Jardim das Flores de Pedra. - Sorriu como um gato. - Fez tudo o que ela lhe mandou fazer... e construiu esta cidade.

Eli mal conseguia respirar. O avô Wade, o avô inválido e alcoólico, fizera tudo aquilo? Estavam a viver numa casa feita da pedra que ele cortara e assentara com as próprias mãos? Esculpira as estátuas fabulosas do Jardim das Flores de Pedra e trabalhara o mármore que compunha todas as casas boas da cidade? Porque guardara segredo de toda essa glória? O paizinho parecia confuso. Em volta deles, os outros homens fitavam-nos, num silêncio elétrico.

- Minha senhora - disse o paizinho, por fim -, acho que saberia se o meu próprio pai tivesse feito algo tão importante. Julgo que ele o teria mencionado à minha mãe. Parece-me que se enganou na pessoa.

Ela deu mais um passo em frente. Cheirava a perfume e ao ar fresco da noite. Os seus olhos cintilaram. Tocou no rosto do paizinho novamente, pressionando uma unha na pele da face. Ele recuou. Os olhos dela faiscaram.

- Ele não queria que ninguém soubesse - declarou em voz baixa -, porque era um homem comprado. *Era o prostituto da minha mãe.*

O paizinho recuou como se ela o tivesse esbofeteado. Virou-se lentamente e colocou uma mão sobre o ombro de Eli.

- Vamos embora, filho. Agora mesmo. - Depois, virou-se para Clara Hardigree. - Não acredito numa única palavra sua, mas garanto-lhe que, se fosse um homem, matava-a.

Matava-a. A ameaça violenta deixou-a indiferente, mas Eli sentiu-se agoniado. O paizinho empurrou-o com firmeza e passaram por ela em direção à porta. Eli sentiu os cabelos da nuca arrepiados. Todos os colegas do paizinho na pedreira, os homens que agora lhe chamavam «patrão Wade», uma expressão de respeito, estavam a assistir a esta humilhação terrível.

- E mais uma coisa - acrescentou Clara Hardigree quando eles estavam a chegar à porta, suficientemente alto para todos a conseguirem ouvir. - Sei muito bem como o seu pai ficou aleijado. Uma dúzia dos seus próprios homens... dos canteiros... expulsaram-no da cidade e quase o mataram à pancada. Quer saber porquê?

O mundo estava a explodir. Eli afastou os pés para se equilibrar enquanto via o sangue fugir do rosto do paizinho. Clara Hardigree sorriu.

- Porque ele não era só um prostituto. Era também um amante de pretas. Espero que tenha sido simpático com a neta da Matilda Dove. - Clara fez uma pausa, saboreando o golpe de misericórdia. - Porque é também neta dele.

Regressei a casa de Matilda ao final da tarde e Karen gritou de fúria quando lhe contei a aventura que tivera sem ela. Porém, ao sentir o meu desespero, acalmou-se rapidamente e trancámo-nos no quarto dela. Passámos o resto da tarde a discutir o meu encontro com Clara e os possíveis significados do seu estranho comportamento.

Matilda voltou à hora de jantar, com ar cansado e distraído, depois de andar a tratar dos assuntos de Swan. Jantámos sanduíches de atum e sopa de legumes. Eu queria confessar-lhe o que sucedera com Clara, mas as palavras ficaram-me presas na garganta. Matilda vestiu um roupão azul comprido e sentou-se na sala com um pequeno copo de *bourbon* puro na mão. Eu nunca a vira beber antes.

- Muito bem, as notícias são estas - disse-nos, finalmente. - A Clara foi à cidade e ninguém sabe onde. Prometeu à Swan que não sairia do Solar de Mármore, mas não cumpriu. Se, por algum motivo, ela passar por esta casa, espero que vocês as duas subam imediatamente e não ponham sequer o nariz de fora do quarto enquanto eu falo com ela.

- Porque ela é má pessoa? - perguntou Karen com ar inocente, lançando-me um olhar cúmplice.

- Sim - respondeu Matilda sem rodeios. - É cruel e irresponsável e tem muito má reputação nesta cidade. É tudo o que vos posso dizer. A Swan lida com a situação o melhor que pode, e nós temos de fazer o que pudermos para a ajudar.

- Talvez ela não volte. Talvez tenha regressado a Chicago - sugeri.

Matilda olhou para mim.

- Não, Darl. O mal nunca se retira assim tão facilmente.

Clara andava lá fora, algures, a fazer coisas terríveis, e era tudo por minha causa.

Capítulo 6

Mesmo nos dias piores dos tempos maus, Eli nunca vira o paizinho como naquela noite, depois de regressarem do bar.

- Vai correr tudo bem, Jasper - confortou-o a mãezinha. Estava sentada no chão aos pés de Jasper, de rosto erguido para o marido, com uma expressão de súplica chorosa, e os braços à volta das pernas dele.

O paizinho estava encolhido na grande poltrona que a mãezinha mandara vir da Sears como presente de aniversário para ele nesse verão. Tinha a cabeça entre as mãos. Troncos de carvalho ardiam na lareira de mármore, lançando sombras acima dos candeeiros e na prateleira onde a mãezinha mantinha a sua coleção de cerâmicas baratas. A sala de Vivenda de Pedra estava quente e acolhedora, como a mãezinha conseguia sempre torná-la, mas neste momento nem isso servia de consolo.

Eli não conseguia parar de olhar para a pequena fotografia do avô Wade. Bell estava agarrada ao irmão, com os braços à volta da sua cintura e o rosto molhado das lágrimas encostado à barriga dele. O paizinho não estava a chorar, mas Eli ouviu agonia pura na sua voz.

- Estou acabado. Se o que aquela mulher disse for verdade, o nome Wade não será mais nada senão uma piada de mau gosto nesta terra de hoje em diante.

A mamã abraçou-o.

- É mentira, Jasper. A Clara Hardigree é louca e cruel. Toda a gente diz que ela nunca fez mais nada exceto arranjar problemas. A menina Swan não consegue suportá-la, embora não queira que as outras pessoas saibam como ela é. Foi por isso que a menina Matilda me pediu para não ir trabalhar enquanto a Clara lá estivesse.

O paizinho fitou-a com uma expressão desesperada, mas paciente.

- Annie Gwen, não percebes? A menina Swan e a menina Matilda estavam só a tentar que ela não descobrisse o nosso nome. *Wade*. Estavam a tentar manter-nos escondidos.

A mamã soltou uma exclamação de choque. Ficaram sentados em silêncio, cabisbaixos. Nenhum deles era muito expressivo, e ambos usavam as ações, e não as palavras, para mostrar o que lhes ia no coração. Infeliz, Eli viu o pai acariciar o cabelo da mulher e as suas costas magras.

- Nunca fui um homem inteligente, nem sequer consigo aprender a ler, mas esforcei-me tanto para que te orgulhasses de mim. Desculpa.

A mãezinha apertou-lhe a mão.

- E eu *orgulho-me* de ti. O que o teu paizinho fez há quarenta anos não tem nada a ver contigo. E se ter parentes de cor fosse motivo de vergonha, então quase todos os brancos deste mundo teriam algo a esconder.

O paizinho segurou-lhe no queixo e fitou-a com intensidade.

- Sabes que a minha mãe me educou para tratar bem as pessoas de cor e, de qualquer maneira, pouco falta à Matilda e à Karen para serem brancas; mas, Annie Gwen... há homens na pedreira que odeiam negros e tudo o que tenha a ver com eles. E agora sou capataz desses homens. Daqui para a frente, tudo o que vão ver quando olharem para mim é um homem que tem parentes de cor na cidade.

Ela abanou a cabeça com veemência.

- Ouve-me bem. Não devemos ter vivido em sítio mais justo do que este. A menina Swan não tolera disparates e mesquinhices. Tenho a certeza de que meia dúzia de cabeças duras na pedreira não a farão mudar de ideias quanto ao teu novo cargo.

O paizinho puxou-a para si.

- Tudo o que temos aqui é nosso por direito, conquistado com trabalho, suor e lágrimas. Merecido. Juro, perante ti e perante Deus... que não me vou embora daqui sem lutar.

Eli estava deitado às escuras, na cama ao lado de Bell, a ouvir o murmúrio baixo das vozes dos pais, que continuaram a conversar pela noite dentro. O ambiente era desconfortável e infeliz: não despira as calças de ganga nem a camisola, tal como Bell que, mergulhada num sono agitado, ainda estava completamente vestida. Ouviu o paizinho e a mãezinha saírem para o corredor, e o tilintar das chaves da carrinha.

- Vou só perguntar ao Creighton Neddler o que os homens disseram depois de eu sair - prometeu o paizinho em voz baixa.

Eli sentou-se na cama para ouvir melhor a resposta ansiosa da mãe.

- Por favor, deixa isso para amanhã de manhã.

- Não consigo. Está a matar-me. Não me demoro. Não fiques preocupada.

Era a segunda vez nesse dia que ouvia o paizinho falar em morte. Eli saltou da cama, abriu uma janela e saiu silenciosamente. Antes de o pai enfiar a chave na ignição da carrinha, escondera-se na caixa fechada, com a mão no fecho interior da porta.

Não deixaria o paizinho lutar sozinho. As hipóteses estavam contra ele.

Eli estremeceu na caixa fria da carrinha e espreitou furtivamente pelo vidro rachado da janela de trás. O Bar do Neddler não era um sítio bonito durante o dia, e parecia ainda pior àquela hora da noite. O parque de estacionamento estava iluminado apenas por uma lâmpada presa no cimo de um poste de eletricidade. O ar frio da montanha descia a encosta e envolvia os ramos nus das árvores.

Além de duas outras carrinhas e do carro de Neddler, estava apenas uma viatura no parque de estacionamento escuro - o *Trans Am* vermelho como sangue de Clara. Ela teria ficado até agora no bar? *Valha-me Deus*, pensou Eli. *Que tipo de mulher faria isso?*

Abriu a porta, levantou-a e saiu pela parte de trás da carrinha. Correu rapidamente para as sombras, fora do alcance da luz. Com um estrondo, a porta do bar abriu-se e Eli deu um salto.

O paizinho saiu do estabelecimento com ar furioso e os punhos enfiados nos bolsos do casaco de caça verde, como se estivesse a controlar-se para não dar um murro em alguém. O velho Neddler seguiu-o, a limpar as mãos ao avental.

- Não estou a pô-lo na rua, Jasper; estou só a pedir-lhe para deixar as coisas como estão, por enquanto. Já tive problemas que me cheguem com ela aqui hoje. Tive de correr com a maior parte dos clientes só para garantir que metade dos homens da pedreira não acabariam no olho da rua por se meterem com ela. Garanto-lhe que a Swan Samples despedia qualquer homem que tocasse na irmã, mesmo que fosse culpa da Clara, e ninguém tem dúvidas disso.

O paizinho deu meia-volta e virou-se para o homem mais velho.

- Não está certo... Uma pessoa destas ter poder para fazer mal aos outros com conversas sobre o passado. Raios... Nem sequer pode provar que é verdade. - Hesitou. - O meu pai andou mesmo metido com a Estha Hardigree?

O outro homem parecia abatido.

- Segundo os rumores, ele passava mais tempo na Vivenda de Pedra na cama com a velhota do que a assentar pedra.

O paizinho gemeu. Escondido na escuridão, Eli sentiu-se embaraçado por ele, por si próprio, pela família e, ocorreu-lhe subitamente, por Darl. A sua tia-avó Clara era uma ordinária rica e a bisavó fora... o quê? Soube nesse momento o quanto amava Darl, pois estava tão preocupado com ela como consigo.

- Vá para casa - aconselhou Neddler. - Os homens que quiserem pensar mal de si por causa disto pensarão, aconteça o que acontecer, e para os restantes não faz qualquer diferença. E talvez isto não chegue aos ouvidos da menina Swan.

O paizinho assentiu com ar cansado e virou-se para a carrinha. De repente, Clara Hardigree saiu do bar. Bastava um olhar para perceber que estava a beber há horas. Caminhava a bambolear-se de forma exagerada, quase uma provocação, com um cigarro a fumar na mão direita. Atirou-o para longe com a perícia de uma empregada de bar de camionistas.

- Se está a pensar ir-se embora, fico desiludida. Não é digno da reputação do seu pai.

O paizinho olhou para ela com um músculo a palpar na face.

- Afaste-se de mim.

Neddler tentou bloquear-lhe o caminho, mas Clara desviou-se com agilidade felina. Aproximou-se rapidamente de Jasper e prendeu os braços à volta do pescoço dele. Encostou as coxas às dele e inclinou a cabeça para trás. O paizinho puxou-lhe os braços de forma tão brusca que ela recuou alguns passos, atrapalhou-se com os saltos das botas e caiu. O velho Neddler tentou ajudá-la, mas ela virou-se e enxotou-lhe a mão com brusquidão. O pobre homem estava aterrorizado. O paizinho olhou para baixo.

- Já lhe disse que a matava se fosse um homem - repetiu. - Mas, se fizer mal à minha família, mato-a de qualquer maneira.

Virou-se e dirigiu-se à carrinha, abriu a porta e entrou. Eli deu um salto, mas não foi rápido o

suficiente, e viu o pai afastar-se e, sem saber, a deixá-lo para trás. Clara Hardigree levantou-se, furiosa.

- Ninguém fala comigo assim. - Dirigiu-se ao *Trans Am*, tirou as chaves do bolso das calças, entrou no carro e, segundos depois, acelerava pela estrada que descia Doe Ridge, atrás da carrinha.

- Maldita seja - murmurou o velho Neddler, a voz transportada pelo vento. - Pode ser que se atire pela montanha abaixo e nos livre a todos de mais chatices.

Eli escondeu-se melhor nas sombras, a tremer de preocupação e fúria. Esperava-o uma longa caminhada até casa nessa noite, mas isso não o assustava.

O que o assustava era pensar em Clara Hardigree a perseguir o paizinho pela estrada escura.



Era quase dia. Eu estava deitada ao lado de Karen numa agonia de indecisão. Devia ligar para a avó e contar-lhe a conversa que tivera com Clara. Afinal, eu é que a fizera sair de casa, descontrolada. Mas isso significava que teria também de lhe contar a conversa sobre os Wades, e não o podia fazer. A moralidade do dilema fez-me enrolar numa bola, em posição fetal, ao lado de Karen, que dormia tranquilamente.

Ouvi uma pedra atingir o vidro da janela e saí silenciosamente da cama. Quando olhei para o quintal de Matilda vi Eli, de rosto virado para cima ao luar. Acenei-lhe, vesti um roupão, desci em bicos de pés e saí pela porta das traseiras. Corri para ele.

- O que foi? O que estás aqui a fazer?

- Vim a pé do Bar do Neddler.

- O que estavas a fazer nesse lugar horrível? O que é que se passa?

Eli estreitou as minhas mãos nas suas. Tinha os ombros abatidos dentro do blusão de ganga, e a sua respiração irregular formava nuvens brancas no ar gelado.

- Não sei como te dizer... como te contar o que aconteceu com a tua... Odeio ter de falar nisso...

- Clara! - exclamei, com a voz a falhar. - Aconteceu qualquer coisa por causa dela, não foi? - Ele parecia chocado, mas confirmou com um aceno. Conte-lhe a conversa que tivera com ela junto à piscina no Solar de Mármore. Ele puxou-me para longe da luz e sentámo-nos juntos num banco de mármore junto a um carvalho. Contou-me então o que Clara dissera sobre a família dele em público. A história encheu-me o cérebro como um balão prestes a rebentar. O avô de Eli vivera em Burnt Stand quando era novo? Trabalhara para a minha bisavó Estha? E construíra a Vivenda de Pedra e o Jardim das Flores de Pedra de que Eli e eu gostávamos tanto? E... e fizera sexo com Matilda? Fizera um bebé com ela? Katherine era filha de ambos? *Karen era neta dele?* Pensei que a minha cabeça fosse explodir. Levei as palmas das mãos às têmporas e apertei.

Eli baixou a cabeça.

- Sabes o que as pessoas vão dizer sobre a minha família quando isto se espalhar.

- Não, não sei. O quê?

- Que somos parentes da Matilda. Que temos família de cor.

- Mas vocês não são negros.

- Não interessa. O paizinho acha que há homens na pedreira que nunca mais olharão para ele da mesma forma. Porque o pai dele era... porque o avô Wade gostava de mulheres de cor.

- Mas o teu pai não fez nada. Nenhum de vocês fez nada de mal. Só o teu avô. E a Matilda, talvez; mas não consigo imaginar...

- Eh! - chamou Karen em surdina. - O que é que se passa? - Eli deu um salto. Karen atravessou o quintal com um casaco de malha amarelo e branco por cima da camisa de dormir; ao luar, parecia uma bonita borboleta de rosto dourado. *Se for verdade*, pensei, espantada, *ela é prima do Eli*.

Eli levantou-se.

- Oh, estávamos só na conversa. Tive vontade de ver a Darl.

- Eli Wade, és um namorado doido e vais meter-nos a todos em sarilhos. - Karen correu para ele e fingiu dar-lhe um soco no ombro. Ele fitou-a por um instante e depois estendeu a mão.

- Prometo - disse.

- O quê?

- Que, se houver sarilhos, estamos todos metidos neles.

- Está bem. - Karen enfiou a mão na dele e sacudiu-a com vigor. Eu levantei-me e pousei a minha mão sobre as deles.

- Eu também - declarei. - Um por todos e todos por um.

Os meus olhos procuraram os olhos sérios e honestos de Eli. Não podíamos contar a Karen o que sabíamos, por enquanto. Podia ser mentira. Podia não dar em nada. Nessa noite ainda não tínhamos qualquer noção das consequências que a declaração perversa de Clara poderia ter na família de Matilda e Karen, na família de Eli ou na minha.

Por isso, demos as mãos e rezámos para que ficasse tudo como estava.



Deitado na cama, Eli fingia dormir quando ouviu o pai entrar em casa ao nascer do dia. Sentou-se abruptamente. Do outro lado do quarto, Bell virou-se, franziu a testa e murmurou qualquer coisa, mas continuou a dormir. Eli escutou, com o coração nas mãos, os passos apressados da mãezinha sobre o chão de mármore.

- Jasper? Onde estiveste? Tenho estado tão preocupada!

- Andei a conduzir e a pensar. Desculpa. Estive muito tempo estacionado em Cheetawk Point a olhar para as estrelas.

- O que aconteceu?

- Nada. O Creighton Neddler disse-me que a Clara causava sempre problemas e, sim, que o meu pai era um mulherengo. Não sei. Não consigo pensar mais nisso. Tenho de dormir uma hora ou duas antes de ir trabalhar. Prometo-te que não vou ficar sem trabalho. Prometo.

- Não te preocupes e descansa. Amo-te tanto - respondeu a mãezinha. - Despe essas roupas sujas e vai deitar-te.

Eli sentiu os nervos em franja. Depois de eles fecharem a porta do quarto, levou as mãos à cabeça, onde os pensamentos eram um turbilhão. Onde estivera o paizinho? O que acontecera a Clara Hardigree? E porque é que o paizinho não contara à mãezinha que tinha voltado a falar com ela?



Clara parecia ter desaparecido. Eu sentia-me como se estivesse enrolada num manto de agulhas. De alguma forma, Swan ainda não sabia de nada sobre a visita da irmã ao Bar do Neddler, e os mexericos sobre os Wades e Matilda circulavam apenas entre os trabalhadores da pedreira, que os sussurravam às mulheres, filhos e amigos. Ninguém parecia querer ser acusado de espalhar esse rumor para o círculo seguinte do sistema solar de Burnt Stand. Swan era o nosso sol e, quanto mais perto a notícia chegasse dela, mais provável seria que o seu portador fosse queimado vivo.

Nessa tarde, eu estava a trabalhar no escritório da pedreira, a arquivar faturas, e Eli a acabar de contabilizar uma pilha de contas mensais para o senhor Alberts. Swan praticamente não dirigiu a palavra a ninguém e parecia prestes a explodir. Vi-lhe o fogo azul nos olhos e algo na dignidade da sua postura me deu a entender que Clara estava metida em grandes sarilhos só por ter desobedecido à ordem para não sair de casa. Senti um arrepio quando pensei no que aconteceria quando Swan soubesse da incursão da irmã ao Bar do Neddler.

Eli parecia exausto. Estava sempre a arranjar desculpas para se aproximar da janela panorâmica por cima do poço da pedreira. Lá em baixo, o pai conduzia uma serra enorme contra a parede de pedra maciça. A água do sistema de arrefecimento da lâmina fervilhava e transformava-se em vapor; Jasper Wade não ergueu os olhos e não falou com ninguém. Limitou-se a cortar a pedra com uma ferocidade silenciosa que me deixou gelada.

O tempo arrefecera. Ninguém apanharia Clara a tomar banhos de sol nua nesse dia. Eram quase cinco da tarde e eu estava agoniada, sem saber o que lhe acontecera e o que se passaria a seguir. Nesse momento ouvimos um grito lá fora. Eli e eu corremos para a janela panorâmica com o senhor Alberts, um homem magro e calvo que não podia parecer mais um contabilista.

O que vimos fez-me parar o coração.

O pregador Al, o mesmo que insistia em espalhar tabuletas à beira da estrada a condenar o pecado e a família Hardigree, estava em cima de uma estreita ponte metálica colocada sobre um dos lados do buraco quadrado da pedreira. Muito velho, com a barba e os cabelos grisalhos compridos, parecia a encarnação de um pregador tresloucado do Velho Testamento, apesar de usar calças de ganga esgaçadas e um casaco desportivo preto em vez de vestes sagradas. Tinha na mão um cartão com pelo menos um metro de lado. Pintara-o de branco, com as palavras vermelhas como sangue:

«A OUTRA FILHA DA JEZEBEL

VOLTOU PARA DIZER A VERDADE»

- Refere-se à Clara - murmurei para Eli.

Vários homens subiram a correr uma escada metálica até à passagem estreita no topo da pedreira, uns bons quinze metros acima do chão. Jasper Wade ia à frente. Eli apertou com força o parapeito da janela. A passagem tinha um corrimão de ambos os lados, mas não era mais alto do que a anca dos homens, e o equilíbrio do pregador Al era mau – para não falar no reumatismo e na tensão alta, que o deixavam tonto mesmo quando não estava a ver aparições bíblicas. O velho cambaleou, com o cartaz erguido acima da cabeça em ambas as mãos.

– Trouxeste a puta da tua irmã e o filho do pecador para porem novamente à prova o espírito sagrado desta cidade – gritou.

– Está a falar do meu paizinho – murmurou Eli, horrorizado. – O filho do pecador.

Era evidente que o pregador Al pensava que Swan estava no escritório a olhar para ele, quando, na verdade, ela saíra minutos antes para ir ver uma máquina nova na fábrica.

– Não escarneçam da santidade da palavra do Senhor! – berrou o pregador Al. – O pecado do pai vive no filho! A irmã e a mãe da vergonha geraram mais vergonha! Swan Hardigree! Sai desse antro de iniquidade, mulher, e renuncia à tua família!

Gemi baixinho. Encostei-me ao parapeito e vi Jasper Wade e vários outros homens pararem no princípio da passagem. Era demasiado estreita para tantas pessoas. O pai de Eli fez sinal ao pregador Al para caminhar na direção dele. Quando viu que isso não resultava, deu um passo em cima da plataforma elevada.

– Para trás, demónio Wade – gritou-lhe o pregador. – O teu pai era um peão da luxúria das Hardigrees e fornicou com as raças negras!

Jasper parou, de sobrolho franzido. Eli tremia agora visivelmente. Nesse momento, a minha avó apareceu numa das extremidades da ponte adjacente.

– Oh, santo Deus – praguejou o senhor Alberts ao nosso lado. – A menina Swan já o ouviu.

Ela parecia mortífera. Percorreu a passagem estreita e elevada com o passo descontraído de uma mulher num passeio de domingo. Os homens viram-na aproximar-se e encostaram-se a um dos lados para a deixar passar. Swan pousou a mão no ombro de Jasper e abanou a cabeça. Ele franziu a testa, mas recuou.

Com passo rápido, Swan subiu para a passagem onde o pregador Al se encontrava. Olhou para ele sem hesitar e sem dizer uma palavra. Ele começou a recuar lentamente ao longo da ponte estreita, a agitar o cartaz e a gritar citações bíblicas confusas. Swan foi avançando. De súbito, com uma expressão de medo no rosto, ele passou por cima do corrimão e ficou agarrado a este apenas com uma mão, enquanto com a outra abanava o cartaz, ainda aos gritos: – Eu soube a verdade na altura, e sei a verdade agora!

Ela parou, calmamente, e começou a falar em voz baixa. Eli e eu não conseguíamos ouvi-la, mas soubemos mais tarde que as suas palavras foram: «O Anthony Wade foi bom para si. Salvou-lhe a vida, um dia, nesta pedreira. Se deixou que a minha irmã o convencesse a trair os segredos dele, a culpa é apenas sua. É com isso que tem de viver. Ou morrer. A escolha é sua.»

O pai de Eli e os outros homens na interseção das passagens gritaram ao pregador Al para largar o cartaz e voltar a passar para o lado de dentro do corrimão. Porém, não havia bálsamo capaz de mitigar o fogo infernal que o velho via no olhar de Swan. Levantou o braço direito, como que a proteger-se com o patético cartaz. Um canto do cartão acertou-lhe no olho e fê-lo desviar a cabeça num gesto brusco. Quando o fez, a mão escorregou-lhe no corrimão e ele caiu. De boca aberta numa oração silenciosa, a gritar, percorreu os quinze metros que distavam do chão da pedreira, e aterrou de costas.

Não era preciso olhar duas vezes para saber que estava morto.

Encostei-me a Eli. Ele agarrou-me no braço, com a respiração ofegante.

– Ela matou-o com um olhar.

Eu só consegui assentir com um aceno.

Swan levou-me a mim, a Matilda e a Karen de volta para a mansão. Estávamos barricadas atrás de muralhas de mármore. O peso da desgraça abateu-se sobre mim. Karen – que ainda não sabia que os Wades eram da sua família – tentou confortar-me pela coisa terrível a que eu assistira. Dormiu de mão dada comigo. Mesmo assim, tive pesadelos horríveis com o pregador Al a noite inteira, vendo-o aterrar no chão da pedreira com o som de uma melancia a partir-se.

Na manhã seguinte ainda não havia sinais de Clara. Deixei Karen a dormir e desci as escadas de

camisa de dormir, agarrada à barriga. Matilda encontrou-me ao fundo das escadas.

- Volta para cima - ordenou-me. - A tua avó e eu estamos a discutir o que a Clara contou às pessoas sobre a tua bisavó e o Anthony Wade. - Matilda fez uma pausa. - E sobre mim. O que ela disse foi muito grave e não são coisas para a vossa idade.

- Mas eu já sei.

- E temos muita pena disso.

- Vai contar à Karen? Acho que ela não se importaria de saber que tem família branca.

Matilda pousou a mão fresca no meu rosto e a expressão dos olhos verdes suavizou-se.

- O que pensas de mim depois do que ouviste? Sê sincera.

- Não sei bem o que pensar. - Fiz uma breve pausa. - Mas ainda gosto muito de si.

Swan apareceu, vinda de um corredor lateral, com o rosto calmo e perfeito, o corpo esbelto vestido com calças cinzentas-claras e uma camisola de caxemira a combinar. Quando me viu, disse: - Está na altura de termos uma conversa.

Estremeci.

- Agradecia muito alguma informação, avó.

Ela levou-me para a sala e sentámo-nos de frente uma para a outra em divãs de brocado com pernas de mármore. Swan pigarreou.

- Certo tipo de mexericos pode prejudicar tudo aquilo que herdarás um dia. Quero que te lembres de que construímos algo excelente nesta comunidade. A cidade propriamente dita, as boas pessoas que vêm para aqui viver pela sua beleza única, os bons empregos que criámos para duzentos homens, as instituições de solidariedade que apoiamos, a decência de toda esta cidade... tudo isso deriva do dinheiro e da determinação da família Hardigree. Construímos esta cidade e cuidamos dela. Temos responsabilidades. Compreendes?

- Sim, senhora. Somos muito afortunadas.

- Não. A fortuna não surge por acaso. Somos nós que criamos a nossa própria sorte. Se a tua bisavó Estha não estivesse disposta a construir a sua sorte, esta cidade não existiria. Não teria aqui surgido nada de bom. O nosso valor não está gravado em pedra, Darl. Está gravado aqui.

Pousou os dedos sobre o coração. Levei a mão ao peito e ela acenou, confirmando.

- Quanto às coisas terríveis que a tua tia-avó Clara disse, elas são verdade. Ou, pelo menos, parte da verdade.

- Quer dizer que o avô do Eli trabalhou mesmo para nós?

- Isso mesmo. Há quase quarenta anos.

- E ele gostava... da bisavó?

- Sim, gostava.

- E também da Matilda?

- Sim.

A horrível verdade criou raízes em mim.

- Mas agora está tudo arruinado.

- Sim. Quando as pessoas não conhecem os factos, só lhes resta espalhar rumores e dúvidas. Porém, quando existem provas, algumas podem ser muito desagradáveis. Infelizmente, a prova do que aconteceu vive neste momento na nossa Vivenda de Pedra.

Uni as mãos.

- Por favor, avó, não diga que tem de despedir o papá do Eli e mandar a família dele embora. Por favor, não.

- Não tenho opção. Não quero que as pessoas os associem à Matilda e à Karen e causem problemas. Queres que a Karen seja maltratada?

- Não, mas...

- A Matilda é uma de nós. A minha reputação protege-a. Mas não posso proteger toda a gente. Os Wades têm de partir.

Vou morrer, vou transformar-me em pedra sem o Eli, pensei. Queria implorar a Swan, mas sabia que seria apenas dar-lhe mais razões para mandar os Wades embora.

- Mas se a Matilda os quiser ter cá... se são da família da Karen...

- Já disse à Matilda: vou certificar-me de que o Jasper Wade arranja um bom emprego noutro lado. A Matilda compreende. Tem de pensar no que é melhor para a reputação da Karen. E, para ser

franca, também é melhor para os Wades. Mexericos desta natureza nunca são bons para ninguém.

- Não devia ter importância nenhuma eles serem parentes das Doves. Que diferença faz? A Matilda e a Karen são como nós!

- Quando fores mais velha, compreenderás a estupidez da humanidade.

- Não, já compreendo muito bem. Não pode mandar o Eli embora assim.

Uma nova corrente elétrica percorreu o ar. Swan lançou-me um olhar fulminante.

- É melhor saberes desde já que o destino do Eli não tem nada a ver com o teu e que, mesmo que ele não se fosse embora, eu nunca vos deixaria ficar juntos.

- Se toda a gente nesta família pôde amar quem quis, eu também o farei. E não terei de pagar ao Eli para me amar, como a bisavó pagou ao Anthony Wade.

Swan levantou-se, inclinou-se para a frente e deu-me uma bofetada com tanta força que ouvi um estalido no pescoço. Nunca me tinha batido em toda a minha vida. Fez com que um núcleo de gelo crescesse dentro de mim mas, ao mesmo tempo, senti-me de repente mais forte. Pestanejei e ergui os olhos para ela sem sinais de arrependimento ou humildade, desafiando-a a bater-me de novo. Depois, vi as lágrimas que lhe enchiam os olhos.

Nesse momento ouvimos o som de um carro. Swan saiu da sala com passo rápido e apressei-me a segui-la. Matilda veio ao nosso encontro no vestíbulo.

- É a Clara - disse.

Capítulo 7

Clara estacionou o seu *Trans Am* cor de fogo em frente da mansão e saiu de trás do volante vestida com um conjunto que devia ser novo, já que saíra de casa sem levar qualquer bagagem.

- Passei pela Neiman Marcus - disse, indicando o fato de calças e casaco de cor creme. - Resolvi ir dar uma volta até Atlanta. Atravessei a fronteira para o Estado da Georgia e continuei a conduzir em direção a sul, fazendo a minha lista de compras pelo caminho. Céus, Atlanta faz com que Asheville pareça uma lixeira enfeitada. - Levantou a mão direita. O sol matinal refletiu-se num anel de diamante. - Gostas, irmã? Foste tu que o pagaste. Vais pagar tudo. - Clara sorriu. - Já tenho a chave para o teu coração, não tenho? E a chave diz «Wade». Olá, Matilda. Que tal é a sensação de ser o alvo dos mexericos da cidade? Sempre quiseste o Anthony Wade de volta, mas tiveste de te contentar com o filho, não foi? E com quarenta anos de atraso.

Matilda olhou para ela e disse apenas: - És a mesma alma triste que sempre foste.

Clara riu-se e começou a subir os degraus. Swan bloqueou-lhe a passagem.

- Nunca mais porás os pés nesta casa.

- Uma ova é que não ponho. - Mas nem mesmo Clara se atrevia a confrontar fisicamente Swan. Fez uma careta. - Ouve, vou entrar só para fazer as malas, e depois podemos falar sobre os meus rendimentos futuros.

- Estás muito enganada a esse respeito.

Clara pareceu um pouco atrapalhada.

- Está bem, então entro pela porta da cozinha. - Deu meia-volta e desceu os degraus. Swan e Matilda foram no seu encalço pelo caminho de mármore em direção ao jardim e à piscina. Eu seguias sem hesitar, com a camisa de dormir a esvoaçar à minha volta.

- A porta das traseiras está trancada por dentro - avisou Matilda, quando chegaram ao pátio da piscina.

Clara girou sobre si própria.

- Porquê?

- Fui eu que a tranquei - explicou Swan. - Porque sei muito bem como funciona a tua cabeça.

- Tudo o que quero é mais dinheiro, irmã. Por muito que gostasse de te ver a sofrer, só quero a minha parte da fortuna da família.

- Toda a vida cuidei de ti. Não precisas de mais.

- Cuidaste de mim? - Ergueu a voz. - *Cuidaste de mim?* - De súbito, reparou que eu estava ali, a ouvir tudo, perto do muro baixo ao fundo do terraço. Clara contornou a piscina quase a correr, em direção a mim. - Vamos conversar, querida Darl. Não fiques aí a tentar passar despercebida, rapariga. Tens de dar nas vistas, como a tua tia-avó Clara. Tenho uns episódios da história da família para te contar.

Recuei, mas ela agarrou-me no braço. Os olhos azuis amargurados lançaram faíscas quando olhou para Swan e de novo para mim.

- A tua bisavó Estha era dona do maior prostíbulo da cidade. Eu e a Swan nascemos lá. E a Matilda também. O A. A. Hardigree era o pai de nós as três. Claro que a mãe da Matilda era uma prostituta de cor. O que faz da Matilda nossa irmã. Não é interessante?

Virei a cabeça como se ela me tivesse batido. Nesta altura, Swan estava já ao meu lado e libertou-me das mãos de Clara, empurrando-me para Matilda, que me segurou pelos ombros. Swan e Clara enfrentaram-se. Eu estava tonta com as palavras que Clara me lançara.

- Para imediatamente - ordenou Swan a Clara com os dentes cerrados. Mas Clara espreitou por cima do ombro dela com um sorriso demoníaco.

- Darl, a tua bisavó nunca foi casada com o Hardigree. Mas decidiu que queria ser uma senhora e criar as filhas como se tivessem um nome, por isso pegou fogo à cidade e certificou-se de que o Hardigree assava no incêndio. Depois, falsificou uma certidão de casamento e um testamento para ficar com a pedreira. E foi *assim* que ela e as filhas se tornaram damas sulistas. Por caridade, ficámos também com a Matilda, a nossa irmãzinha preta.

- Se te calares já, dou-te o dinheiro que quiseses e podes ir-te embora - prometeu Swan.

- Sabes o que a tua avó me fez, Darl? Mandou-me para o raio de um reformatório quando eu tinha dezasseis anos! Uma prisão para raparigas. Gerida por freiras malditas. Passei lá dois anos. Livrou-se de mim porque eu falava demasiado sobre a família. Dizia a verdade. Causava problemas.

A Matilda pôde ficar e ter o bebê do Anthony Wade, mas eu fui expulsa. – Olhou para Swan e Matilda com um sorriso escarninho. – Mas volto sempre, não é? E continuarei a falar. E vocês terão de viver com isso.

– Não. Chega. – Swan esbofeteou-a com tanta força que ouvi os dentes de Clara baterem uns nos outros. Ela levou a mão ao rosto e fitou a irmã com olhos semicerrados, agora algo assustados. Swan fitou-a – era o mesmo olhar mortífero que lançara ao pobre pregador Al.

Swan atingiu outra vez Clara. Desta vez não foi uma bofetada, mas um empurrão, com ambas as mãos em cheio no peito dela. Clara cambaleou para trás. Swan seguiu-a com passo ágil: empurrou-a outra vez, levantou a mão e voltou a esbofeteá-la. Matilda gritou. Eu berrei: «Cuidado!» Clara bateu com a parte de trás das pernas no muro baixo do terraço e, desesperada, procurou um dos cisnes. A sua mão fechou-se sobre um dos elegantes pescoços de mármore, mas os «lacaio» da minha avó não estavam dispostos a salvar a única pessoa que podia destruir tudo o que Swan construía: os dedos de Clara escorregaram e ela caiu para trás, virando-se ao tombar, e desaparecendo do outro lado do muro.

Não a vi embater no mármore à volta do lago dos peixes lá em baixo, mas escutei o baque horrível, igual ao som da queda do pregador Al. Saltei para o muro do terraço. Swan esticou o braço para me segurar. Eu estava tão perturbada, tão cega pelo horror, que podia ter caído facilmente devido à histeria. Matilda aproximou-se e as três, lado a lado, olhámos para o cenário lá em baixo.

Clara flutuava de rosto para baixo no lago. Havia bolhas na água ao lado da sua cabeça.

– Ela ainda está a respirar! – gritei. Libertei-me do braço de Swan e corri para as escadas. Quando cheguei ao fundo, Swan e Matilda vinham nos meus calcanhares. Estava prestes a saltar para o lago pouco fundo quando Swan me segurou pela cintura.

– Nós tiramo-la – indicou calmamente. – Vai lá acima buscar o estojo de primeiros socorros. Depressa. Não pares para telefonar a pedir ajuda nem para falar com a Karen. Não digas nada a ninguém. Despacha-te.

Aquilo fazia sentido.

– Sim, avó!

Subi os degraus a correr. Quando cheguei lá acima, virei-me e vi que Swan não tinha entrado no lago. Estava a segurar nos ombros de Matilda e a falar com ela em voz tão baixa que não consegui perceber as palavras. Matilda apontou para Clara e fez menção de a puxar, mas Swan sacudiu-a levemente. Depois, entrou no lago. Chapinhou até Clara e parou ao lado dela, mas não fez qualquer gesto para a virar. Ainda havia bolhas a vir à superfície ao lado da cabeça dela, mas Swan simplesmente tocou-lhe no ombro com um dedo. Matilda, no pátio, virou costas e tapou o rosto.

Eu não sabia o que pensar: o que estavam elas a fazer, o que significava aquilo? Corri para dentro da mansão e tirei o estojo de primeiros socorros da despensa da cozinha. Estava quase sem ar quando desci a correr os degraus do terraço, com o estojo nos braços. Swan e Matilda estavam sentadas no murinho à volta do lago. Matilda tinha a cabeça de Clara no colo e estava inclinada sobre ela, a chorar em silêncio. Clara tinha a boca e os olhos abertos, e o rosto totalmente desprovido de cor. Caí de joelhos e estendi o estojo de primeiros socorros como se este contivesse uma equipa completa de médicos.

– Tenho pomada, e gaze, e... – Não consegui terminar a frase. – Devia ter corrido mais depressa.

O olhar calmo de Swan silenciou-me.

– Não. Não podíamos fazer nada.

Soltei um grito de desespero e encolhi-me sobre o estojo inútil. Swan esperou calmamente, enquanto eu gritava e tentava conter os vômitos. Olhou para o cadáver da irmã e afastou uma madeixa de cabelo molhado da testa de Clara. Os seus dedos tremiam um pouco, mas o olhar que dirigiu a Matilda era firme.

– Isto foi obra minha, não tua.

– Não. Eu permiti que o fizesses. – Matilda pousou a mão na face sem vida de Clara. – Sempre rezei para que a conseguíssemos mudar. Nunca compreendi por que razão tinha de se magoar a si própria e a todos os que a rodeavam. – Matilda inclinou a cabeça sobre o rosto de Clara. Afastou o cabelo da marca vermelha numa das têmporas, onde ela batera na aresta de mármore. – Eu fico com ela enquanto vais chamar a polícia.

Swan não se mexeu. Matilda ergueu a cabeça. Trocaram um olhar carregado de significado: o de

Swan, calmo e decidido, o de Matilda passando da confusão ao choque.

- *Swan!* - exclamou.

- Ontem confrontei o pregador Al e ele caiu na pedreira. Hoje discuti com a Clara e ela caiu do terraço.

- Isto foi um acidente. Ninguém vai acusar-te de o teres feito de propósito...

- A Clara deixou a cidade há dois dias. No que me diz respeito, nunca mais voltou.

- Swan, não podemos, não podemos simplesmente...

- Sabes bem que os mexericos nunca morrem, e como estas coisas podem voltar para nos assombrar. A Clara já nos fez mal que chegue. Recuso-me a ter o sangue dela a macular a minha reputação... ou a tua... para o resto das nossas vidas.

- Mas, depois de tudo, ainda estás a sugerir que...

- Depois de tudo o que ela nos fez ao longo dos anos, achas que merece prejudicar-nos ainda mais?

Silêncio. Vi no rosto de Matilda uma expressão que nunca esperara ver: ódio puro.

- Não. Tens razão.

Swan acenou com a cabeça. Eu olhei para o rosto sem vida de Clara, com a náusea às voltas no estômago e a subir-me pela garganta, a raspar pedacinhos de tinta do estojo de primeiros socorros com as unhas.

- O que... o que se passa? - consegui finalmente sussurrar.

A minha avó olhou para mim sem pestanejar.

- Vamos enterrar a Clara no bosque, e nunca mais falaremos sobre isto.

Tenho recordações muito vagas do resto do dia e da noite que se seguiu. Sei que o velho Carl McCarl apareceu ao volante de um grande camião de mudanças, nessa tarde, conduziu o *Trans Am* vermelho de Clara por uma rampa para dentro do camião e arrancou com ele. Sei que nessa noite, depois de eu e Karen estarmos na cama, Matilda e Swan arrastaram o corpo de Clara, enrolado num lençol, até ao Jardim das Flores de Pedra.

Seguias, a coberto da escuridão, e escondi-me na colina por cima do jardim. Vi-as abrir a cova à luz de uma lanterna, perto da base da estátua, e nela depositarem o corpo de Clara. Vi Matilda rezar uma oração sobre a sepultura rasa ainda aberta. Swan pousou-lhe a mão no ombro, mas não mostrou mais sinais de compaixão. E depois cobriram o corpo de Clara com terra.

Regressei à mansão e esperei no pátio ao pé da piscina, sentada de pernas cruzadas sob a luz de um poste. Quando elas subiram as escadas do terraço, deram comigo ali e estacaram.

- Somos assassinas? - perguntei.

Matilda ajoelhou-se, abraçou-me com força e respondeu: - Não, nunca penses tal coisa.

Mas a minha avó, menos disposta a enfeitar a verdade, fitou-me nos olhos.

- Fizemos o que tínhamos de fazer - foi tudo o que disse.

Não saí da mansão durante uma semana. À noite, sonhava com o chão a abrir-se no Jardim das Flores de Pedra, com Clara a rastejar para fora da cova coberta de terra, pálida, a caminhar através do bosque, pelos degraus do terraço, a entrar na mansão, a subir as escadas e a vir ao meu quarto. O pregador Al flutuava atrás dela. Sangue pingava-lhe dos ouvidos e da boca aberta. Clara e o pregador Al nunca confrontariam Swan. A minha avó era mais poderosa do que os mortos. Mas a mim, a mim conseguiriam chegar.

«Porque me deixaste morrer?», perguntava Clara. Flutuava sobre mim, lívida e perversa, com terra e minhocas a caírem do seu corpo. «Porque não foste mais rápida com o estojo de primeiros socorros? Porque não me enterraste no jazigo da família? Porque não disseste nada? Hei de assombrar-te até morreres.» O pregador Al gemia: «Os pecados da Jezebel vivem agora também em ti.»

Uma noite, os rostos dissolveram-se e foram substituídos pelo de Swan. Sentei-me na cama, sobressaltada, e ali estava ela, em carne e osso, debruçada sobre mim. Parecia um anjo, com a camisa de noite e o roupão branco e macio. Alguns fios grisalhos tinham começado a aparecer nas têmporas, mas, mesmo assim, o cabelo caía-lhe em redor do rosto cheio de vida.

Afastou-me o cabelo da testa suada com carinho e pousou os dedos frescos na minha face.

- Não sonhes - ordenou baixinho. - Tudo vai melhorar com o tempo. Vais esquecer-te do que aconteceu, mas lembrar-te-ás do motivo pelo qual o fizemos. E essa sabedoria tornar-te-á mais forte.

Ela matou Clara. Se não fizer o que ela quer, é capaz de me matar também. Esse pensamento grotesco entrou-me na mente como uma cobra e enrolou-se à minha volta.

- Eu estou bem - menti, a tremer debaixo das mantas. - Nunca contarei a ninguém.

Por um instante ela ficou calada e algo nos seus olhos azuis me deu a entender que talvez fosse admitir o seu próprio sofrimento. Porém, conteve-se.

- Ainda bem - respondeu.

No dia seguinte, fiz um esforço para ir até ao jardim, para me certificar de que Clara não saíra da sua campa. Não consegui descer até ao vale que em tempos tinha adorado tanto; por isso, parei a meio da encosta. Swan cobrira cuidadosamente o local com terra solta cheia de pequenas raízes e folhas, que ocultava o solo remexido como se fosse um tapete. O talento da minha avó para encobrir os pecados das Hardigrees era admirável.

De súbito, ouvi algo a raspar e um sabor amargo subiu-me à boca. Clara devia estar a tentar escapar. Cambaleei.

- Darl! - Era Eli, que aparecera no cimo da colina oposta, tão alto e desajeitado, com os seus óculos, mas, ao mesmo tempo, tão querido e gentil. Contornou rapidamente o vale e parou à minha frente, com uma expressão preocupada. - Onde estiveste? - inquiriu, em tom urgente. - Tenho vindo aqui todos os dias, à tua procura.

- Estive doente, só isso. Com... gripe.

Ele tocou-me no rosto.

- Não tens febre. Estás fria, não quente.

- Já estou quase boa. - Encostei o rosto à palma da mão dele. Era um gesto adulto, romântico e sensual, e, ao mesmo tempo, tão inocente como a minha solidão desesperada. Ele não parecia muito melhor do que eu. Estava pálido, o olhar cansado.

- Vou abraçar-te - declarou, e foi o que fez, apertando-me contra si nos braços compridos. Os óculos dele ficaram presos no meu cabelo. Passado algum tempo, um pouco atrapalhados, afastámo-nos.

- O meu pai não sabe o que esperar. Ouviste dizer alguma coisa? - perguntou Eli. Abanei a cabeça. Swan prometera a Matilda deixar os Wades em paz, por enquanto. Muita coisa a acontecer demasiado depressa só iria atrair mais atenções. Eli estudou-me o rosto. - A Clara já apareceu?

Swan dissera-me exatamente o que havia de responder se alguém me fizesse essa pergunta. Olhei para o meu melhor amigo, o meu amor verdadeiro, e menti-lhe.

- Voltou para Chicago.

Ele soltou a respiração, fechou os olhos e voltou a abri-los.

- Quando?

- Depois daquela noite no bar. A Swan obrigou-a a ir-se embora. Eu só soube mais tarde.

- Então não a viste mesmo partir?

- Não, mas ela... partiu.

- *Graçasadeus* - soltou ele, como se fosse uma palavra só. Pegou-me na mão e puxou-me. Sentou-se num banco, a menos de um metro da campa de Clara. Embora me tenha tentado convencer a sentar-me com ele, firmei os pés e olhei para a sepultura escondida. Uma vaga de náusea apoderou-se de mim.

- Tenho de... ir. - Arranquei a mão da dele e subi atabalhoadamente a encosta. No cimo, caí de joelhos e vomitei água e leite. Ele correu atrás de mim, ajoelhou-se e passou-me o braço pelos ombros.

- Ainda estás doente. Anda, eu levo-te a casa.

Com a ajuda dele, pus-me em pé. Apoiada em Eli, a segurar uma das suas mãos com força contra a barriga, consegui chegar à base do terraço, onde olhei para o lago dos peixes e voltei a vomitar. Depois, empurrei-o e subi a correr os degraus sem olhar para trás.



Eli aguentou os primeiros socos e devolveu-os com uma força que surpreendeu os seus atacantes. No entanto, os rapazes mais velhos eram jogadores de futebol americano dos Hardigree County High Warriors, e ele estava em inferioridade numérica. Em menos de sessenta segundos, deixaram-no caído no meio dos caixotes de lixo, junto à porta de serviço da cantina da escola. Estava todo salpicado de sangue de um corte na sobrançelha e doíam-lhe as costelas. Tentou respirar, aflito.

- Para a próxima, arranja uns pretos para te ajudarem - cuspiu um dos rapazes. E um outro

acrescentou, com um sorriso desdenhoso: – Podes sempre contar com a família, não é?

Depois de eles se afastarem, Eli encontrou os óculos debaixo de uma tampa de caixote do lixo. As armações estavam torcidas e partidas. Levantou-se. O mundo sem óculos era uma névoa, uma prisão. Contornou devagar o perímetro da escola até chegar à estrada na parte da frente, e depois meteu-se pelo bosque para a caminhada de três quilómetros até à pedreira. Demorou mais de uma hora porque, como não via, perdeu-se várias vezes. Quando chegou à pedreira, esperou no arvoredor junto ao parque de estacionamento dos empregados. Ao fim da tarde, o paizinho saiu e dirigiu-se à carrinha.

Eli apareceu, meio cego, ferido, com a cabeça a latejar. O paizinho dirigiu-se a ele, segurou-lhe no queixo e inspecionou-lhe o rosto com ar abatido.

– Consegues aguentar, filho?

– Consigo. E tu?

O paizinho assentiu. Tinha os nós dos dedos da mão direita inchados. Um dos saloios da equipa sugerira que se calhar não tinha de obedecer às ordens do filho de um amante de pretas, e o paizinho mostrara-lhe por que razão essa ideia não ia resultar.

– Entra na carrinha. Vou levar-te ao médico para encomendar outros óculos.

Eli obedeceu e subiu para a carrinha com cuidado. Nenhum deles falou durante a viagem. Eli não conseguia arranjar coragem para perguntar ao pai o que acontecera depois de ele sair do bar naquela noite. Clara desaparecera. Era tudo o que importava.

Eli ia todos os dias ao Jardim das Flores de Pedra, mas Darl nunca mais lá voltou. Por fim, ele também deixou de lá ir; em vez disso, passou a cortar lenha em frente à casa, até lhe doerem os ombros e ter bolhas nas mãos. Naquela tarde fria, Bell observa-o, preocupada. Corria para a frente do irmão como um boneco de neve encasacado, apanhava as aparas que ele partia e empilhava-as no degrau de mármore como se tivesse medo que ele decidisse partir pedra a seguir.

Eli baixou o machado sobre um tronco, furioso. *A Darl já não quer ter nada a ver comigo. Não me explica porquê, mas o facto de eu ser neto do Anthony Wade repugna-a. Os Wades, agora, só significam problemas para a família dela.*

Talvez os Wades também representassem apenas problemas para si próprios. Ou, quem sabe, a sua boa sorte estivesse a ser subtraída e não multiplicada. Matilda Dove informara a mãezinha de que não podia continuar a trabalhar na mansão, pelo menos por enquanto. E, embora Swan não tivesse despedido o paizinho da pedreira, de repente o senhor Alberts deixara de ter contas para Eli fazer depois da escola.

Voltou a brandir o machado. Ainda olhava para o paizinho com uma angústia visceral porque ele mentira à mãezinha, escondendo-lhe que vira Clara no bar naquela noite. Talvez só não quisesse que a mãezinha soubesse que Clara o tinha seguido, receando como isso podia parecer. Fosse o que fosse, não estava certo: aquela omissão era uma fratura na pedra sólida da confiança que os pais tinham um no outro, e da confiança que Eli tinha no pai.

Com a machadada seguinte, uma lasca de madeira voou e Bell gritou quando lhe acertou na boca. Levou as mãos ao rosto e começou a chorar. Céus, tinha sete anos, mas às vezes ainda parecia um bebé. Eli correu para ela e afastou-lhe as mãos. O sangue pingava de um corte no lábio inferior.

– Oh, maninha, desculpa. – Lágrimas inesperadas encheram-lhe os olhos. Limpou-as, mas elas voltaram.

Bell fitou-o, chocada, de tal modo que parou de chorar.

– Eli – gemeu, e fez-lhe uma carícia na cara. – Nada te faz chorar. O que foi?

Eli abanou a cabeça. Era o irmão mais velho, quase um homem, e faltavam duas semanas para o Natal, uma época boa que todos desejavam desesperadamente que não se tornasse má. No entanto, nunca se sentira tão sozinho em toda a sua vida, porque Darl o abandonara.

A nossa sorte está a esgotar-se, pensou, mas não o disse.

Capítulo 8

As decorações de Natal enfeitavam tanto o interior como o exterior do Solar de Mármore. Em todas as salas comuns do piso térreo havia árvores cobertas de decorações e luzes. Cada mesa exibia um centro de mesa festivo e brilhante. Nos cantos havia vasos de estrelas-do-natal vermelhas. Sempre que olhava para elas, eu via apenas sangue e o *Trans Am* encarnado de Clara.

Uma tarde, Matilda trouxe Karen, que subiu a correr as escadas até ao meu quarto. Eu estava sentada nas almofadas cor-de-rosa no banco da janela, a olhar para o terraço, o bosque e o Jardim das Flores de Pedra. Karen sentou-se à minha frente.

- O que estás a fazer? - perguntou, bem-disposta.

Virei-me para Karen e vi todas as coisas que ela não sabia. Que a avó dela era a irmã mestiça de Swan e que o seu avô fora Anthony Wade. Que as nossas avós tinham começado a vida como filhas de prostitutas - uma imagem que eu mal conseguia formar mentalmente, mas que, ainda assim, me horrorizava. Que ela e Eli eram primos. Que eu e ela também éramos primas. Só eu conhecia todos esses segredos, a maldição da família Hardigree.

- O que estás a fazer? - insistiu Karen. - Estás a ouvir-me?

- Estou a tentar pensar - respondi. - Não me sinto bem.

- Nunca vi ninguém estar engripado tanto tempo.

- Eu demoro a curar-me.

Ela olhou para o monte de livros grossos que eu tinha no chão, aos meus pés. Trouxera-os da biblioteca de Swan. Pegou num deles e soltou uma exclamação de espanto ao ver os papelinhos cor-de-rosa que eu estava a usar como marcadores.

- O que andas a ler?

- São livros de leis.

- Livros de leis? - Abriu o livro numa das páginas marcadas. - *Cúmplice* - pronunciou, lenta e dramaticamente, e revirou os olhos. - O que quer isso dizer?

- Significa que a pessoa não cometeu o crime, mas pode ir presa na mesma.

Karen revirou mais uma vez os olhos perante os meus estranhos interesses, fechou o livro, bocejou e descalçou-se. Depois, instalou-se confortavelmente no banco da janela, com os pés no meu colo. Pousei as mãos nas meias debruadas a amarelo da minha prima, com os dedos a tocar na pele quente e dourada dos seus tornozelos, e pensei em como gostava dela. Olhei de novo pela janela. Sentia desesperadamente a falta de Eli, mas não suportava a ideia de voltar a pôr os pés no nosso jardim. Não podia contar-lhe a ele, tal como não podia confessar a ninguém o que sabia sobre Clara e a bisavó Estha, sobre prostíbulos, Swan e Matilda, e sobre o que jazia por baixo de uma camada de terra no Jardim das Flores de Pedra.

Nessa altura, não me teria importado de ser executada na cadeira elétrica como cúmplice de homicídio, mas não queria incriminar Swan e Matilda. O que faria Karen sem a avó num mundo tão cruel como o nosso? Portanto, não podia falar com ninguém, não podia pedir conselhos a ninguém.

A ninguém. Nunca.

Como se eu estivesse gravada em pedra.



Uma semana antes da noite de Natal, um pescador avistou o *Trans Am* de Clara afundado em seis metros de água no lago Briscoe. O grande lago de montanha ficava a uma hora de carro de Burnt Stand, para oeste, na vasta Floresta Nacional de Nantahala, a «Terra do Sol do Meio-Dia», como os índios Cherokees lhe chamavam, que crescia em encostas tão íngremes que as suas sombras ocultavam tudo - exceto um carro desportivo.

- Retirámos o carro e os rapazes do laboratório criminal estão a inspecioná-lo - informou o chefe da nossa força policial, Lowden, ao falar com Swan. - Até agora, não encontraram nada. - Eu estava sentada no divã da sala de estar, a ouvir a conversa com a calma de um juiz. O chefe Lowden, um homem ruivo, grande e corpulento, conhecido pela sua benevolência misturada com uma brutalidade prática, olhava de vez em quando para mim de sobrolho franzido. - Menina Swan, acha que a Darl devia estar a ouvir isto?

- A minha neta não é uma criança vulgar - respondeu Swan. - Continue.

- Bom, minha senhora, chamámos mergulhadores para procurar... bem, um corpo no lago.

Swan acenou calmamente, como se ele estivesse a referir-se a uma desconhecida e não a Clara.

- É possível que o encontre.
- Contou-me que a sua irmã saiu daqui na noite em que apareceu no Bar do Neddler.
- Sim. Mencionou que ia regressar a Chicago. Foi a última vez que soube alguma coisa dela. Nem sequer sabia que ela ia passar pelo bar antes de deixar a cidade. Embora não tenha ficado surpreendida.

- Minha senhora, sei que não tem uma boa relação com a Clara, mas não seria de esperar que ela lhe dissesse qualquer coisa ao chegar a Chicago, para a informar ao menos que fizera boa viagem?

- Não. Era normal estarmos anos sem falar uma com a outra.

Lowden suspirou e assentiu com a cabeça. Toda a gente na cidade sabia que Clara era a ovelha negra da família. A sua influência prejudicial e o passado sórdido da nossa família pairavam sobre nós; nem mesmo as paredes de mármore nos conseguiam proteger.

- Estou a pensar que ela bebeu de mais e tentou cortar caminho até à estrada interestadual - prosseguiu o chefe Lowden. - Por algum motivo, fez um desvio e passou pelo lago. Os serviços florestais dizem que, nessa altura, a estrada de terra estava aberta a visitantes. Parece que o carro caiu de uma pequena ponte de madeira numa zona que ninguém visita muito.

Swan nem pestanejou.

- A minha irmã era imprudente. É possível que estivesse embriagada quando saiu do Bar do Neddler.

- Lembro-me de ela ter destruído dois ou três carros a conduzir embriagada, quando era adolescente. - O chefe Lowden fez uma careta. - Desculpe.

- Não faz mal. Nunca afirmei compreender os motivos dela. Não faço a mínima ideia do que estaria a fazer sozinha no lago Briscoe. Para ser franca, também não me interessa.

- Claro que não, menina Swan. - O chefe Lowden, que devia o carro-patrolha novo e a recente renovação da esquadra a uma doação dos Mármoreos Hardigree, passou um minuto ou dois a desculpar-se por trazer más notícias. Swan baixou a cabeça, aceitando com altivez a demonstração de solidariedade. Por fim, ele saiu com o chapéu nas mãos.

Comecei a tremer. Swan aproximou-se de mim, segurou-me no queixo e fitou-me quase com tristeza.

- Esquece tudo, exceto a verdade com que queres viver - sugeriu. Depois, dirigiu-se a um aparador enorme, com tampo de mármore, e serviu-se de um copo de vinho de um decantador com um H floreado na tampa de prata. Bebeu um grande gole e fechou os olhos. Quando os abriu, qualquer indício de preocupação tinha-se dissipado. - Lembra-te disto, Darl. A tua vida é a tua reputação, e a tua reputação é o teu destino.

Fiquei sentada no divã, a arranhar as palmas das mãos com as unhas.

Quanto a Eli, quando soube que, afinal de contas, Clara não tinha regressado a Chicago, escondeu a cabeça nos braços e chorou.



A cidade fervilhava com as notícias do lago Briscoe, onde os mergulhadores não tinham encontrado sinais do corpo de Clara. O drama em curso fomentou ainda mais falatório sobre as revelações chocantes que ela fizera sobre a nossa família, os Wades e Matilda. Apesar disso, o orgulho de Swan não a deixou cancelar a festa de Natal anual da família Hardigree, uma *soirée* tão entranhada nas tradições da cidade que a celebrávamos há cinquenta anos.

- Ela vai mandar o Jasper Wade embora? - perguntei a Matilda.

Matilda fez que sim com a cabeça e afastou o olhar.

- Depois da época festiva.

Assim, na semana antes do Natal, ali estava eu ao lado de Swan - ela com um vestido dourado e eu de cor-de-rosa com uma fita vermelha em honra da época - à entrada de uma enorme tenda de circo aquecida, montada numa clareira ao lado da pedreira. Várias centenas de pessoas - empregados da companhia com as famílias, o presidente da Câmara e outras personalidades, basicamente toda e qualquer pessoa de importância no nosso universo imediato - vagueavam entre mesas de comida e bebida. Um Pai Natal contratado, com os seus elfos, entretinha as crianças com pequenas lembranças e guloseimas. Uma pista de dança elevada ocupava o centro da tenda, sob ramos enormes de azevinho e fitas vermelhas. Nas traves metálicas da tenda viam-se luzes de Natal coloridas. Uma pequena banda tocava música festiva.

- Bem-vindos - desejava Swan em tom formal a cada convidado que entrava, na sua maioria

peessoas modestas da província, que coravam e gaguejavam a resposta.

- Saudações - acrescentava eu.

Doía-me o corpo da tensão e desilusão. Eli e a família ainda não tinham chegado, e se calhar nem viriam.

- Ali estão eles - murmurou Karen. Estava atrás de mim, ao lado de Matilda, que nos últimos tempos a mantinha numa rédea tão curta que eu raramente a via. Karen, que parecia um elfo adorável no seu vestido verde e dourado, ainda não fazia ideia de que a controvérsia social tinha a ver com algo mais do que o desaparecimento de Clara.

Senti o coração acelerado quando Eli, Bell, Annie Gwen e Jasper surgiram à entrada da tenda. A família vestira as suas melhores roupas de domingo. Bell iluminou-se ao ver-me sorrir, mas continuou a puxar nervosamente a bainha da camisola larga. Tinha o cabelo castanho preso num elástico decorado com um raminho de azevinho e bagas vermelhas de plástico. Annie Gwen estava pálida, mas estoica, num vestido castanho simples com um casaco de xadrez. Jasper olhava em frente, o rosto impassível como o de uma estátua, mas, mesmo assim, as mulheres viravam a cabeça para ver melhor aquele homem atraente de fato e gravata. O fato podia ser do catálogo da Sears e a gravata, do balde dos descontos na loja de roupa em segunda mão de Burnt Stand, mas ele tinha-se tornado uma figura de notoriedade e fantasia, digna de atenção.

Eu só tinha olhos para Eli. Vestia um fato azul como o do pai, com uma gravata vermelha simples, meio torta. As calças já lhe ficavam um pouco curtas nos tornozelos e os pulsos ossudos espreitavam ao fundo das mangas do casaco. Lançou-me um olhar ardente que procurava mil respostas, com os olhos escuros e concentrados por trás dos óculos. Por dentro, toda eu tremia com a vontade de lhe falar. De súbito, aos dez anos de idade, percebi o que era ser adulta. E vi que a infância dele também desaparecera, e que Eli, aos treze anos, era um homenzinho alto e sério.

- Saudações - cumprimentei-os, com a voz embargada.

Eli não me respondeu.

- Bem-vindos - desejou Swan a Jasper e Annie Gwen.

- Obrigado, minha senhora - responderam eles em unísono; pareciam preocupados e os seus olhos perscrutaram a multidão. As pessoas estavam também a olhar para eles, a sussurrar, a fitá-los de soslaio. Por um segundo que pareceu eterno, Jasper olhou para Matilda. Ela aguentou o escrutínio do filho do seu amante com uma dignidade equivalente à dele. Com uma mão envolta numa luva dourada, apertou o ombro de Karen, que parecia perplexa. A outra continuou fechada contra o vestido cor de vinho.

Swan virou-se para mim com uma expressão neutra.

- Vamos, Darl. Temos outros convidados. - Cumprira a tradição de hospitalidade Hardigree, mas as suas costas voltadas indicavam que doravante não teria mais nada a ver com Jasper Wade e a sua família. O gesto de rejeição ao desaparecer entre os restantes convidados tornou-se demasiado óbvio. As pessoas afastaram-se do caminho dela como cortesãos perante a realeza, e depois voltaram a cerrar fileiras; só então olharam para os Wades, deixados para trás.

Swan estava tão habituada a que eu acatasse todas as suas ordens que nem olhou para trás para ver se eu a seguia. Desta vez, porém, não lhe obedeci. Tinha o coração partido. Vi o espectro do ostracismo total espalhar-se no rosto de Jasper Wade. O seu futuro em Burnt Stand desaparecera. Os homens com quem trabalhava sabiam que ele já não estava nas boas graças de Swan e, como animais em matilha, estavam apenas à espera para ver durante quanto tempo ele resistiria.

- O que se passa? - perguntou Karen. - Porque é que estão todos tão estranhos?

Um rapaz negro, filho de um dos agricultores que viviam nos arredores da cidade, correu para ela e cuspiu no chão, à frente dos seus sapatos dourados.

- Porque é que não vais brincar com os teus parentes brancos? - perguntou-lhe.

- Do que é que estás a falar, idiota?

- Dos Wades - respondeu o rapaz. - São teus primos, *branquela*.

Foi tudo tão rápido que nem Matilda, horrorizada, conseguiu impedi-lo: num instante, Leon Forrest destacou-se da multidão e o outro rapaz fugiu, assustado. Leon parou em frente de Karen, parecendo um cortesão pobre no seu fato de poliéster barato.

- Não interessa o que és - assegurou-lhe. - Pelo menos para mim.

Karen, com a boca aberta de espanto, desviou o olhar dele para mim e, depois, para a avó.

- Vem comigo - ordenou-lhe Matilda, puxando-a para si. As duas saíram por uma porta lateral, com Karen a tentar resistir e a olhar desesperadamente para mim e depois para Eli, que se encolheu perante a sua expressão desolada. Apertei as mãos uma na outra e cambaleei. Estava a cair através da terra, o meu coração a bater dentro do leito de mármore sob os meus pés. Matilda e Karen desapareceram pela saída lateral. Agora Karen ficaria a saber tudo o que eu sabia sobre a nossa família. Exceto que tínhamos assassinado Clara.

Aproximei-me de Eli, entorpecida. Observei-lhe o rosto. A raiva dele transformou-se em tristeza, depois em incerteza, a seguir em sacrifício. Eu sabia que era tarde de mais para ele e para a sua família, e Eli também o sabia. A banda começou a tocar uma canção de Natal lenta. Estendi as mãos.

- Queres dançar?

Ele dançava mal - sempre assim fora. Primeiro ficou em silêncio, fitando-me com tanta tristeza como a minha.

- O único sítio onde podemos estar juntos é no Jardim das Flores de Pedra.

Isto quase me matou. Esforcei-me para falar.

- Não, posso estar contigo em qualquer lado.

Ele respirou fundo, pegou-me pelo cotovelo e subimos para a pista de dança. Ficámos ali parados, sozinhos, rodeados pelos olhares coletivos de toda a cidade. No entanto, Eli e eu só tínhamos olhos um para o outro: unimos as mãos numa pose formal e começámos a mover-nos lentamente, ao ritmo da música. Quando a canção acabou, ninguém se mexeu, ninguém falou. A grande tenda encheu-se de surpresa, desaprovação e assombro.

- Filho - chamou-o Jasper Wade com firmeza, atrás de nós. - Já chega. Vamos embora.

Eli fitou-me nos olhos mais uns bons cinco segundos. A sua boca moveu-se num murmúrio tão baixo que o senti mais do que o ouvi.

- Saudações - murmurou, à laia de despedida.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas ao responder-lhe: - Saudações.

Ele e a família saíram da tenda. Abandonada no meio da pista de dança, virei-me e deparei-me com os olhos azuis e implacáveis da minha avó.

No dia seguinte, o velho Neddler entrou no gabinete de paredes de mármore do chefe Lowden na esquadra de Burnt Stand.

- Chefe, não sei se isto quer dizer alguma coisa, mas tenho andado a pensar no assunto desde que o carro da Clara Hardigree apareceu - e descreveu o confronto de Jasper Wade com Clara no exterior do bar: como ele parecera zangado, como a empurrara e a fizera cair, como ameaçara matá-la, e como ela parecia determinada a apanhar Jasper quando arrancara a toda a velocidade pela montanha abaixo.

O chefe Lowden repetiu cada palavra dessa conversa a Swan enquanto ela o acompanhava até à sala de estar elegante do Solar de Mármore.

- Menina Swan - concluiu -, a última pessoa que viu a sua irmã viva nessa noite foi o Jasper Wade, e ele tinha motivos para lhe querer fazer mal. Não gosto nada de pensar o pior, mas é meu dever considerá-lo.

- Avó - disse eu em tom de aviso. - Avó.

O rosto de Swan mostrava que toda aquela situação se estava a tornar demasiado séria para a sua paciência. Uma frieza ainda mais chocante do que a habitual emanou da pele perfeita.

- Podes sair da sala, Darl.

Abanei a cabeça. Não ia permitir que ela fizesse aquilo ao pai de Eli. Mas que podia eu dizer? «Fomos nós, chefe Lowden. A avó, a Matilda e eu. Deixámos a Clara afogar-se no lago dos peixes, arrastámos o corpo dela para o bosque a meio da noite e enterrámo-la à sombra das flores de pedra. Prenda-nos a todas.» Oh, Matilda, Karen! Não podia arrastá-las comigo.

- Avó - repeti entre dentes. - O senhor Wade não é um assassino. Tenho a certeza.

Os olhos dela trespassaram-me. A batalha silenciosa entre nós tornara-se agora uma guerra declarada.

- Estou certa de que tens razão. Mas o chefe Lowden quer apenas fazer-lhe algumas perguntas.

O chefe assentiu com a cabeça.

- Darl, és uma menina muito querida por pensares apenas o melhor das pessoas, e eu concordo contigo. Garanto-te que é apenas parte do meu trabalho. Vou passar pela Vivenda de Pedra depois

de sair daqui e falar com o Jasper Wade, pedir-lhe que me explique algumas coisas, e fica tudo resolvido. Ninguém vai ter problemas, minha querida.

Já há muitas pessoas com problemas, queria eu gritar, mas sentia-me paralisada dentro da minha pele. Começava a aprender o que podia libertar e o que tinha de guardar para mim.

- Está bem - acedi. Soltei um suspiro fingido, como se me sentisse aliviada, e saí devagar da sala, sob o escrutínio intenso de Swan. Assim que fiquei longe dela, corri até às traseiras da casa, saí pelas portadas, passei pela piscina, agora tapada para o inverno, desci os degraus do terraço e desapareci no bosque.



Um atrelado de madeira para os seus pertences. Algumas mobílias e bugigangas. Um motor novo para a carrinha velha. Um maço de notas - o dinheiro retirado da conta poupança no banco de Burnt Stand - guardado numa caixa de cartão debaixo do banco do condutor. Eram os únicos sinais óbvios de que os três anos em Burnt Stand tinham mudado as suas vidas para muito melhor, e para muito pior. Eli tentou não pensar em como iriam parecer ainda mais miseráveis ao atravessar a cidade. Apertou melhor a corda que prendia uma cadeira de cozinha em cima da mobília empilhada no atrelado e sentiu as lágrimas arderem-lhe nos olhos. A infelicidade e a raiva, tão profunda como o corte de um machado, separavam o homem em que se tornara do rapaz que era ao chegar.

- Está tudo - concluiu o paizinho, atirando um casaco para o banco da carrinha.

- Eli - chamou a mãezinha, saindo de casa com uma caixa de cartão. Eli correu a tirar-lha das mãos.

- Sim, mãezinha?

A mãe tinha os olhos inchados de chorar.

- Consegues enfiar isto em algum lado? Com cuidado. São sanduíches de peru e os acompanhamentos, para a viagem. Põe-na num sítio onde não fique esmagada.

- Sim, senhora.

Era o jantar de Natal da família, destinado a ser apreciado em redor de uma mesa muito bem posta enquanto assistiam ao concerto de Natal na televisão, e que agora seria comida para a viagem, enfiada em caixas de plástico baratas ou embrulhada em papel vegetal. Eli teve vontade de gritar. Queria lutar com alguém. Quando levou a caixa para a parte de trás da carrinha, o paizinho estava a arrumar melhor os sacos de lixo cheios de roupas e outras coisas. Endireitou-se, viu o jantar de Natal da família enfiado na caixa de cartão e empalideceu.

- Maldição - murmurou entre dentes. Virou-se e deu uma palmada na carrinha. - Maldito seja o meu pai, maldita seja esta cidade e maldita seja a Clara Hardigree!

Bell desatou a chorar quando saiu de casa e ouviu estas palavras violentas, escondendo o rosto no saco cheio de decorações natalícias que trazia nos braços.

- Não me quero ir embora! - soluçou. - Este é o nosso lar!

A mãezinha correu para ela e abraçou-a.

Era este o quadro que a família apresentava quando Eli se virou, abatido, e viu Darl sair a correr do bosque de rododendros na colina que se erguia sobre a casa.

- Eli! - gritou ela. Eli correu ao seu encontro. Darl tinha ramos e folhas secas presos no cabelo comprido e as faces afogueadas. Ofegante, tentava recuperar o fôlego. - Corri... o mais depressa que pude. Eli, o chefe Lowden está...

- Acalma-te antes de falares. Respira. - Passou-lhe o braço pela cintura e ajudou-a a descer a colina. Ela gemeu ao ver a carrinha e o atrelado.

- Não!

Eli endireitou-se com o que restava da sua dignidade.

- Ouve, vai-te embora. Sobe aquela colina e não olhes para trás. Recuso-me a dizer-te adeus. Recuso-me. Eu escrevo-te quando chegarmos a algum lado.

Ela agarrou-lhe na parte da frente da camisa e sacudiu-o.

- Eli, a polícia vem buscar o teu papá.

O paizinho aproximou-se.

- O quê?

Valha-me Deus, paizinho, pensou Eli. *Foste tu?* Darl chegara demasiado tarde para lhes dar grande avanço. Já se ouvia o som dos carros na estrada de terra que levava à casa. Dois carros-patrolha de Burnt Stand contornaram uma curva e pararam no pátio. O chefe Lowden saiu do

veículo da frente e acenou a toda a gente com falsa jovialidade. O seu agente mais corpulento, um diácono e ex-Marine chamado Canton, saiu do segundo carro.

Eli viu o polícia abrir o coldre do revólver de serviço e pousar a mão na coronha. Uma vez, o agente Canton fora falar numa assembleia escolar. Orgulhava-se de ser sempre ele a responder aos casos mais difíceis. Numa cidade onde um homicídio por ano era um recorde, aquele era com certeza o caso mais difícil.

- Annie, afastem-se todos - ordenou o paizinho. Olhou para Eli. - Filho, toma conta da tua mãe e da tua irmã.

O sentimento de culpa deixou um sabor amargo na boca de Eli.

- Sim, senhor. - Colocou-se em frente da mãe e da irmã, mas não conseguiu impedir que Darl se juntasse a eles. Secretamente, ficou contente. Empurrou-a também para trás de si: ela, a mãezinha e Bell agarraram-se umas às outras, e a ele.

O paizinho virou-se para o chefe Lowden.

- Estamos de partida. Não vou ficar à espera que a menina Samples me despeça.

O chefe Lowden suspirou. Atrás dele, Canton aguardava, de pernas afastadas e a mão ainda na coronha da arma.

- Não será para já, Jasper - disse o chefe. - Tenho de falar consigo. Seja franco.

- Sou um homem honesto.

- Ótimo. Porque ouvi dizer que teve um segundo encontro com a Clara Hardigree naquela noite, no bar da montanha. - Eli sentiu os dedos da mãe fecharem-se sobre o ombro dele, em choque. Com um aperto no coração, ouviu o chefe descrever todos os detalhes da cena desagradável que Eli presenciara. A mãezinha soltou uma leve exclamação de horror. Os ombros do paizinho, que estava de costas para eles, pareciam abater-se mais a cada palavra. O chefe estudou-lhe o rosto.

- Onde foi depois de arrancar, com a menina Hardigree atrás de si?

- Veio logo para casa - respondeu a mãezinha, em voz rouca. - Esteve aqui o resto da noite.

O paizinho girou sobre si próprio e fitou-a com lágrimas de amor e pesar nos olhos.

- *Annie, não* - disse, com brusquidão. Depois, voltou a virar-se para o chefe. - A minha mulher está a tentar ajudar, mas eu não tenho nada a esconder. Estou a dizer a verdade. Deixei a Clara Hardigree passar por mim, subi até Cheetawk Point e fiquei a olhar para as estrelas e a pensar até quase de manhã. Depois, vim para casa.

O chefe Lowden abanou a cabeça com tristeza.

- Infelizmente, Jasper, isso significa que não tem álibi. Lamento colocar as coisas desta maneira, mas teve tempo nessa noite para matar a Clara Hardigree, conduzir uma hora até ao lago Briscoe e livrar-se do carro e do corpo. Teve tempo para cometer um homicídio nessa noite, Jasper, e tinha motivos.

O paizinho fechou os punhos.

- Não matei a Clara Hardigree e não a atirei ao lago. Isso é uma loucura.

- Espero que sim. Mas tem de me acompanhar até à cidade e responder a mais algumas perguntas.

- *Está a prender-me?*

- Não vamos pôr as coisas nesses termos. Quero apenas que conte a sua história oficialmente. Basta explicar bem o que se passou a uns tipos de fora do condado e fornecer-me as suas impressões digitais. Vamos lá. Entre no meu carro e vamos lá à cidade despachar o assunto. Nem sequer lhe estou a dizer que vai lá passar a noite. Quero é que colabore connosco.

O paizinho não moveu um só músculo. Eli sentiu as pernas fraquejarem. Sabia o que ele devia estar a pensar. Fora criado sem nada, o pai morrera num acidente numa pedreira quando ele era pequeno, crescera prejudicado pelo próprio cérebro, que baralhava todas as palavras que tentava ler, fora sempre ignorado em todos os aspetos a não ser em relação ao jeito para trabalhar o mármore, tinham-no trazido até ali por caridade, dando-lhe esperança e, agora, era posto de lado - o paizinho não aguentava mais. Ser acusado de homicídio em frente da mulher, do filho e da frágil filha, e ser levado para a esquadra no carro-patrolha, para toda a gente na cidade ver esta derradeira vergonha fora a gota de água. Faltava um dia para o Natal e uma vida inteira de azar apanhara-o finalmente.

- Vá falar com a polícia - pediu-lhe Eli. - Paizinho, eu vou consigo.

O pai abanou a cabeça ao de leve.

- Chefe, eu e a minha família estaremos longe daqui esta noite, mas não vou entrar naquela esquadra. De maneira nenhuma.

- Não posso deixá-lo partir, Jasper. Entre no meu carro, homem.

Em vez disso, o paizinho deu meia-volta e dirigiu-se à carrinha. O chefe Lowden olhou para ele de boca aberta.

- Alto aí, Jasper! Está a deixar-me nervoso, e aqui o Canton não *gosta* quando eu fico nervoso. - Canton tirou o revólver do coldre. O paizinho abriu a porta do condutor e enfiou a mão debaixo do banco. De repente, Eli lembrou-se do que o pai ali pusera, ao lado da caixa do dinheiro. *Não, não, paizinho, não faça isso.* Eli abriu a boca para gritar as palavras e a mãezinha, que também sabia, soltou um grito.

O paizinho tirou uma pistola de baixo do banco.

- Jasper Wade, largue já essa arma! - ordenou o chefe Lowden. Canton levantou o revólver. O paizinho tinha a arma na palma da mão; não a apontou a ninguém, mas levantou-a, e a sua mão começou a mover-se para a empunhar.

- Saiam daqui - ordenou ele. - Vou pegar na minha família e deixar esta cidade. É tudo o que quero.

- Baixe a arma!

- Não posso. - O paizinho enfiou o dedo no gatilho. Talvez tencionasse apenas dar um tiro para o céu, apenas uma bala de desabafo na direção de Deus, e depois pousar a arma no *capot* da carrinha e acompanhar a polícia como lhe fora ordenado, mas não teve oportunidade de o fazer.

O tiro do agente Canton acertou-lhe em cheio no coração.

Capítulo 9

Deitada na minha cama, às escuras, entorpecida por algum tipo de tranquilizante, eu estava apenas consciente o bastante para ouvir as palavras trocadas entre Swan, o chefe Lowden e o nosso médico de família.

- Doutor, garanto-lhe que a afastei do local assim que dei pela presença dela - explicava o chefe da polícia. - Estava fora de si. Tive de a arrastar. Viu o estado dela quando aqui chegou. Histérica.

O meu quarto estava um caos: coisas partidas, roupas espalhadas. Partira os vidros da grande janela com vista para o bosque e tinha as mãos envoltas em ligaduras.

- Quero esta criança sedada pelo menos durante uma semana - sussurrou o médico. - Se calhar, até mais tempo.

- Não me parece que seja necessário - opôs-se Swan. Parecia cansada.

- Menina Swan, no último mês ela viu o pregador Al cair na pedreira, perdeu a tia-avó e agora viu morrer um homem com um tiro no peito. A sua neta vai ter um esgotamento nervoso, menina Swan.

- Não, vai tornar-se a alma mais forte que o senhor alguma vez conhecerá. Já é mais forte do que possam imaginar.

- Ela será uma mulher *dura*, menina Swan. Não apenas forte, mas peculiar e dura.

- Ambas essas características podem ser positivas. O mundo não é um sítio agradável para mulheres fracas.

Os dois homens lançaram-lhe um olhar espantado. O médico pigarreou.

- Seja como for, a única forma de a manter dentro de casa neste momento, e de a impedir de fazer mal a si própria, é mantê-la sob o efeito dos medicamentos.

Após um longo silêncio, Swan respondeu: - Passe a receita que eu trato do resto.

Os homens saíram. Senti vagamente a mão de Swan no rosto e abri os olhos. Ela estava sentada na cama, ao meu lado. O seu perfume caro invadiu-me o nariz. Dessa noite em diante, aquele odor deixar-me-ia sempre agoniada.

- Quando eu era pequena - começou ela num sussurro, como se me fosse contar uma história de embalar -, aprendi a chorar em silêncio, para que os homens na casa da minha mãe não me conseguissem encontrar.

Pestanejei lentamente, a arder por dentro. Chorar? A minha avó alguma vez tinha *chorado*?

- Não eram homens *amistosos*, no sentido em que uma criança poderia apreciar - continuou Swan. - Ensinei a Matilda a chorar também em silêncio. Tínhamos o mesmo pai, mas ele não protegeu nenhuma de nós. Quanto às nossas mães... A mãe da Matilda trabalhava para a minha, e era de cor, claro, pelo que significava menos do que nada para o nosso pai. Morreu de uma doença da qual certas mulheres como elas sofriam muito nesse tempo, e a minha mãe... a tua bisavó Estha... ficou a criar a Matilda.

»A minha mãe pensou em mandá-la para um orfanato para negros em Asheville, mas eu implorei-lhe que não o fizesse e, por fim, ela cedeu. «Enquanto te portares bem, podes ficar com ela», disse, como se ainda estivéssemos nos tempos da escravatura e as pessoas pudessem ser umas das outras. Segundo a mãe, nenhuma de nós estava muito melhor do que os escravos, fosse como fosse. Afinal, ela própria ganhava a vida a vender mulheres.

»Daí em diante, a minha mãe começou a dizer a toda a gente que a Matilda era a minha criadinha de cor, o que fez dela uma excentricidade. Os clientes achavam encantador. No entanto, a Matilda e eu sabíamos que éramos meias-irmãs e que só podíamos contar uma com a outra. Juntas, descobrimos os melhores esconderijos na casa grande da minha mãe. As outras mulheres nunca nos conseguiam encontrar. - Fez uma pausa. - Nem os homens.

Swan segurou uma das minhas mãos enfaixadas nas suas. Penso que partiu do princípio de que eu estava demasiado drogada para me recordar do que estava a contar-me, mas as suas palavras ficaram-me gravadas no cérebro a ferro e fogo.

- Tínhamos cerca de cinco anos quando a Clara nasceu. O nosso pai, o A. A. Hardigree, estava bêbado e passou essa noite na companhia de uma das mulheres que trabalhavam para a minha mãe. A Matilda e eu escondemo-nos num armário grande no corredor e vimo-lo sair do quarto da mulher, a cambalear. Tinha a roupa meio desabotoada e tresandava a álcool e a suor. Era um homem grande e bem-parecido, com as mãos de um canteiro, mas tão bem vestido que era fácil ver que nunca mais cortaria mármore na vida. Era dono da pedreira. Construíra a cidade para os seus empregados e

governava-a como um rei. Observámo-lo, cheias de medo e assombro. Depois, ouvimos um som no patamar das escadas, mais acima.

»A minha mãe conseguira, não sei bem como, sair do quarto. Agarrou-se ao corrimão das escadas e olhou para baixo, para ele, a amaldiçoá-lo e a chorar, com a camisa de noite ensanguentada colada ao corpo. Tinha cabelo escuro e comprido, como o teu e o meu, e uns olhos azuis tão intensos como nunca vi. Era espantosa, aterrorizadora, bela. «Acabei de te dar mais uma filha *branca*», disse ela. «Isso não significa nada para ti?»

»Ele ergueu a cabeça e sorriu-lhe, como se o nascimento de Clara fosse uma piada. «Filhos homens e mármore têm valor», ripostou. «Mas de que me serve a filha de uma puta? De nada.» – Swan passou os dedos pelas minhas ligaduras. – Penso que deve ter sido nessa noite que a minha mãe optou por nos salvar a todas do destino que ele queria dar-nos. Decidiu ser alguém, e que as filhas e a sua irmãzinha de cor haviam também de o ser. No verão seguinte, no meio da pior seca dos últimos anos, acordou-nos uma noite, já tarde, e mandou-nos sair de casa... a mim, à Matilda e à bebé Clara... com uma das mulheres. A mulher, que devia tomar conta de nós, levou-nos para fora da cidade, até ao bosque, o mais depressa que pode; quando lá chegámos, caiu por terra, num pranto. Tinha medo dos bosques escuros da montanha, mas tinha ainda mais medo da minha mãe – por isso, limitou-se a deixar-nos ali.

»A Matilda e eu encolhemo-nos na escuridão, com a Clara ao colo. Não imaginávamos o que estava a acontecer. Nessa altura praticamente não havia árvores na encosta, apenas quilómetros de tocos, uma paisagem feia e árida. Era fácil ver a cidade na noite quente de verão, com os relâmpagos de uma trovoadas seca a dançarem sobre as barracas, os telheiros e as casas de madeira que então formavam Burnt Stand. Nunca esquecerei como, de repente, os edifícios irromperam em chamas, como se alguém tivesse ateado uma dúzia de fogos ao mesmo tempo. O calor e o fumo subiram a colina, em direção a nós, e desatámos a correr.

»Havia uma nascente... já secou há muito, mas na altura ainda existia... em Bald Stone Trace, entre os afloramentos rochosos no bosque. Formava um pequeno lago maravilhoso. A Matilda e eu adorávamos ir para lá. Pensávamos que havia fadas a viver na água. Nessa noite, foi para aí que nos dirigimos, e sentámo-nos à beira do lago, enfim capazes de respirar. A Clara engasgou-se. Molhámo-la com a água fresca e ficou melhor. Nunca me esqueci de como nos sentimos seguras e livres naquele lugar... de como nos pareceu *importante* termo-nos salvado, e à Clara. Estávamos tão orgulhosas. Desde essa altura que adoro água.

»A casa da minha mãe era um enorme edifício vitoriano com telhado de papel alcatroado, e ardeu como palha seca. Havia pessoas a correr, aos gritos, algumas em chamas. Não vimos o nosso pai sair. Morreu na cama da nossa mãe, disseram as pessoas depois. Que os relâmpagos tinham incendiado a cidade. E a minha mãe não disse nada.

»Porém, quando ninguém o esperava, apresentou o testamento do nosso pai e contratou um advogado de Asheville para o defender. Jurou a pés juntos que ele lhe deixara a pedreira e que o testamento a nomeava sua esposa. E venceu. Daí para a frente, passou a ser a senhora Hardigree. Era tudo dela: as ruínas da cidade, a pedreira, o nome dele, o seu dinheiro. E ela nunca mais olhou para trás. E nós tentámos fazer o mesmo.

Swan suspirou e inclinou a cabeça.

– A Clara, porém, nunca compreendeu as suas origens. Cresceu de maneira muito diferente de mim e da Matilda. Nunca sentiu medo. Nunca sofreu humilhações. Nunca compreendeu o que nos tornara tão cuidadosas, tão decididas a afastar-nos do passado. A minha mãe era agora uma mulher muito ocupada, graças ao negócio da pedreira e à construção da sua cidade de mármore. Ignorava a Clara, deixava-a andar à vontade. Talvez a odiasse por causa das palavras do nosso pai na noite do nascimento dela. Não sei. A minha mãe nunca falava muito sobre o que pensava. Ela e eu nunca fomos *chegadas*.

Swan sorriu com tristeza.

– A Matilda e eu tentámos ensinar a Clara a ser uma senhora, mas em vão. Ela não conseguia compreender por que motivo fazíamos tanta questão em sermos respeitadas. Nós sabíamos que o dinheiro, o poder e a reputação são tão fáceis de perder como de conquistar. A Clara compreendia apenas que nascera rica, bela e com a liberdade de fazer o que quisesse.

»Quando chegámos à adolescência, a minha mãe era já rica o suficiente para dar início aos seus

maiores projetos de construção aqui na cidade. Queria um mestre canteiro para lhe construir uma mansão e algumas casas bonitas, tudo em mármore. Passou palavra por todas as pedreiras do Sul até que encontrou um homem chamado Anthony Wade no Tennessee. Era um jovem extraordinariamente bem-parecido, alto, moreno e atraente, pobre e não muito culto, mas bem-educado. Wade era brilhante no que dizia respeito à construção e ao trabalho da pedra. Tinha um instinto natural para cálculos e lógica. – Fez uma pausa. – Tal como o Eli, talvez fosse um génio.

Soltei um gemido baixinho e tentei libertar a mão. Ela não me deixou.

– *Escuta e compreende* – ordenou. – Se tivesse tido hipótese, noutra sítio, noutra época, talvez se tivesse tornado um arquiteto famoso. Ter vindo para aqui era a sua oportunidade de ganhar fama, para o bem ou para o mal. *Só que não há oportunidades sem sacrifícios*. Tens de aprender isto.

Fechou os olhos por um instante, antes de prosseguir.

– A minha mãe trouxe-o para cá e depressa se interessou por mais do que o trabalho dele. Nessa altura, ela estava a começar a perder a beleza deslumbrante, mas ainda impressionava. Acredito que estava de facto perdida de amores por ele, e o Wade... – Swan hesitou, à procura das palavras certas – ... ele não parecia *contrariado* por ser o alvo da sua preferência. Pelo menos ao início. A Depressão estava a chegar ao fim, ainda havia poucos empregos, as pessoas estavam desesperadas. Ela era *dona* dos seus trabalhadores. Controlava a cidade inteira.

»Pôs o Anthony Wade a construir esta mansão, a Vivenda de Pedra e o Jardim das Flores de Pedra. Encheu a Vivenda de Pedra de mobílias de qualidade e insistiu para que ele lá vivesse, como um príncipe. O Anthony tornou-se uma espécie de celebridade na região. Depois, ela mandou-o trabalhar na construção das casas e edifícios públicos na cidade. Toda a gente admirava o seu talento. Não sabiam que, para a minha mãe, os talentos dele eram outros. E ele estava sempre às ordens dela, a curta distância.

Swan fez uma pausa.

– Eu odiava a minha mãe pelos rumores que começaram a surgir em relação a ela e ao Anthony Wade. E odiava a Clara, que era pouco mais do que uma criança, mas já tinha má reputação entre todos os rapazes e homens da cidade... exceto o Anthony Wade, que mal olhava para ela.

Swan ficou calada, de olhos fechados; quando os abriu, a sua expressão era dura.

– Sabes, é que ele estava com a nossa mãe por necessidade, mas apaixonou-se pela *Matilda*.

»Eu devia ter adivinhado. A Matilda estava tão confusa, tão magoada com o seu lugar no mundo. Ela e eu éramos ambas altas, sofisticadas, idênticas em tantos aspetos, mas éramos tratadas de forma muito diferente pela sociedade. Ela era mais escura do que uma pessoa branca e tinha cabelo crespo, cabelo de negra. Era deslumbrante, mas não podia fingir que era branca, e a forma como os homens brancos a tratavam era repugnante. Tornou-se uma jovem reservada e desconfiada. Eu tentei ajudá-la, mas não podia fazer muito para mudar o mundo em que vivíamos.

»Quando fui para um colégio particular em Asheville, levei-a comigo, apesar do falatório que causou eu levar a minha *criada* para todo o lado. Tínhamos um quarto arrendado em casa de uns familiares dos Samples... foi assim que conheci o teu avô. A Matilda não podia frequentar a universidade, nem acompanhar-me a determinados eventos, o que era penoso para ambas. Arranjou trabalho como empregada de escritório numa companhia de seguros que pertencia a um homem de cor muito conceituado entre a comunidade negra. A Matilda não o amava, mas sentia-se sozinha, e ele era persistente. Começaram a sair. Pouco tempo depois, eram a coqueluche da sociedade negra. Toda a gente pensava que se iam casar.

»Viemos a casa nas férias de verão, nas vésperas do meu noivado com o doutor Samples. Um dia, a minha mãe mandou-nos à Vivenda de Pedra entregar uns esboços que fizera para mais uma casa que queria que o Anthony construísse na cidade. Eu nunca arriscaria a minha reputação ao estar sozinha com ele, por isso levei a Matilda comigo. Fomos no grande *Ford* da minha mãe, ambas um pouco nervosas. O Anthony Wade fora contratado pela minha mãe: sabíamos tudo o que isso implicava.

»Quando chegámos, deparámo-nos com uma imagem extraordinária. Ele construía um pequeno cercado ao lado da casa, no qual se encontravam dois minúsculos cervos. Gémeos. O Anthony estava a alimentá-los com leite de vaca por uma espécie de biberão, como se fossem bezerros órfãos. A mãe dos pequenos veados fora morta por cães, explicou-nos. Encontrara-os no bosque e estava a tentar mantê-los alimentados e vivos. Parecia exausto, mas não desistia de cuidar deles. Nós nunca

tínhamos visto nada tão gentil como a atenção que ele dedicava àqueles animais bebés. «Posso ajudá-lo a alimentá-los?», pediu a Matilda. Estava fascinada. Raramente falava com homens brancos, preferindo manter a distância. Mas, desta vez, não conseguiu resistir.

»Quanto ao Anthony Wade... nunca me esquecerei disto... olhou para ela como se fosse uma princesa que se dignara a dirigir-lhe a palavra. «Depois de uma senhora tão bela lhes tocar», declarou, «com certeza que hão de querer viver.» A Matilda levou a mão ao coração como se quisesse marcar o sítio de onde ele lho roubara. Daí para a frente, todos os dias ia ajudá-lo a alimentar os cervos. Vi-a apaixonar-se pelo Wade, e ele por ela.

Swan soltou um grande suspiro.

- Claro que era um problema enorme... Um homem branco e uma rapariga de cor. Supliquei-lhe que não se aproximasse mais dele, mas de nada adiantou. Os dois estavam desesperados para ficarem juntos. Até falaram em casamento... em fugirem para algum lugar onde tal coisa fosse possível e legal. - Swan hesitou, e uma nota de aspereza introduziu-se na sua voz. - Eu sabia que o desfecho seria trágico. Mas devia ter adivinhado que seria a Clara a provocá-lo.

»A Clara descobriu-os juntos na casa dele. Tinha dezasseis anos na altura; era infantil e terrivelmente invejosa. Primeiro, foi contar à nossa mãe o que vira... e, a seguir, contou a *toda a gente*. Em pouco tempo, a cidade inteira sabia que o Anthony Wade fora apanhado com a *criada* de cor da Estha Hardigree. A minha mãe foi tomada de uma fúria assassina. Foi ter com o pregador Al... que na altura não era pregador nenhum, apenas um canteiro grande e truculento..., e pagou-lhe para levar alguns homens a casa do Anthony e dar-lhe uma tarefa de morte. A Matilda ouviu o que ela tencionava fazer e mandou o Carl McCarl impedi-los.

»O Carl trabalhava como canteiro desde os tempos da cidade antiga. Conhecera a mãe da Matilda: era um dos clientes preferidos dela antes de o meu pai reivindicar a exclusividade dos seus serviços. Acredito que o Carl a amava verdadeiramente, e era muito dedicado à Matilda, como se fosse filha dele. O Carl salvou o Anthony, mas não antes de os homens o espancarem de tal maneira que o deixaram inválido para o resto da vida. Levou-o até um hospital no Tennessee e deixou-o lá. Eu paguei as contas médicas. Ninguém esperava que ele sobrevivesse. Sobreviveu, mas ficou marcado para sempre. Assim que se conseguiu pôr em pé, desapareceu.

»A minha mãe expulsou a Matilda da nossa casa e ordenou-lhe que nunca mais voltasse. Eu escondi-a com uns amigos em Asheville. Pensei que ela ia morrer com o desgosto de ter perdido o Anthony. E depois... descobriu que estava *grávida* com o filho dele. A notícia chegou aos ouvidos do seu pretendente de cor, o agente de seguros, que cortou relações com ela. A minha mãe ameaçou deserdar-me se continuasse a ajudá-la. Foi uma época terrível... e a Clara regozijava-se com tudo isto. Por mais estranho que pareça, consegui impedir que estas confusões chegassem aos ouvidos da família do teu avô, ao princípio, mas depois os rumores começaram a espalhar-se. Nessa altura, já estávamos noivos. Sabia que tinha de fazer alguma coisa para salvar o meu futuro e o da Matilda.

Swan ficou alguns instantes em silêncio. Eu estava apenas meio consciente, com aquela história trágica a misturar-se na minha mente com a morte, a dor, a vergonha e a angústia que vira no rosto de Eli enquanto ele e Annie Gwen seguravam o corpo ensanguentado de Jasper. Uma tapeçaria de imagens insuportáveis começou a envolver-me em correntes de pedra. Por fim, Swan concluiu: - Foi então que a minha mãe morreu inesperadamente. Isso mudou tudo. - Mais um longo silêncio, enquanto um horror indistinto me invadia a mente. Não conseguia nomear aquilo que ela estava a insinuar, da mesma forma que compreendia, sem palavras, que a morte de Clara não fora um acidente. - Mandeí a Clara para uma espécie de escola no Illinois, gerida por freiras católicas.

Uma espécie de escola. Senti a cabeça andar à roda. Uma prisão.

- Certifiquei-me de que ficava com tudo o que fora da minha mãe: a pedreira, esta casa, o dinheiro todo. De súbito, e graças à minha herança, quaisquer dúvidas que a família Samples pudesse ter quanto ao casamento, por causa dos rumores sobre a minha família, dissiparam-se. Casei com o teu avô e viemos viver para aqui. Quando a filha da Matilda nasceu, em Asheville, era tão branca como tu ou eu. A Katherine. Que beldade. Cabelo escuro, olhos escuros... como o Anthony Wade... mas pálida como mármore rosa. Ninguém diria que era uma criança de cor.

»Trouxe-a para cá e disse ao teu avô que era órfã de uma prima afastada e que seríamos nós a criá-la. Depois, mandei a Matilda regressar e dei-lhe uma casa na cidade e um emprego a gerir esta propriedade, para que ela pudesse estar com a filha. No ano seguinte, nasceu a tua mãe. A Júlia e a

Katherine eram um par encantador. A Matilda e eu criámos as nossas filhas juntas, escondendo delas os nossos segredos, mas mimando-as e educando-as para serem senhoras, para terem orgulho. Eram boas raparigas, inteligentes, bonitas e fortes. A Katherine não fazia ideia de que não era uma Hardigree branca, e gozava de todos os privilégios que isso implicava. A Matilda protegia-a com dor e com orgulho.

Swan hesitou. As suas palavras eram agora mais lentas, mais difíceis.

- Quando a Júlia e a Katherine estavam prestes a concluir os estudos na Larson School, em Asheville, a Clara regressou inesperadamente. As nossas filhas estavam ambas tão empolgadas com a perspectiva de irem para a universidade: falavam constantemente nas irmandades a que queriam pertencer, nos rapazes maravilhosos que iam conhecer. As suas vidas eram perfeitas. Já a Clara não tivera tanta sorte. Envolvera-se com uma série de homens ricos, mas de má reputação, e adquirira as atitudes ordinárias dos *gangsters* e dos bandidos. Na altura, estava bem avançada na casa dos trinta e sabia que, para esse tipo de homem, deixara de ser tão atraente. Portanto, queria que eu lhe passasse a fornecer um rendimento certo. Eu recusei. Porém, subestimei o quanto ela era vingativa. Para se vingar - a voz de Swan abrandou para um tom monocórdico e letárgico -, foi ter com a Katherine e a Júlia e contou-lhes a história da família... incluindo que a Katherine era filha da Matilda.

Swan parou de falar. Fitei a sua expressão assombrada num torpor hipnótico, a minha mente como uma ferida aberta onde ela entornava segredos escaldantes, um após outro.

- A Clara ameaçou espalhar a verdade entre os colegas de escola delas, a sociedade que as aceitara, todas as pessoas que veneravam as primas Hardigree. Fiquei arrasada, e a Matilda também. Dei à Clara todo o dinheiro que ela queria e prometi-lhe mais no futuro. Comprei o seu silêncio e ela partiu, mas o mal estava feito.

»A tua mãe e a Katherine nunca recuperaram. Eram tão jovens, tão protegidas neste mundo cor-de-rosa e inocente que eu e a Matilda tínhamos criado para elas. Agora tinham de lidar com o facto de serem netas de mulheres proscritas... e, ainda por cima, com o facto de a Katherine ser mestiça. Para a Katherine, olhar para a Matilda tornou-se insuportável. Adorava-a como se fosse da família, mas, para ela, sempre fora apenas uma empregada. Agora sabia que era a sua *mãe*... uma mulher de cor que não podia ficar nos melhores hotéis quando viajávamos a menos que eu dissesse que era minha criada, uma mulher que não podia usar uma casa de banho pública ou um bebedouro destinado apenas a brancos. Era esta a vida da mãe da Katherine. E era esta a vida da Katherine também, agora.

»Ela e a Júlia ficaram inconsoláveis. Acusaram-nos de hipocrisia, de lhes termos mentido, como se fôssemos responsáveis pela herança de que tanto as tínhamos tentado proteger. Ficaram desgostosas e envergonhadas, e foram implacáveis e cruéis. Ambas viam apenas uma solução: rebelar-se contra a sua vida aqui, ripostando com raiva e dor contra tudo e todos. A Katherine rejeitou-nos e fugiu. Tive muito medo de que a Júlia fizesse o mesmo, e por isso prendia-a aqui: ameacei-a, mandei-a vigiar, não a deixava ir a lado nenhum sozinha. E, claro, isso só a deixou ainda mais decidida a magoar-me.

Swan olhou para mim com uma expressão quase apologetica.

- Ela era uma princesa presa num castelo, e o teu pai deve ter pensado que tinha o dever de a salvar. E ela *queria* ser salva... especialmente se o herói fosse o último homem que eu escolheria para ela. Um canteiro. Quando percebi que ela fora mais esperta do que eu, já estavam casados e ela, grávida.

»Assim, no meu desespero, tentei controlá-lo com uma demonstração de generosidade: ofereci-lhe a Vivenda de Pedra e o cargo de capataz na pedreira. Foi fácil persuadi-lo. Mas a tua mãe odiou-me por o ter manipulado e começou a odiá-lo também a *ele* por ter aceitado. Nunca tinham sido certos um para o outro: ele era rude e inculto, e a Júlia percebeu logo que não tinham grande futuro juntos. Discutiam muito, mas ela recusava-se a deixá-lo, só para me espicaçar, penso eu. Quando tu nasceste, fui buscar-te. Os teus pais morreram quando iam a caminho do tribunal em Asheville para tentar recuperar a tua custódia. - Fez uma pausa. - Quando se uniram contra mim, perceberam que eram uma família. Porém, era tarde de mais.

Não sei se estava a contar-me tudo isto - a mim, uma criança de dez anos traumatizada e sedada - como um pedido de desculpas, uma explicação, uma tentativa bizarra de me reconfortar, ou uma

mistura das três coisas; no entanto, sabia agora que a minha mãe não me abandonara. Foi a única coisa a que consegui agarrar-me. Swan observou-me, em silêncio.

- Absorveste todas as minhas palavras - disse. - Espantoso.

Apertou-me um pouco mais a mão.

- Agora ouve o resto. Por fim, encontrámos a Katherine, em Nova Iorque. Tinha passado algum tempo a trabalhar numa organização de direitos civis, onde conhecera um jovem com o mesmo trabalho, um rapaz de cor. Contara-lhe que a sua mãe também era de cor e casaram. Suponho que o amava. Não sei. Ele foi recrutado e partiu para o Vietname, onde morreu em combate. Uma semana depois, a Katherine deixou a filha pequena, a Karen, com uma amiga. E suicidou-se. A Matilda e eu fomos até Nova Iorque: trouxemos o corpo da Katherine para cá e sepultámo-la ao lado da Júlia, numa campa sem nome. As pessoas não sabem, mas ela está no jazigo da família Hardigree. E também trouxemos a Karen, para ser criada contigo. Sabíamos que, um dia, teríamos de vos contar a verdade, ou tanto quanto possível... quando tivessem idade para a ouvir. - Swan hesitou. - Parece que esse dia chegou.

Abri a boca, mas não conseguia falar. Swan encostou um dedo aos meus lábios.

- Cometemos um erro bem-intencionado, há três anos, quando procurámos a família do Anthony e os trouxemos para aqui. A Matilda queria ajudá-los, mas falhámos. Lamento muito. Garanto-te. Mas contei-te tudo isto porque quero que compreendas que só me arrependo de uma coisa. - Fez uma pausa. - Devia ter afogado a Clara quando era bebé, naquela noite no lago em Bald Stone Trace.

Tudo o que ela me contara - todos os factos tortuosos e lúgubres sobre a sua vida e a de Matilda, as nossas mães, nós próprias, Anthony Wade e Clara - perdia importância em comparação com a destruição que obrigara os outros a suportar com ela, sem qualquer remorso. Obrigara-me a aceitar a nossa herança como uma espécie de ritual de passagem, e eu aceitei-a da única maneira que podia.

- Odeio-a - murmurei.

Ela afastou-se e fixou-me. Tinha os olhos secos e uma expressão dura no rosto.

- Se fosse assim tão fácil deixar de amar alguém, acreditaria em ti.

Deixou-me sozinha na escuridão e fechei os olhos.



Eli, a mãe e Bell enterraram Jasper no cemitério da mesma igreja decrépita no Tennessee onde Anthony fora sepultado décadas antes. Ficava a sul de Nashville e, nos dois dias após o funeral, Eli conduziu a carrinha pela estrada interestadual em direção a um lado qualquer - para onde, era-lhe indiferente, e à mãe e a Bell também. Uma noite, num motel à beira da estrada, disse-lhes: - Vou cuidar de nós.

Bell, que se refugiara no silêncio há já uma semana, perguntou de repente, com um soluço: - Foi o paizinho que a matou?

E a mãezinha desatou a chorar outra vez.

- Não, não, nunca o faria, é impossível.

- Vou cuidar de nós - repetiu Eli, aturdido. No fundo do coração, estava convencido de que o pai matara a tia-avó de Darl, e lembrar-se-ia sempre da expressão nos olhos de Darl enquanto o chefe Lowden a arrastava para longe deles, uma expressão que interpretou não apenas como vergonha por ele, mas também como vergonha por gostar dele e choque pela culpabilidade óbvia do seu pai. A raiva e o desgosto de Eli, bem como a sua promessa de construir algo para a família, nunca conseguiriam alterar essa convicção de ter visto rejeição nos olhos dela.

Perdera Darl para sempre.



Eu perdera Eli. Nunca poderia procurá-lo, nunca poderia contar-lhe a verdade, nunca podia esperar o seu perdão. Não tinha esse direito. Independentemente de para onde fosse ou do que fizesse com a minha vida daí em diante, fosse qual fosse a minha maneira de lidar com Swan e de escapar aos planos dela para mim - algo que tencionava fazer -, ficaria para sempre presa nas memórias, com a minha culpa secreta tão imutável como as nossas flores de pedra. Algum instinto místico, de memórias fundidas com experiência, começou a sussurrar-me interiormente. A minha mãe não me abandonara. Fora Swan que a afastara. Eu ainda não conseguia fugir de Swan, mas, um dia, quem sabe... Entre a espada e a parede, só o amor e o desafio poderiam sobreviver.

Quando me tiraram a medicação, em fevereiro ou março, penso eu, dirigi-me a uma pequena divisão, no piso de cima da mansão, que estava repleta de caixas. Procurei nelas até encontrar as roupas que a minha mãe usara quando era adolescente. Ela era mais pequena do que eu, pelo que a saia castanho-clara e a blusa branca me serviam, apesar de ser mais nova do que ela era quando as usara. Até encontrei um par de mocassins. Swan guardara tudo, tentando fechar a memória da minha mãe numa caixa, longe de nós as duas. À medida que cresci, acabei por compreender melhor o sofrimento da minha avó, pois também eu sofria; mas nunca a perdoei.

Os sapatos da minha mãe também me serviam. Não ia seguir as pegadas dela mas agora sabia, pelo menos, por que motivo ela seguira determinado caminho. Com a saia e a blusa vestidas, desci as escadas. Swan estava de pé junto a uma mesa de centro, sob o candelabro do vestíbulo, o olhar distante, com uma pequena jarra de mármore nas mãos. No breve vislumbre que tive dela antes de ela me ver, pareceu-me terrivelmente só. Hesitei, mas o mármore transporta até o som do bater de um coração. Ela ouviu os meus passos e ergueu o rosto.

Por um segundo, deve ter visto em mim a minha mãe. Sobressaltada, atrapalhou-se e deixou cair a jarra, que se partiu em duas no chão de mármore.

Eu nem pestanejei.

- Chega de cor-de-rosa - disse.

Segunda Parte
Vinte e cinco anos depois

Capítulo 10

Numa tarde de final de outono, com o calor a erguer-se como vapor, Eli pilotou o seu bimotor *Cessna* sobre o rio Mississippi, perto de Memphis, Tennessee. O antigo curso de água era ladeado por pântanos e pinhais que eram bons indicadores para manter a altitude. *Sem problemas, é fácil*, pensou. Já tinha aterrado o *Cessna* em florestas sul-americanas, em montanhas canadianas, em desertos ocidentais e em povoações costeiras onde os crocodilos rondavam valas lamacentas bem perto das rodas do avião. Eli tinha trinta e oito anos de idade, um rosto simpático e atraente, algo desgastado pelas intempéries, os mesmos olhos escuros da juventude e os ombros largos do pai. Não tinha nem mulher nem filhos, e contava com mais de cinquenta milhões de dólares no banco. Jogador, investidor, inventor – onde quer que uma jogada inteligente o levasse, Eli fora e vira o mundo.

Porém, a missão de hoje nada tinha de inteligente.

O grandioso rio da sua terra natal alargara como um grande lago prateado por baixo dele. Procurou um ponto de referência na margem e baixou o avião sobre as árvores, zangado e um pouco descuidado. Clareiras surgiram na floresta, o terreno aberto em secções rasgadas de terra e maquinaria pesada. Um cartaz passou por baixo dele. «Rivercross Landing», dizia. Casas de luxo a partir de trezentos mil dólares.

Encontrou o trecho comprido e pavimentado da estrada em direção à entrada principal do empreendimento, e conduziu o avião para essa viela entre as árvores, num exercício meticuloso de perícia e determinação. O instrutor de voo e vários passageiros tinham-lhe dado a alcunha de «Han Solo». O nome pegara. Eli esticou a cabeça e calculou a distância e a velocidade, enquanto os esqueletos de madeira das grandes casas em construção passavam por baixo de si a grande velocidade. O avião tocou no solo. Conduziu-o devagar pela estrada, com a poeira a voar nos lotes limpos de árvores de ambos os lados, até chegar a um contentor branco com um cartaz ao lado da porta onde se lia «Canetree Development».

Um funcionário correu para ele assim que desceu do avião.

– Que raio pensa que está a fazer, seu filho da... – O homem calou-se abruptamente. Eli media bem mais de um metro e oitenta, tinha braços grossos e mãos grandes. A sujidade do trabalho árduo cobria-lhe as botas de sola grossa, as velhas calças de caqui e a camisa azul transpirada. Trocara os óculos por lentes de contacto, até ter feito a cirurgia a *laser* no ano anterior. Sabia que tinha uma aparência intimidante, e o funcionário, pensando o mesmo, recuou. Eli inclinou a cabeça.

– Sou o cunhado do Alton Canetree. – Olhou para o contentor onde funcionava o escritório. – Ele está aqui?

– Sim, claro. Mas, ah... está a ter um dia mau. Não o vimos muito.

– Imagino. – Eli atirou ao ar um ás de copas, apanhou-o com as pontas dos dedos e escondeu-o na palma da mão como se fosse uma moeda mágica. Paciência. Calma. Contou até dez. Os números nunca o tinham deixado ficar mal. Enquanto se dirigia ao escritório, enfiou a carta no bolso da camisa e fletiu os punhos.

Abriu a porta metálica tão bruscamente que esta bateu contra a parede. Assim que entrou, olhou de testa franzida para Alton, que estava deitado num sofá de napa, a dormir, com um braço a tapar os olhos, a camisa amarrotada, as calças salpicadas de cinza de charuto e o cabelo loiro colado pela transpiração. Em cima de um pequeno armário de arquivo, que Alton puxara para junto do sofá, viu uma garrafa de *bourbon* meio vazia e um cinzeiro cheio de priscas de charutos.

Eli hesitou, surpreendido e preocupado. Alton não costumava nem beber nem fumar. Nos cinco anos desde que casara com Bell, sempre fora uma pessoa de toda a confiança. Tornara-se um irmão emprestado para Eli e um segundo filho para a mãe deste. Era absolutamente devotado a Bell, que também o amava muito. Jessie, a primeira filha de ambos, tinha agora seis meses. Alton adorava-a. Tudo isso tornava ainda mais difícil de compreender o que ele fizera.

– Alton, acorda, raios! – Eli desviou-se do armário, inclinou-se sobre o cunhado e sacudiu-o pela camisa. Alton sentou-se e olhou para Eli com olhos ensonados e vermelhos. Eli fez uma careta. Alton não tinha estado apenas a beber. Estivera a chorar. Segurou-lhe nos ombros.

– O que aconteceu? Porque deixaste a minha irmã?

– Não sabia o que havia de fazer. Amo-a demasiado para deixar que as coisas continuem como estão.

- Ouve, eu sei que ela tem algumas ideias estranhas, mas um homem não abandona assim a mulher e a filha bebé.

- Eli, uma das médiuns loucas que ela frequenta conseguiu meter-lhe coisas na cabeça. A Bell não fala de mais nada senão do que aconteceu quando vocês eram miúdos, na Carolina do Norte.

Eli gemeu baixinho. A obsessão de Bell pelo passado não era novidade. Tal como a mãe, nunca desistira, mesmo quando não havia respostas. No entanto, a mãe direcionara o seu tormento para a igreja e as orações, enquanto Bell se voltara para gurus do *tarot* e médiuns.

- Ouve, é a forma que ela tem de lidar com o que nos aconteceu. Sabes bem como ela é imprevisível. Isto é apenas mais uma fase. Se ela gastar demasiado dinheiro com videntes, manda-me a conta.

- O problema já não são só as malditas videntes. É mais do que isso. E não quero o teu dinheiro. Se o problema fosse dinheiro, sei que nos ajudarias.

- Seja o que for, vais voltar comigo para Nashville. Conversamos pelo caminho. Eu ajudo-vos a resolver as coisas. Tu estás com mau aspeto, mas ela ainda está pior. Vá lá. Ela e a bebé ficaram com a nossa mãe.

Alton levantou-se com esforço.

- Não é assim tão fácil. - Ergueu a voz. - Uma das médiuns disse-lhe que têm de voltar todos ao sítio onde o vosso pai morreu. Voltar àquela cidade... A vidente acha que a verdade está na terra, *enterrada*, ou um disparate qualquer do género, nem sei... Desisti de tentar fazê-la ver a razão. Desde que a Jessie nasceu, então, tem sido de mais. A tua irmã acha que tem obrigação de provar que o avô da nossa filha não era um assassino.

- Não me interessa o que uma charlatã qualquer disse à Bell...

- Eli: nas minhas costas, a tua irmã fechou um negócio que arrasou com as nossas poupanças. - Alton passou as mãos pelo cabelo. - Comprou um terreno no valor de meio milhão de dólares sem me contar nada antes.

Eli olhou para ele.

- Um terreno onde?

Alton escondeu o rosto nas mãos e soltou um som que tanto podia ser um soluço como uma risada irónica.

- O terreno onde vocês viveram na Carolina do Norte. Com aquela casa de mármore e o jardim de pedra... ou como raio se chamava.

Eli fitou-o.

- O Jardim das Flores de Pedra.

Alton assentiu com a cabeça.

- Diz que vai voltar para lá e escavar o chão todo.

Nessa tarde, Eli fez o curto voo de regresso a Nashville num dos estados de espírito mais desanimados de toda a sua vida. Mantivera a promessa que fizera a si próprio, na infância, de encontrar terras planas. De certa forma, isso tornara-se o impulso definidor da sua vida. No entanto, continuara a movimentar-se sobre a superfície terrestre, um solitário nato, sempre a ganhar altitude. Quando olhava para trás, via Burnt Stand, a cidadezinha cor-de-rosa na Carolina do Norte, o único sítio onde nunca pousara, o lugar onde nada era plano ou regular e onde as perguntas continuavam sem resposta para sempre. Mesmo depois de tantos anos, ainda pensava em Darl todos os dias.

Pousou o avião numa pista pavimentada entre pastos amplos, com a silhueta da cidade de Nashville no horizonte distante. Os terrenos que comprara alguns anos antes ficavam a poucos quilómetros do velho cemitério onde o paizinho estava sepultado. A mãe ia visitar a campa todas as semanas, e doara milhares de dólares à pequena igreja de província à qual o cemitério pertencia. Estava contente por poder estar ao pé dele.

Eli subiu para um SUV salpicado de lama que deixara no aeródromo privado e percorreu uma estrada de terra batida entre cercas, por detrás das quais pastavam cavalos e gado. Quando não andava em viagem, trabalhava na quinta: tentava afundar-se na terra, criar raízes. No entanto, ele, a mãe e Bell tinham-se mudado tantas vezes ao longo dos anos que, pelo menos para Eli, ficar muito tempo no mesmo sítio parecia pouco natural. *Sempre em movimento, sem olhar para trás*, dava por si a pensar, às vezes.

Passou por celeiros, telheiros e a pequena casa de tijolo onde vivia o capataz da quinta com a família. A ironia da situação – as comparações com a sua própria infância – deixava-o sempre um pouco desconfortável. Agora era ele o proprietário das terras, o patrão de uma família de inquilinos, embora se orgulhasse de ser justo e de pagar bem. Depois de ultrapassar uma inclinação da estrada, os terrenos da casa principal abriram-se à sua frente, verdejantes e bonitos, com as últimas flores de verão ainda abertas. Por baixo de árvores enormes, as sombras eram profundas e frescas. A casa que construía para a mãe erguia-se entre essas árvores com a graciosidade e tranquilidade que Annie Gwen desejara para o seu lar – uma casa espaçosa, mas simples, copiada da fotografia de uma casa de quinta de madeira branca que ela encontrara na revista *Southern Living*.

A mãe veio recebê-lo à porta, com um ar levemente preocupado. Annie Gwen Wade tinha agora quase sessenta anos de idade, as costas ainda direitas, mas um pouco mais roliça, a artrite a tolher-lhe a anca direita, o cabelo castanho-claro e grisalho cortado num penteado leve num salão caro em Nashville. Vestia um dos seus casacos preferidos por cima de uma *t-shirt*, e tinha uma manta de bebé e uma fralda de pano sobre o ombro.

– Não conseguiste convencer o Alton a voltar? – gemeu. Eli abanou a cabeça e abraçou a mãe.

– Mas ele ama-a. E eu vou resolver o problema.

– Como? – A mãe afastou-se para o fitar com olhar assombrado. – Ele contou-te o que a Bell fez? – Eli fez que sim com a cabeça. – Ela explicou-me que a menina Swan pôs o terreno à venda e...

– Eu sei, mãe, eu sei. O Alton contou-me os pormenores.

– A tua irmã perdeu a cabeça! Quer escavar o terreno onde vivemos em Burnt Stand, mas nem sequer sabe bem porquê.

– Não vamos voltar para lá. E ninguém vai escavar coisa nenhuma.

A mãe levantou a mão e fechou-a sobre o crucifixo de diamantes que Eli e Bell lhe tinham dado num Natal. Bell perseguia fantasias. A mãe rezava por sinais.

– Se eu achasse que havia alguma maneira de provar que o teu paizinho não matou a Clara Hardigree, sabes que faria o que fosse preciso. Mas isto é uma insensatez.

– Não é nada, mãe – contestou Bell de dentro de casa. – É o destino.

Eli entrou no vestíbulo e olhou para a escadaria branca. Bell estava no cimo da mesma, descalça, usando calças de ganga e uma blusa de seda branca salpicada de lágrimas. Aos trinta e dois anos de idade ainda era delicada, doce e um pouco excêntrica, com o cabelo cor de caramelo da mãe e os olhos escuros dos Wades. Annie Jessamine Canetree, ou Jessie, como era tratada, dormia nos seus braços.

– Está fora de questão voltarmos àquele lugar – afirmou Eli.

– Seremos assombrados para o resto da vida se não o fizermos! *Assombrados* – insistiu Bell, a chorar e a embalar a bebé. – Não quero que a minha filha cresça também assim.

Eli passou a mão pelo cabelo enquanto combatia a vontade de gritar com a irmã.

– A tua vidente não sabe o que diz. Não há lá nada enterrado a não ser más memórias.

– Não, não existem coincidências. Depois de a minha médium me ter assegurado que a verdade está enterrada onde nós vivíamos, contratei um advogado, só para ver o que ele conseguia descobrir sobre a Swan Samples e a sua propriedade. Ela tem agora setenta e muitos anos, e pensei que já tivesse passado tudo para a Darl, que talvez...

Eli deu uma palmada no corrimão das escadas.

– Não contactaste a Darl, pois não?

– Não, não... Só pedi ao advogado que falasse com os agentes imobiliários em Burnt Stand. – Bell segurou-se ao corrimão e desceu devagar as escadas, com Jessie encostada ao ombro. A mãe subiu os primeiros degraus, a coxear por causa da anca, e tirou-lhe a menina adormecida do colo. Bell estendeu as mãos agora livres para o irmão, num gesto de súplica. Tinha os olhos a brilhar. – E o advogado descobriu que a Swan Samples pôs os terrenos atrás do Solar de Mármore à venda há um ano! A Vivenda de Pedra, o Jardim das Flores de Pedra, tudo! Ela queria vendê-los! Não pode ser coincidência, Eli. Estava destinado que fôssemos nós a comprar aquela propriedade!

– Fizeste negócio com a Swan Samples? E ela sabe?

Bell abanou a cabeça.

– Escondi-me porque não queria que ela ficasse perturbada com a verdade. É uma senhora idosa.

– Não pensaste que ela talvez percebesse que se passava alguma coisa quando mandasses

homens com picaretas e escavadoras para arrasar a floresta?

- Talvez fique contente... Com certeza que também quer saber a verdade sobre a irmã. O corpo da Clara nunca chegou a ser encontrado no lago.

- É um lago grande e fundo. Não é de admirar.

- Alguém matou a Clara Hardigree, mas não foi o paizinho. Vou escavar aquela terra até encontrar alguma coisa que prove o que de facto aconteceu.

- Não vais encontrar nada - afirmou Eli em tom mais baixo e controlado. - Nem conseguirás provar nada, exceto que agora somos uns doidos com dinheiro.

Bell virou-se para ele a tremer, com os olhos repletos de fúria.

- Porque é que não queres acreditar no paizinho? Como consegues agir como se tivesse sido ele? Não queres limpar o seu nome? Era o nosso pai. Amava-nos. Não merece ser chamado de assassino. Não quero que a minha filha cresça a ouvir que o bisavô não conseguia manter as calças vestidas e que o avô matou uma mulher. Queres contar isso aos teus filhos, um dia?

Eli hesitou. Sentia os olhos da mãe fixos nele.

- Não tenho filhos e não espero ter. - A mãe gemeu e embalou Jessie ao ouvir aquelas palavras.

Bell ergueu as mãos.

- Eli, não percebes o que se passa contigo? Por que motivo vives como vives... como um velho eremita cigano, a voar de um lado para o outro, a mexer em computadores, a ganhar dinheiro e a dormir com mulheres aqui e ali, mulheres que, por acaso, são todas parecidas com a Darl Union...

- Bell - interrompeu a mãe.

Bell observou a expressão perturbada de Eli e empalideceu.

- Desculpa, mas sabes que a tua vida não é boa. E é tudo por causa do paizinho, não é? Foste assombrado, tal como eu e a mãe. Voltar a Burnt Stand é a única forma de o podermos ultrapassar.

Eli apertou o corrimão.

- Não há nada enterrado naquela propriedade que possa alterar o que o pai fez ou não fez. Acho que devíamos esquecer o assunto e seguir com as nossas vidas.

- Seguir com as nossas vidas? Como tu fizeste? Sei bem o que tens andado a fazer nos últimos anos. E a mãezinha também. Não somos estúpidas.

- Estou apenas a tentar fazer algo de bom com a minha vida e o meu dinheiro - respondeu ele com um sorriso.

- Sabemos tudo sobre o Grupo Phoenix e a Darl.

Silêncio. A acusação pesou no ar e reduziu Eli a um silêncio constrangido. Bell pegou-lhe nas mãos.

- Não podes continuar a tentar fazer parte da vida dela sem que ela saiba, Eli. Não está certo... não é justo. Nem para ela, nem para ti.

- Ela não tem motivos para querer voltar a ver-me. A mim ou a qualquer um de nós.

- Nem sequer sabes se ela de facto nos odeia. Não sabes se ela acredita que foi o paizinho o culpado.

- Acredita, sim - afirmou ele entre dentes. - Há algumas coisas que nunca esquecerei na vida. Uma delas é a imagem do pai caído por terra com o sangue a jorrar do coração... - Interrompeu-se quando viu a tristeza invadir o rosto da mãe. Respirou fundo. - E outra é a expressão nos olhos da Darl.

Bell começou a chorar.

- É por isso que temos de voltar. - Tocou-lhe na mão fechada, com carinho. - Eli, nunca pensaste que talvez a Darl esteja a sofrer como nós? Que talvez ela também precise de saber o que aconteceu?

- Podemos simplesmente acabar por provar que o pai matou mesmo a tia-avó dela.

A mãe, que até ali ouvira as dúvidas traiçoeiras de Eli numa agonia silenciosa, falou em voz baixa: - É disso que tens medo, filho?

Após um momento de hesitação, Eli assentiu. A mãe empalideceu e sentou-se nas escadas, estreitando a bebé contra o peito de forma protetora. Eli segurou-lhe no cotovelo e Bell desceu os degraus à pressa.

- Mãezinha! - Bell tirou-lhe Jessie dos braços e sentou-se ao lado dela. Eli acariciou-lhe o cabelo.

A mãe endireitou-se e limpou os olhos.

- O vosso pai era um homem bom e, no fundo do meu coração, sei que ele não matou a Clara Hardigree. Talvez nos considerem loucos por andar a remexer no passado, mas não me importo. A Bell tem razão. Temos de regressar e rezar para conseguirmos suportar a verdade se e quando encontrarmos alguma coisa.

Puxou os filhos e a neta para si, olhando para o filho cínico e a filha traumatizada com angústia maternal.

Eli sentiu um peso abater-se sobre ele.

Darl.

Quando estava na quinta em Nashville, Eli passava a maior parte do tempo numa pequena casa sem janelas que construía no bosque, perto da casa da mãe. Uma placa na porta dizia «Solo Inc.», o nome da corporação sem atividade definida que ele criara para si próprio. O edifício incluía um quarto simples e uma cozinha básica que quase pareciam dois acrescentos *a posteriori*. Algumas das divisões estavam repletas de livros e CD sobre matemática, ciência e tecnologia; outras eram uma confusão de mesas e estantes cobertas de instrumentos eletrónicos e equipamento de teste, computadores e vários sistemas com eles relacionados. Uma teia de cabos cobria o teto e serpenteava sobre os azulejos do chão. A paixão de Eli pela tecnologia levava-o a investir em várias *start-ups*, cujas empresas daí derivadas valiam agora uma fortuna. Podia dar-se ao luxo de se rodear de acessórios sem alma.

No entanto, nessa noite, sentado numa velha poltrona de cabedal no meio de todos aqueles cérebros de silicone implacáveis, lógicos e frios, introduziu um comando e um grande ecrã encheu-se com o genérico de abertura do programa de Larry King. King explicou o tema dessa noite, apresentou a sua convidada e, depois, virou-se para ela enquanto o ângulo da câmara se expandia.

«Bem-vinda de volta ao programa», disse a Darl. Eli soltou lentamente a respiração. Tantas vezes que ela o deixara sem ar, sem sequer saber. Tentara afastá-la da sua mente durante anos, depois de deixar *Burnt Stand*, porque pensar em Darl lhe custava demasiado.

Agora, recostou-se na cadeira e olhou para ela na televisão.

«Preferia que não fosse preciso estar aqui outra vez», respondeu ela a King. «Sem ofensa.»

«Eu compreendo. Para os espectadores que não sabem o que é o Grupo Phoenix, quer explicar-nos?»

«É uma fundação de defesa jurídica sem fins lucrativos. Temos cinco advogados e um pequeno grupo de pessoal para dar apoio. A nossa sede é em Washington. A diretora da fundação é Irene Branshaw, uma juíza federal aposentada.»

«Dedicam-se a casos de pena de morte. Até hoje, a fundação libertou vinte homens do corredor da morte. O público tem tendência para odiar os advogados de defesa que fazem isso.»

«A inocência desses homens foi provada por provas de ADN. O objetivo da fundação não é manipular o sistema e libertar culpados, mas sim levar justiça àqueles que foram indevidamente condenados.»

«No entanto, o caso de Frog Marvin é diferente. Não há dúvida de que ele matou dois agentes da polícia. Estão a tentar libertá-lo?»

«Não. Pedimos apenas que a sentença de morte seja convertida em prisão perpétua.»

«A execução está marcada para a próxima quarta-feira, na Florida. Teve sorte com os recursos mais recentes?»

«Não, mas ainda falta uma semana. Não vou permitir que o Estado da Florida mate uma criança.»

«Faz sempre questão de se referir assim a Frog Martin, que tem trinta e nove anos de idade. Porquê?»

«Porque ele tem o QI de um miúdo do segundo ano», respondeu Darl em voz doce. «Imagine executar um menino de sete anos.» Fulminou King com o olhar educado, mas acutilante, que levava um comentador a observar, em tom de piada, que ela tinha olhos de pistoleiro antes de um duelo. O cabelo castanho ondulado suavizava-lhe a expressão séria, mas não conseguia mitigar a intensidade dos olhos azuis. As suas feições eram belas, a pele - não havia melhor forma de a descrever - como porcelana, embora a indumentária, composta por fatos profissionais de bom corte, e os modos fossem discretos. No entanto, o caso de Marvin desgastara-a como nenhum outro até então. Nos últimos meses, Eli vira-a emagrecer e ficar mais macilenta. Mais triste. Mais perigosa.

King virou-se para a câmara.

«Para os espectadores que só agora se juntaram a nós: há cerca de doze anos, Frog Martin e o irmão mais velho, Tom, foram condenados pelo homicídio de dois agentes da polícia da Florida durante um assalto a uma loja de conveniência. Tom está a cumprir uma pena de prisão perpétua, mas Frog foi condenado à morte porque foi ele que disparou a arma.»

Darl abanou a cabeça e levantou a mão para interromper. Eli reparava sempre que ela não usava anéis, e muito poucas joias de qualquer espécie. Apenas o pendente Hardigree, num fio de ouro fino, refletia a luz do estúdio contra a lapela azul do casaco. *É leal à avó*, pensou Eli.

Apoiou o queixo na mão. Ela seria sempre neta de Swan, uma Hardigree, e ele seria sempre o filho do homem suspeito de matar uma mulher da família dela.

«Tom ordenou a Frog que disparasse contra os agentes», continuou ela. «Ninguém põe isso em causa, nem o facto de Tom ser um brutamontes cruel que aterrorizava o irmão desde que eram pequenos. Todas as testemunhas oculares do assalto confirmaram que Frog afirmou: “Não quero fazer-lhes mal”, e que Tom lhe gritou que disparasse, ameaçando-o caso recusasse. Depois de Frog disparar contra os polícias, largou a arma e desatou a chorar.»

«As famílias dos polícias estiveram aqui no programa a semana passada. Acreditam que essas circunstâncias não são relevantes.»

«Compreendo muito bem a situação em que se encontram... mas o homem que matou os seus entes queridos foi o *Tom* Marvin, não o seu irmão Frog. Frog estava apenas a obedecer a ordens. Sem dúvida, não possuía capacidade para desafiar o irmão.»

«Este caso é muito pessoal para si.»

«Todos os casos o são.»

«Teve oportunidade de ficar a conhecer bastante bem o Frog Marvin, certo?»

«Trabalho no caso dele há cinco anos. Foi um dos meus primeiros casos quando entrei para o Grupo Phoenix.»

«Antes disso, foi advogada oficiosa em Atlanta.»

«Sim, durante alguns anos. Fui contratada pelo Grupo Phoenix pouco depois da criação do mesmo, em 1996.»

«Com certeza não vai enriquecer a trabalhar para o governo e para instituições de solidariedade. Nunca pensou em se mudar para o mundo milionário do direito privado?»

«Os mais ricos podem comprar a sua justiça neste mundo. Não precisam de mim.»

«É uma pessoa cínica?»

«Sou realista.»

Darl continuou a explicar o trabalho da fundação. A sua voz era baixa, com um suave sotaque sulista, bem modulada, um pouco rouca e muitíssimo sensual. Tal como em tribunal, mostrava uma naturalidade inata na televisão. *Era capaz de a ouvir falar para sempre*, costumava Eli pensar. Ela tornara-se bastante conhecida devido às entrevistas televisivas, que Eli gravara na íntegra. Não perdia uma.

«É verdade que recebeu ameaças de morte por causa do caso Marvin?»

Ela assentiu com um aceno e encolheu os ombros. A sua atitude indicava que seria capaz de esventrar qualquer pessoa que decidisse persegui-la. Tinha os olhos azuis sedutores, arrepiantes e impenetráveis da avó. No entanto, para Eli, continuava a ser a menina cor-de-rosa que se escondia atrás daqueles olhos.

«São os ossos do ofício.»

Eli saltou da poltrona e pegou no telemóvel que se encontrava em cima de uma mesa coberta de equipamentos eletrónicos. Marcou um número gravado. Segundos depois, disse: «William? Fala-me sobre estas ameaças de morte.»

Quando desligou, começou a andar de um lado para o outro. Darl continuava a conversar com Larry King, enquanto Eli cravava as unhas nas palmas das mãos.

«O que gostaria que acontecesse a Frog Martin?», perguntou-lhe King.

«Pretendo apenas que a pena seja reduzida a prisão perpétua. Não defendo que ele seja libertado.»

«Um editorial num jornal da Florida chamou-lhe “um tubarão de olhos azuis assassinos”. É mesmo assim tão dura?»

«Sem sombra de dúvida.»

«Se tudo o resto falhar, o Frog Marvin será executado através de injeção letal na próxima quarta-feira. Assistirá à execução?»

«Se chegarmos a esse ponto, estarei na primeira fila. Estou com o Frog há tempo de mais. Não o abandonaria no último minuto.»

«E é capaz de o ver morrer?»

Darl nem sequer pestanejou.

«Não é assim tão difícil assistir à morte de alguém», respondeu, por fim. «O mais difícil é viver com isso.»

King virou-se para as câmaras.

«Quando regressarmos, vamos ouvir as vossas perguntas para Darl Union, advogada de Frog Martin, o assassino condenado com problemas mentais que, em princípio, será executado na Florida para a semana.»

Eli sentou-se devagar e ficou a olhar para o rosto dela até a imagem dar lugar aos anúncios. Darl estava pálida e parecia cansada. *O mais difícil é viver com isso.* Com o que tinha ela de viver? Até que ponto seriam más as memórias que guardava de Clara e do pai de Eli? Do próprio Eli? Os seus pensamentos giraram, num turbilhão. Compreendia a fixação dela com a morte de uma forma que poucas pessoas poderiam entender. Percebia por que razão um homem indefeso e simples como Frog Marvin a faria lutar com toda a sua energia e devoção. Aquela mulher de trinta e cinco anos de idade fora, em tempos, uma menina cor-de-rosa que se lançara para o meio de uma luta com um grupo de rapazes, apenas para salvar um desconhecido.

Um plano chocante começou a formar-se na mente de Eli.

– Por amor de Deus! Raios, não podes ir ter com ela dessa maneira! – admoestou-se a si próprio.

Apoiou a cabeça nas mãos: sabia que tinha de descobrir como podiam ser as coisas entre ele e Darl, encontrar-se com ela em terreno neutro antes de ser obrigado a falar-lhe do plano louco de Bell para escavar os terrenos atrás do Solar de Mármore; acima de tudo, sabia que tinha a obrigação de estar onde Darl poderia precisar dele, onde a morte perseguia os indefesos. Pelo menos, tinha de tentar.

Vinte e cinco anos depois, ele e Darl voltariam a encontrar-se.

Capítulo 11

Era o fim. Não havia mais oportunidades. Não havia mais recursos. Frog Marvin ia morrer. E a culpa era minha.

Na quarta-feira de manhã, um dia quente de setembro nasceu sobre o horizonte da Flórida central, longe das fantasias do Disney World ou das praias simpáticas do Atlântico e do Golfo. Poucas horas antes, o governador recusara intervir no caso de Frog. Olhei, abatida, para a faixa rosa do nascer do sol no pátio vedado em frente à prisão. A luz era ainda muito fraca; o cheiro a relva aparada, a pinheiro e a lodo estava suspenso no ar pesado; as rãs tinham-se calado há pouco.

Eu não dormira mais de cinco horas nos últimos dois dias: sempre que fechava os olhos, sonhava com Eli, Jasper, Clara e até com o pregador Al, tudo ainda tão fresco na minha mente como um poço novo na pedreira. Para mim, Eli tinha sempre treze anos, e gritava: «Paizinho, não!», enquanto o pai dele caía com uma bala no peito. O meu silêncio, o meu medo, a lealdade à minha família – tudo isso contribuíra para o condenar. E agora falhara também a Frog Marvin.

– Está na hora de entrar – indiquei aos dois jovens que fumavam cigarros uns atrás dos outros ao meu lado.

Eram estudantes de Direito, estagiários no Grupo Phoenix. O seu apoio resumia-se a andarem atrás de mim e – quando pensavam que eu não os ouvia – a murmurarem um ao outro que eu estava prestes a ir-me abaixo. Talvez tivessem razão. Parecia ter chumbo nos pés. O meu corpo magro tremia dentro do casaco azul amarrotado e da saia a condizer. Parei à porta e perdi um instante a limpar gotas de orvalho e pedacinhos de relva dos sapatos pretos de salto alto. Tudo para me distrair dos meus próprios pensamentos.

– Estou pronta – menti. Segui os guardas até uma cela isolada. Frog levantou-se ao ver-me, como um cavaleiro. Um velho sacerdote prisional, mirrado e encolhido, estava ao lado dele. Frog era enorme, com o rosto redondo e corado e os olhos verdes esbugalhados. À primeira vista, parecia um monstro.

– Menina Darl – disse ele em tom urgente, com a voz arrastada e rude. – Pensei que estivesse aborrecida e não quisesse vir ver-me mais uma vez.

– Frog, nunca quebrei a minha promessa de estar sempre presente, pois não?

Ele fitou-me com carinho.

– Não, menina Darl.

– Fiquei apenas triste quando tive de lhe comunicar a decisão do governador. Precisei de um bocadinho de tempo para mim, para ver se me conseguia lembrar de mais alguma coisa que pudesse tentar... Mas não há mais nada, Frog. Lamento imenso. Quem me dera que pudéssemos recomeçar. Faria tudo de forma diferente. Não cometeria os mesmos erros.

– Oh, não, menina Darl, não se sinta mal. Toda a gente acha que a menina é a melhor advogada que já viram. – Torceu as mãos grandes e transferiu o peso de um pé para o outro. – Fiz uma coisa má e acho que... acho que se calhar devia mesmo morrer.

– Frog, fez apenas o que o seu irmão o obrigou a fazer. Não quero que morra por causa disso.

– Mas... tenho de morrer. Foi o que me disseram.

Acenei com a cabeça. Tinha os olhos a arder e um nó na garganta. Frog olhou para mim com o lábio inferior a tremer.

– Não fique triste – murmurou.

– Estou assim porque o desiludi.

– Menina Darl, nunca mais diga isso. Ao princípio, quando se tornou a minha advogada, tive medo de si. Tem olhos cruéis. Mas depois sorriu e vi que era uma querida. E foi querida para mim desde então. Não me desiludiu. Deu-me força.

O sacerdote pigarreou. Tirou da Bíblia que tinha nas mãos um cartão com uma oração e estendeu-o a Frog.

– Senhor Marvin, vamos ler isto em voz alta, juntos.

Frog revirou o cartão entre os dedos grossos e ficou muito vermelho. Senti um aperto no estômago. Frog não sabia ler. Peguei no cartão.

– Eu leio, Frog.

– Aí explica como é o Céu?

O sacerdote ergueu a cabeça e inspirou, como se estivesse a encher os pulmões de retórica.

- O Céu é algo que está para além do nosso entendimento, senhor Marvin. Transborda com a luz do Bem e...

- Vai encontrar uma namorada simpática e ter uma casa com um sítio para jogar basquetebol - interrompi, recorrendo aos temas preferidos de Frog. - Assim que... *adormecer*, o *Hambone* e o seu avô Bo irão ter consigo. - Um rafeiro chamado *Hambone* e um avô carinhoso eram as únicas boas memórias de Frog. Toda a sua vida fora limitada pelo atraso mental, pela pobreza e pelos maus tratos terríveis.

Frog fitou-me com ar esperançoso.

- Vão estar lá logo assim que eu morrer?

- Sim. Tudo o que tem de fazer é adormecer e eles aparecerão.

- Como é que sabe?

Hesitei.

- Porque os mortos visitam-me nos meus sonhos. - *Nos meus pesadelos*, corriji-me mentalmente.

- E sabe mesmo quando eles estão lá?

- Estão lá sempre - confirmei. - À espera de que eu feche os olhos.

Frog soltou um suspiro trémulo.

- Acho que consigo fazer isso.

- Está na hora, senhora Union - avisou um guarda à porta.

- Menina Darl - murmurou Frog. - Tenho medo.

O meu corpo ficou tenso. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa: partir as paredes, correr para o exterior com esta criança grande e levá-lo para um mundo menos cruel.

- Dê cá um abraço - murmurei. Ele envolveu-me nos braços. Quando por fim me afastei, Frog lançou um olhar frenético ao sacerdote.

- Dê-lhe o presente dela!

O sacerdote suspirou e tirou do bolso do casaco um pequeno embrulho.

- O senhor Marvin pediu-me que comprasse isto para si.

Afastei o papel de seda com cuidado. Lá dentro estava um coração de plástico branco com pequenas flores pintadas.

- O meu coração é seu para sempre - declarou Frog.

Quase perdi a cabeça. Frog era Jasper Wade, era eu, era Eli, todas as memórias vulneráveis que eu enterrara dentro de mim ao longo de todos aqueles anos. Mais uma vez, tinha de ver alguém morrer.

- Vou guardá-lo em segurança, Frog. - Dei-lhe um beijo na face. - Gosto muito de si. - Provavelmente era a primeira vez na sua vida adulta que alguém, homem ou mulher, lho dizia. Desatou a chorar.

- Agora já posso ir para o Céu - afirmou.

Minutos depois, aturdida, entrei na pequena sala onde Frog ia ser morto. Um jovem repórter de uma estação de televisão da Florida murmurou, com ar agoniado: - Não sei como consegue fazer isto.

Não lhe respondi. Eu própria não sabia.

Uma repórter de um canal noticioso inclinou-se para mim enquanto nos sentávamos em cadeiras dispostas em fila.

- Soube que o Grupo Phoenix vai pagar a cremação de Frog Marvin e que você vai enviar as cinzas dele para a sua cidade natal na Carolina do Norte. É verdade?

Ignorei a pergunta e ela chamou-me «cabra» entre dentes. Tinha todos os nervos do corpo em franja. Quando os guardas entraram com Frog pelo lado oposto da sala e o prenderam a uma maca, com os braços enormes em cima de apoios, ele começou a tremer e olhou para mim.

- Menina Darl, agora vou fechar os olhos e vou deixá-los estar fechados até o *Hambone* e o meu avô me virem buscar. - Fez uma pausa, com os lábios a tremer. - Não tenho medo, porque a menina Darl está aqui comigo até eles chegarem.

Acenei com a cabeça, sem conseguir falar. O cheiro antisséptico da sala, o zumbido do ar condicionado e o crepitar da lâmpada pareciam rugir dentro de mim. Vi Clara e Jasper, as bolhas de ar no lago dos peixes, o sangue no chão em frente da Vivenda de Pedra. Vi Eli a correr para o pai e a expressão vazia nos olhos dele quando o chefe Lowden me arrastou para longe. E agora via Frog

Marvin deitado numa maca, de braços esticados, como se estivesse a ser crucificado, e o técnico abrir a linha intravenosa que o faria adormecer para nunca mais acordar, tudo porque, de alguma forma, eu não dissera ou não fizera a coisa certa, mais uma vez. Comecei a gritar silenciosamente. Apertei o coração de plástico branco contra a face, onde Frog podia ver que eu ainda o tinha comigo.

Frog sorriu e fechou os olhos.

Não os tornou a abrir.

Caos. Dezenas de manifestantes protestavam atrás das barreiras de segurança em frente à entrada da prisão, a agitar os seus cartazes e a gritar *slogans* para as câmaras de televisão. Cerca de metade estava a favor da execução de Frog. A outra metade era contra. A luz branca e escaldante das câmaras gravava a multidão para os vários canais nacionais e locais. Uma fila de polícias mantinha toda a gente atrás das barricadas. O sol quente e semitropical subiu no céu e iluminou os cartazes. Eu só reparei nos de ódio.

«MATEM O ASSASSINO DE POLÍCIAS»

«VAI PARA O INFERNO, FROG»

«MENOS UM PEDAÇO DE MERDA NESTE MUNDO»

Os polícias transpiravam e pareciam desconfortáveis.

- Darl, não posso permitir que faças isso - protestou William Leyland enquanto eu me dirigia à multidão e às câmaras. Era o coordenador de segurança do Grupo Phoenix e falou em tom autoritário, algo que lhe era difícil de fazer devido ao seu sotaque caribenho musical. Pousou a mão grande e cor de café no meu braço. - Vá lá, Darl. Não *podes* fazer isso. É uma irresponsabilidade. Tenho carros à espera, já está toda a gente pronta para se ir embora. Temos de nos despachar. Não adiantará de nada falar com os manifestantes.

- Adiantará, para mim. - Afastei-lhe a mão e avancei. Os operadores de câmara viraram-se para mim mais ou menos na mesma altura em que a multidão percebeu que eu era a advogada de Frog. O grupo que era contra a pena de morte aplaudiu-me. Os restantes investiram em frente, com fúria nos olhos.

- Espero que tenhas visto o teu atrasado mental assassino a morrer, puta - gritou uma mulher. Um dos manifestantes da facção contrária empurrou-a e a polícia teve de os separar. William correu atrás de mim e tentou bloquear-me.

- Ainda vais causar um motim - murmurou entre dentes. - Por favor, para.

- Não posso. - Aproximei-me das barricadas. Ainda tinha o coração de plástico de Frog na mão. Com a outra, tirei uma folha de papel dobrada do bolso do casaco amarrotado. - Quero ler uma coisa para que todos oiçam. É retirado do relatório de uma assistente social sobre Frog Marvin e o irmão. Foi escrito em 1979, quando o Frog tinha cerca de doze anos e o Tom, quinze. - Pigarreei e depois comecei a ler devagar, em voz alta e clara. - «Frog revela um medo profundo e está coberto de nódoas negras. Aparece muitas vezes em casa dos vizinhos, histérico, a implorar-lhes que o escondam dos “monstros”. O tio alcoólico dos dois rapazes é o único adulto da casa. Os vizinhos relatam que ele espanca ambos os rapazes, e que Tom, por sua vez, espanca Frog. O ano passado, Tom partiu o braço e o maxilar de Frog. Tom já matou ou torturou animais em frente de Frog. Os exames médicos revelaram indícios de abusos sexuais em Frog.» - Parei. - Frog Marvin cresceu numa câmara de horrores. Ninguém se preocupou o suficiente para o impedir, na altura, e ninguém quer saber agora. Somos *nós* os monstros no mundo dele.

Vi algumas expressões mortificadas e agoniadas à minha volta, mas muitas mais beligerantes. Um homem pequeno e rechonchudo abriu caminho até à frente da multidão.

- Oiça, é por causa de liberais lamechas como você que bandidos como ele andam à solta. Não quero saber como é que o imbecil cresceu. Quero lá saber se tinha tanto medo do irmão que não se atrevia a fugir. Não me interessa que tenha a mentalidade de uma pedra, está bem? Matou dois polícias e merecia morrer. - Arrancou-me das mãos o papel e o coração de plástico e levantou-os no ar. - Mas que merda é esta? Desculpas liberais! - gritou.

- Cale-se, seu pacóvio ignorante! - berrou alguém do grupo oposto. A multidão avançou. Ouviram-se gritos e começaram escaramuças. As câmaras viraram as luzes brancas e as lentes para a confusão. Debrucei-me sobre a barricada, agarrei na camisa do homem e tentei alcançar o papel e o presente de Frog. O homem rasgou o papel em pedacinhos e, depois, atirou o coração de plástico

para o chão e pisou-o.

- Processe-me - cuspiu, com um sorriso desagradável.

Nesse instante, um punho desconhecido passou rapidamente ao meu lado e atingiu-o na boca. O punho não pertencia a William, que estava a tentar puxar-me para trás, aflito. O homem esmurrado cambaleou e foi engolido pela multidão estridente. Nessa altura, a confusão começava a ultrapassar as barricadas, e os polícias estavam a tentar conter a multidão. Quase fui derrubada.

- Leva-a daqui - gritou William à pessoa que esmurrara o meu atormentador. Um braço forte prendeu-me pela cintura e os meus pés ergueram-se do chão.

Debati-me e tentei libertar-me do salvador invisível que me afastava da multidão. Assim que ele me pousou, virei-me para o empurrar.

- Largue-me, raios! Tenho de ir buscar o meu coração e... - Faltou-me a voz. Olhei para os olhos grandes e castanhos, e para o rosto anguloso encimado por cabelo escuro. Algo dentro de mim implorou: *Olha para ele e lembra-te*. Lembro-me do quê? Abanei a cabeça.

- Eu trato disso - afirmou o desconhecido num sotaque sulista que me vibrou nos ossos. - Do seu coração. Eu cuido dele.

William correu para nós.

- Vai, vai com este tipo. Por favor.

- Para onde?

- A Irene fez planos para ti. Por favor, vai. Este é um velho amigo meu. Confiava-lhe a minha vida e tu podes fazer o mesmo. Podes contar com ele. Chama-se Solo. Não te preocupes. Por favor, vai.

- William, não posso...

- Eu levo-a - interrompeu o desconhecido chamado Solo. Do outro lado da estrada de duas faixas, à entrada da prisão, estava um carro alugado. Solo puxou-me para o lado do passageiro e abriu a porta.

Agarrei-me à parte de cima da porta e, desgostosa, olhei para o descontrolo que as minhas palavras tinham causado. Solo pousou-me a mão no ombro e o contacto fez-me olhar para ele com vergonha e desespero. Só conseguira agravar a atmosfera de espetáculo à volta da morte de Frog.

- O que é que eu fiz? - perguntei, com a voz embargada.

O desconhecido tinha uma expressão orgulhosa nos olhos.

- Obrigou-os a olhar para dentro de si próprios e não gostaram do que viram. Entre no carro. Quando as coisas chegam ao fim e não resta mais nada senão gritos, está na hora de recuar e respirar fundo.

- Não respiro fundo há anos.

- Então vamos apanhar ar.

Empurrou-me com delicadeza para dentro do carro. Quase sufocada na minha vergonha, escondi o rosto nas mãos.

Solo tinha um pequeno avião à espera nas imediações da prisão. A julgar pela pintura desbotada e pelos interiores coçados, era um aparelho muito usado. A minha bagagem já estava empilhada nos lugares dos passageiros quando ele abriu a porta. Sentei-me ao seu lado no *cockpit* e vi o mundo afastar-se por baixo de nós. Uma hora depois avistámos a vastidão do golfo do México a brilhar a oeste.

A ilha de Saint George, virada para as Caraíbas e o México, descreve uma curva delicada, como uma sobranceira, na baía Apalachicola e nas águas do Golfo. As pessoas chamam a essa parte da Florida a «Costa Esquecida»; dado que fica na curva por baixo da parte mais comprida do Estado, almas menos caridosas também lhe chamam o «Sovaco». Longe das autoestradas, existem apenas pequenas e típicas aldeias piscatórias, bares de ostras e grandes praias vazias, dunas e casas de férias construídas sobre pilares de betão.

Irene Branshaw, a juíza aposentada que estava à frente do Grupo Phoenix, decretara que eu devia ir para a casa que ela tinha nessa ilha. Eu estava a ser gentilmente raptada e o novo consultor de segurança de William, Solo, fora destacado para essa tarefa pouco invejável. Eu não queria saber mais nada sobre ele, nem sequer o resto do seu nome. Queria existir num vácuo onde as minhas responsabilidades comessem e acabassem em mim.

Nuvens de trovoadas acumulavam-se no horizonte. Rajadas fortes de vento atingiram o avião. Solo manobrou os controlos com segurança, mas a sua expressão era tensa. Atrás de nós, o sol subiu no

céu escaldante. Eu estava a fugir do calor do Inferno, e levava comigo este desconhecido.

Nenhum de nós falou. Eu tinha as mãos pousadas na saia manchada de café, com as palmas viradas para cima, a cabeça encostada ao banco, a mente vazia. Ele murmurou qualquer coisa entre dentes, e olhou para o painel de instrumentos.

Levantei a cabeça.

- Passa-se alguma coisa?

- Não. Estava apenas a calcular o peso do combustível em relação à velocidade.

- Estamos a ficar sem gasolina?

- Não. É apenas um passatempo meu. Contar, calcular. - Hesitou. - Respire - ordenou com gentileza.

Acenei, voltei a recostar a cabeça e fechei os olhos. William garantira-me que Solo era um amigo, uma pessoa de confiança. Talvez fosse apenas bom com números.

Bom com números. Por algum motivo, aquela informação era reconfortante.

Sem saber como, adormeci.

Nos meus sonhos, Frog morreu outra vez.

Solo e eu pousámos numa pequena pista de aterragem entre os pinheiros no lado ocidental da ilha. Irene tinha um velho *Jeep* à nossa espera. Solo empilhou as minhas malas na parte de trás, juntamente com um velho saco de viagem seu. Olhei para o saco e tentei formar uma opinião, o que era difícil. Não comera grande coisa nos últimos dois dias e o calor, juntamente com o estômago vazio, estava a deixar-me tonta.

- Obrigada, mas daqui em diante prefiro ficar por minha conta - disse, encostada ao *Jeep*, a transpirar dentro do fato.

Ele estudou-me com minúcia enquanto revirava um ás de copas muito manuseado entre os dedos.

- As probabilidades não estão a favor desse plano. - Como que para lhe dar razão, senti os joelhos fraquejarem e segurei-me ao *Jeep*. Solo pegou em mim e instalou-me no banco do passageiro. - Descanse - ordenou. - Não vou atrapalhar.

Fiquei ali sentada em silêncio, tonta e agoniada, enquanto ele percorria a estrada principal ao longo da ilha. Passámos por uns quantos restaurantes e lojas para turistas, e depois voltámos a entrar na zona do pinhal. A dada altura, ele virou para uma ruazinha que desaparecia entre os pinheiros. Por fim, deixámos o bosque e vimo-nos entre dunas cobertas de ervas altas. A vastidão das águas do Golfo estendia-se perante nós. Solo parou o *Jeep* num pátio atrás de uma casa cinzenta de vários pisos, com telhado de telhas cor de coral. A casa estava assente numa dúzia de estacas, quase cinco metros acima da área de estacionamento por baixo. À frente da casa, o oceano era emoldurado por dunas baixas e por um céu azul salpicado de nuvens brancas.

Fiz questão de entrar sem a ajuda dele: como ainda tinha a cabeça a andar à roda, subi as escadas com cuidado.

- Obrigada, eu venho buscar as minhas malas depois - disse; mas ele trouxe-as de qualquer maneira.

A casa estava decorada com bonitas mobílias claras e sofás em tons de coral. No piso térreo, à frente, tinha um grande alpendre, do qual se descia para as dunas. Irene certificara-se de que a cozinha estava bem abastecida. Tirei uma garrafa de água do frigorífico, larguei o casaco numa cadeira, tirei um bloco e uma caneta das malas que Solo colocara à entrada do quarto principal e depois saí com passo inseguro.

Por baixo de um telheiro comprido, virado para o mar, havia duas espreguiçadeiras com almofadas. Foi preciso recorrer a toda a minha força de vontade para concluir a curta caminhada até à mais próxima. Sentei-me à sombra, sob a brisa, descalcei os sapatos de salto alto e bebi um gole de água, o suficiente para me trazer de novo à vida. Depois, inclinei a cabeça sobre o bloco e comecei obstinadamente a escrever vários apontamentos sobre o caso de Frog. Tinha telefonemas para fazer, comunicados para escrever; não havia tempo para chorar ou descansar.

- Não estou aqui para julgar - ouvi Solo atrás de mim -, mas o que está a fazer, seja lá o que for, pode esperar até se sentir melhor. Vou preparar qualquer coisa para comermos.

- Não, obrigada. Pode ir-se embora. Eu ligo ao William e aviso-o de que não preciso que fique. Agradeço muito tudo o que fez, mas estou bem. Tenho trabalho a fazer. E preciso de pensar.

O silêncio que se seguiu a esta declaração prolongou-se entre o rumor das ondas na praia e os

gritos das gaivotas. Por fim, Solo observou: – Suponho que não reparou na casa.

– A casa é boa. Não há problema.

Ele colocou-se à minha frente: um homem alto e esguio, de ombros largos, com movimentos graciosos. Vestia calças de caqui e uma camisa leve com as mangas arregaçadas. Parecia o tipo de homem que se vestia porque tinha de ser e que usava a roupa como uma forma prática de se proteger, não como afirmação de moda. Num dia melhor, eu teria reparado em muito mais.

– Sim? – perguntei.

– Bom, deixe-me explicar o que se passa – começou ele, em tom paciente. – Deve ter havido uma tempestade das grandes ontem à noite. Havia ramos de árvore caídos na pista de aterragem e na estrada principal, e desapareceram várias telhas da casa e uma parte do revestimento exterior. Não há eletricidade... a água que está a beber provavelmente está tépida... e há dois pinheiros de tamanho razoável caídos sobre o telhado do lado de lá. – Fez uma pausa, de sobrolho franzido. – No entanto, o que me preocupa mais é que o sistema de alarme não está a funcionar. E a bateria de reserva nem sequer se ligou.

Levantei a cabeça devagar. Parecia-me tudo distante, por trás de uma espécie de neblina. Não reparara em nada do que ele estava a notar.

– E consegue arranjar alguma dessas coisas?

Ele agachou-se ao lado da minha cadeira. Eu não conseguia concentrar-me em mais nada a não ser nos seus olhos. Grandes, escuros, tão familiares. Afastei esse pensamento estranho.

– Consigo arranjar tudo – respondeu-me Solo. – Menos você. – Olhei para ele, espantada. Solo levantou-se. – Não tenho muito jeito com palavras. Vou deitar mãos ao trabalho. Mas nem pense que a vou deixar aqui sozinha. Fico num dos quartos lá em cima.

– Falamos melhor sobre isso mais tarde. – Voltei a concentrar-me no bloco, forçando os dedos a escrever. Tencionava listar todos os passos que dera na defesa de Frog, a começar pelo dia em que aceitara o caso, cinco anos antes. Cada passo e cada erro. Ia analisar tudo, as vezes que fossem precisas, até perceber com exatidão onde falhara.

Solo, quem quer que ele fosse, deixou-me sozinha ou, pelo menos, deixou-me pensar que estava.

Acordei a meio da noite, ainda com as roupas com que chegara e deitada na espreguiçadeira no alpendre. A brisa húmida do oceano salgava-me a pele. À minha volta havia dezenas de folhas de papel amachucadas. As tentativas de pensamento lógico do dia tinham-se espalhado no vento da noite, ali, à beira do continente, como estranhas bolas de algodão na madeira gasta do chão. A lua crescente iluminava o espaço sob o telheiro com a sua luz fraca. Senti a cabeça a latejar. Estava fraca e desorientada. Quando me sentei, vi, na mesa baixa que tinha sido colocada junto da cadeira, um tabuleiro com fruta, queijo e água. Obra de Solo, enquanto eu dormia.

Peguei numa maçã com a mão trémula, levei-a à boca e dei uma dentada. De súbito, sentime esfomeada, e comi tudo o que havia no tabuleiro, quase sem mastigar, empurrando a comida com goles de água. Quando acabei, apoiei a cabeça no braço, em cima da mesa. Os acontecimentos dos últimos dias abateram-se de novo sobre mim. E os dos últimos vinte e cinco anos, também.

A minha vida não fazia sentido, e não conseguia libertar-me dos fantasmas e do sentimento de culpa que me assombravam. Deixara Burnt Stand no dia do meu décimo oitavo aniversário. Enfiara tudo o que conseguira num pequeno carro comprado com as minhas poupanças e dirigi-me para sul, até à Georgia. Quando cheguei aos subúrbios verdes de Atlanta, com os arranha-céus no horizonte, fiquei num quarto de motel barato. Arranjei trabalho a servir às mesas num restaurante chamado The Peanut Room, onde havia fotografias do ex-Presidente Carter a decorar as paredes. Depois, candidatei-me a Direito, na Universidade Emory.

Primeiro, Swan ordenou-me que voltasse; a seguir, tentou argumentar comigo; por fim, ofereceu-me alguns subornos dignos. Porém, quando nada disso resultou, cortou relações comigo sem me dar um tostão. Sei que a minha decisão de fugir dela lhe partiu o coração – com o tempo, compreendera que as regras que ela instituíra eram tão penosas para a própria Swan como para mim. A minha avó só conhecia uma forma de preservar a reputação que lutara tanto para construir: com mão de ferro. Por isso, defendi-me da mesma maneira.

Entrei na universidade graças a um empréstimo para estudantes e mantive dois empregos para me sustentar. Vivi nos sofás de amigos ou em quartos de hóspedes nos cinco anos seguintes, mas quando acabei o curso ninguém era dono de mim e das minhas memórias culpadas senão eu própria.

Recusei uma série de ofertas de emprego em escritórios de advogados prestigiados e fui trabalhar como advogada oficiosa em Atlanta. O dinheiro que ganhei nos anos seguintes chegava apenas para arrendar um apartamento barato e cobrir as necessidades básicas, mas eu não me importava. Era uma trabalhadora obsessiva, mártir por uma causa, uma solitária. Os poucos homens que ultrapassavam a ombreira do meu quarto não tinham como competir com a devoção arreigada e, muitas vezes, maníaca, à minha missão. Tencionava salvar todas as pessoas inocentes à face da Terra. Não haveria outro Jasper Wade a morrer sob os meus olhos. Quanto aos clientes mais culpados – e a maioria dos meus clientes *eram-no* –, que, para mim, representavam a tia-avó Clara, eram ao menos merecedores de um julgamento justo. Alguns anos depois, quando Irene Branshaw me contactou por causa do Grupo Phoenix, soube que tinha encontrado o escape perfeito para aquela necessidade constante e angustiante de me redimir.

Até ter falhado a Frog Marvin.

– Não posso continuar assim – murmurei ao vento da noite. Levantei-me, a cambalear, e olhei para a praia e o oceano ao luar. Algum impulso sombrio soprou-me: *Anda sempre em frente e não olhes para trás*. Não sabia o que fazer com um pensamento tão horrível, e fiquei frenética. Não queria morrer, mas também não sabia como viver. Virei-me, desorientada, levei as mãos ao cabelo embaraçado e apertei a cabeça como se o meu cérebro fosse explodir. Por acaso, olhei para a outra espreguiçadeira, a poucos metros da minha. E o que vi fez-me estacar, surpreendida.

Sob um raio de luar, vi o meu companheiro de casa temporário deitado, profundamente adormecido. *Solo*. Aproximei-me e olhei, de testa franzida, para o rosto agradável e o corpo atlético. Vestia agora uma *t-shirt* e calças de ganga coçadas e, com o rosto em repouso, parecia muito vulnerável. Estava deitado de costas, com os braços musculados cruzados sobre o peito e os pés grandes e ossudos cruzados nos tornozelos – uma forma muito protegida de descansar. Tinha a cabeça pousada numa almofada a combinar com o padrão das da espreguiçadeira, e o cabelo escuro e revoltado contrastava fortemente com o padrão feminino. Distraída, olhei para o computador portátil fechado no chão, perto da cadeira, ao lado de uma caneca vazia e um termo de café. Era evidente que Solo tentara ficar acordado o mais que podia. Um pouco mais à frente, uma coisa bizarra e anónima reluzia sobre o alpendre como uma aranha metálica ao luar: uma engenhoca com uns trinta centímetros de altura, um brinquedo robótico complexo de algum tipo.

Espantada, virei-me e regressei à minha cadeira. O oceano cintilava e ribombava à minha frente, o céu estava salpicado de estrelas. Nas dunas, a areia branca contrastava com as sombras. Vi pequenos caranguejos correrem sobre a areia. Endireitei os ombros. Ia entrar no mar. Enfrentar o oceano. Confrontaria todos os fardos da minha vida e tentaria encontrar sentido neles. *E talvez acabes por decidir fazer o tal passeio pelo mar adentro*, murmurou uma vozinha interior.

Com as mãos a tremer, levantei a saia para despir os *collants*. Descalça, comecei a descer os degraus de madeira. De súbito, o brinquedo robótico emitiu um apito agudo. Girei sobre mim própria, assustada. A engenhoca avançou na minha direção como um caranguejo metálico.

Em dois segundos, Solo saltou da cadeira. O robô continuava a avançar para mim e a apitar. Solo varreu o alpendre iluminado pelo luar com um olhar rápido e predador. Quando me viu, relaxou visivelmente e tirou uma espécie de controlo à distância do bolso das calças. Premiu-o com o polegar e o robô parou.

– Desculpe – pediu ele. – É uma engenhoca que eu construí. Tem sensores de movimento. Mas funciona. – Aproximou-se de mim. – Está tudo bem? Precisa de alguma coisa? Vai dar um passeio ao luar? Ótimo. Eu vou também. Pode ignorar-me, eu limito-me a segui-la.

Olhei para o robô.

– Maldita coisa. – Estava a tremer.

– Pensei que você podia acordar e ir dar uma caminhada ou um mergulho. Achei que seria melhor saber. O oceano é muito perigoso.

Teria desconfiado que eu precisava de proteção de mim mesma? Com os joelhos fracos, voltei a subir os degraus. De súbito, sentia-me exposta, insegura – e muitíssimo deprimida. Parei a pouca distância dele.

– Estou cansada, mas não preciso de companhia. Ia só dar um passeio.

Ele estudou-me atentamente.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Estou a par do seu trabalho com o Grupo Phoenix. Sei o quanto

se esforçou para tentar salvar o Frog Marvin. Vi o tipo de pessoa que é e faço uma boa ideia do que deve estar a pensar neste momento. – Fez uma pausa. – E não vou deixá-la sozinha com esses pensamentos.

De repente, a minha pele era um torniquete. Senti o sangue abandonar-me o rosto e uma vaga de alívio e tristeza crescer dentro de mim. *Como é que me conhece tão bem?* A linguagem casual, o sotaque arrastado, o rosto. Aquele rosto. Aqueles olhos escuros.

– Tem razão nalgumas coisas – sussurrei. – Mas o que aconteceu foi culpa minha, e não posso esquecer-me disso.

Solo lançou-me um longo olhar, com uma miríade de emoções a passarem-lhe pelo rosto ensombrado e uma intensidade no olhar que me queimava. Podia jurar ter-lhe visto lágrimas nos olhos. Não. Mais um truque do luar. Ele levantou a mão para me tocar no braço, mas mudou de ideias e deixou-a cair novamente ao lado do corpo.

– Ele havia de querer que fosse feliz. Havia de querer que acreditasse ter feito tudo o que podia por ele. Tenho a certeza.

O timbre da sua voz profunda e sincera vibrou através de mim, relaxando o meu bom senso.

– Parece conhecer-me bem, ao passo que eu não sei nada sobre si.

– Uma coisa é certa: não a vou deixar ir a lado nenhum sozinha neste momento. – Após uma breve pausa, acrescentou: – Se tentar, não pense que não sou capaz de a trancar no quarto.

Subitamente gelada, fitei-o com incredulidade e percebi que estava a falar muito a sério. Acabara de me ameaçar.

– Amanhã vou-me embora – respondi. – E não sonhe tentar impedir-me.

Furiosa, entrei na casa. Quando fechei a porta do quarto, ouvi-o entrar também e abrir e fechar armários na cozinha espaçosa. Depois, ouvi-o caminhar cuidadosamente sobre a tapete branca da sala, como se não quisesse fazer barulho. Por fim, silêncio. Não o ouvi subir as escadas para um dos outros quartos.

Entreabri a porta e espreitei. Ele estava deitado num sofá, com o aparelho de vigia eletrónico parado no meio da sala. Fechei a porta, andei de um lado para o outro durante alguns minutos e, por fim, sentei-me na colcha cor de pérola da cama grande, furiosa. Deitei-me e apertei o tecido nas mãos, sufocada com os meus próprios dilemas.

Cinco segundos depois, estava a dormir.



Conta-lhe. Diz-lhe quem és. O pensamento era como uma acusação que se repetia na mente de Eli enquanto nadava nas águas quentes do Golfo, na manhã seguinte. Cada braçada gravava essa ordem mais fundo na sua consciência. *Conta-lhe a verdade, hoje.*

Sou eu, o Eli. As perguntas que te atormentam também me assombram a mim. Tenho de voltar a Burnt Stand e descobrir as respostas, por nós os dois.

Rezou para que, quando revelasse quem era e o que queria fazer, ela conseguisse recordar um pouco da ligação que tinham formado em crianças. Rezou para que não olhasse para ele e não pensasse apenas no que o pai provavelmente fizera à sua tia-avó. Rezou para que não olhasse para ele e não visse mais do que o filho de um assassino.

Eli mergulhou numa onda e dirigiu-se à margem. *Falo com ela assim que chegar a casa. Quando ela acordar.* Pôs-se de pé na rebentação, equilibrou-se e limpou a água salgada do rosto e do cabelo, com a água azul-esverdeada até às ancas. Adorava o oceano, a sensação de algo tão imenso e desafiante que só podia ser uma alegria abstrata, impossível de resumir em palavras de criação humana. Fazia-o sentir-se limpo. Inalou profundamente o ar do mar – de olhos fechados, cabeça inclinada para trás –, com a água a escorrer das pontas dos dedos. Enfiou os polegares sob o cóis largo dos calções de banho pretos, que estavam agora alguns centímetros abaixo do umbigo, e puxou-os para cima. Nessa altura, abriu os olhos.

Darl estava em cima de uma duna branca, a pouco mais de dez metros, a observá-lo.

Conseguira sair de casa e dirigir-se ao mar sem que ele ou o robô dessem por isso. Céus, que dor de cabeça que ela ia ser. O vento suave fazia dançar madeixas de cabelo à volta do rosto espantoso, ora escondendo os olhos azuis intensos, ora revelando-os. Não deixou de o observar, mesmo quando ele lhe devolveu o olhar. A camisa de noite branca colava-se ao seu corpo e não cobria muito. Através do algodão molhado, Eli entreviu um biquíni preto reduzido. A silhueta altiva e forte, com o vento a soprar-lhe o cabelo para a cara, era uma imagem que lhe ficaria para sempre gravada na

mente. Excitado e infeliz, percebeu nesse momento que ela ainda era a sua querida Darl, crescida e bela, digna, mas traumatizada, e que ela arrastava consigo o peso da infância, tal como ele.

- Fugi - declarou ela, em tom severo. Depois, desceu da pequena duna e dirigiu-se até ele, parando à beira da água. Afastou a camisa de dormir do corpo, mas o vento voltou a empurrar o tecido contra ela. As faces ligeiramente ruborizadas indicavam que talvez se sentisse pouco à vontade, mas os olhos, sublinhados pelas olheiras escuras, trespassaram-no. - Saltei pela varanda - explicou, com naturalidade. - Tinha mesmo de sair sozinha esta manhã.

Eli fitou-a, maravilhado e sem palavras. *Diz-lhe quem és. Já.* Ficou mais um pouco na água fria, à espera que a reação física passasse.

- Quando você era pequena - sugeriu ele, cuidadosamente -, arranjava sempre maneira de contornar o sistema.

Ela ficou quieta e em silêncio alguns instantes.

- Que presunção tão estranha.

- E, no entanto, verdadeira.

Ela assentiu com um aceno.

- Tem jeito para analisar as pessoas. Ou então fez questão de me investigar bem.

- Para mim isto não é apenas um trabalho. E você não é uma estranha. Não sei bem como o explicar, mas...

Ela ergueu a mão.

- Eu sei o que quer dizer. Ontem tornámo-nos amigos. - Os seus olhos perturbados encheram-se de um desgosto e arrependimento que deixaram Eli sem palavras. - Quero agradecer-lhe por tudo. Por não me ter deixado sozinha. Estava exausta e... confusa. Assustei-me a mim própria. Não sei o que quero fazer a seguir... Não posso afirmar que estou em paz com a morte do Frog Marvin, ou contente com o trabalho que fiz por ele. Tenho de analisar todos os ângulos da situação. Tenho de pensar. Mas sei uma coisa: preciso mesmo de estar aqui, longe de tudo e de todos os que me querem dizer como me devo sentir neste momento. Por um ou dois dias, preciso apenas de *existir*. Sem passado, sem futuro. Apenas ser. - Sorriu debilmente. - E este, senhor Solo, é o meu pensamento metafísico do dia. Importa-se de «apenas ser» comigo?

O peso da situação abateu-se sobre Eli.

- De todo - respondeu, por fim. - Pode estar descansada: nada nem ninguém a incomodará enquanto aqui estiver. Juro.

O fervor da afirmação fê-la corar e reerguer as barreiras no olhar. Em silêncio, Eli amaldiçoou as suas opções. Aprendera tanto com as mulheres - contenção e sentido de oportunidade, as virtudes protetoras dos jogos de sedução. Todos esses instintos cínicos desapareceram ali, na praia, naquela manhã. Darl afastou o cabelo do rosto e acenou com a cabeça.

- Vejo por que razão o William lhe pediu para vir comigo. Tem uma forte noção de honra. Invejo-o.

E, com estas palavras, deu meia-volta e afastou-se por um caminho entre as dunas, com os dedos a roçar nas ervas altas. Eli ficou onde estava, a olhar para ela, preocupado e culpado, à beira do único mundo que podiam partilhar facilmente.

Ainda não lhe podia contar.



Nunca cometi o erro de achar que Eli voltaria a aparecer na minha vida, um dia. Ele já não vivia nos Estados Unidos e, se calhar, nunca cá voltaria. E eu sabia porquê. Dez anos antes, procurara-o.

Foi numa manhã bonita de primavera, poucas semanas depois de ter começado a trabalhar como advogada oficiosa no gabinete do Procurador-Geral. Eu tinha vinte e cinco anos de idade e era uma viciada em trabalho, obsessiva e terrivelmente orgulhosa de mim própria. Conseguira formar-me e pagar um apartamento só meu, embora fosse um pequeno estúdio no alto de um velho prédio de inspiração gótica numa transversal da Ponce de Leon, uma avenida esquizofrénica onde residências elegantes ombreavam com salões de tatuagens, e onde algumas das prostitutas mais sórdidas da cidade se sentavam nos bancos altos dos bares abertos a noite toda ao lado de estudantes de Engenharia da Georgia Tech.

Nessa manhã, olhei para o saldo do meu livro de cheques enquanto bebericava chá quente sentada a uma mesa de madeira de carvalho que encontrara na feira de Lakewood, o maior mercado de coisas usadas da cidade. Swan enviara-me cinco mil dólares como presente de final de curso - não conseguia deixar de se sentir orgulhosa de mim, apesar de não o dizer. «Já provaste o que

querias», dizia o bilhete que acompanhava o dinheiro. «Quando estiveres disposta a regressar a casa, os teus conhecimentos jurídicos serão úteis aos Mármore Hardigree.»

Tencionava doar todo o dinheiro que ela me enviara a uma instituição de solidariedade, mas depois decidi que pelo menos uma parte teria outra utilização, igualmente apropriada: pagaria um presente de final de curso a mim própria, algo que Swan com certeza teria desaprovado. Ia resolver de uma vez por todas uma dúvida que me atormentava há anos.

Peguei no telefone e liguei para um investigador particular que conhecera durante o estágio no escritório de um dos advogados criminais mais conhecidos de Atlanta. Se era preciso encontrar alguém, mesmo que não quisesse ser encontrado, esse tipo era o detetive a contactar.

- Quero encontrar um homem chamado Eli Wade - expliquei-lhe.

Transmiti o pouco que sabia sobre ele. A idade - teria na altura vinte e oito anos. A data de nascimento - lembrava-me claramente da data, porque a apontara na minha agenda quando era pequena, e dava-lhe sempre um presente. Sabia os nomes dos pais dele e de Bell, como é óbvio.

- É possível que esteja a viver no Tennessee - disse ao investigador. - Embora seja apenas um palpite, foi onde ele nasceu. Não sei para onde ele e a família foram depois de deixarem Burnt Stand, na Carolina do Norte, mas soube que o pai foi sepultado perto de Nashville.

Era muito pouco, respondeu-me o detetive. Porém, a data de nascimento era um bom ponto de partida para procurar nos registos oficiais, e ia ver o que podia fazer. Desliguei o telefone e olhei para a pequena janela por cima do lava-loiça. A fuligem da cidade agarrava-se a um cornizo em flor, que se debatia por espaço com o passeio rachado. Do outro lado da rua residencial e sombria, vi uma velha carrinha amarela com uma bandeira da Confederação e um logótipo de uma folha de marijuana. *Deus salve Dixie, e passa-me o charro*. Sentime como o cornizo, muito sozinha num mundo desprovido de encantos.

Três semanas depois, o detetive ligou-me de manhã com novidades.

- Afinal, o Eli Wade não foi muito difícil de encontrar - disse. - É procurado pelo FBI.

Apertei o telefone.

- Porquê?

- Por causa de um negócio de jogo *offshore* nas Caraíbas, onde vive há cinco anos. - Fiquei em silêncio. O investigador deu um estalido com a língua. - Eh, não é tão mau como parece. É um tipo novo que está a fazer fortuna às custas dos maluquinhos pelo jogo. Percebe? É uma espécie de corretor de apostas de luxo para os americanos que apostam no desporto.

Senti o coração apertado.

- É jogador profissional?

- Sim. E dos bons. Alta tecnologia. Computadores. Infelizmente, estará metido em grandes sarilhos se voltar a pôr os pés nos Estados Unidos.

- E a mãe e a irmã?

- Ao que parece, vivem uma vida de luxo. Ele tem cuidado bem delas.

- Vivem com ele nas ilhas?

- Sim. A mãe faz trabalho de voluntariado com uns missionários. A irmã é relações-públicas para um dos grandes hotéis. O seu Eli não as envolve no negócio. Têm uma casa grande, tudo do bom e melhor. - Fez uma pausa. - Sabe, se fosse a si não me preocupava mais com ele. Onde está, ninguém lhe pode deitar a mão. Está a ganhar bom dinheiro, leva uma vida sossegada, está bem instalado. É um criminoso, mas só se voltar para cá. - Esperou pacientemente enquanto o meu silêncio sufocado ocupava a linha. Por fim, concluiu: - Oiça, Darl, você é uma rapariga como deve ser. Preciso de saber que informação procura e o que prefere não saber.

- Conte-me tudo - pedi, agoniada.

- Bom, se anda à procura dele por ser um antigo namorado e ainda sentir alguma coisa, devia esquecê-lo. Quer dizer, não há dúvida de que ele tem mulheres. Uma das namoradas tem uma empresa de mergulho. Outra é a contabilista dele. Não é um solitário e não anda a chorar pelos cantos enquanto espera por si.

Claro que não devia ter-me sentido surpreendida, desapontada ou traída. Eu tinha apenas dez anos de idade quando Eli deixou Burnt Stand. Também já não era propriamente uma virgem inocente, a bem da verdade, e tivera duas relações algo sérias na universidade. Ainda assim, as notícias sobre Eli eram um misto curioso de vitória e derrota. Ele sobrevivera e prosperara, embora

de forma pouco honrosa. Estava feliz – feliz por me esquecer e aos três anos que ele e a família tinham passado em Burnt Stand.

Eu sempre acarinhara a ideia de que, um dia, o encontraria e lhe contaria a verdade sobre o homicídio de Clara. Ele merecia justiça para o pai. Raios, merecia vingança. Se fosse apenas eu a envolvida, deixá-lo-ia fazer o que quisesse para me punir, mas tinha de pensar em Swan e em Matilda – e em Karen, porque o envolvimento da avó dela na morte de Clara era um choque a que ela fora poupada em criança. Depois do que sucedera naquele ano, Karen afastara-se de Matilda e de mim. Assim que teve idade para isso, abandonou Burnt Stand, tal como eu. Há anos que não nos falávamos.

Nessa manhã, escondi o rosto nas mãos e debati-me com o que fazer a seguir. A minha família estava destruída. Eli tornara-se um criminoso rico. Como advogada honesta, talvez tivesse o dever de salvar o mundo das apostas ilegais nos jogos dos Knicks, mas não o fiz.

Limitei-me a chorar sobre o meu chá e tentei esquecê-lo.

Capítulo 12

Abri as duas malas cinzentas, cheias de roupas formais e profissionais. Quando fizera as malas para a Florida, na semana anterior, estava convencida de que conseguiria um adiamento da sentença de Frog à última hora e regressaria rapidamente a Washington. As minhas opções em termos de indumentária casual resumiam-se a um vestido largo de linho branco, sem mangas, bastante amarrotado, uns calções e outra camisa de dormir branca. Tomei um duche, enfiei o vestido, entransei o cabelo e coloquei uns óculos escuros.

De súbito, ouvi um batuque seco por cima de mim. Abri as portadas do quarto, que davam para uma varanda privada cheia de sol. O ribombar da rebentação entrou com a maresia. Saí para a varanda descalça e olhei para cima. Solo estava num escadote, no alpendre por cima de mim, a pregar uma secção do revestimento arrancada pelo vento. Em fundo, o céu mais azul que alguma vez vira. Solo vestia calções largos pelos joelhos, tinha os pés descalços sujos de areia e estava em tronco nu. Tal como eu vira na praia, as suas costas eram musculadas, o peito, largo e a pele, muito bronzeada. Um V fino de pelos negros descia-lhe pela barriga. Tinha alguns pregos na boca e uma expressão concentrada no rosto. No entanto, as pernas compridas e os pés ossudos estavam apoiados no escadote metálico, numa postura quase arrapazada que era muito sedutora. Enquanto o observava, levantou o martelo. Os tendões fletiram-se no antebraço e cravou o prego no revestimento com uma martelada certa e hábil.

«Bonito e rude? É assim que gostamos dos nossos homens», dissera-me Clara naquele dia, junto à piscina. Parte de mim sempre temera – uma preocupação irracional, mas legítima – que houvesse de facto uma fraqueza genética qualquer que condenava as mulheres Hardigrees a serem promíscuas ou castradoras, ou ambas as coisas. Não me aproximava muito dos homens e a intimidade, para mim, exigia primeiro um longo caminho bem ponderado. Apesar disso, ali estava eu, a admirar um homem. Senti a pele arrepiada sob o linho do vestido. Afastei essas sensações com uma disciplina férrea.

– Precisa de ajuda? – perguntei.

Ele virou-se e olhou para baixo tão depressa que temi que perdesse o equilíbrio. Depois sorriu e perdeu os pregos que segurava entre os lábios, que caíram para o chão do alpendre. Alguns passaram por entre as tábuas e aterraram aos meus pés como gotas de chuva metálica. Ajoelhei-me e comecei a apanhá-los.

– Deixe estar, tenho aqui mais – disse ele.

– Não se pode desperdiçar nada. – Reuni os pregos enquanto ele descia do escadote.

– Aposto que tem um frasco na cozinha cheio de pregos, clipes e alfinetes.

– Parece-me muito familiarizado com esse tipo de frasco.

– Hum, fui apanhado. – Sentou-se no alpendre e esticou o pescoço para espreitar para baixo. – É bom ver que se está a sentir melhor.

Hesitei.

– Esta noite dormi bem.

– Ótimo. Passe para cá os meus pregos, sua ladra.

Baixou a mão e eu estiquei o braço, com os pregos na mão em concha. Solo apanhou-os cuidadosamente, com as pontas dos dedos a roçarem na palma da minha mão. Trocámos um olhar eletrizante.

– De nada – disse eu. Com ar perturbado, ele acenou com a cabeça. Virei-me e entrei no quarto sem mais uma palavra.

Sentei-me na cama e apertei os braços à volta do corpo.

Nessa tarde, um estafeta de carro trouxe uma pequena caixa que Solo me veio entregar à porta do quarto. Ainda estava a trabalhar no revestimento, e vinha encharcado em suor e com cheiro de maresia. Enfiou a *t-shirt* enquanto se aproximava.

– É seguro – disse, apontando para a morada de Washington no pacote. – O William avisou-me de que o ia mandar. Não quero que abra nada sem eu ver primeiro.

– O correio de ódio que recebo é normal. Não são bombas. E sei o que é isto. Fui eu que pedi ao William que mo enviasse.

Ele franziu a testa enquanto eu tentava abrir a fita adesiva da caixa com as unhas curtas. Tirou um canivete do bolso das calças e abriu uma lâmina de serrilha com ar tão feroz que me fez erguer

os olhos para ele, sobressaltada. Pousou a mão sobre a minha num gesto protetor, traçou uma linha na tampa da caixa com a ponta da faca e a fita adesiva abriu-se. Com naturalidade, guardou o canivete e levantou a mão.

Abri a tampa e enfiei a mão entre o plástico de bolhas. Quando tirei o coração de plástico que Frog me dera, senti um aperto no peito. O brinquedo estava rachado e raspado. O pequeno laço branco colado à parte de cima pendia agora na ponta de um fio esgaçado. Gemi baixinho. Solo, amável, virou costas.

- Estou lá fora se for preciso alguma coisa - disse.

- O Frog não sabia ler. - As palavras brotaram-me dos lábios, sem grande sentido e sem qualquer contexto. Solo deu meia-volta, devagar. Abanei a cabeça. Ele esperou com uma imobilidade que me indicou que aquilo tinha um qualquer significado profundo para ele.

- Eu sei - murmurou.

- Mesmo na prisão, os outros troçavam dele. Chamavam-lhe estúpido e atrasado mental. Ele queria escrever pedidos de desculpa para as famílias dos polícias que matou, e fui eu que escrevi as cartas. Disse-lhe para não esperar resposta e ele compreendeu. Depois pediu-me para escrever para o maldito irmão, na prisão. «Gosto muito de ti, Tommy. Sei que não querias pedir-me para fazer mal a ninguém.» Mas o Tommy Marvin não mandou uma linha em resposta. Nem uma palavra. Filho da mãe. - Voltei a guardar o coração na caixa. - O Frog estava convencido de que o irmão não lhe respondera porque ele não sabia ler. «Ele não gosta que as pessoas saibam que eu sou burro», explicou-me. A humilhação magoava-o mais do que alguém pode imaginar.

- Eu consigo imaginar - murmurou Solo. - Sei exatamente o que isso faz a um homem.

Quando ergui os olhos para ele, à espera de mais explicações, ele virou-se e saiu. Ouvi-o andar pela casa, mas fiquei no quarto e não nos vimos mais o resto do dia.

Na manhã seguinte, Solo foi nadar outra vez. Depois enrolou uma toalha aos ombros e ficou na praia, a escrever qualquer coisa num computador minúsculo. Vi-o da varanda, onde espalhara os meus papéis numa pequena mesa. Doía-me a cabeça. Passara a noite às voltas na cama, cheia de pesadelos, e a espreitar à porta para me certificar de que Solo continuava a ocupar o sofá da sala. Sentia-me em carne viva por dentro. Aquilo era o melhor que podia fazer para recuperar. O sol ia avançando sob o chapéu de sol e eu tinha de o ir mudando de posição para ter sombra. A Terra continuava a girar. Uma revelação. Apoiei o queixo nas mãos e estudei Solo. Ele olhava para o oceano, depois para o aparelho que tinha na mão, no qual escrevia com uma caneta própria, e de novo para o mar. Peguei no auscultador de um telefone fixo que puxara para a varanda. Não havia rede de telemóvel ali na ilha. Liguei para os escritórios do Grupo Phoenix em Washington.

- Onde é que encontraste este homem? - perguntei a William. O próprio William Leyland era um mistério. O sotaque caribenho suave e os modos calmos sem dúvida que escondiam uma história interessante. Se tinha algum problema político ou racial, enquanto homem negro, guardava-os para si. E aplicava o mesmo filtro à privacidade alheia. Todos nós, no Grupo Phoenix, considerávamos as opiniões dele sobre segurança, bem como todos os assistentes que contratava, irrepreensíveis.

- Por aí - respondeu William por fim.

- Estou a ver. O nome dele é mesmo Solo?

- Acho que é uma alcunha. Por vezes opta por ser tratado assim.

- Não podes sequer revelar-me alguns pormenores sobre ele? É ex-militar, ex-polícia, um samurai aposentado?

- Por favor, que imaginação fértil! É um perfeito cavalheiro, acredita. Posso informar-te de que nunca foi casado, não tem filhos e é o dono do avião que te levou até à ilha. É também especialista em informática e que foi ele que criou o *software* que protege os sistemas da fundação.

- Foi então ele que escreveu os nossos programas de encriptação?

- Sim, todos os programas de segurança e sistemas de *hardware* do Grupo Phoenix são da sua autoria, incluindo o sistema de segurança da casa da Irene aí na ilha.

- E é guarda-costas nos tempos livres?

- Nem por isso. Simplesmente, quis participar pessoalmente neste caso.

- Porquê? - Silêncio. - William... - insisti.

- Porque há muito tempo que observa o teu trabalho na fundação e tem grande respeito por ti. E o caso de Frog Marvin tocou-o de forma particular.

- Porquê?

- As suas origens também são muito modestas. Sabe o que é ser pobre, fraco e indefeso. E já falei de mais. Por favor, não tentes analisá-lo. Aceita-o por aquilo que ele quer ser. O seu objetivo é que tu estejas confortável e possas descansar.

- Já descansei o suficiente. Devia apanhar um avião em Tallahassee e voltar para Washington amanhã.

- Sugiro que não o faças. A Irene pede-te que por enquanto não voltes nem ao escritório nem ao teu apartamento. As circunstâncias não são muito favoráveis por aqui.

Senti os cabelos na nuca arrepiados.

- O que aconteceu?

- A comunicação social anda em cima da fundação para obter uma entrevista contigo por causa da confusão no exterior da prisão, e a polícia apanhou um indivíduo a pintar insultos ignorantes na porta do teu apartamento. - Fechei os olhos. Conseguia imaginar as palavras, como as que vira nos cartazes. William prosseguiu em tom amável. - Mais alguns dias e o interesse do público no caso Frog Marvin começará a dissipar-se. Mas, por enquanto, deixa-te ficar na praia.

- Parece que não tenho escolha.

William fez uma pausa. Depois com uma certa satisfação macabra, observou: - Às vezes, Deus faz com que assim seja, para o nosso próprio bem.

- Deus não quer saber de nenhum de nós - respondi. Despedi-me e desliguei o telefone, abatida.

Na praia, Solo virou-se e olhou para mim. Levantou a mão. O oceano e o céu emolduravam-no sem que o fizessem parecer pequeno. Estava plantado à beira do mundo, como se fosse o meu único farol.

De súbito, fiquei contente por o ver e levantei a mão em resposta.

Ultimamente, andava a beber mais do que gostava de admitir. Nessa tarde, dirigi-me ao bar que ocupava um canto da sala grande da casa e servi-me de um *bourbon* bem aviado com um pouco de água e gelo. Deixei-me cair num sofá, afastei a coleção de corais que decorava uma enorme mesa de centro e abri o computador portátil. Porém, depois de dois goles de *bourbon*, apoiei a cabeça nas mãos e comecei a lamentar em silêncio a falta do meu velho apartamento na cidade, onde o conforto era uma velha poltrona e havia livros em todos os cantinhos disponíveis. Não conseguia parar de imaginar alguém a escrever insultos na minha porta, a lata de spray a sibilar «Putá» ou «Vai para o Inferno com o Frog».

- Está a enfrascar-se? - perguntou Solo. Endireitei-me depressa. Ele estava à porta que dava para o alpendre, suado, em tronco nu, com o cinto de ferramentas na mão. Largou o cinto, limpou o tronco com uma *t-shirt* branca, e depois levantou os braços e vestiu-a. O arco erótico formado pelo seu peito e barriga parecia casual e descontraído, o que o tornava ainda mais sedutor. Afastei os olhos quando a cabeça dele espreitou pela gola da *t-shirt*.

- Já está tudo arranjado?

- Tanto quanto possível. A eletricidade voltou.

Levantei o copo.

- Eu sei. Já tenho gelo.

- Já comeu alguma coisa hoje?

Abanei outra vez o copo.

- Gelo.

- Está bem. Vou fritar gordura de baleia e podemos brincar aos esquimós. Venho já. - Subiu as escadas, dois degraus de cada vez. Poucos minutos depois reapareceu, de banho tomado, com o cabelo escuro ainda molhado. Vestira umas calças leves e uma camisa azul que trazia por fora das calças, e estava descalço. De sobrolho franzido, aproximou-se e sentou-se ao meu lado no sofá sem esperar por convite. O seu calor e o cheiro a sabonete invadiram o meu espaço. Olhou para o relógio de pulso prático que usava e pegou num comando à distância. - Está na hora da sua telenovela. - Carregou num botão e, do outro lado da sala, uma televisão enorme acendeu-se. Mudou os canais até encontrar os créditos de abertura de um programa intitulado *Atração*. - Soube que tem uma amiga da sua terra neste programa.

Olhei para ele, surpreendida.

- Calculo que tenha sido o William a contar-lhe.

- Chiu! Ali está ela.

Uma mulher delicada e bela, com um vestido de noite cintilante, apareceu no ecrã. As mãos esguias, cor de mel, gesticularam graciosamente enquanto falava com um ator negro e atraente, vestido com um *smoking*. O rosto cor de mel - com feições muito semelhantes às minhas - ostentava uma expressão de compostura elegante e, ao mesmo tempo, revelava drama e raiva. Os olhos esverdeados cintilaram por baixo das pestanas pretas. Tinha o cabelo preto arranjado numa combinação de tranças apertadas e extensões sedosas caídas sobre os seios.

Aquela criatura altiva, exótica e deslumbrante era Karen. O mundo conhecia-a agora como Kare Noland.

- A Kare Noland faz um trabalho fantástico no papel de Cassandra - comentou Solo.

Lancei-lhe um longo olhar enquanto ponderava as minhas opções.

- Costuma ver este programa? - Ele acenou com a cabeça. Virei-me para a televisão, bebi mais um trago de *bourbon* e decidi falar. - Eu conheço-a como Karen. É minha prima.

A informação sobre esta familiar mestiça não pareceu afetá-lo.

- Veem-se com frequência?

- Não. Ela saiu de casa mais ou menos na mesma altura que eu, com dezassete ou dezoito anos, entrou no mundo da representação e não quis manter-se ligada ao passado. Disse-me que não tínhamos nada em comum. - Fiz uma pausa. - E que decidira ser negra. - Soltei um longo suspiro e levantei-me do sofá, com um olhar curioso para Solo, que me estudava silenciosamente. - E esta, senhor Solo, é a conversa mais longa que alguma vez tive sobre o assunto, com qualquer pessoa. Pelos vistos, você tem poderes espantosos.

- Sou um bom ouvinte. Aquilo que me contar fica apenas entre nós. Acho que sabe disso.

- Sei que gosta de recolher informação: números, factos, detalhes.

- Gosto de ordem. De tentar encontrar sentido nas coisas, da única forma que conheço.

- Calculo que já saiba que alguém vandalizou a porta do meu apartamento em Washington.

Ele assentiu.

- Espere mais uns dias e ninguém se lembrará do Frog Marvin nem de que lutou pela vida dele. Os filhos da mãe encontrarão outra coisa com que se indignar e deixá-la-ão em paz.

Infelizmente, ele tinha razão. Ninguém se ralava muito, num mundo onde a morte, a destruição e a injustiça podiam ser reduzidas a entretenimento com a ajuda da comunicação social. No entanto, para quem estivera lá em pessoa, fora das luzes da ribalta, perto da miséria e do sofrimento de outro ser humano, era como um murro diário no estômago. Levei a mão à barriga e lutei contra a náusea. Solo deu com a minha expressão aflita e acrescentou rapidamente: - Isso não significa que aquilo que fez não foi importante.

- Será que foi? Será que a vida ou morte do Frog significaram alguma coisa, resolveram alguma coisa, mudaram fosse o que fosse? Terei ajudado a tornar as coisas melhores, no mundo dele ou no mundo em geral? Não. Ele está morto e não posso fazer nada quanto a isso. - Inclinei-me, peguei no comando e apontei-o para a imagem de Karen na televisão. - E ali está alguém que amo, mas também não posso fazer nada para a ajudar. Isto é apenas a ponta do meu icebergue pessoal, senhor Solo. Deixo ficar mal quem conta comigo e não consigo fazer qualquer diferença na vida das pessoas que amo. - Apaguei a televisão e atirei o comando para o sofá.

Solo levantou-se, contornou a mesa de centro e segurou-me nos ombros. Fiquei paralisada sob aquele contacto tão pessoal. O rosto e os olhos dele estavam muito sérios, quase zangados.

- Se eu soubesse como esquecer os mortos e agarrar-me aos vivos, partilharia esse segredo consigo. Também a vi na televisão a semana passada. Ouvi aquilo que disse... que assistir à morte não é a parte pior. Que o pior é ter de viver com ela. E tem razão.

- Já perdeu pessoas que amava?

- Oh, sim.

- Como é que o ultrapassou?

- Não sei se ultrapassei, nem se alguma vez o farei.

Soltou-me, dirigiu-se às portadas na parede das traseiras da casa e olhou para o oceano, de mãos nas ancas e ombros abatidos. Segui-o.

- Conte-me o que aconteceu. Por favor. - Ficámos ali, lado a lado, a olhar para a água sem fim.

- Vi o meu pai morrer.

O chão pareceu inclinar-se sob os meus pés. Não admirava que aquele homem me fizesse lembrar Eli.

- Como? - perguntei de forma gentil.

- Numa... luta. - Era evidente que ele pesava cada palavra. Virou-se e estudou a minha reação. - Talvez o merecesse, mas não foi justo.

- Culpa-o pela sua própria morte?

- Acho que sim. Não sou um filho muito bom, ao que parece.

- Calculo que deva ser um excelente filho. Estas coisas são complicadas. É fácil passar o resto da vida a tentar compreender.

- Tal como disse, não sei se alguma vez o conseguirei. Estou sempre à procura de respostas que nunca terei. O resto da minha família, de quem faço questão de cuidar, também nunca recuperou completamente.

- Acreditam que o seu pai não merecia morrer?

- Sim.

- Ao passo que você está convencido de que foi ele o causador dos problemas?

- Não sei. Talvez. Seja como for, há sempre uma parte dele... e de mim... que não consigo encontrar. Por aí. - Apontou para o oceano, para o mundo lá fora. - Ele levou-a consigo e não deixou as respostas.

- Odeia-o e, ao mesmo tempo, ama-o, não é?

- Sim. E custa muito.

Concordei com um aceno, o cérebro a arder enquanto procurava uma maneira discreta de descrever a minha relação com Swan, a morte de Clara e os seus efeitos. Solo era a primeira pessoa que eu conhecia que talvez conseguisse compreender.

- Na minha família, houve alguém que foi... assassinado.

Ele ficou muito calado e perscrutou-me o rosto.

- Quem? - perguntou por fim.

- Uma familiar próxima. Não consigo... é difícil falar nisso, mesmo tanto tempo depois. Eu era apenas uma criança quando aconteceu. Senti-me responsável pela cadeia de acontecimentos que levou a essa morte. Se tivesse dito outra coisa, ou feito alguma coisa de forma diferente... - Baixei os olhos, derrotada. - O mesmo que tenho estado a pensar desde que o Frog foi executado.

- Mas era apenas uma criança.

Levantei a cabeça e olhei para ele.

- Mesmo as crianças sabem a diferença entre certo e errado. E eu era uma criança estranha, com uma mentalidade muito madura. Sabia bem o que era certo, o que era errado e o que devia ter feito.

- Apanharam o assassino? - Falou em voz baixa, como eu. Como se estivéssemos a segurar na tampa de uma caixa de Pandora de memórias ainda capazes de espalhar destruição.

- O homem que foi acusado do homicídio - respondi, com cautela - não teve o julgamento que merecia.

Ele aproximou-se mais e estudou-me o rosto.

- Mas tinha a certeza de que foi ele?

Mordi a língua e senti o habitual entorpecimento gelado apoderar-se de mim. Às vezes assustava-me, a forma como conseguia ficar fria como uma pedra, sem deixar escapar qualquer indício de emoção, tal como Swan. Afastei-me dele.

- Digamos apenas que o sistema não funcionou muito bem... para nenhum dos lados... e que aprendi, cedo de mais, de que é mais fácil acusar alguém do que provar a sua inocência. Foi por isso que me tornei advogada de defesa. Preciso desse desafio para provar a minha inocência.

Ele inclinou a cabeça.

- A sua inocência?

- A inocência do acusado, queria eu dizer. - Virei-me, agitada, e olhei para a janela. O olhar dele continuou a trespassar-me. *Redenção*. Eu estava à procura de redenção neste desconhecido irresistível. Ele começava a ser uma espécie de substituto da única pessoa de cujo perdão eu precisava desesperadamente. *Eli*. Girei sobre mim própria, num repente, e olhei para o chão à procura das sandálias que deixara junto a um dos sofás. Calcei-as depressa.

- Precisamos de uma mudança de cenário.

Com toda a calma, Solo enfiou os velhos mocassins que deixara à porta do alpendre.

- Reparei num bar na praia quando chegámos. Pago-lhe o jantar. Podemos ver o pôr do sol.

- Ótimo. E não vamos falar mais, está bem?

Ele concordou com um aceno, sem parecer ofendido nem embaraçado.

Sentámo-nos na areia à frente da esplanada do bar de praia, a ver o pôr do sol roxo e dourado por cima do mar. O crepúsculo espalhou-se pelo ar. Das colunas montadas em postes de madeira esbranquiçada, chegava até nós o som de sucessos antigos. Solo bebera duas cervejas importadas e eu, apenas uma garrafa de água, por temer perder completamente o controlo. Estava sentada numa postura defensiva, com os braços à volta dos joelhos. A brisa do oceano levantava-me o cabelo e secava-me a humidade na pele. Ao meu lado, Solo estava inclinado para trás, apoiado nos cotovelos, com as pernas compridas esticadas à sua frente. Um caranguejo minúsculo trepou-lhe pelo tornozelo nu e ficou um instante empoleirado na pala do mocassim antes de fugir. Solo observou-o, de olhos semicerrados, enquanto eu o observava a ele.

- Nada parece perturbá-lo - comentei.

- Há muita coisa que me perturba - corrigiu.

- Esta manhã estava a vê-lo da varanda, na praia. O que estava a escrever?

Ele virou os olhos para mim.

- Estava a calcular o volume e a velocidade das ondas. A tentar determinar a proporção de ondas por minuto, por hora, por milénio. É só um jogo. Resolvo problemas de matemática para relaxar. - Fitou-me com ar divertido. - Pode rir-se. Pode dizer o que está a pensar: eu estava a contar água.

Descruzei os braços e virei-me para o fitar com atenção, abalada pelo seu charme surpreendente e pela familiaridade comovente que crescia de novo em mim. Lembrei-me de o ver a calcular o peso do combustível durante o voo para a ilha. Pensei no robô, na perícia com computadores, nas capacidades de encriptação - tudo baseado numa aptidão inata para eletrónica, engenharia e, principalmente, matemática avançada.

- Conheci alguém, em tempos, que também adorava números e cálculos.

Solo soltou uma risada seca.

- Um idiota sábio, como eu? Um homem de poucos talentos?

- Era a pessoa mais doce que jamais conheci. E, ainda por cima, um prodígio da matemática.

- Hum... e o que é que ele fez com um cérebro desses? Era professor? Engenheiro? Médico?

Apanhei um pouco de areia na palma da mão e vi-a escorrer por entre os dedos.

- Não, infelizmente tornou-se jogador profissional e corretor de apostas.

Solo endireitou-se. Quando olhei para ele, fechou os braços à volta de um joelho dobrado e virou-se para o oceano. O seu perfil era forte, a sua expressão, perturbada.

- O que se passa? - perguntei.

- Estou a ficar velho e burro. - Encolheu os ombros e depois espreguiçou-se, e olhou para as dunas de areia irregular onde estávamos sentados. - Fiz a minha cama e tenho de me deitar nela, mas acabo de me aperceber o quanto foi dura, desde o princípio.

Franzi a testa perante aquelas estranhas palavras. Ele segurou de novo no joelho e continuou a olhar para o mar.

- Então as coisas não correram assim tão bem a esse homem bom e doce, a esse génio?

- Não diria tanto. Só sei que foi parar às Caraíbas, onde tinha um negócio de apostas *offshore* muito lucrativo. Contratei um investigador para o encontrar, há dez anos, e era onde ele estava.

- Devia ser alguém importante, para se dar ao trabalho de o procurar. Um ex-namorado?

Hesitei.

- Pode dizer-se que sim.

- E não voltou a procurá-lo desde então?

- Não. O negócio dele era ilegal. Os seus clientes eram americanos e utilizava sistemas telefónicos domésticos. Aplicavam-se as mesmas leis que se aplicam hoje ao jogo *online*.

- E não conseguia amar um homem que tinha quebrado algumas regras?

- Não é isso. O que ele fazia não é da minha conta. Nem sequer estou convencida de que o jogo devia ser ilegal. Se as pessoas querem deitar fora o seu dinheiro, é com elas.

- Mas ficou desapontada por ele não ser respeitável.

- Acho que ele fez o que tinha de fazer para cuidar da família. Teve uma infância difícil. Não o

vou julgar. – Olhei para Solo. – Você contou-me que tinha perdido o seu pai e que se viu obrigado a cuidar da sua família. Quer falar-me mais sobre isso?

A expressão no rosto dele era, ao mesmo tempo, melancólica e determinada. Abanou a cabeça.

– Mas, se fosse falar com alguém, seria consigo.

Pensei nisso por um instante.

– Parece que temos o hábito de começar conversas difíceis e parar antes de admitir seja o que for. Nisso somos iguais.

Depois disto ficámos em silêncio. O céu escureceu e encheu-se de estrelas. Ele perguntou se eu me importava que fumasse. Deixei-o à vontade.

– Sou compulsiva e rígida, mas não politicamente correta.

– Ainda bem. – Tirou um charuto pequeno, com um rótulo caro, de um tubo prateado. Inalei o aroma adocicado e vi o fumo sair-lhe dos lábios. Era uma imagem tão masculina, tão fácil de ridicularizar, mas tão sedutora.

– Também gosta de caça e pesca? – inquiri.

Ele olhou para mim com ar curioso.

– Pesca, um bocadinho. Mas não tenho armas.

– É um pacifista?

– Não. Simplesmente, já vi morte que chegue. – O peso dessa simples frase fez-me suster a respiração. Olhei para ele através da neblina leve no ar salgado.

– Compreendo muito bem, acredite – respondi.

Após alguns instantes de silêncio, Solo sussurrou-me: – Não fique a pensar na morte do Frog Marvin. Não pode fazer mais nada por ele e tem a sua vida para viver. Há muito trabalho a fazer para ajudar outros como ele, que precisam de si. Oíça, não estou a dizer-lhe nada que não possa ler na Bíblia ou em qualquer outro lugar onde as pessoas procuram razões para ter fé. Mas é assim mesmo.

– Explique-me como faz isso. Como consegue viver no vale da sombra da morte sem temer qualquer mal? Como consegue não perder tudo o que há de bom em si?

– É preciso continuar a ter esperança. Continuar a tentar corrigir o que está errado.

Sorri, fatigada.

– O que importa é a viagem, não o destino. Estou a ver.

– É preciso continuar a ter esperança – repetiu ele. – E amor.

Fitei-o nos olhos. Este homem amara e era amado. Tinha a certeza disso: quer esse amor viesse de mulheres apaixonadas, da família ou de bons amigos, ele possuía uma experiência que, pelos vistos, me faltava. Pensei em Swan, Matilda e Karen. Juntas, formávamos os fragmentos quebrados do que uma família podia ser.

– Pare com isso – ordenou-me Solo. Olhei para ele. – Pare de pensar tanto. Tem de sentir, não de pensar. – Levantou a mão, com o charuto seguro entre o polegar e o indicador, e descreveu um círculo cerimonial com o fumo sobre a minha cabeça. – O fumo afasta os maus pensamentos. É uma ideia antiga dos índios Cherokees.

Agora conseguia pelo menos deduzir um pouco mais sobre as origens dele. Graças à referência tribal e ao sotaque, era evidente que crescera algures nas montanhas Apalaches.

– É um homem da montanha – comentei.

Ele assentiu com um aceno.

– Um provinciano.

– Quem me dera que os seus rituais funcionassem mesmo.

– Não consegue perceber, pois não? Trouxe esperança ao Frog Marvin. E deu-lhe amor. Ele morreu feliz. A sua vida cruzou-se com a dele para isso.

Com cuidado, guardou o resto do charuto no tubo prateado, tão metodicamente como um sacerdote, e a calma deste pequeno ritual espalhou-se dentro de mim. Olhei para ele com assombro e desespero.

– Essa é a resposta mais fácil.

Solo abanou a cabeça.

– De um modo geral, as respostas são mais fáceis do que queremos pensar. O que dá cabo de nós são as perguntas.

Apoiei os cotovelos nos joelhos dobrados e o queixo nas mãos, e olhei para as estrelas por cima do oceano.

- Obrigada - consegui dizer, por fim.

Uma balada emocionante dos The Righteous Brothers começou a tocar no sistema de som do bar. Solo virou-se e lançou um olhar duvidoso aos vários casais abraçados na pequena pista de dança.

- Quer saber o que me enerva? Dançar.

Fiquei imóvel durante alguns segundos, a olhar para ele e para os casais que mal se moviam ao som da música lânguida e romântica. *Não o faças. Não encorajes isto.*

- Fui criada pela minha avó, uma típica senhora sulista. Ela fez-me ter aulas de danças de salão em Asheville, na Carolina do Norte, terra de danças elegantes. Sou uma especialista. - Estendi a mão. - Quer experimentar?

- Vou pisá-la.

- Eu descalço-me se você se descalçar também. Pés descalços não magoam.

- Bom, se insiste. - Fingindo-se derrotado, pegou-me na mão e ajudou-me a levantar.

Descalçamo-nos e olhámos um para o outro. O meu coração batia muito depressa. Ele não me largou a mão, segurando-a com firmeza e cuidado. Pousei a outra mão no ombro dele.

- Agora ponha a mão direita na minha cintura. - Devagar, ele segurou-me acima da anca, pressionando os dedos no tecido fino do vestido. Puxei a sua mão esquerda, ainda a segurar na minha, e encostei-a ao peito dele, para garantir que havia espaço suficiente entre os nossos corpos.

- Não precisamos de dançar tão colados como os outros casais na pista.

- Está a tirar a diversão toda da dança.

- Faça-me a vontade.

- A sério, estou contente só por estar aqui.

Começámos a mover-nos lentamente ao som da balada sedutora. Apesar dos seus protestos, ele sabia dançar. A minha mão relaxou na dele e senti-o fletir os dedos sobre os meus. Fixei os olhos na gola da camisa azul. A meio da canção, desequilibrei-me na areia irregular e pisei-o.

- Eh! - exclamou ele. - Eu sou delicado, tenha cuidado com os pés.

Não consegui conter uma risada. Com uma leve pressão da mão na minha cintura, puxou-me um pouco mais para si e deixei-me ir. O seu hálito roçava-me na face, e o cheiro limpo e masculino encheu-me os sentidos. Ele era conforto e sexo, perigo e fé. Ergui os olhos para os dele, como se Solo fosse uma catedral. Perdemo-nos no olhar um do outro, quase imóveis e indiferentes à música.



Quando o *Jeep* se aproximou da casa de praia, as luzes exteriores acenderam-se automaticamente, banhando a área de estacionamento entre as estacas que sustentavam a casa com uma luz forte. Quando chegámos à escada estreita ao fundo, subi os degraus pouco iluminados depressa, até chegar ao patamar, onde os meus pés embateram numa pequena caixa de cartão. Solo ouviu o barulho e correu pelas escadas acima.

- Não lhe toque - ordenou, e puxou-me para trás de si. Os meus olhos caíram sobre o símbolo branco e dourado dos Mármorees Hardigree. O meu nome e a morada da Florida estavam escritos em caligrafia elegante. Por cima da morada do remetente, a dos escritórios da companhia, e na mesma caligrafia podia ler-se «SHS». Swan Hardigree Samples.

- É da minha avó - expliquei. - Duvido que ela me tenha mandado uma bomba.

Solo pegou no pacote. Um músculo contraiu-se no seu maxilar enquanto o examinava.

- A sua avó deve estar preocupada consigo. Calculo que já lhe telefonou, não?

- Não falamos muito. Não costumo visitá-la com frequência.

- Mas são chegadas.

- Somos... inseparáveis, mas não chegadas - respondi, com um arrepio. Como se soubesse que eu estava a sentir-me fraca, Swan entrevistara. - Ela não me teria mandado algo para aqui se não fosse importante. Tenho de perceber o que é.

Após inspecionar o pacote mais um momento, a expressão dele tornou-se neutra. Ainda assim, insistiu em levar o embrulho enquanto subíamos, como se pudesse mesmo explodir.



«Minha querida Darl», dizia a carta que acompanhava a encomenda, no papel timbrado de Swan. «Sei que não tens qualquer intenção de pedir o meu apoio ou compreensão, mas tenho estado atenta às notícias sobre ti e estou preocupada com o teu bem-estar. Contactei os escritórios do Grupo

Phoenix em Washington e a Irene Branshaw informou-me de que tencionas trazer as cinzas do senhor Marvin para serem sepultadas em Burnt Stand. Tomei a liberdade de reservar um espaço no nosso lote na igreja, e incluo uma amostra do mármore para a urna e lápide do senhor Marvin. Vem de uma das melhores lajes que alguma vez vi. Se aprovares, mando os entalhadores começarem a trabalhar de imediato. Sabes, estou orgulhosa de ti, e também preocupada.»

Tinham sido precisos vinte e cinco anos de afastamento e a execução de outro homem para arrancar aquelas palavras à minha avó. Sentei-me no sofá e afastei o plástico de bolhas de um quadrado pesado de mármore. A sua superfície reluzente e estriada era da tonalidade delicada de uma rosa-chá.

- A sua avó enviou-lhe um pedaço de mármore - comentou Solo em tom inexpressivo, como se a ironia do presente tivesse também algum significado para ele. Encostou-se à parede, nas sombras, perto de uma porta de correr aberta, com as mãos nos bolsos das calças, os ombros abatidos, uma expressão sombria.

- A minha avó tem setenta e sete anos de idade, mas ainda é inquebrável, e nunca abandonou a esperança de que, um dia, eu voltarei para assumir as rédeas do negócio de família. - Pousei a mão aberta sobre o mármore fresco. Uma estranha reação causou-me um formigueiro na pele. Swan enviara uma parte de nós, daquilo que nós éramos, para me recordar que a pedra partia pela fissura mais fraca. Levantei-me, com o pedaço de mármore nos braços. - Vou para a cama. Boa noite.

Passei por ele sem vacilar, recorrendo a toda a minha força de vontade para caminhar com passo calmo, de cabeça erguida, costas direitas, rosto tranquilo. Swan construía-me sobre as suas fundações, com todo o orgulho desesperado que se escondia sob elas. Eu aprendera a blindar-me com pouco ou nada, tal como ela fazia. Não precisava de ninguém, incluindo de Solo. Era mais seguro assim. Quando me aproximei da porta do quarto, Solo comentou num tom áspero que me fez estacar: - Parece-me que a sua avó quer fazê-la pensar que é feita de pedra. Está nas suas mãos provar-lhe que está errada.

- Não consigo - respondi, e fechei a porta.

Capítulo 13

Atira aquele maldito pedaço de mármore Hardigree pela janela antes que a envenene. E, por amor de Deus, diz-lhe quem és. Na manhã seguinte, Eli nadou com um vigor furioso enquanto sentia a teia de complicações apertar-se à sua volta. Ia voltar imediatamente para a casa de praia, secar-se, vestir-se, fazer café e planejar todas as palavras que lhe diria antes que Darl acordasse. Tinha de ser rápido e conciso. Já sabia que ela não odiava a memória dele, apesar do legado assassino que o pai deixara à família Hardigree. Contara-lhe coisas sobre si próprio que a tinham feito lembrar de outras, coisas que Eli nunca imaginara que ela recordasse. Já sabia o que precisava de saber. Era tudo o que importava.

Mergulhou a cabeça na água salgada do oceano, movimentando os braços em arcos altos que cortavam a superfície muito atrás da linha de rebentação. Não podia mudar a acusação contra o pai, nem eliminar a possibilidade de ele a ter merecido. Por mais que Bell desejasse uma conclusão, não iam encontrar a resposta para essa pergunta desenterrando fantasmas em Burnt Stand. Mas agora, pelo menos, sabia como Darl poderia reagir à ideia. Ela acreditava em julgamentos justos. Dar-lhes-ia uma oportunidade de provar a inocência do pai.

E também me dará uma oportunidade de provar a minha, decidiu Eli.

Nadou para a praia. No instante em que se punha de pé sobre a areia, uma onda empurrou-o e algo lhe bateu no braço esquerdo, abaixo do cotovelo. Com anos de experiência no mar das Caraíbas a convergirem num único sinal de alarme, puxou o braço para cima num repente.

Fora mordido por um pequeno tubarão, provavelmente um tubarão-de-pontas-negras à caça de peixe de isco. O animal mordera-o por engano. O sangue jorrava de uma ferida profunda em forma de semicírculo que cobria metade do músculo na parte superior do antebraço. Eli precipitou-se para terra, com o braço esticado à sua frente, a pingar sangue sobre a areia branca. Olhou para a ferida, praguejou entre dentes ao perceber como era grave, e foi acometido por uma vaga de náusea e tonturas.

É preciso azar, pensou. *Na pior altura possível.*

A verdade e as oportunidades perdiam-se sempre em sangue.

«Salvaste-me a vida, rapaz!» berrou-lhe alguém ao ouvido, com a boca cheia de tabaco de mascar. Era um indivíduo corpulento e careca chamado Jernigan, o capataz da empresa de camionagem onde Eli trabalhava. O rapaz acabara de ser projetado por uma empilhadora, depois de afastar Jernigan do caminho desta. Eli olhou para a mão direita e o indicador partido. O osso estava exposto e havia sangue por todo o lado. Estava-se em janeiro, um frio de rachar, e o vapor erguia-se do sangue quente. Sentiu o estômago às voltas. Tinha apenas catorze anos e mentira sobre a idade para conseguir aquele emprego. E agora eles iam descobrir e perderia o ordenado. A mãe não ganhava muito no supermercado onde trabalhava. Precisavam de cada centímo.

Sangue, o sangue do pai. Fracasso e vergonha. Viu tudo isso na sua própria mão e sentiu as pernas perderem as forças. Jernigan apanhou-o pela gola da camisa manchada de suor e soprou uma rajada de hálito fétido para o rosto de Eli, como se quisesse limpá-lo do pó.

«Não desmaies, rapaz; és o meu novo empregado do mês preferido.» E Jernigan, um grande filho da mãe duro do Tennessee, arrastou-o para a enfermeira da empresa.

Dois dias depois, quando Eli apareceu no trabalho com o dedo numa tala e a mão inchada, a nova simpatia de Jernigan por ele ainda não se dissipara.

«Anda cá, meu maneta escanzelado», chamou em tom afetoso, e empurrou Eli para um armazém sujo perto do estaleiro principal. Eli olhou para a mesa de madeira manchada e para os homens à volta dela. O centro da mesa estava coberto de cartas, fichas de póquer e notas. «Este jovem cavalheiro», riu-se Jernigan, «tem jeito para números. Não quero que ele seja um carregador burro a vida toda. Vamos ensinar qualquer coisa ao rapaz.»

Puxou uma cadeira e Eli juntou-se ao jogo de póquer.

«Tens algum problema em jogar com um tipo de cor?», resmungou Jernigan, apontando para um camionista negro sentado à mesa.

Eli devolveu o olhar frio do camionista.

«Não, senhor, não tenho problema nenhum», respondeu-lhe, e não a Jernigan. O outro homem acenou com a cabeça.

«Assim sendo, bebe um trago, branquela.» E empurrou uma garrafa de *gin* na direção de Eli.

Eli bebeu um pequeno gole e quase vomitou, mas conseguiu manter a compostura. Olhou para as cartas enquanto um terceiro homem as recolhia e baralhava, sujando-as com os dedos gordurosos, passando-lhas depois.

«Aprende a baralhar», ordenou-lhe.

Eli manobrou desajeitadamente o baralho com o dedo partido, espalhou cartas e corou de embaraço enquanto a mão magoada latejava, mas uma estranha confiança foi crescendo dentro de si de cada vez que pegava no baralho. Cinquenta e duas cartas, distribuídas por uma organização precisa e lógica, fácil de lembrar. Olhou para baixo e viu que, na sua tentativa primitiva de baralhar, raspara a crosta de uma pequena ferida na palma da mão, onde gotículas de sangue salpicavam agora a pele seca pelo frio do inverno. Sentiu a cabeça andar à roda e quase perdeu os sentidos. Mas agarrou-se às cartas, ao futuro, à contagem reconfortante. O pai não podia dar cabo disto.

Já estava a sentir os números na pele.

Conta cartas. Conta-as na cabeça, repetiu Eli mentalmente, para não desmaiar. Estava em frente do lavatório branco, na cozinha da casa de praia, a pressionar gelo enrolado em papel de cozinha sobre o braço e a tentar não ver o sangue a escorrer para o ralo. Ouviu a porta do quarto abrir-se. Apoiou-se mais ainda no lavatório, com a cabeça a andar à roda e suores frios a gelar-lhe o corpo. O sangue salpicara para a camisa às riscas que conseguira enfiar por cima dos calções de banho. Encostou as coxas ao armário por baixo do lavatório. Odiava a reação excessiva do seu corpo perante a visão e o cheiro de sangue, uma resposta ao velho trauma, mas não conseguia controlar-se: de cada vez que via sangue revia a morte do pai. Tentou concentrar-se nos passos de Darl a cruzarem a sala. Aos seus sentidos distorcidos, soavam mais pesados do que deviam ser.

Escondeu o antebraço ensanguentado dentro do lava-loiça quando Darl se aproximou do balcão da cozinha. Ela parecia profissional e elegante, graças às calças bege de bom corte e ao casaco a condizer. O pendente Hardigree brilhava sobre a camisola branca que trazia debaixo do casaco. Prendera o bonito cabelo castanho num carrapito e tinha óculos escuros a esconder os olhos. Era o seu uniforme, a sua armadura.

Trazia as malas nas mãos. Eli segurou-se ao lava-loiça com força acrescida. Raios, os seus planos estavam a ir por água abaixo! Ela tencionava ir-se embora.

Darl parou e franziu a testa.

- Está maldisposto? A sua cor... Na verdade, está sem cor.

- Pode ir buscar o estojo de primeiros socorros que está no armário por cima do micro-ondas? - Ela baixou os olhos para os azulejos brancos do chão e, por uma fração de segundo, ficou imóvel ao ver as grandes manchas de sangue que iam desde a porta de correr que dava acesso ao alpendre.

- Mas que... - Contornou o balcão, viu o braço dele e estacou.

- Está tudo bem - garantiu ele. - Um tubarãozinho deu-me uma dentada enquanto eu...

Ela atirou os óculos de sol para cima do balcão, pegou num pano limpo, enrolou-o ao braço dele e apertou-o bem. Depois, tirou outro pano do suporte por baixo do lava-loiça. Enquanto enrolava o segundo pano, o sangue dele sujou-lhe as mãos e as mangas do casaco sem que tal tivesse qualquer efeito aparente nela. Eli cambaleou um pouco e Darl apoiou-o com um braço na cintura. Ele rangeu os dentes.

- Maldição! Não sei dançar e quase que desmaio de cada vez que vejo sangue.

Darl ergueu os olhos para ele e, por um momento, Eli viu um afeto forte e inegável na paisagem fria do seu rosto.

- Dois pés esquerdos e estômago fraco - ironizou ela. - Ainda por cima, vai fazer-me perder o avião em Tallahassee.

Eli calculou as suas probabilidades e resolveu desafiar o *bluff* dela.

- Ainda bem - respondeu.

- Mulher? Namorada? - perguntou a enfermeira no pequeno hospital mais perto da ilha.

- Advogada - respondeu Darl sem qualquer vestígio de humor.

Eli sentia-se um pouco melhor, o bastante para apreciar a resposta. Consequira preencher a papelada de admissão nas urgências sem que Darl descobrisse o seu verdadeiro nome. Ficou contente quando ela insistiu em acompanhá-lo até ao gabinete, onde um médico lhe coseu o braço com umas dezenas de pontos. Ficou sentada ao seu lado num banquinho metálico, em silêncio, os olhos fixos com intensidade no trabalho metódico do médico. Este, um homem ainda jovem e

falador, contou-lhes que era filho de um pescador de camarão e que fora para a universidade de modo a escapar a uma vida a trabalhar com as redes na baía de Apalachicola. De vez em quando, olhava de soslaio para Darl, com expressão tímida – o que não era estranho, vindo de qualquer homem –, mas sem afastar a atenção do braço de Eli. De súbito, ela lançou a Eli num tom gelado: – Podia ter-se esvaído em sangue.

– Dificilmente – contrapôs o jovem médico.

Darl dirigiu-lhe um olhar cortante.

– Discordo. E não seja condescendente: não tente reconfortar-me com garantias vãs.

O médico abriu a boca e corou. De súbito, Eli apercebeu-se de que ela tinha o rosto tenso e pálido, e gotículas de suor na testa. Pegou-lhe no pulso com a mão livre e sentiu a pulsação acelerada sob a pele macia.

– O médico sabe do que fala. E tem razão. – Inclinou a cabeça para a observar. – Parece que um vampiro lhe sugou o sangue todo. Primeiro sou eu a querer desmaiar, agora é você. Se fôssemos lutadores de *wrestling* faríamos uma bela equipa.

– Devia ter-me chamado assim que entrou em casa a sangrar dessa maneira.

– Oiça, posso ser um pouco antiquado, mas tento não me ir abaixo em frente de uma mulher. Além disso, não era assim tão grave.

– Era, sim – respondeu ela bem alto. Afastou-se dele e cambaleou. Manchas cor-de-rosa surgiram-lhe nas faces. Uma vaga de emoção apanhou Eli desprevenido. *Ela não gosta mais de sangue do que eu.* Várias pessoas nos gabinetes adjacentes esticaram o pescoço para ver o que se passava. O jovem médico olhou para Darl, cada vez mais corado. Uma enfermeira corpulenta, de bata cor-de-rosa, aproximou-se.

– Há algum problema?

Darl levantou-se.

– Sim, há um problema. E não fique aí parada, como um sargento rosa, a falar comigo nesse tom.

– Indicou Eli com um aceno da cabeça. – Este homem teve de esperar vinte minutos antes de o seu ferimento ser tratado. Sabe Deus quanto sangue terá perdido durante esse tempo. *Portanto, não fique aí parada com essa bata de mármore cor-de-rosa, a olhar para mim como se o problema fosse eu.*

A enfermeira lançou-lhe um olhar gélido e letal.

– *Mármore?* O que está para aí a dizer?

Darl tropeçou na última palavra, apercebendo-se de que não estava a dizer coisa com coisa. Nessa altura, Eli já estava em pé. O médico gritou e esticou-se para o acompanhar, com a agulha na ponta do fio cirúrgico ainda preso à pele dele. Eli segurou em Darl com o braço bom.

– Ela pede desculpa – disse à enfermeira. – E agora deixe-a estar sossegada, por favor.

A enfermeira afastou-se com passos furiosos. Eli sentou-se e puxou o banco de Darl para mais perto. Ela cobriu os olhos com a mão e estremeceu. Ele próprio estava a tremer um bocadinho.

– Desculpem – sussurrou ela. Eli estreitou-a um pouco mais, de tal forma que ela susteve a respiração por um instante, antes de desistir e encostar o rosto ao ombro dele. O jovem médico olhou para os dois e a sua expressão indicou a Eli que, para aturar uma mulher tão tensa, era preciso que fosse muito boa na cama.

– Vamos despachar isto – declarou Eli, e, ao ouvir aquele tom, o médico retomou rapidamente a sutura. Eli pousou a mão na nuca de Darl.

Eu compreendo, queria dizer-lhe. Eu sei aquilo de que te lembras.



Com o rosto tenso de humilhação, olhei para os pequenos barcos de pesca na marina da baía de Apalachicola. A velha povoação pesqueira era pitoresca e antiquada, histórica e descontraída. Não havia campos de golfe em miniatura, parques aquáticos, cadeias de restaurantes, condomínios gigantes ou lojas de recordações, como na maior parte da costa da Florida. Com uma cerveja fria na mão, Solo observava-me como um falcão. Estávamos sentados lado a lado numa mesa de piquenique gasta, na esplanada coberta do The Wild Oyster, um restaurante local. À nossa volta, turistas e pescadores debatiam-se com travessas enormes de marisco ou sorviam ostras cruas com molho *cocktail*. De vez em quando, lançavam-nos olhares curiosos. Éramos um par estranho, eu com o meu fato bege de seda sujo de sangue, ele com uma camisa também salpicada de sangue, calções de banho e mocassins.

- Não sei o que me deu no hospital - admiti, ainda virada para a frente e recusando-me a encará-lo. - Fiz figura de parva. Algo que anda a repetir-se nos últimos tempos. Peço desculpa.

- Eh! - A interjeição era uma admoestação carinhosa. Hesitei, mas virei-me com relutância e submeti-me ao seu escrutínio. - Na minha opinião, não tem motivos para se envergonhar.

Olhei para a ligadura branca e larga que lhe envolvia o antebraço esquerdo.

- Como se sente?

Ele acabou com a cerveja de um trago.

- Bem. O comprimido para as dores já está a fazer efeito.

- Ótimo. - Olhei para os barcos de pesca na marina. - Então vamos alugar um barco e sair para a baía. Correr sobre a água e respirar ar puro. Eu pago.

- Quer é ir vingar-se dos tubarões.

- Oh, sim, sou uma excelente advogada - respondi em tom sarcástico. Levantei-me, num frenesim súbito de atividade. - Quero ir para algum lado onde consiga respirar.

- Está bem. - Ele levantou-se e deixou algum dinheiro em cima da mesa. - Vou aos escritórios da marina ver se alguém nos pode levar. E eu pago. Não vale a pena discutir.

Olhei para ele e reconheci a expressão obstinada que começava já a ser-me familiar.

- Como se eu costumasse fazê-lo - repliquei com ironia.

- Muito bem.

- Vou mudar de roupa.

- Onde? Como?

Apontei para o bar ao canto, onde vendiam *t-shirts* de algodão azuis e calções do mesmo material com o logótipo do restaurante. «Saia da Casca no The Wild Oyster», dizia o *slogan*, em letras cor de laranja vivo.

- Mas que grande reviravolta em termos de moda - comentou Solo, com ar de quem gostava de me imaginar vestida de algodão fino. - Consegue despachar-se?

Sorri.

- Estou quase pronta.



A baía tinha quilómetros de largura, com água pouco funda e lisa como um espelho. À distância, pontes e passagens modernas enfeitavam o horizonte, parecendo ilhas de pedra ao sol. Uma pequena flotilha de barcos de pesca de camarão e ostra cruzava a água com a facilidade de gaivotas. Porém, mais perto da costa, onde Eli manobrava devagar a grande lancha, a baía pertencia-lhe apenas a ele e a Darl. Ela estava sentada à proa, em cima dos pés descalços, com as mãos apoiadas na amurada. Eli viu-lhe o rosto de perfil, enquanto ela admirava a paisagem de pinheiros, areais e bares de praia. Soltara o cabelo da trança. O vento agitava-lhe as madeixas castanhas à volta dos ombros e colava-lhe a *t-shirt* e os calções finos ao corpo. Os calções eram curtos, deixando ver as pernas compridas e delineadas. As suas ancas alargavam voluptuosamente abaixo da cintura estreita, e a *t-shirt* deixava adivinhar o contorno maravilhoso dos seios. Lembrou-se de ela ter dito que era viciada em caminhadas e que chegava a fazer oito quilómetros por dia numa pista perto do seu apartamento em Washington. Mas não era nenhuma atleta, realçara. Simplesmente, precisava de estar sempre em movimento.

Agora, num estado de espírito diferente por causa dele, estava parada. Admirava o cenário e Eli admirava-a a ela.

A água escura da baía embatia ritmadamente no casco da lancha. O ar fresco e húmido soprava-lhes no rosto. Darl inclinou a cabeça para trás, respirou fundo e olhou para ele.

- Cheira a melancia fresca - observou. Ele concordou com um aceno, demasiado fascinado por aquilo que via para falar. Darl apontou para a proa. - Quer sentar-se aqui um bocadinho e deixar-me conduzir?

- *Manobrar* - corrigiu-a Eli. - Não se conduzem barcos.

- Cresci nas montanhas, não perto do mar. Você percebe de barcos, ao que vejo.

- Já tive alguns.

- Em lagos?

- No oceano.

Darl absorveu esta nova informação com a cabeça inclinada para o lado e olhar pensativo, como se estivesse a arquivá-la.

- Quanto custou alugar este barco sem que o dono viesse também para o conduzir... hã, para o manobrar?

- O bastante para ele fazer uma dança de vitória enquanto contava o dinheiro.

- Obrigada. Muito obrigada por fazer isso.

- De nada. Estou a gostar da vista. - Olhou para ela sem tentar disfarçar o verdadeiro significado das palavras, e ao princípio Darl não afastou o olhar. Quando voltou de novo a atenção para a água, pareceu-lhe sentir-se culpada. Darl levantou-se e, sem se virar, enfiou a mão no bolso dos calções. Eli franziu a testa, não conseguindo identificar o talismã que ela segurava entre os dedos.

De súbito, a água tremeluziu e ganhou vida. Darl, curiosa, olhou para ele. Eli parou o barco e aproximou-se dela. Darl apontou. Um grande cardume de peixinhos prateados movimentava-se logo abaixo da superfície em perfeita sintonia.

- Peixe de isco - explicou Eli. - Por estes lados chamam-lhes *poggies*.

Darl manteve o artigo misterioso que tirara do bolso na mão fechada, mas enfiou a outra na água.

- Olá, *poggies*. Trago-vos saudações do mundo do ar.

Saudações. Eli olhou para ela com o coração apertado. Aquela expressão da infância cortou-o como uma lâmina afiada entre a consciência e o pensamento racional, deixando apenas nostalgia e desejo.

- Eles também mandam saudações - respondeu, em voz baixa. - Saudações, Darl.

Ela endireitou-se devagar e olhou para ele. Eli estava tão perto que conseguia ver o coração dela a bater sob a *t-shirt*. O seu batia também com toda a força. Olhou para o pendente Hardigree.

- Usa um talismã e tem outro na mão. - Apontou para a mão fechada dela. - Quer falar-me sobre eles?

Por um momento, temeu que ela recusasse. A expressão nos seus olhos era de fragilidade. Mas depois Darl levou lentamente o punho fechado ao colar.

- Este representa a família. - Fez uma pausa. - Faz-me lembrar que sou capaz de... *qualquer coisa*. - Proferiu as últimas palavras como se fossem ácidas. Devagar, estendeu a mão e abriu-a. - E isto, inspiração. - Fez outra pausa e engoliu em seco. Depois acrescentou, baixinho: - O amor e a esperança de que falámos na outra noite.

Eli olhou para a mão dela. Na palma aberta estava a pequena peça de mármore liso que fizera para ela, vinte e cinco anos antes. De tanto ser manuseada, o símbolo do infinito era agora apenas um traço indistinto na pedra. Não conseguiu falar. Ela perscrutou-lhe o rosto, preocupada.

- Não tente compreender-me, senhor Solo.

- Tarde de mais. - Eli ergueu a mão devagar e enfiou os dedos entre o cabelo dela. Darl não se afastou. O seu olhar perturbado saltou dos olhos de Eli para a sua boca e de novo para os olhos. - Saudações - disse ele mais uma vez. Ela susteve a respiração. - Saudações. - Inclinou-se um pouco e encaixou os lábios nos dela. Um beijo doce e leve. A sensação fê-lo suspirar, e ela respondeu da mesma maneira. Na inspiração seguinte, passou o braço à volta das costas dela e beijou-a mais profundamente. Darl abriu a boca, mas não pôs os braços à volta dele. Eli tocou com a ponta da língua na dela e Darl retribuiu, estremecendo.

- Para - murmurou.

Eli, também a tremer, afastou-se.

- Estás bem?

Ela fez que sim com a cabeça, sem afastar os olhos dos dele. Parecia vibrar com autocontrolo e uma certa melancolia intensa. Eli voltou para os comandos e manobrou a embarcação. Ela observou-o o tempo todo, parecendo perturbada, apertando na mão o presente que ele lhe dera quando eram crianças. O coração de Eli batia acelerado, e ele rezou em silêncio: *Por favor, faz com que ela saiba que sou eu*.



Eu beijara um homem que mal conhecia e atribuíra-lhe a alma de Eli. A partir desse segundo, passei a pertencer-lhe. A única coisa que Solo queria de mim era a mim, e isso podia dar-lhe. Já tivera o sangue dele nas mãos. O seu afeto era a única aparência de redenção que conquistara de forma justa.

Nessa noite, regressámos à casa de praia, fizemos uma pequena fogueira entre as dunas e partilhámos uma manta enquanto víamos o pôr do sol. Passámos entre nós uma garrafa de *pinot grigio* e comemos camarão cozido e frio, temperado com sumo de limão e molho de *cocktail*.

Pequenos caranguejos corriam à nossa volta. Solo atirou-lhes pedacinhos de comida e apostámos qual dos caranguejos seria ousado o suficiente para se apoderar primeiro dessas oferendas.

- Aposto um dólar naquele pequenino ao pé das ervas - indicou ele. - Tem ar de quem vai longe.

- Não, esse cavalo de corrida vai fraquejar na reta final. Nunca conseguirá passar daquele monte de conchas. Vou apostar naquele grande, ao pé da pena de gaivota.

- Nem pensar. É demasiado lento. É um caranguejo de longas distâncias.

Sorri e ele sorriu também. Quando acabámos o vinho e os camarões, estava escuro e eu devia dezassete dólares a Solo.

- Assino uma promissória - declarei, e escrevi o meu nome na areia atrás de nós.

Ele olhou para a assinatura e depois para mim.

- É melhor cobrar já, antes que a maré suba.

Estávamos à espera de qualquer desculpa. A eletricidade crepitava no ar entre nós, a noite estava agora completamente instalada. Nas sombras, sob a luz trémula da fogueira, peguei-lhe na mão. *Eli*. Vi o que queria ver. Beijei-o. Tal como no barco, o primeiro contacto foi doce, uma saudação delicada. Mas o segundo beijo fez-nos cair sobre a manta, nos braços um do outro, com os nossos gemidos suaves a misturarem-se com o barulho das ondas na areia.

Ele era tudo o que eu queria que fosse, e mais. Depois de estarmos nus no meu quarto iluminado pelo luar, com as portadas da varanda abertas e rodeados pelos sons do oceano, pôs as mãos sob as minhas coxas e levantou-me do chão. Soltei uma exclamação abafada e enrolei as pernas à volta das suas ancas enquanto ele me encostava à parede fria. Pressionou o corpo contra o meu, com a firmeza da sua ereção encostada à minha barriga. Eu nunca me sentira tão moldada a outro ser humano, tão absolutamente aberta às sensações. Devorámos a boca um do outro e arqueámo-nos juntos, unidos como se a nossa vida dependesse disso. *Darl*, murmurou ele, mas eu não podia tratá-lo pelo nome - tinha medo de lhe chamar *Eli* e quebrar o feitiço. Beijei-o com avidez, com o fantasma silencioso de *Eli* escondido na minha garganta.

- Deita-me. Não sou feita de pedra.

- Nunca foste - respondeu ele e, com o rosto escondido no meu cabelo como se fosse um cobertor macio, levou-me para a cama.

Despertei devido ao sol matinal. Virada para ele, senti-lhe a respiração, quente mas agradável, a essência deste desconhecido bom e forte a cobrir-me a pele, por dentro e por fora. Tínhamos adormecido pouco antes do nascer do dia, e os centímetros que nos separavam agora eram o máximo que tínhamos estado afastados a noite toda. Eu tinha a mão direita dentro da dele, na almofada entre as nossas cabeças. Os seus dedos grossos cobriam os meus de forma protetora, enquanto eu continuava a acolhê-lo junto a mim, com o pé entre os seus tornozelos. Não conseguíamos parar de nos tocar, mesmo enquanto dormíamos. Virei devagar a mão dele na minha e observei a pele áspera e calejada. O que teria este génio da tecnologia feito para ter as palmas das mãos de um trabalhador manual?

Estudei-lhe o rosto simples e rude, o arco das pestanas escuras sobre as maçãs do rosto angulosas, a sombra da barba, a madeixa de cabelo escuro caída sobre a testa alta, de forma quase juvenil. Durante a noite, vira-o em momentos de entrega, vislumbres de sofrimento, avidez e devoção ao luar. Ele dera-me o que eu também lhe dera - mistérios desesperados. Só de olhar para ele, tive de conter um gemido. Eu estava húmida, sensível e descomposta, com a noite como cera quente e doce dentro de mim, encobrindo os antigos receios, escondendo velhas vergonhas. Nunca conseguira entregar-me por completo a homem nenhum. Um amor honesto exigia confiança total, e era incapaz de partilhar fosse com quem fosse o meu segredo de infância.

Nem mesmo com este homem.

Afastei-me dele lentamente, de respiração suspensa para não o acordar, e depois fiquei parada aos pés da cama, hipnotizada pelo contorno do corpo alto por baixo do lençol cinzento-claro. Havia pacotes de preservativos por abrir espalhados sobre as cobertas, à espera, como oportunidades. Ele viera preparado para mim, e eu não sabia bem o que pensar disso. Dobrei os dedos dos pés sobre a carpete, no meio das roupas que tínhamos espalhado pelo chão. *Mexe-te. Vai. Para de tentar compreendê-lo, ou a ti própria*. Dirigi-me à grande casa de banho do quarto e olhei para o meu corpo nu num grande espelho emoldurado com conchas brancas. Que sereia descuidada era aquela ali refletida? Vi olhos azuis carregados de uma emoção febril, um rosto magro, o cabelo castanho

revolto sobre os ombros, um corpo coberto de suor, o meu e o dele. Há três dias, tinha visto Frog Marvin morrer. Ficara arrasada, entorpecida, com pensamentos suicidas. Se alguém me tivesse dito na altura tudo o que ia acontecer depois, nunca teria acreditado.

Agora sabia quem era. Era uma sobrevivente, a qualquer custo. Tinha a força da família Hardigree, mas também a fraqueza das mulheres Hardigree em relação aos homens. Virei-me e entrei no duche. Rodei violentamente a torneira até ter a água gelada a jorrar sobre o meu rosto virado para cima, com os dentes cerrados. A água lavou o gosto doce de Solo com o sabor acre dos poços costeiros.

Sequei-me com um arrepio e vesti um roupão branco e fino. A minha intenção era sair da casa de banho, vestir-me, pegar nas malas e despedir-me dele. Não conseguia pensar sequer em partilhar a verdade sobre as motivações peculiares da minha alma maculada. Quando entrei no quarto, com as mãos fechadas com força ao lado do corpo, estaquei abruptamente. Ele estava de pé e de costas para mim, a olhar para o mar na varanda do outro lado das portadas abertas. Vestira as calças de caqui amarrotadas e fumava um dos seus pequenos charutos. Inalei a mistura de aroma florestal e maresia. Enquanto o observava, rodou os ombros nus e largos, com os músculos tensos. A ligadura larga no braço ferido tinha algumas gotas de sangue perto do centro. Tínhamos sido demasiado brutos durante a noite, por vezes sem sequer nos apercebermos. Tirou o charuto dos lábios com uma mão e passou a outra pelo cabelo, desde a testa até à nuca, num gesto claro de frustração.

Fiquei ali paralisada, a olhar para ele; de súbito, apercebi-me de que ele podia ter alguma coisa ainda pior para partilhar comigo do que aquilo que eu lhe poderia contar. Não queria perdê-lo assim, não podia estragar este breve interlúdio que tínhamos vivido juntos. Ele virou-se como se tivesse pressentido a minha presença e fitou-me nos olhos; depois, baixou os seus para o meu corpo escondido pelo roupão e ergueu-os de novo para o meu rosto. Atirou a ponta de charuto para as dunas por baixo da varanda e entrou no quarto.

- Precisamos de falar - declarou.

- Concorde. Talvez seja um bocadinho tarde de mais para ser antiquada, mas gostava de saber o teu verdadeiro nome. Gostava de saber onde vives, como é a tua família e o que fazes. E também de saber o que tens andado a tentar esconder-me nestes últimos três dias, porque vejo muito arrependimento nos teus olhos.

- Não penses que estou arrependido do que aconteceu entre nós. Eu queria que acontecesse. E hei de querer-te sempre. Nem tenho palavras para te mostrar quanto.

Estendi as mãos.

- Nesse caso, tudo o resto pode esperar mais um pouco. - Ele sorriu, rendido. Estávamos perdidos. Puxou-me para si e pegou-me ao colo. Beijámo-nos como amantes após uma longa separação. Cravei os dedos nas costas dele e arqueei o meu corpo contra o seu. Quase de imediato, estávamos outra vez na cama, ele a abrir-me o roupão, com a boca nos meus seios, na minha barriga e mais abaixo, e depois a beijar-me nos lábios enquanto eu gemia com ele.

Amava-o, quem quer que ele fosse. Simplesmente, amava-o.

O telefone tocou quando estávamos nos braços um do outro, depois do sexo. Eu estava de costas para ele e Solo encaixara o seu corpo no meu, envolvendo-me nos seus braços, ambos ainda nus. A brisa começava a arrefecer o suor que nos cobria os corpos, e só agora a minha respiração regressara ao normal. Estava paralisada dentro dos meus dilemas, mas não conseguia parar de o acariciar.

- Deixa tocar - pediu-me ele, quando o telefone começou a tocar na sala. Encolhi-me.

Através da porta do quarto aberta ouvimos o atendedor de chamadas ligar-se e uma voz idosa e elegante, com sotaque sulista, que se apresentou como sendo uma das velhas amigas de Swan, de Asheville, comunicar: - Minha querida, é uma emergência. - Isso fez-me soerguer nos cotovelos, com Solo a fazer o mesmo atrás de mim. - A tua avó e a menina Matilda - continuou ela - estão no hospital.

Capítulo 14

Swan sofrera um ataque cardíaco durante a noite. Matilda, depois de correr para o hospital para estar com ela, desmaiara na sala de espera, vítima de um pequeno AVC. Na pressa de fazer as malas para deixar Saint George, fiz pouco mais do que acenar quando Solo observou: – Vejo que gostas da tua avó e da amiga dela. – Afastou-se, muito calado, com ar sombrio, e por fim disse apenas: – Claro que te levo para junto delas.

– Obrigada.

Por favor não morras, avó.

Esse foi o meu primeiro pensamento, uma ideia honesta e instintiva que me gelou por dentro. Durante anos, fantasiara com a morte de Swan, na altura em que ainda tinha a ilusão de encontrar Eli, um dia, e contar-lhe a verdade. Amava Swan Hardigree Samples, a minha avó, a minha némesis. Era uma devoção sem remédio, tão forte como o ódio que também sentia, tão complexa como o ressentimento. Tal como em criança, não sabia bem o que fazer com todos aqueles sentimentos.

À tarde, deixámos o Golfo para trás e acompanhámos a curva do continente. Solo manobrou o pequeno avião sobre as planícies de algodão e amendoim do sul da Georgia, depois sobre as colinas verdejantes e os vastos subúrbios de Atlanta, ganhando mais altitude quando a silhueta esverdeada das montanhas Apalaches se ergueu perante nós. Quando entrámos nos céus da Carolina do Norte, quebrei o meu silêncio preocupado.

– Estamos quase lá – disse. À medida que as encostas íngremes e as pequenas povoações da minha terra natal passavam por baixo de nós, olhei para o perfil de Solo. Tinha os lábios apertados numa linha firme, as mãos fechadas com força sobre os comandos. Vestira um pulôver de malha branco, calças cinzentas e botas de caminhada, e eu regressara com naturalidade aos meus fatos profissionais, desta vez em azul. Parecíamos tão diferentes. Ele era um estudo de concentração, tão reservado como eu. Por cima do ronco do motor do avião, perguntei-lhe: – Alguma vez estiveste nestas montanhas?

Após um curto silêncio, ele assentiu.

– Quando era mais novo.

– Agora já temos um pequeno hospital na minha cidade, não muito longe do novo aeroporto. Na realidade, é um pequeno aeródromo, mas é melhor do que nada. Quando aterrarmos, ligo ao gestor de negócios da minha avó para ele nos mandar um carro. – Solo acenou com a cabeça, mas não disse nada. Prossegui cautelosamente: – Tenho todo o gosto em que fiques comigo na casa da minha avó.

Ele fitou-me com expressão calma e impassível, mas reparei que estava a apertar mais as mãos sobre os comandos, ao ponto de ficar com os nós dos dedos brancos.

– Eu arranjo um sítio qualquer onde ficar, não te preocupes.

– Não estou a oferecer apenas para ser bem-educada. Gostava de te ter por perto. – Hesitei. – Sei que o teu trabalho acabou, mas...

– Pensas que és apenas um trabalho para mim?

Debati-me com a minha própria voz, fingi olhar para a janela por um momento e depois virei-me para ele.

– Estou a tentar facilitar-te as coisas... se te quiseres ir embora.

Ele pousou a mão sobre a minha por um instante, com o polegar a acariciar-me a palma.

– Estou aqui para ficar – garantiu. – Porque gosto de ti. Lembra-te disso.

Pouco depois, inclinou o avião e descrevemos uma curva sobre as montanhas, cada vez mais baixo, até que os velhos montes de granito e cordilheiras cobertas de abetos deram lugar ao pequeno vale que fez o meu coração apertar-se com as memórias. Por baixo de nós, as casas e as lojas de mármore branco e rosa de Burnt Stand surgiram entre as árvores, majestosas e imutáveis.

– Estou em casa – declarei, em tom grave. Enfie a mão na mala e apertei a pedra do infinito que Eli talhara no leito de rocha das nossas vidas naquele lugar.

Até a pedra sabia onde pertencia.



O tempo fresco de outono já descera sobre o vale, e os cornizos – quase sempre as primeiras árvores a mudar de cor – ostentavam os primeiros toques de vermelho. Solo pousou o avião no pequeno aeroporto do condado, num redemoinho de ar puro e floresta. Assim que a aeronave parou completamente, um homem negro, alto e esguio saiu dos escritórios do aeroporto e dirigiu-se até

nós. Atrás dele, um carro empoeirado esperava-nos. O homem tinha cerca de quarenta anos, cabelo muito curto e uma fina cicatriz branca no rosto. As calças de bombazina escura, a camisa às riscas finas, os suspensórios de cabedal e a gravata de seda suavizavam-lhe parte da dureza dos olhos. Tinha as botas de solas grossas sujas de pó de mármore e as mãos grandes e fortes de um canteiro. Era Leon Forrest.

- Leon - cumprimentei-o, e aproximei-me dele de mãos estendidas. - Conta-me tudo.

Ele apertou as minhas mãos nas suas.

- Sabes bem que a tua avó não vai quebrar assim. Os médicos dizem que ela está a recuperar bem, que foi um pequeno ataque cardíaco. Aconteceu depois do encontro que ela teve no escritório, com uma mulher; depois de ela sair, achei que a tua avó estava com má cara, mas ela ignorou-me. E afinal tinha razões para me preocupar. Bom, mas o que interessa é que tanto ela como a menina Matilda, que ficou apenas com a visão e a fala um pouco afetadas, estejam a melhorar.

O alívio foi como sumo de limão espremido para os meus olhos. Virei-me para Solo e fiz as apresentações.

- O senhor Forrest é o gerente da pedreira. Leon, o senhor Solo é um amigo meu, e consultor de segurança no Grupo Phoenix. - Solo estava a olhar para Leon com um brilho nos olhos que me pareceu de surpresa e afeto, o que não fazia sentido, tendo em conta que eram dois desconhecidos. Leon, por seu lado, franziu a testa quando lhe apertou a mão.

- Parece-me muito familiar.

- É bom vê-lo - disse Solo calmamente. - Isto é dizer, conhecê-lo. - Após uma breve pausa, concluiu: - Mesmo nestas circunstâncias.

Dirigimo-nos os três ao SUV e eu olhei para Leon com ansiedade.

- A minha avó disse alguma coisa quando soube que eu estava a caminho?

Ele fitou-me com ar apologético e suspirou.

- Comentou com a menina Matilda que tu provavelmente estavas surpreendida por saber que ela tinha coração.

O novo hospital da região, situado numa pequena colina a norte da cidade, refletia o sol da tarde na fachada de mármore rosa. Deixei Solo e Leon no átrio onde os retratos de Swan e Matilda decoravam a parede - ambas eram membros da direção do hospital -, e subi no elevador até à ala de Cardiologia, no quarto piso. Pelo caminho, passei por um mapa do hospital, onde uma ala no segundo piso estava identificada com o nome de Júlia Samples Union, a minha mãe. Alguns anos antes, estivera ali por pouco tempo para a cerimónia de inauguração: fizera um breve discurso em honra da minha mãe e, sem mais rodeios, perguntara a Swan por que motivo insistira numa homenagem pública a uma filha que rejeitara.

«Nunca a rejeitei; rejeitei apenas as suas escolhas», respondeu-me Swan.

«Eu cresci convencida de que ela me tinha abandonado.»

«Quem te disse uma coisa dessas era cruel e estava muito enganado.»

«Sempre me deixou acreditar que era verdade.»

«Eu própria queria acreditar nisso. Custava muito menos do que admitir que fui eu que a afastei e acabei por lhe causar a morte.» Com esta declaração honesta, brutal e surpreendente, pôs fim à conversa e recusou-se a voltar a falar na minha mãe. Nessa altura eu ainda trabalhava como advogada oficiosa em Atlanta, e chorei durante toda a viagem de quatro horas até casa.

Agora, passei pelo piso friamente clínico dedicado à minha mãe e continuei a subir, com o pé a tamborilar nervosamente no chão e a mão a segurar a alça da mala. Quando saí do elevador já tinha recuperado o controlo. Um sinal indicou-me a direção da Unidade de Cuidados Intensivos. E ali, sentada numa cadeira de rodas no corredor, com um roupão azul e largo a cobrir a bata do hospital, estava Matilda.

- Meu Deus - sussurrei, e corri para ela.

- Darl - murmurou Matilda, enrolando o meu nome na voz arrastada, mas ainda sedosa.

- O que está a fazer fora da cama?

- À tua espera. E não queria sair de perto dela.

Ajoelhei-me e abracei-a. Pareceu-me muito frágil. Estava magra, com o cabelo completamente branco e a pele tão fina como papel de seda dourado.

- Onde é o seu quarto? - perguntei. - Vou levá-la já para lá.

- Nem pensar nisso. Prometi-lhe que estaria contigo quando a viesses ver. Ela esteve a dormir um pouco. - Cada palavra era lenta e difícil, mas Matilda parecia determinada. - Puseram-na num daqueles cubículos horríveis isolados apenas por cortinas. Ela detesta. Sabes o quanto ela aprecia a sua privacidade. Vamos lá então. Ela tem estado muito preocupada contigo.

Matilda não falou mais enquanto empurrava a cadeira em direção às portas da enfermaria de cuidados intensivos cardíacos. Indicou-me uma zona protegida por uma cortina e ergueu a mão trémula para as enfermeiras que olhavam para nós de trás do balcão. Todas se endireitaram como se estivessem prestes a ser inspecionadas, e cumprimentaram-me de forma educada com as suas pronúncias melódicas da montanha, como se eu pudesse pôr os seus empregos em risco ou exigir tratamento especial. Senti o estômago apertado. Seria aquela a minha imagem agora?

Passámos por uma série de cubículos onde as cortinas meio abertas deixavam ver vislumbres angustiantes de pacientes deitados entre fios, tubos e monitores. Do outro lado das janelas, via-se um pôr do sol arroxado sobre as montanhas altas que nos rodeavam, e uma neblina prateada começava a espalhar-se sobre os cumes, como fumo. O nosso lar, a nossa terra natal, era impossivelmente bela e solitária.

- Aqui - indicou Matilda. Parámos e afastei a cortina devagar.

As luzes estavam baixas, pelo que o rosto de Swan era iluminado apenas por um pequeno candeeiro instalado na parede por cima da cabeceira da cama. Estava ligada a meia dúzia de fios e tubos. Por baixo do nariz aquilino, tinha um tubo fino de oxigénio. Os olhos estavam fechados. Aproximei a cadeira de rodas de Matilda da cama, que contornei, parando do outro lado sem tocar em Swan. Limitei-me a olhar para ela enquanto reunia as minhas forças. O seu rosto enrugado estava pálido, mas ainda era belo. O bonito cabelo era agora prateado; numa atitude de desafio, usava-o mais comprido do que a maior parte das senhoras de uma certa idade ousariam, com as madeixas grossas onduladas sobre os ombros. Toquei com a ponta do dedo na gola rendada do roupão de seda branco apertado no pescoço. Matilda murmurou: - Claro que ela se recusou a usar a bata do hospital.

- Claro.

Inclinou-se para o ouvido de Swan.

- Swan, ela já chegou. A Darl está aqui.

A minha avó inspirou profundamente, ainda adormecida, e não reagiu. Matilda aproximou-se mais.

- *Irmã* - sussurrou, como se fosse uma ordem, e lançou um olhar aflito na direção da cortina, com medo de que alguém a ouvisse, como se a maior parte da cidade não soubesse já. Esse gesto quase me fez rebentar em lágrimas. Ela e Swan eram tão parecidas, ainda a proteger os seus segredos e mantendo os velhos hábitos, a sua reputação interligada.

A minha avó abriu os olhos de repente. Nunca fora pessoa de meias-medidas. Ou estava em hibernação, ou completamente alerta. O brilho dos olhos azuis estava algo embotado pela medicação, mas virou-os logo para mim. Vi-lhe um relampejo de alegria, logo substituído por uma expressão de autocontrolo. Pigarreou.

- Se vieste para me ver morrer, vais ficar desiludida.

Inclinei-me sobre ela. Com a voz pouco mais do que um murmúrio, respondi-lhe: - Vim para cuidar de si enquanto recupera. Se a avó quiser.

- O que fiz para merecer uma devoção tão súbita?

- Não faço ideia.

- Só assim é que consigo trazer-te para casa?

- Não vim para ficar. Vim apenas visitar a minha avó, que está doente. É diferente.

- Ah! Vieste por dever, não por devoção.

- Espera que aja de forma sentimental? Costumava detestar esse tipo de gesto.

- Sem dúvida. Então, vais ficar?

- Até a avó estar boa.

- Talvez eu fique inválida para o resto da vida. Nesse caso, serás obrigada a sufocar-me com a almofada.

- Vou pensar nisso, se for o caso.

Matilda soltou uma exclamação abafada. A troca de palavras cruéis entre Swan e eu tornara-se

rotineira com o passar do tempo, mas nunca a mantínhamos à frente de terceiros. Lancei um olhar apologetico a Matilda, e voltei-me de novo para Swan.

- Vou ficar no Solar de Mármore. Venho vê-la outra vez amanhã de manhã. - Fiz uma pausa. - Houve alguma coisa que a tenha perturbado ontem? Soube que recebeu uma visita no escritório que a enervou.

Os olhos dela relampejaram.

- O Leon anda a espiar-me?

- Oh, por favor! Ele contou-me da mulher com quem a avó se encontrou porque ficou preocupado. É o trabalho dele. Quem era?

- Para já, são contas do meu rosário. Falo contigo mais tarde, quando estiver um quarto particular. Entretanto, informa o Leon que quero que sejas tu a supervisionar os negócios da empresa enquanto eu estiver doente. Se vou ter alguém a espiar-me, mais vale que seja família.

- O Leon está a fazer um excelente trabalho. Não precisa da minha interferência.

- O Leon é um gestor contratado, não é uma de nós.

Quis rir-me, mas o som ficou-me preso na garganta. Na cabeça de Swan, «uma de nós» não tinha a ver com cor de pele, mas sim com o estatuto Hardigree. Debrucei-me sobre ela e murmurei: - Ainda bem para ele. Temos o mau hábito de nos matarmos umas às outras... ou de deixar terceiros pagar pelos nossos crimes. Portanto, não diga que eu vou ter de a sufocar como se fosse uma piada. É demasiado dentro da tradição familiar para ter graça.

Matilda gemeu baixinho, enquanto Swan me fitava com uma espécie de orgulho.

- Volta amanhã. Temos mesmo de falar. Tenho algo muito importante para te dizer. Veremos então se és tão forte como pensas.

Franzi a testa.

- Nada de joguinhos, avó. Não estou com disposição.

- Não é jogo nenhum, garanto-te. - E, com estas palavras, virou a cabeça para o lado e ignorou-me. - Agora vai lá ser a senhora do Solar de Mármore. Leva a Matilda para o quarto dela. Preciso de repouso. Tenciono recuperar em tempo recorde. - Lançou um olhar severo a Matilda. - E tu, descansa também. Vou andar em cima de ti. Amanhã vou insistir para ser transferida para o teu quarto.

Estávamos a ser expulsas. Matilda despediu-se da minha avó com um toque na mão, e Swan retribuiu com um olhar. Matilda acenou com a cabeça. Elas tinham conversas silenciosas, como gêmeas a partilhar uma língua própria. Saí rapidamente da enfermaria, a empurrar a cadeira de rodas de Matilda como alguém a caminhar na corda bamba. Pequenas pontadas de dor começaram a espalhar-se da minha nuca para a cabeça. Tinha as têmporas a latejar. Assim que saímos da UCI cardíaca, Matilda ergueu os olhos para mim. A sua boca esforçou-se para formar as palavras. Tinha os olhos brilhantes de lágrimas.

- Como pudeste falar-lhe de forma tão cruel sobre.. o passado?

- Lamento muito. É a nossa forma de interagir.

Matilda levou a mão fina ao peito.

- Porquê? Porquê?

Inclinei-me para ela, a tremer. Num sussurro rouco, perguntei: - As memórias não a apunhalam um pouco todos os dias, Matilda? É que a mim, assombram-me. Ultimamente, então, tem sido quase insuportável.

- Foi um acidente.

- Não me refiro apenas à Clara.

- Um acidente, é tudo. Como podes culpar a Swan, tantos anos depois?

Derrotada, suspirei.

- A Matilda sempre fechou os olhos ao que não queria ver.

- Não podes... só por uma vez? És a única família que ela tem. Não devias tratá-la mal.

- A *única* família? Os tempos são outros. As regras mudaram. Não está na altura de toda a cidade saber que vocês são irmãs?

- *Irmãs*. Ela tem uma irmã *de cor*. - Matilda tremia de tal maneira que me assustou, mas ergueu o queixo, orgulhosa. - E não quero que o mundo saiba como é que eu me tornei uma Hardigree. Isso só ia humilhar a Karen e manchar a carreira dela.

- Vou ligar-lhe e contar-lhe que a avó precisa dela. Sei que a Karen está em Nova Iorque.

Os lábios de Matilda moveram-se debilmente.

- Não quero pedir-lhe que venha.

- Se eu vim pela Swan, ela também virá por si. - Levei os dedos às têmporas. - Alguma vez chegará o dia em que poderemos apenas dizer a verdade e aceitar aquilo que fizemos e quem somos?

Matilda fitou-me com a compostura de uma velha leoa.

- Não. A verdade pode destruir corações. Guarda a tua, que eu guardo a minha.



Burnt Stand. Sangue e morte e Darl. Eli sentiu as três coisas debaterem-se pela sua alma enquanto aguardava no átrio do hospital. A poucos quilómetros dali, o pai morrera no chão em frente da Vivenda de Pedra, com os olhos a procurar o perdão no rosto da mulher enquanto esta o embalava nos braços. Se queria ter alguma hipótese de provar que Jasper Wade não assassinara Clara Hardigree, isso significava provar que outra pessoa o fizera. Quem sabe, alguém que a conhecia antes. Alguém de Burnt Stand. Essa pessoa podia estar ao alcance do som da voz de Eli naquele preciso momento.

Leon fez-lhe algumas perguntas sobre si próprio, que Eli respondeu de modo evasivo, o que trouxe uma expressão curiosa e penetrante aos olhos do outro homem e fez Eli sentir o estômago às voltas. Não estava habituado a fugir das palavras, e queria o respeito de Leon.

- Bom, é melhor deixá-lo - despediu-se Leon ao fim de uns instantes, sem lhe poupar mais um olhar cortante. - Tenho uma menina e um menino em casa, e um pai velhote que vai cozer demasiado as couves e gritar com os miúdos se eu não estiver lá.

- Tem filhos? Que bom.

O estranho comentário fez Leon estudá-lo com mais atenção.

- Sim. A minha mulher morreu há alguns anos, por isso estou a criá-los sozinho. São bons miúdos.

- Atirou-lhe umas chaves. - Podem usar o *Explorer* em que viemos. É um carro da empresa. Pedi a um dos homens que me trouxesse outro.

- Obrigado.

- Espero que apareça mais tarde, para responder a mais umas perguntas. Somos muito curiosos em relação aos *estranhos*.

- Está com azar. Não tenho grande coisa para dizer.

- Pois... O que não diz é que me está a espicaçar a curiosidade. - Eli mordeu a língua. - Bem, senhor Solo, falamos mais tarde. Boa noite.

Leon despediu-se com um aceno seco e virou-se.

- Leon, espera. - O homem estacou e franziu a testa perante a forma familiar como o desconhecido se estava a dirigir a ele.

- Sim?

Eli fitou-o nos olhos.

- Não me chamo Solo. Chamo-me Wade. Eli Wade.

Por um momento, Leon olhou para ele e estudou-o, com o choque e a incredulidade estampados no rosto. Por fim, a dúvida dissipou-se numa expressão de reconhecimento. Eli viu a decisão no rosto de Leon antes mesmo de o outro homem levar o dedo à face e tocar na cicatriz. Lentamente, Leon voltou a aproximar-se de Eli e estendeu-lhe a mão forte, de canteiro para canteiro.

Apertaram as mãos sobre o passado.



As duas mulheres mais importantes da minha vida estavam velhas e doentes, ambas agora deitadas em camas de hospital. Quando cheguei ao átrio, Solo veio ao meu encontro. Senti o coração aos saltos no peito. De súbito, não conseguia respirar. A minha cabeça latejava.

- Tenho muito trabalho para fazer esta noite. Telefonemas para os amigos e parceiros de negócios da minha avó. Documentos para ler. Não precisas de ficar comigo. Há várias estalagens na cidade e dois motéis.

- Se estás a correr comigo, Darl, terás de ser franca. Sou um bocado obtuso. Há quem perceba uma indireta, mas eu preciso de ouvir: «Desaparece da minha vista, seu burro», para compreender.

Olhei para ele.

- Está bem. Quero que fiques. Vou mostrar-te o antro sombrio da minha família.

- O Solar de Mármore?

- Sim. - Não me lembrava de ter mencionado o nome da propriedade, mas devia tê-lo feito, como é óbvio. - Teremos mais privacidade lá.

Indiquei-lhe o caminho. De repente, uma pontada de dor trespassou-me o crânio e tive de fechar os olhos e levar as mãos ao rosto, como se este fosse explodir.

- O que foi? O que é que se passa?

- Uma enxaqueca - admiti. - Já é habitual, mas esta é das más. Tenho comprimidos na minha bagagem.

- Não precisas de um comprimido. Precisas de chorar. - Passou um braço à volta da minha cintura para me apoiar. - Queres que eu te faça chorar?

- Não. És a única parte da minha vida que não me magoa neste momento. Vamos deixar as coisas assim.

Solo mordeu o lábio inferior, com ar de quem fora apanhado entre a espada e a parede, atormentado por algum dilema privado.

- Está bem - condescendeu, por fim. - Por esta noite, terás o teu desejo.

Conduziu-me para o exterior, onde vomitei no jardim de meditação que a minha avó oferecera ao hospital. Ele segurou-me no cabelo e limpou-me a boca com as costas da mão quando eu tentei virar-me. Dirigi-me depois ao SUV de Leon dois passos à frente de Solo, entorpecida mas decidida a conservar alguma dignidade. Ele deixou-me fazê-lo. Na viagem até ao Solar de Mármore, recostei a cabeça no banco e tentei esquecer onde estava, e porquê. Esperava que ele conseguisse encontrar a propriedade sem mais indicações.

Estranhamente, Solo não teve a menor dificuldade.

A mansão cor-de-rosa mantinha-se como eu a via sempre nos meus sonhos - agigantando-se sobre mim à medida que percorríamos o caminho de acesso, à espera de me engolir na sua grandiosidade fria. Rodeada por abetos enormes e arbustos bem tratados, formava um obelisco escuro contra a luz do crepúsculo. Nas colinas e montanhas mais além, erguiam-se os bosques profundos. À nossa esquerda, para lá dos jardins, da piscina, do terraço e do velho lago dos peixes, com uma curta caminhada por aqueles bosques, eu podia visitar a campa secreta de Clara aos pés das estátuas cobertas de musgo do Jardim das Flores de Pedra. A seguir a esse jardim, a Vivenda de Pedra continuava vazia no pequeno vale profundo, com as portas e janelas entaipadas cobertas de trepadeiras selvagens. Em breve, essas trepadeiras ficariam douradas, e as folhas de outono, coloridas como joias, cairiam suavemente sobre o velho pátio, o jardim perdido, os ossos enterrados de Clara. Eu sabia exatamente o que veria se tivesse coragem de atravessar aqueles bosques.

Mas não tinha.

- Lar, doce lar - observei, combatendo uma vaga de náusea e dor.

Solo tirou-me a chave da mão e subiu os degraus do alpendre. Segui-o com passos pesados. Gloria, a governante sul-americana de Swan, deixara o candelabro do alpendre aceso e as luzes ligadas no piso térreo da mansão. Entrámos no vestíbulo central, os nossos passos abafados pelos antigos tapetes persas. Um bilhete de Gloria, escrito com caligrafia cuidada numa folha de papel timbrado dos Mármore Hardigree, explicava que encontraria na cozinha carne assada, saladas frias e guisado, que podia aquecer no micro-ondas.

No entanto, corri para as traseiras da casa como um animal encurralado à procura de ar, cambaleando na escuridão por entre as mobílias de qualidade, as peças de arte, os retratos de Swan, de Estha e da minha mãe. Abri as portadas que davam para os jardins das traseiras e para a piscina, e sentei-me na ponta de uma espreguiçadeira de verga almofadada. Ouvi os passos de Solo atrás de mim.

- Não acendas as luzes - pedi. - Por favor. Deixa-me só descansar um bocadinho e já vou tomar um comprimido.

Ele sentou-se atrás de mim na espreguiçadeira.

- Vamos experimentar primeiro outra coisa. - Pousou as mãos grandes nos meus ombros, devagar, e enfiou os polegares debaixo da gola do meu casaco, puxando-o para trás. Fiquei tensa. - Não estou a tentar despir-te com segundas intenções - comentou ele, em tom calmo e bem-humorado. - É só para te limpar. Aí está uma coisa que não fazes muito bem: não és asseada quando vomitas.

Endireitei-me, com um formigueiro de embaraço a percorrer-me o corpo. Deixei o casaco sujo deslizar-me pelos braços.

- Já viste a sorte que tens por seres o homem que me pode ver... e cheirar... neste estado? És o único que já teve esse privilégio.

Ele atirou o casaco para o lado.

- Ontem sangrei em cima de ti, portanto estamos quites. - Voltou a pousar as mãos nos meus ombros e apertou um pouco, amarrotando o tecido fino da blusa branca. - Já estive dentro de ti. Já te saboreei. Já te abracei. Não há parte nenhuma de ti que eu não queira conhecer.

Gemi baixinho e pousei a mão sobre a dele. Juntos olhámos para as silhuetas fantasmagóricas da floresta. Os dedos dele massajaram-me por cima da blusa. Emitia uma energia tão desolada como a minha. O que o fazia estar em tal sintonia com a minha infelicidade? Céus, como eu precisava dele, deste estranho tão íntimo. Mas não tinha o direito de o arrastar para o fundo do poço de complicações e tensões antigas que era a minha vida. Se queria que houvesse alguma possibilidade de estarmos juntos, tinha de o salvar de mim.

- Quero que te vás embora amanhã - anunciei. - Daqui a uma semana, mais ou menos, quando a situação por aqui estiver mais controlada, vou visitar-te. Onde quiseres. Vou ter contigo a qualquer lado. E nessa altura vamos falar sobre nós. Juro. Mas já gosto demasiado de ti para permitir que aqui fiques, que te envolvas.

Durante um momento ele não disse nada.

- Falamos sobre isso amanhã. - Massajou-me os músculos tensos da nuca. Gemi, deliciada e apesar da dor, enquanto ele apertava, forçando os tendões a relaxar. A massagem pareceu durar uma eternidade. Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Engoli-as com esforço. Doe. Ajudou. Baixar a guarda nunca era fácil. Recusava-me a ceder. Por fim, ele apoiou as palmas das mãos na minha nuca, os dedos por baixo do queixo, e levantou com cuidado. Senti a coluna esticar e, de repente, foi como se parte da minha dor de cabeça recuasse para um ralo aberto e se evaporasse. Virei-me, espantada, e olhei para ele.

- O que é que fizeste?

- É uma coisa que aprendi nas minhas viagens pelo mundo. Desbloqueei os teus *chakras*, chamei o teu espírito-guia ou... raios, sei lá... mudei o óleo ao teu cérebro. O que lhe quiseres chamar. Quem sabe como funcionam os mistérios do Universo. Seja lá o que for, resulta. - Levantou-se, contornou a cadeira e estendeu-me a mão. - Vejo uma neblina sobre a água da piscina. É aquecida?

- Sim. A minha avó nada o ano inteiro. É o exercício dela. Adora água. Quando era pequena, houve um incêndio na cidade. Desde então, a água sempre a fez sentir-se segura.

- Então, vamos. Também te vai fazer bem.

Levantei-me, cambaleante. Ele inclinou-se e pegou-me ao colo.

- Não quero sentir-me assim tão dependente - protestei.

- Deixa-me fazer o que posso. Não sei dançar, mas sou bom carregador.

Quando chegámos à beira da piscina ele pousou-me no chão. Despimo-nos um ao outro, tão atrapalhados como dois adolescentes, e entrámos na água quente de mãos dadas. Sentámo-nos num dos degraus na parte menos funda. Eu fiquei entre as pernas dele, com as costas contra o seu peito e a cabeça encostada ao seu ombro. Enchi as mãos de água, molhei a cara e lavei a boca enquanto ele fechava os braços à minha volta. Pousou uma mão no meu seio esquerdo e acariciou distraidamente o mamilo com o polegar.

Suspirei enquanto o prazer se misturava com a dor. A água escura e reconfortante envolveu-nos. A ereção dele pressionava o fundo das minhas costas. Ajeitei melhor a ligadura ensopada no seu braço ferido.

- Não é higiénico - lembrei. Ele roçou a face na minha.

- Para de pensar. - Puxou-me ligeiramente o mamilo. Encostei-me mais a ele e arqueei as costas contra o seu sexo. Sabia bem sentir-me desejada, era fantástico estar tão confortável. Virei o rosto para o pescoço dele e fechei os olhos. Ele beijou-me o nariz.

Na escuridão por trás das pálpebras procurei aquele sítio maculado que me mantinha sempre sozinha. Estava dentro de mim, mas também *aqui*, enterrado nos bosques densos das montanhas para lá do terraço. Abri os olhos, repleta de sentimento de culpa, e virei-me para ver os cisnes de mármore que ainda guardavam os muros do terraço. As aves devolveram-me o olhar, implacáveis.

Solo falou num murmúrio rouco.

- Parece haver qualquer coisa lá fora. O que é que vês?

Não percebi se estava a falar consigo próprio ou a perguntar-me o que via nas sombras, mas era o mesmo. Respirei fundo, trémula.

- A memória de um rapaz que amei, chamado Eli.

Silêncio. O ar tornou-se elétrico. Os braços dele apertaram-se mais à volta do meu corpo.

- *Darl*. - Não havia qualquer tom de censura na sua voz.

Estremeci.

- Fazes-me lembrar dele. Até na forma como dizes o meu nome. Olho para ti e vejo o homem em que ele se podia ter tornado. É por isso que és especial para mim. *Desculpa*. Devia ter-te contado isto antes, na Florida.

- Chiu. Fala comigo agora. Quero saber mais sobre ele.

- O Eli tinha apenas treze anos da última vez que o vi. E eu, dez. Sei que parece impossível - apressei-me a continuar, com a voz embargada -, mas ainda o consigo ver naqueles bosques... Consigo imaginá-lo. Ele e a família viviam perto daqui. Eu costumava ir ter com ele... ele esperava por mim. Tínhamos um sítio especial. Era tudo muito inocente. - Parei. - Isto não é justo para ti. Não mereces ser o substituto de uma memória.

- Se sou o tipo de homem que esperavas que ele fosse, então não me saí mal. - Virou-me para si. Mesmo na escuridão, senti o seu olhar perscrutar-me o rosto. Uma nova pontada de dor trespassou-me o crânio. Encolhi-me abruptamente. Ele soltou-me como se eu o tivesse esbofeteado; depois, enfiou a mão no meu cabelo e acariciou-me. Olhámos um para o outro. Senti gotas de suor na testa e ele tinha a respiração acelerada.

- Céus! - exclamou.

- Não me magoaste. É outra vez a enxaqueca.

Solo apertou-me nos braços.

- Chora - ordenou num sussurro rouco. - Chora por esse rapaz. É uma bênção ser amado por ti. Portanto, chora por ti, porque o teu Eli te amou, e estava certo em amar-te. *Chora*.

Ele não podia saber mais dos meus mistérios do que eu sabia dos dele, mas aquelas palavras quebraram-me. Fiz algo que nunca tinha feito antes, com ninguém. Entreguei-me a um pranto incontrolável.

E ele abraçou-me.

Capítulo 15

«Anda, Eli, mas não faças barulho com esses pés grandes», murmurou Darl, a sorrir, enquanto o conduzia pelas escadas das traseiras, até ao seu quarto. Era verão: Swan estava numa reunião em Asheville e a mãe de Eli e Bell trouxera-os consigo quando viera trabalhar para a mansão. Eli e Darl tinham passado a manhã a desembalar caixas de enlatados e a arrumá-los na despensa, enquanto Bell observava e, porque aprendera finalmente a ler, recitava em tom solene: «Feijão-verde. Tomate. Batatas. Abóbora.»

Agora a mãe adormecera a comer a sanduíche de almoço numa das poltronas confortáveis da biblioteca, e Bell estava a fazer uma sesta no chão aos pés dela.

«A mãezinha dá cabo de mim se me apanhar cá em cima», murmurou Eli, sem deixar de seguir Darl. Ela pegou-lhe na mão, puxou-o pelo corredor e empurrou uma porta cor-de-rosa envernizada.

«Voilà», exclamou, indicando com um gesto do braço uma paisagem rosa e fofa de mobílias femininas, cama de dossel, montes de bonecas e livros empilhados por todo o lado. «O meu boudoir.»

«Voilà», repetiu ele deslumbrado, arrastando a palavra francesa como uma mula a puxar um arado. Olhou para os livros. «Santo Deus.»

«Anda cá. Senta-te.» Afastou para o lado os livros e bonecas que cobriam a cama alta e cor-de-rosa. Eli abanou a cabeça. Tinha apenas onze anos, mas o paizinho já lhe explicara as regras sobre rapazes, raparigas e mobílias onde as pessoas podiam deitar-se.

«Não vou sentar-me na tua cama.»

«Como queiras.» Darl pegou num monte de livros. «Então senta-te ali.» Instalaram-se lado a lado no banco por baixo da janela, em almofadas de brocado rosa. «Queres *As Aventuras de Huckleberry Finn*?» Estendeu-lhe um livro.

«Claro!»

«Está bem.» Pôs o livro no colo dele, e depois procurou no meio da pilha. Ergueu outro. «Ando a ler os mistérios da Casey Girl. Já vou no quarto livro. *A Múmia de Oak Street*.»

«Hum...» Eli abrira o clássico de Twain e já se embrenhara na história. Empurrou os óculos para cima, pôs-se mais confortável nas almofadas femininas e cruzou as pernas, magras e bronzeadas. Darl, usando calções rosa com renda na bainha, encostou-se na outra ponta do banco e abriu o livro de Casey Girl na página marcada com um pedaço de lã. Baixou a cabeça e começou a ler tão avidamente como ele, esticando as pernas compridas. Os seus pés descalços bateram nos dele, mas ambos fingiram não reparar. Leram num perfeito companheirismo silencioso, aquecidos pelo sol desse dia bonito, com os dedos dos pés a beijarem-se sem qualquer tipo de embaraço.

O banco da janela desapareceu, pensou Eli ao acordar naquele quarto, agora um homem adulto. *Toda a janela desapareceu*. No meio da aflição e da angústia da noite anterior não tinha reparado em grande coisa no quarto. Swan devia tê-lo remodelado depois de Darl sair de casa. Já não havia qualquer sinal de que aquela menina cor-de-rosa existira. As mobílias eram escuras e trabalhadas, o papel de parede tinha um padrão prateado, os candeeiros eram elegantes e contemporâneos. Swan fizera os possíveis por se adequar à personalidade adulta de Darl.

E falhara redondamente.

Soergueu-se num cotovelo e olhou para Darl, que dormia ao seu lado. A ternura cresceu dentro dele e lutou para transbordar. Ela estava com péssimo aspeto – o cabelo embaraçado e sujo, as olheiras escuras –, mas isso só fazia com que a amasse mais. Amava-a. *Amo-te com todo o meu coração*, murmurou. Com cuidado, saiu de dentro dos lençóis claros e ajeitou-os melhor sobre os ombros nus de Darl. Apanhou uma toalha azul do chão, enrolou-a à cintura, saiu do quarto e desceu as escadas.

Quando virou a esquina para o vestíbulo foi recebido por exclamações abafadas, e viu duas mulheres morenas, uma com um vestido de bom corte e a outra, mais nova, num uniforme de criada.

– Peço desculpa, minhas senhoras – disse. A criada desatou a rir. A mulher mais velha manteve a expressão séria.

– Não fui informada de que havia hóspedes em casa – declarou, com um sotaque carregado.

– A senhora é a Gloria?

– Sim, a governanta da menina Swan. – Virou-se e deu uma ordem em espanhol à outra mulher. Esta, ainda a rir entre dentes, desapareceu na direção da cozinha.

Não era altura para explicações, pensou Eli. Pediu desculpa em espanhol correto e, continuando a falar na mesma língua, informou Gloria de que a neta da menina Swan se sentira mal na noite anterior e ia dormir até mais tarde.

- Quando ela acordar, por favor diga-lhe que não me demoro. Vou só dar uma volta pela cidade.

Talvez impressionada com a fluência dele em espanhol, Gloria assentiu com um aceno, embora não conseguindo evitar lançar-lhe um olhar desconfiado. Eli fletiu os ombros e, de cabeça erguida e costas direitas, saiu pela porta principal do Solar de Mármore como se não estivesse a usar apenas com uma toalha.

Voltei, Swan. Desta vez, nem eu nem a minha família te pertencemos. Dormi na tua casa. Com a tua neta. Reivindiquei a minha parte daquilo que é teu. Assim que estes pensamentos lhe cruzaram a mente, ficou incomodado por estar a pensar em Darl como um prémio. Respirou fundo e dirigiu-se ao grande *Explorer*. Abriu o porta-bagagens e tirou da mala roupa interior, calças de ganga e uma camisola cinzenta quente. Vestiu-se e barbeou-se o melhor que conseguiu em seco, cortando-se duas vezes. Limpou as gotículas de sangue e pensou: *Pareces um vagabundo com mau aspeto.* A seguir, pegou na mala onde tinha o computador e outros aparelhos, incluindo um telemóvel.

Ligou para William em Washington. Tinha-lhe deixado uma mensagem na noite anterior.

- Finalmente - atendeu William em voz tensa.

- Tiveste sorte? O que se passa?

- Vou sair para o aeroporto daqui a uma hora. Encontrei a Karen Noland. Está a filmar um vídeo de música, como convidada especial, em Los Angeles. Vou falar pessoalmente com ela.

- Ótimo. - Na noite anterior, Darl deixara várias mensagens no apartamento de Karen em Nova Iorque e nos escritórios de produção da série em que ela participava, mas não obtivera qualquer resposta. Eli encontrou o relógio de pulso na mala. Eram quase dez da manhã. Em Los Angeles seria três horas mais cedo. Com sorte, William conseguiria encontrar Karen e convencê-la a regressar a casa antes do final do dia. - Fico a dever-te uma. Mais alguma coisa?

- Infelizmente, sim. - Para variar, até a voz suave com sotaque jamaicano de William parecia tensa. - Se soubesse, tinha-te dito ontem, mas só tive conhecimento disto agora mesmo.

- O que é?

Após uma pausa, ele respondeu: - A tua mãe e a tua irmã estão aí.

- Como assim?

- Foram para Burnt Stand há dois dias. A tua irmã encontrou-se com a Swan Samples. *Há dois dias.* Ainda aí estão. - Mais uma pausa. - Aham que estão a aliviar-te de parte do fardo da surpresa.

Eli sentiu a boca seca. Distraído, ouviu enquanto William lhe dava o nome da estalagem onde Bell e a mãe se tinham instalado. Segundos depois, seguia para lá ao volante do *Explorer*.



Solo abandonara-me para ir passear à cidade, o que me preocupou. Após três dias de companheirismo dedicado, de repente decidira ir visitar Burnt Stand sozinho? Tomei um duche e vesti umas calças amarrotadas, uma camisola de malha e sapatos de camurça castanha. De pé no meu antigo quarto, entransei o cabelo à pressa enquanto tentava perceber o que esperaria ele descobrir sobre a minha cidade natal. Ou sobre mim, em particular depois do meu embaraçoso colapso na véspera.

Tirei a pedra com o símbolo do infinito do bolso das calças e olhei para ela durante um longo instante. Pousei-a na cómoda, como se fosse esse o seu lugar, e olhei em volta. Swan remodelara o quarto depois de eu partir, e sabia que ela tinha eliminado a janela virada para o bosque, para lá do qual ficava o Jardim das Flores de Pedra e a Vivenda de Pedra, de propósito.

«A verdade continua lá, mesmo que eu não tenha uma janela para a ver», comentara eu certa vez, ao que ela respondera, determinada: «Tenho memórias tão penosas que nunca tas contarei nem em segredo. Mas arrumei-as. Fechei a janela. E tu farás o mesmo.»

E agora eu deixara Solo entrar neste santuário privado. Talvez quisesse de facto esquecer o que acontecera a Eli e à sua família. Talvez estivesse a transformar-me em Swan, sem sequer me aperceber. As pessoas mudavam de minuto para minuto, até deixarem de reconhecer quem tinham sido em tempos, e nessa altura as paixões que as motivavam já se tinham dissipado. Um dia, eu ergueria o olhar e veria que tinha construído uma parede altíssima para ocultar as memórias e a verdade, e conseguiria viver com o que restasse de mim própria.

Estremeci, peguei na pedra do infinito e voltei a enfiá-la no bolso.



A estalagem Rakelow ficava numa rua sombria em Burnt Stand, rodeada de canteiros de flores e relva. Era um edifício em estilo vagamente colonial e, claro, completamente feito de mármore. Uma das Casas Estha. Eli fez uma careta.

A mãe trabalhara como empregada de limpeza da família Rakelow antes de Matilda a contratar para o Solar de Mármore. Limpava-lhes as sanitas, esfregava dos tapetes os excrementos do seu *poodle*, nada dissera quando os filhos dos Rakelow sujavam de lama as soleiras das portas que ela acabara de lavar. Eli não conseguia parar de pensar nisso enquanto tentava perceber por que razão a mãe e Bell tinham decidido voltar a Burnt Stand sem ele – e antes do que tinham combinado quando ele partira para a Florida. Encontrou a mãe sentada num divã elegante no maior quarto da estalagem, com as mãos de trabalhadora apertadas sobre a saia de um bonito vestido azul feito de tecido de boa qualidade. Bell estava de pé junto à janela em arco, como uma borboleta sedosa, com a comprida *écharpe* colorida caída sobre a blusa e as calças de ganga. A bebé, Jessie, instalada com todo o conforto, dormia.

A família Wade estava de volta a Burnt Stand, e já não eram zés-ninguéns miseráveis.

– Vejo que fizeram questão de mostrar aquilo em que nós tornámos a estas pessoas – declarou Eli, abatido. – Não tenho nada a objetar. Só gostava que me tivessem avisado. – Sentado num sofá no grande quarto, apoiou os cotovelos nos joelhos e esfregou o queixo. A mãe não tirava os olhos da ligadura encardida no seu antebraço.

– Se quiséssemos de facto causar esse impacto – argumentou Bell –, teríamos feito questão de que toda a gente soubesse os nossos nomes. Mas registei-me como Bell Canetree.

– Muito bem; nesse caso, porque foste visitar a Swan?

– Queria ser honesta com ela. Que ela soubesse quem lhe tinha comprado as terras. Pensei que talvez gostasse de saber o que tencionamos fazer na propriedade, que procuramos apenas a verdade. Julguei que ela ia ficar contente por descobrir algo que pode trazer-lhe paz de espírito, e a nós também. Eli, não achas que ela deve ser perseguida pelas dúvidas em relação à morte da irmã?

Eli riu-se.

– Não creio que a Swan Samples tenha perdido muitas noites de sono a pensar em como ou onde é que a Clara Hardigree soltou o último suspiro.

Ela corou.

– Lá porque tu achas que a Swan é cruel, isso não significa que seja verdade. Com certeza que ela quer saber quem matou a Clara e recuperar o corpo da irmã. *Com toda a certeza.*

– Ela acha que foi o nosso pai que a matou. Está convencida de que os ossos da Clara se perderam no fundo do lago.

Bell estendeu as mãos.

– Eli, eu disse-lhe a verdade, e isso deve tornar as coisas mais fáceis para nós, e também para ela.

– Fez uma pausa e perscrutou-lhe o rosto, de testa franzida. – Inclusive para ti e para a Darl.

Eli endireitou-se, zangado.

– Tudo o que tinhas de ter feito era entrar em contacto comigo e eu ter-te-ia pedido para não fazeres nada, por enquanto.

A mãe falou então em voz calma.

– Filho, o que é que estavas a fazer com a Darl na Florida?

– A cuidar dela. A Darl não está bem.

– E achaste que seria sensato não lhe contares quem és?

– Não, mãezinha. Não achei que fosse sensato. Simplesmente, fui vítima das circunstâncias.

– Que vergonha.

As palavras trespassaram-no, especialmente porque sabia que a mãe tinha razão. Suspirou, cansado, e abanou a cabeça.

– Nada correu como eu esperava. As coisas aconteceram demasiado depressa. Ela precisava que eu fosse um desconhecido e eu deixei-me levar. Mas estou convencido de que me reconheceu. Pode ainda não se ter apercebido disso, mas reconheceu-me.

– Mentiste-lhe – insistiu a mãe.

Ele olhou para o chão, de ombros caídos.

– Sim.

– Tal como a Bell mentiu para conseguir as terras da menina Swan.

- *Mãezinha!* - exclamou Bell.

A mãe levantou-se.

- Neste momento, nenhum de nós tem grandes motivos para se orgulhar do seu comportamento. Quando a Bell decidiu vir falar com a menina Swan e contar-lhe a verdade, eu disse-lhe: «Sim, temos de fazer isso. Esta família não vai deixar-se afundar mais ainda em artimanhas e subterfúgios.» Essas coisas só desonram a memória do teu pai. Filho, tens de contar à Darl quem és. *Hoje*.

Eli acenou em concordância, sem deixar de lançar um olhar recriminatório à irmã.

- Quero que estejas preparada para o que as pessoas vão comentar quando se souber que estamos de volta. Vão achar que fomos nós que causámos o ataque de coração da Swan e o AVC da Matilda.

Bell soltou uma exclamação abafada.

- Mas não é verdade! Eu e a Swan tivemos uma conversa muito agradável. Ela não ficou nada perturbada. Respondeu-me que precisava de pensar naquilo que nós queríamos fazer na propriedade... escavar os terrenos, tudo isso... e que voltaríamos a falar quando tu chegasses. Eu disse-lhe que estavas fora, em trabalho. Não especifiquei onde. Eli, juro-te... ela estava calmissima.

Eli sorriu com um esgar frio.

- Não penses que a conquistaste. Ela limitou-se a esperar que confiasses nela e te aproximasses, como a cobra que é. Tens sorte por não teres sido mordida. Imagino que deve estar a fazer planos para nos comer vivos.

- A menina Swan sempre foi justa comigo - protestou a mãe, em tom firme.

Eli suspirou.

- Ela pensa que o pai matou a irmã dela. Para ela, é um caso encerrado. Garanto-vos que não está nada contente por andarmos outra vez a remexer no esterco.

A mãe fitou-o com ar esperançoso.

- Mas a Darl falará com ela. Disseste que a Darl quer acreditar que o vosso pai era inocente, e que é boa pessoa.

Eli desviou o olhar e engoliu em seco.

- É a melhor.

- Nesse caso, diz-lhe quem és; se já provaste ser um bom homem aos olhos dela, decerto confiará em ti e perdoar-te-á... e depois estará disposta a honrar aquilo que aqui nos trouxe.

Ele levantou-se e tocou no ombro da mãe.

- Esse é um teste que todos temos de passar.

A mãe concordou com um aceno.



Gloria, a nova governanta, não gostava de mim. Sentei-me na sala de jantar com uma chávena de café e uma torrada que preparei na cozinha enquanto ela e a outra empregada me observavam com ar de desagrado. Espalhei os papéis da minha avó na mesa de mogno reluzente. Gloria parou à porta, ajustou a luminosidade do candelabro e olhou para mim como se eu tivesse matado Swan para lhe roubar o trono.

- Liguei para o hospital - disse, com o seu forte sotaque. - A menina Swan e a menina Matilda foram transferidas e estão agora juntas no mesmo quarto. - O seu tom era um tanto ou quanto condescendente, como se achasse estar mais preocupada com o bem-estar delas do que eu.

- Eu sei. Vou sair daqui a nada para as ir visitar, mas primeiro preciso de analisar estes documentos.

- Preparei um cesto com algumas coisas para a sua avó e para a menina Matilda. Fruta, queques... A menina Swan gosta de queques de mirtilo. E juntei também umas fatias de presunto e bolachas sem açúcar para a menina Matilda. Como sabe, ela tem diabetes.

- Obrigada. Vejo que é muito eficiente.

- Fui buscar as chaves do carro para si. A menina Swan comprou um *Lexus* este ano.

- Está bem. - Peguei num papel e dei-lhe uma vista de olhos rápida. Gloria pigarreou.

- Está prevista uma reunião aqui em casa dentro de alguns dias. Teremos hóspedes. Será um evento muito importante.

Franzi a testa.

- Esta é a lista de convidados? - Levantei uma folha de papel e ela assentiu. Li uma dúzia de nomes, incluindo os diretores de várias agências sociais públicas e os diretores de importantes

organizações inter-religiosas, todos convidados VIP. De que se trataria?

- Devo cancelar os preparativos? - inquiriu Gloria.
- Não.
- A menina tenciona presidir à reunião?
- Acho que consigo tratar disso.

- Na minha terra, os netos honram os avós. Espero que tenha a consideração necessária para ficar e fazer este trabalho. Receberia de mim o mesmo respeito que devo à sua avó.

- Ótimo. Nesse caso, preciso da sua ajuda. A minha avó teve alguma visita recente? Uma mulher, ainda nova, há cerca de dois dias? Ela fez algum comentário a respeito?

Gloria fitou-me diretamente.

- Não sei de nada.

E não me dirias, mesmo que soubesses, pensei. Lancei-lhe um olhar cortante.

- A minha avó não é propriamente uma pessoa calorosa e amorosa que inspire a adoração alheia. Porque é que lhe é tão leal?

Um brilho fugaz de desdém passou-lhe pelos olhos.

- Ela paga bem e trata as pessoas com respeito. Já trabalhei para outros americanos que não fazem nem uma coisa nem outra. No meu canto do mundo, não esperamos que os patrões sejam nossos amigos. Compreendemos que os mais fortes protegem os mais fracos, e que os fracos devem lealdade aos fortes.

- A isso chama-se ditadura, Gloria.

- Quando os fortes são senhoras de classe, como é o caso da menina Swan, é um excelente sistema.

Oh, então para si a Swan está no patamar de uma Eva Perón ou de uma Imelda Marcos, pensei com os meus botões.

- Obrigada. Era apenas curiosidade. - Gloria cerrou os lábios e não fez menção de sair. Eu estava a atingir o limite da minha paciência e deixei-o transparecer. Ela abriu mais os olhos, vendo a minha fria e perigosa avó em mim. Inclinou a cabeça e saiu da sala.

Analisei rapidamente o resto dos documentos. O que encontrei deixou-me consternada. Swan reservara meio milhão de dólares do seu próprio dinheiro para a compra de terrenos e a construção de algo a que chamava Fundação Stand Tall. Era uma quantia enorme, mesmo pelos seus padrões. O projeto parecia ser uma espécie de lar comunitário e centro educativo para crianças problemáticas de todo o Estado.

Pousei os papéis e olhei para a parede. Ou esta era a sua tentativa mais tortuosa de me fazer regressar a Burnt Stand, ou estava a tentar comprar a entrada no Céu com boas ações.

Nem penses nisso, avó. Vamos ambas para o Inferno.

O quarto de hospital que Swan e Matilda partilhavam era grande, e estava tão repleto de flores que mais parecia uma estufa. Os ramos tinham sido enviados por todo o tipo de pessoas, incluindo o governador, vários representantes estaduais e todos os proprietários de minas e pedreiras do Sul. Pousei o cesto de comida de Gloria na mesa de cabeceira entre as duas camas. A minha avó parecia cansada mas melhor, embora ainda estivesse ligada ao oxigénio e a um tubo intravenoso.

- Saí dos Cuidados Intensivos em tempo recorde - comentou. - As minhas capacidades sobre-humanas assustam-te?

- Não conta se a avó é membro da direção do hospital e ameaça tirar a licença ao cardiologista caso ele não lhe faça a vontade.

- Se tivesse um tal poder, usá-lo-ia para que *tu* fizesses o que eu quero.

- E parece-me que é o que está a tentar. Fale-me sobre a Stand Tall.

- É um lar para crianças, um centro de orientação para jovens com problemas, e será gerido pela Fundação Hardigree, que criei especialmente com esse objetivo. O meu advogado irá entregar-te toda a documentação. Calculo que queiras estar envolvida. É um legado do qual te podes orgulhar. - Fez uma pausa, com um brilho divertido nos olhos frios. - E ao qual não poderás escapar, se eu fizer tudo bem feito.

- Por favor, não comecem outra vez - pediu Matilda com ar aflito, as palavras arrastadas entre os lábios distorcidos. Estava deitada de lado, com uma camisa de dormir e um robe de seda azul a envolverem-lhe o corpo magro e moreno, uma manta leve sobre as pernas. Swan estava toda de

branco, como de costume. Formavam um duo impressionante, as duas matriarcas de cabelos brancos, irmãs por baixo da pele pálida de uma e escura da outra. Senti o coração apertado.

- Desculpe, Matilda.

- Já falou com a Karen?

- Ainda não. Ela não deve estar em Nova Iorque. Deixei mensagens. Volto a tentar esta tarde. -

Matilda suspirou. Swan apontou para o telefone na mesa de cabeceira.

- Matilda, devias deixar-lhe tu própria uma mensagem, para ela ouvir a tua voz.

Matilda abanou a cabeça.

- Não vou suplicar.

Alguém bateu à porta.

- Entre - convidou Darl.

Leon entrou no quarto de testa franzida, um homem grande a tentar mover-se num espaço apertado. Estava muito elegante com um casaco de fazenda e calças claras. No entanto, tal como antes, tinha os sapatos cobertos de poeira de mármore.

- Bom dia. Passei para ver se alguém precisa de alguma coisa. - Transferiu o peso de um pé para o outro, atrapalhado.

- Preciso de voltar a ser jovem - respondeu Swan.

- Bom...

- Trouxe-me um cartão? - perguntou Matilda, de olhos postos na folha de cartolina dobrada que ele segurava.

- Sim, senhora. Foi a Carla Ann que o desenhou para si. - Estendeu-lhe o desenho a lápis de cor, com uma mensagem carinhosa. A filha, Carla Ann, tinha seis anos de idade. Leon tinha também um menino, Reggie, de apenas três. A mulher, que ele conhecera na Universidade da Carolina do Norte, morrera de cancro. Matilda estragava os filhos dele com mimos. Apertou o desenho contra o peito.

Leon virou-se para mim e cumprimentámo-nos.

- O teu amigo e eu tivemos uma conversa interessante ontem à noite, lá em baixo. Pareceu-me uma excelente pessoa.

Fitei-o com alguma desconfiança. Nunca me parecera que Leon concedesse respeito instantâneo a desconhecidos.

- Obrigada. Eu digo-lhe.

Com uma expressão que indicava estar a tentar proteger a minha reputação em frente à minha avó, Leon acrescentou: - Vejo que lhe arranjaste um quarto na Rakelow ontem à noite. - Perante a minha expressão confusa, a consternação invadiu-lhe o rosto. - Vi o meu *Explorer* lá estacionado quando vinha para cá.

- Oh, sim - respondi, para salvar o pobre Leon, enquanto a minha mente era um turbilhão de perguntas. O que estaria Solo a fazer na estalagem Rakelow? Teria decidido mudar-se para lá? Porquê? Ruminei a informação em silêncio enquanto Leon fazia conversa de circunstância. Swan trespassei-me com o olhar. Assim que Leon se despediu e saiu do quarto, endireitou-se na cama.

- Fala-me lá sobre esse amigo.

Expliquei-lhe quem era Solo, limitando-me aos factos.

- E é tudo o que sabes sobre ele?

- Só o conheci há alguns dias.

- Estou a ver.

- Não, não está. Ele é uma pessoa admirável e veio comigo porque eu lhe pedi. Sei que posso contar com ele.

- Devias ter-me contado antes - resmoneou Swan em tom seco.

- Ontem à noite não houve oportunidade.

Swan olhou para mim.

- Fecha a porta. Precisamos de conversar.

Fechei a porta pesada do quarto e aproximei-me, pouco à vontade, da cama dela. Swan estava recostada nas almofadas com uma calma letárgica, sem dúvida devido tanto à medicação como à sua força de vontade. Porém, quando olhou para mim, vi-lhe preocupação no rosto e senti o estômago apertado.

- Ontem mencionei que tinha algo para te contar - começou ela.

- Não sei o que é que isso tem a ver com o meu amigo.
- Talvez nada. Ou talvez tenhas sido vítima de um logro muito perturbador.
- Do que é que está a falar, avó?

Ela alisou o lençol para ganhar tempo, um gesto quase inconsciente que me alarmou, porque Swan nunca hesitava. De súbito, pousou as mãos pálidas e finas abertas sobre as cobertas. Estava pronta. Preparada para a batalha.

- Vendi os duzentos acres de terra atrás do Solar de Mármore.

Olhei para ela. Aquelas terras pertenciam à família Hardigree há mais de sessenta anos. Fora Estha que as adquirira. A Vivenda de Pedra ficava lá. Bem como o Jardim das Flores de Pedra. *E a sepultura de Clara*. Apertei a barra de ferro aos pés da cama dela e inclinei-me para a frente.

- Está a brincar? - consegui dizer, por fim.

- De modo algum. Vendi as terras a um comprador de Memphis, um advogado, que me comunicou estar a adquirir propriedades de investimento para uns clientes. - Fez uma pausa. - O acordo inclui certas cláusulas. A principal é que o jardim seja preservado.

- Como foi capaz de correr um risco desses? As pessoas estão sempre a violar cláusulas. - Olhei para Matilda, cuja respiração era trémula. - Sabia disto? - Ela assentiu. - E *concordou*? - Outro aceno de assentimento.

- Fizemo-lo por ti - prosseguiu Swan. - Para te mostrar que o local não tem qualquer poder sobre nós, e também não deve tê-lo sobre ti.

- Não acredito nisto. Não acredito que entregou o jardim a estranhos. - Ergui a voz e repeti: - *As cláusulas podem ser violadas*.

- Estamos dispostas a correr esse risco. Vou utilizar o dinheiro da venda para o centro de jovens.

Então era aquela a origem do meio milhão de dólares. Senti o suor brotar-me na testa.

- O que é que está a tentar provar? Que somos invencíveis? Que ainda conseguimos escapar, mesmo depois de um homicídio?

- Para - ordenou Matilda em voz trémula. - Corremos esse risco para fazer algo de bom para a família. Para criar algo que possa manter-te aqui e trazer a Karen de volta. Um legado de que ambas se possam orgulhar. *Algo que transforme um erro terrível numa bênção*.

Swan apontou para mim.

- Consideras-me arrogante e imprudente? - Um sorriso frio surgiu-lhe nos lábios. - Talvez tenhas razão. Como expliquei, o advogado era apenas um intermediário. O que eu não sabia o cliente albergava ideias muito peculiares em relação àquela propriedade.

Endireitei-me. O que podia ser pior?

- Quem é o cliente?

Swan hesitou.

- A mulher que me veio ver há dois dias era a... Bell Wade. Foi ela que comprou as terras.

O ponteiro do relógio na parede deixou lentamente os segundos para trás. Matilda levou as mãos ao rosto, depois recostou-se e fechou os olhos. Assim que o choque inicial se dissipou, senti tudo a encaixar nos seus devidos lugares. Swan ainda estava a falar.

- E ela tenciona... com a ajuda e aprovação do irmão... procurar pistas no terreno que possam provar a inocência do pai.

Eli.

- É melhor ires falar com o teu *amigo* - concluiu Swan. - E só espero, para o teu próprio bem, que ele não seja o Eli Wade.



Eli estava a preparar-se para ir ter com Darl e tinha acabado de descer as escadas da estalagem para o amplo vestíbulo. As portas duplas da estalagem abriram-se, deixando entrar o ar frio. Viu o jardim bem tratado, e o caminho de mármore que o atravessava até às escadas.

E, a percorrer lentamente esse caminho, vinha Darl.

Eli estacou. *Santo Deus. Ela já sabe*. Bastou um olhar ao seu passo controlado, à expressão gelada, à postura rígida para o confirmar. *Ela sabe*. Empurrou as portadas de rede e saiu para a varanda quando Darl chegava ao fundo dos degraus. Ela parou e ergueu o olhar para ele. O seu rosto parecia pedra, mas os olhos estavam repletos de dor.

- Eli? - perguntou em voz baixa.

Ele assentiu.

Darl cambaleou como se ele lhe tivesse batido, deu meia-volta e afastou-se.

Eli desceu os degraus a correr. Quando lhe bloqueou o caminho, ela vacilou. Tentou apoiá-la.

- Não me toques - ordenou-lhe Darl, com uma expressão que deixava bem claro que isso faria mais mal do que bem. Eli baixou a mão mas inclinou a cabeça, aproximando-a da dela.

- Só te disse uma coisa que não era verdade. O nome Solo. E mesmo essa foi uma mentira honesta. Sei que tenho muito para explicar... e vou fazê-lo. Mas neste momento preciso que saibas que não menti para te magoar nem para te usar.

Ela permaneceu calada. Eli desejou que ela lhe gritasse ou que lhe chamasse canalha, mas Darl não o fez. A emoção, a tensão, a vibração desoladora eletrizou o ar entre eles. Viu-a estremecer levemente e sentiu as próprias mãos a tremer. Não conseguiu conter-se. Segurou-lhe nos ombros.

- Por favor, vem comigo - pediu baixinho. - Vamos para um sítio sossegado onde possamos conversar. Eu conto-te tudo o que quiseses saber. Não tenho nada a esconder e quero que fique tudo claro entre nós. Sei que pode soar-te a falso neste momento, mas é a mais pura das verdades.

Darl sacudiu a cabeça ao de leve.

- Mentiste-me para comprares as terras.

- Isso não foi um erro meu.

- Larga-me. Não fazes ideia onde estás a meter-te.

- Escuta-me, por favor. - Segurou-a com força, apertando-lhe mais os ombros. - Nos últimos dias, tu e eu... *encontrámo-nos* um ao outro, Darl. Dois estranhos. Construímos mais confiança, carinho e amor do que a maior parte das pessoas consegue ao longo de uma vida inteira. Não deixes estragar tudo isso por causa de um erro, e não faças o mesmo com julgamentos precipitados.

- Já estava estragado antes de começar. Ficou estragado há vinte e cinco anos. Deixa-me.

Eli teve de se concentrar para abrir os dedos, quando todos os instintos lhe gritavam que a apertasse contra si, que a fizesse ouvir.

- Quando julgavas que eu era um desconhecido, achavas-me especial. Agora sou apenas alguém que queres esquecer. - Baixou as mãos. Ela ergueu os olhos para os dele.

- Quero que tu me esqueças a *mim* - corrigiu-o. Eli não compreendeu, e abriu a boca para o dizer, quando foi interrompido por um grito.

- Darl! - Era a voz de Bell. Lentamente, Darl virou-se para a varanda atrás de Eli e a sua expressão suavizou-se. Bell e a mãe estavam ali, Bell com a filha ao colo, a mãe com as mãos no peito.

- Por favor, perdoa o Eli - pediu-lhe Annie Gwen. - Ele só quis ajudar-te. Tinha a certeza de que tu não quererias nada com ele se te dissesse logo quem era. Foi errado mentir-te, e a Bell errou quando comprou as terras às escondidas da menina Swan. Mas ambos fizeram o que fizeram com boas intenções. Nenhum de nós quer causar mais infelicidade. Queremos paz. E, se possível... - aqui, a voz falhou-lhe -, alguma redenção para o meu Jasper. E para nós próprios.

Com uma expressão dura nos olhos cheios de lágrimas, Darl acenou com a cabeça. Quando olhou para Eli, este julgou que o seu coração ia explodir de frustração. O que estaria ela a pensar? Porque estava a rejeitá-lo e, também, a rejeitar-se a si própria?

- Faz o que tens a fazer - disse Darl. - Mas eu não posso ajudar-te.

Afastou-se e, desta vez, Eli deixou-a ir.

Capítulo 16

Los Angeles era apenas um sonho quente e poluído, do lado de fora da obscuridade do estúdio onde Karen se rebojava sobre o *capot* de um *Jaguar* preto reluzente. Câmaras gravavam cada um dos seus movimentos. Atrás dela e à sua volta, uma dúzia de mulheres quase nuas baloiçava as ancas ao som de uma canção *rap*.

- Corta! - gritou o realizador. - *Merda!* - A coreógrafa, uma mulher nigeriana com faixas de tecido colorido enroladas à cabeça, começou a praguejar com as dançarinas por causa de um passo errado. - Vamos fazer uma pausa - berrou o realizador.

Karen deslizou de cima do carro, transpirada, e abriu debilmente caminho entre as dançarinas. Sentiu o vômito subir-lhe à garganta. Os seus seios eram como balões demasiado cheios, a transbordar do decote do minivestido de cabedal preto colado ao corpo. A saia era tão curta que conseguia sentir a brisa da ventoinha nas nádegas.

- A «menina telenovelas» é demasiado bem-comportada para estas merdas - troçou uma das raparigas, suficientemente alto para Karen ouvir.

Com a mão no estômago, continuou a andar, consciente de que as ambiciosas dançarinas - raparigas negras, latinas e brancas de cabelo loiro - a observavam como abutres. *Sua cabra mestiça: o Cool T deu-te com os pés e tu sabe-lo muito bem.*

Todas a desprezavam por aquilo que consideravam ser uma tentativa desesperada de manter as atenções de Cool T através da participação no seu mais recente vídeo. Na realidade, fora *ela* que lhe dera com os pés algumas semanas antes, logo após ele lhe ter dado uma bofetada pela primeira e última vez. Porém, na fase melhor do curto romance, tinha concordado em sacudir o traseiro no vídeo e ele obrigara-a a cumprir o contrato. Felizmente, não estava presente para assistir àquela humilhação. Pelo menos isso. Deixá-lo ficar com o seu orgulho. Ela só queria acabar com aquilo e ter um pouco de paz.

Correu por um corredor estreito e entrou na pequena casa de banho utilizada pela equipa, onde vomitou violentamente. Depois de sentir o estômago de novo sob controlo, passou a boca por água e olhou para o seu reflexo no espelho. O agente avisara-a para não se envolver com Cool T. O homem tinha um cadastro de metro e meio e os seus vídeos eram desagradáveis - declaradamente ordinários. Os produtores de *Atração* tinham até ameaçado excluí-la da série se participasse em algum.

- Porque é que eu fiz isto? - perguntou ao espelho.

Porque querias sair. Porque odeias a tua vida.

Saiu da casa de banho e encostou-se a uma parede, de olhos fechados e uma mão sobre o estômago. Nesse momento, ouviu uma voz masculina melodiosa perguntar: - Menina Noland? Peço muita desculpa por estar a incomodá-la.

Karen deu um salto e virou a cabeça. Era um homem negro elegante, de rosto amável, com a constituição de um halterofilista, vestido com um casaco desportivo e calças de bom corte. Não era de Los Angeles, concluiu ela, e não pertencia ao mundo do espetáculo. Parecia um ser humano normal. Fitou-o, desconfiada.

- O que deseja?

- Peço desculpa pelo péssimo sentido de oportunidade. Está maldisposta? Posso fazer alguma coisa para a ajudar? - O sotaque caribenho embalou-a, mas reparou que ele não tinha um passe de segurança e ficou tensa.

- Quem é o senhor e como conseguiu entrar no estúdio sem autorização?

- Chamo-me William Leyland. Sou consultor de segurança, e tenho muitos conhecimentos no setor. Uma vez que estou com pressa, achei melhor saltar algumas fases do protocolo. - Fez uma pausa. - Além disso, a minha mulher é proprietária de uma importante firma de publicidade em Washington e uma grande fã sua. Fez uns telefonemas para a companhia de gravação do senhor Cool T e isso abriu-me algumas portas. Peço mais uma vez desculpa por a ter apanhado de surpresa.

Karen sentiu um arrepio gelado. Os perseguidores e fãs loucos eram sempre os que inventavam as histórias mais criativas. Começou a deslocar-se lentamente na direção da segurança.

- Não faz mal. Vamos andando enquanto conversamos.

- Menina Noland, por favor. Venho a pedido de Darl Union.

Ela estacou à menção do nome.

- Ela está bem?

- Oh, sim. Sim. Não quero assustá-la, mas tanto a avó dela como a sua estão hospitalizadas em Burnt Stand.

Karen debateu-se com os seus sentimentos por um instante. Anos de afastamento - por vontade própria - não conseguiam travar a maré de ansiedade e amor que a invadia agora. *A minha única família.*

- A minha avó, ela... ela... O que aconteceu?

William explicou-lhe que a avó sofrera um pequeno AVC e Karen encostou-se à parede, a lutar contra as lágrimas. Há quanto tempo estaria a avó mal de saúde? Falavam amiúde ao telefone, embora as conversas fossem pouco profundas. A avó era demasiado orgulhosa. *E eu também,* pensou Karen, angustiada.

- Pode vir comigo já? - perguntou o estranho emissário de Darl. - Reservei-lhe um bilhete em primeira classe para o voo que parte do aeroporto de Los Angeles dentro de uma hora. E tenho uma limusina à sua espera.

- Yo - chamou uma voz grossa. Um jovem corpulento, com tranças no cabelo, muita atitude e uma prancheta na mão acenou-lhe do outro lado do corredor. - É a sua vez - disse, e apontou para o palco. Karen fitou-o, irritada. *Fui criada no Sul e as pessoas por aqueles lados esperam ser tratadas com boas maneiras,* apeteceu-lhe gritar. *A minha avó é uma senhora, e eu também.* Sentiu de novo a bília subir-lhe à garganta. A maquilhagem carregada fazia-lhe comichão no rosto. Os seios apertados doíam-lhe e tinha o traseiro frio. Para o melhor ou para o pior, este era um ponto de viragem na sua vida. Darl mandara chamá-la e a avó precisava dela. Tinha família.

- Senhor Leyland - disse. - Vamos para casa.



Havia tantas pistas. Como eu fora cega. Eli tentara dizer-me quem era várias vezes. Tinha de lhe dar crédito por isso.

Por dentro, eu era um turbilhão de choque, entendimento e a confusão instintiva que seria de esperar. Era nada e tudo, mil pontas aguçadas preparadas para me rasgar - tantas perguntas, tanta coisa para me fazer vacilar, erguer as mãos, soluçar de incredulidade, raiva, frustração. E ele não fazia ideia do que eu lhe escondia. Tudo isto me queimava a mente. Pior ainda, no estômago, naquele sítio logo abaixo das costelas onde eu vivia dentro das minhas necessidades mais profundas, havia a alegria pura, inabalável e indizível do reencontro.

Eli.

- Então é mesmo ele - declarou Swan. Assenti em silêncio. Estava sentada numa cadeira ao lado da cama dela, de cabeça baixa, ombros abatidos. Estávamos sozinhas. Matilda fora fazer um exame. A minha avó sorriu debilmente.

- Uma médium disse à irmã dele que encontrariam provas na propriedade.

Soltei uma risada desprovida de humor.

- Fomos apanhadas pelo mundo dos espíritos.

Swan estendeu a mão magra e cravou os dedos no meu ombro. O tubo intravenoso baloiçou com o movimento súbito. Levantei a cabeça e enfrentei o seu olhar severo.

- O que estás a pensar fazer? - inquiriu.

- Estou a pensar contar-lhe a verdade. Se ele for mesmo o homem que penso que é, nada fará para a prejudicar, a si ou à Matilda.

As unhas dela magoaram-me a pele através da camisa.

- Vamos lá falar sobre o homem que *pensas* conhecer. Um homem disposto a enganar-te quanto à sua identidade. A conquistar a tua confiança quando sabia que viria causar problemas em Burnt Stand. Um homem que podia ter-te contactado a qualquer altura ao longo destes anos todos, sem nunca o ter feito. Um homem que deixou o país e se tornou um criminoso. Nem sequer sabes como é que ele conseguiu voltar.

Pesei cada um destes argumentos, mas percebi que todos se resumiam a um ponto irracional: *Dormi com ele. Isso tem de significar alguma coisa.* A desculpa mais patética que uma mulher podia arranjar.

- Independentemente do que ele fez ou de quais são as suas intenções - contrapús -, merece saber a verdade.

- Merece? Achas que merece destruir a tua vida sem qualquer consideração? Minha querida

neta, eu sei o que te fiz. Sei que tens o direito de me odiar. Mas vejo também que criei uma mulher forte e orgulhosa, capaz de lutar por boas causas e de fazer o bem neste mundo. Não foste tu que mataste a Clara. Nem o Jasper Wade. Se eu pudesse ter-te poupado a ver todas essas coisas... a saber de todas essas coisas... morreria feliz neste momento. Mas o facto de *saberes* o que aconteceu não pode ser uma condenação. Se contares a verdade ao Eli Wade, e ele não for o homem misericordioso que esperas que seja, será o teu fim. Ele arruinará o teu legado como Hardigree e o nome que conquistaste por ti própria. E a tua carreira: o respeito e a confiança dos clientes, jurados, juízes, da comunicação social, tudo por água abaixo.

- Se estivesse preocupada apenas comigo, já lhe teria contado.

- Muito bem. Nesse caso, deixa-me ser mais egoísta. *Se lhe contares, vais matar a Matilda.* Seja qual for a reação do Eli. Basta saber que a verdade é descoberta para acabar com ela. E se tens alguma esperança de que a Karen volte, essa esperança morrerá também. Se ela souber que a avó esteve envolvida na *situação* da Clara, achas que alguma vez conseguiria compreender? Conseguiria lidar com esse conhecimento? Ou sentiria apenas pena e repugnância pela avó? Achas que a carreira pública da Karen merece ser prejudicada? Que toda a cidade precisa de saber algo que só servirá para destruir a decência e o encanto que tornam a vida aqui tão especial?

Sentime estrangulada. Sobrecarregada. Esmagada. Encurralada.

- O Eli e a família dele merecem saber - insisti, baixinho. - E nada pode mudar esse facto.

- Nesse caso, deixa-o descobrir. - Olhei para ela. Swan acenou com a cabeça. - Achas mesmo que terá alguma importância? Deixa-o procurar. Se encontrar a sepultura da Clara, o que é que isso prova? - Inclinou-se mais para mim. - Pensa bem. Ela seria encontrada nas terras que ele comprou, as terras onde a sua família vivia na altura em que a Clara desapareceu. As pessoas iriam acreditar que foi o pai dele que a enterrou. E ele ficaria convencido do mesmo.

Olhei para ela, atónita.

- A avó *quer* que ele encontre o corpo.

- Agora que a situação é esta, *sim*. Os mexericos sobre o desaparecimento da Clara acabarão de uma vez por todas. O Eli e a família encontrarão alguma paz de espírito por terem enfim a resposta à pergunta que queriam ver respondida, e todos rezaremos uma oração silenciosa. - Encostou-se às almofadas, sem me soltar o ombro. - E eu voltarei a sepultar a Clara, desta vez com um respeito maior do que aquele que ela merece.

Baixinho, respondi: - A avó seria capaz de o arruinar, se pudesse; mas não lhe vou permitir que o faça.

Ela ficou um instante calada. Por fim, declarou: - Tens de escolher entre ele e a tua família. Decide. - Teria sido uma boa advogada, sim, mas era uma juíza implacável. Não respondi; porém, ela sabia que me apanhara.

- Tenho de pensar - respondi.

Mais silêncio. Por fim, ela sussurrou: - Aos teus olhos, o mundo inteiro é inocente, à exceção de mim.

- Houve uma altura em que a avó *era* o meu mundo inteiro - retorqui com frieza.

Ela soltou-me o ombro. Sabia que encontraria pequenas marcas vermelhas das unhas dela quando me despisse.

A marca de Swan.



No tempo da escola, Tommy Rakelow fora um dos miúdos mais cruéis e perversos. Estivera sempre envolvido nas provocações, nas piadas trocistas e nos ataques que acabavam em lutas, mas Eli nunca lhe batera porque o filho da mãe era *pequeno*. Hoje, Tommy, tal como Eli com quase quarenta anos de idade, continuava a ser *pequeno* - e, ainda por cima, meio calvo e barrigudo. Ele e a mulher geriam a estalagem. Dirigiu-se a Eli quando este estava a fumar um charuto na varanda.

- Receio que as senhoras que estão consigo terão de encontrar outro alojamento - comunicou-lhe.

- Qual é o problema?

- A minha esposa cometeu um erro na agenda. Temos a *suite* reservada para o resto da semana. Os novos hóspedes chegam hoje.

- A minha mãe e a minha irmã podem passar para outro quarto.

- Estão todos reservados.

Eli viu a falsidade nos olhos de Tommy e sentiu um arrepio.

- Sabes quem sou - disse.

Tommy recuou um passo.

- Ouve, Wade, não quero problemas.

- Foi a Swan Samples que te mandou expulsar a minha família?

- Já te expliquei que não quero problemas. Sejam os francos. Tu e a tua família não parecem ter dinheiro para ficar aqui.

Maldita Swan. Os problemas já estavam a começar.

- Se disseres alguma coisa à minha mãe ou à minha irmã, farei o que devia ter feito quando éramos miúdos e prego-te esse traseiro gordo a uma destas paredes de mármore.

Tommy empalideceu.

Eli virou-lhe costas e afastou-se.

Estava na altura de começar a jogar a sério.

Eli entrou na imobiliária de Burnt Stand sem se dar ao trabalho de fechar a porta, que bateu com estrondo atrás de si. Um jovem bem vestido fitou-o de trás da secretária da receção.

- É o rececionista? - inquiriu Eli.

O homem pestanejou.

- Ah... não, senhor. Sou um agente imobiliário.

Eli inspecionou-lhe o rosto.

- Cresceu por aqui?

- Ah... não. Em Asheville. Mudei-me para cá o ano passado, com a minha mulher. Mas garanto-lhe que tenho um excelente conhecimento de todas as propriedades disponíveis nesta maravilhosa cidade histórica...

- Ótimo. - Eli puxou uma cadeira e sentou-se em frente da secretária. - Há alguma Casa Estha à venda?

- Oh! Vejo que está familiarizado com as nossas encantadoras tradições e as nossas melhores propriedades. Sim, há várias no mercado, todas em esplêndidas condições, e duas parcialmente mobiladas. Antiguidades, carpetes de qualidade... - Fez uma pausa e olhou para as calças de ganga coçadas de Eli, para a ligadura no braço, os pontinhos de sangue onde se cortara ao fazer a barba e, por fim, para as mãos grandes e calejadas. - Tem de compreender, contudo, que essas casas têm um preço bastante elevado. No entanto, tenho várias outras mais pequenas, nos arredores...

- Fico com as Casas Estha.

O homem olhou para ele, confuso.

- Perdão?

- Todas as Casas Estha. Mobiladas, não mobiladas, tanto me faz. E depois de a minha mãe escolher a que gosta mais, quero que me arranje um decorador para terminar a decoração. E quero isso tratado até amanhã. A minha mãe, a minha irmã e a minha sobrinha bebé ficarão num motel esta noite, mas amanhã ao final do dia quero-as instaladas na sua Casa Estha preferida. E *depois* quero que me arranje inquilinos para as outras. Sim... canteiros e outras pessoas que, por norma, não teriam possibilidades para isso. Não vou cobrar-lhes qualquer renda. Não acha uma ideia simpática? Dar a pessoas normais a oportunidade de criarem os filhos numa Casa Estha? Acho que vou gostar de ser senhorio nesta cidade. - Fitou o agente. - Parece-lhe possível?

O homem olhou para ele, de boca aberta.

- Estamos a falar de mais de dois milhões de dólares por essas casas. Isto... isto... isto vai demorar algum tempo, e a documentação...

- Não, meu amigo. - Eli tirou o telemóvel do bolso da camisa. - Basta um telefonema para o meu banco. Vou pagar a pronto.



Nadei na piscina do Solar de Mármore até me doer o peito e quase não conseguir levantar os braços, mas não conseguia silenciar o coro de vozes desesperadas na minha cabeça. Quando Gloria apareceu com Leon no pátio, torceu o nariz ao ver as minhas calças e sapatos atirados para o chão à beira da piscina. *Não é uma senhora como a sua avó.* Eu estava a nadar de camisola e roupa interior. Leon reparou e estacou, embaraçado, de sobrolho franzido e expressão preocupada perante o meu comportamento. Segurei-me ao mármore da beira da piscina, a tentar recuperar o fôlego, e abanei a cabeça. *Não tentes compreender.* Ele franziu ainda mais a testa.

- Vim informar-te de que não vou ficar contra o Eli Wade - declarou.

Assenti com um aceno enquanto tentava recuperar o ar e a perspectiva.

- Não te peço que o faças.

- A tua avó pediu-me. Respondi-lhe que não e ela despediu-me.

- Eu trato disso. - Já conseguia respirar. - Não estás despedido. Continua a fazer o teu trabalho.

- Tens de compreender uma coisa. Sei que a Swan toma decisões com base no que é melhor para a companhia e para a sua reputação. Não tenho ilusões de que nunca me teria colocado como encarregado se achasse que seria prejudicial para o negócio ter um negro à frente dos Mármore Hardigree. Raios, houve quem me avisasse para *não* trabalhar para ela. Que podia sair daqui e ter o meu próprio negócio onde quisesse.

- Porque ficaste?

- Esta também é a minha cidade... as minhas raízes, a minha gente estão aqui. - Apontou para o leito de rocha sob os nossos pés. - É aqui que posso fazer a diferença. É aqui que as pessoas podem ver como é possível mudar as coisas. - Após uma pausa, sorriu. - E o Eli faz parte disso. Ele também pertence à minha gente. Um canteiro. Branco como a neve, é certo, mas ainda assim...

- Não tenho dúvidas de que ele se orgulharia por o considerares um dos teus.

- Ótimo. Só para que fique claro: mais depressa fico sem o meu emprego do que agirei contra o Eli. Se ele acha que o pai era inocente e que talvez encontre alguma prova disso debaixo da terra, podes ter a certeza de que o vou ajudar a cavar. Sempre houve rumores de que o Jasper Wade foi tramado. De que a tua avó estava à procura de alguém em quem pôr as culpas e ele estava a jeito. Não digo que acredito nisso, mas que havia rumores, havia, e ainda há. O Eli tem amigos que nem conhece. Homens que também eram canteiros na altura e que respeitavam o pai dele.

- Quero que ajudes o Eli naquilo que puderes. - Leon fitou-me, surpreendido. Confirmei com um aceno. - Quero que espalhes a palavra. Convida-o a ir à pedreira. Os canteiros devem ver-te com ele. Quero que as pessoas o ajudem. - Fiz uma pausa. - Porque eu não posso.

- Mas consegues controlar a tua avó? - Assenti em silêncio. Ele fez uma pausa, como se estivesse aturdido. - Muito bem. Deixa-me então pôr-te a par daquilo que te espera. Há bocado, o Eli entrou na imobiliária e comprou cinco Casas Estha. Quase dois milhões de dólares. O banco dele está a transferir o dinheiro. Todo.

Porquê? Agarrada à piscina, escutei, incrédula, enquanto Leon continuava.

- O Tommy Rakelow expulsou a mãe e a irmã dele da estalagem. Tenho a certeza de que a tua avó teve alguma coisa a ver com isso. Portanto, o Eli vai instalar a mãe e a irmã numa das melhores Casas Estha da cidade, amanhã, e arrendar as outras a famílias de canteiros por tuta e meia. Não se fala de outra coisa na pedreira. Os homens estão entusiasmados. Ele está a marcar território. A dizer-nos que é melhor não nos atravessarmos no seu caminho... e muito menos no da família dele. E nem a Swan o conseguirá impedir.

A raiva e desespero pelas táticas de Swan impediram-me de falar. *Avó, não me provoques.* Leon abanou a cabeça, consternado, perante o meu silêncio.

- O Eli disse-me quem era ontem à noite. Pediu-me para não contar a ninguém. E eu concordei. Não acho que ele seja um aldrabão ou um mentiroso. Não me via há vinte e cinco anos e, mesmo assim, confiou em mim. Portanto, vou confiar nele. Espero que faças o mesmo.

- Tenciono fazer o que estiver ao meu alcance para lhe dar a oportunidade que merece.

- Em suma, estás disposta a abrir-lhe a porta, mas não a entrar com ele?

- Exatamente.

Vi o respeito que Leon tinha por mim diminuir um pouco. Com rosto sério, ele considerou: - Bom, suponho que é melhor do que nada. Afinal de contas, és uma Hardigree. - Senti o rosto a arder. Ele virou costas. - O Eli manda dizer que quer que te encontres com ele no Jardim das Flores de Pedra antes do anoitecer. - Senti o coração apertado. Então era esta a mensagem que Leon viera entregar. - Se queres mesmo ser justa com ele - prosseguiu Leon -, devias lá ir e ouvi-lo.

Despediu-se com uma inclinação de cabeça e afastou-se.

Icei-me para a borda da piscina e fiquei ali algum tempo, a olhar para o bosque. *Eli.* O seu nome, a sua identidade eram uma canção trágica dentro de mim. Estranho, amante, homem misterioso, milionário, guardião de almas, paladino da verdade, vítima dos desígnios de Swan.

De pé sobre os ossos de Clara.



Eli estava agachado entre as silvas e ervas daninhas que ocupavam agora o jardim em frente da

Vivenda de Pedra. A pequena casa de mármore estava rodeada por jovens áceres que tinham crescido à volta das fundações ao longo dos anos. Trepadeiras de madressilva e outras plantas cobriam as paredes de mármore e o telhado. Aqui e ali, por entre as trepadeiras, via-se a pedra rosa e as tábuas esbranquiçadas que entaipavam janelas e portas.

Esticou o braço entre as silvas, afastou a camada de terra solta e folhas acumulada ao longo de vinte e cinco anos e enfiou os dedos no solo. Fora ali que o seu pai morrera. O sangue dele ensopara o chão. Ali mesmo. Eli estudou os grãos de terra escura, esfregou-os entre os dedos, levou-os ao rosto e cheirou-os. Depois, inclinou a cabeça e rezou. *Leva-nos à verdade, mesmo que a verdade magoe.*

Com um arrepio, levantou-se rapidamente. Foi o instinto que o fez girar sobre si próprio e olhar para a colina atrás da casa. Nas sombras compridas do final da tarde, apenas alguns raios de sol penetravam entre os enormes abetos. Darl estava no cimo da colina, a observá-lo através do bosque. A luz não a iluminava por completo, deixando-a envolta num halo de sombras. Uma leve brisa agitou-lhe o cabelo e o tecido da blusa branca, por cima da saia comprida e ondulante cor de madeira. Era como se tivesse estado ali a vida inteira, parada no tempo, presa no mundo duro de Swan. Ela levantou a mão devagar, como se estivesse a prestar juramento antes de testemunhar, depois virou-se e desapareceu do outro lado da colina, pelo caminho que levava ao Jardim das Flores de Pedra.

Eli seguiu-a.



Os meus pesadelos sobre Clara nunca eram surreais ou vagamente simbólicos, mas sim cenas que se desenrolavam com clareza e detalhe, um pequeno filme de terror que era forçada a rever, uma e outra vez. Clara conseguia sempre escavar a terra e erguer-se da sua sepultura como um espectro, com terra, folhas e vermes a caírem da pele em decomposição. Os olhos afundados nas órbitas reluziam com um brilho azul e feroz. O seu pendente Hardigree estava preso nos farrapos sujos das roupas. Enrolava o braço à base salpicada de musgo da estátua ao seu lado, acariciava-a e, depois, erguia o olhar para as flores esculpidas que tombavam do grande jarão. *Um dia, estas flores de pedra falarão por mim.*

Com um sabor amargo na boca e as pernas fracas, parei de cabeça erguida, as mãos apertadas à frente do corpo, antes de entrar na clareira do jardim perdido, fora do círculo de bancos de mármore cobertos de musgo. Vi Eli surgir ao cimo da colina à minha frente, mas nunca afastei completamente o olhar do solo ao lado da base da estátua. Por mais racional que o meu cérebro fosse, não conseguia fazer-me virar costas a Clara.

Eli Wade, agora um homem adulto, desceu a encosta – de ombros largos, alto e magro, com os grandes olhos escuros que faziam o meu coração bater um pouco mais depressa sempre que fixava o seu rosto, o qual adquirira um certo carácter com o passar dos anos. Os seus olhos ainda eram belos, mas também duros. Já não precisava de fingir. Assumira o lugar do seu próprio fantasma, do rapaz que eu amara de forma tão inocente. Solo fundiu-se também com essa imagem. Eli era agora inteiro e real, e tinha regressado. Aos poucos, um misto de alegria, dor e frustração invadiu-me o peito e quase me sufocou.

Ele parou do lado oposto do jardim que o seu próprio avô construía por ordem da minha bisavó.

– Sabia que virias – disse-me. – Não consegues esquecer o quanto significámos um para o outro, tal como eu não consigo. – Deu um passo na minha direção e depois parou quando eu levantei a mão. Era evidente que tencionava aproximar-se de mim pouco a pouco, como se eu fosse um veado capaz de dar meia-volta e fugir. – Não sabia que a Bell tinha enganado a tua avó para adquirir esta propriedade – continuou. – Nunca o teria permitido, se soubesse. Ela tem umas ideias loucas em relação às terras. Porém, assim que eu soube aquilo que ela tinha feito, percebi que o passado também me atormenta mais do que pensava. E à nossa mãe. E a ti. Vi, na Florida, o quanto precisas de te libertar dele.

– Que mais te assombra? O jogo? Voltaste para este país com uma recompensa pela tua captura e o Departamento de Justiça à tua perna?

– Processar corretores de apostas... mesmo que sejam importantes... está bastante em baixo na lista de prioridades do governo. Resolvi o assunto de forma legal. Estou limpo, Darl.

– Mas ganhaste muito dinheiro.

– Investi os meus lucros com bastante sensatez, em companhias e ações de alta tecnologia. Entrei

em algumas operações valiosas de Silicon Valley logo ao início.

Transferi o peso de um pé para o outro.

- Onde conhecestes o William?

- Fomos sócios nas ilhas. Ele tratava da segurança. Também ganhou bom dinheiro. Já não precisa de trabalhar.

- E, só por acaso, gosta do desafio de coordenar a segurança do Grupo Phoenix. Onde eu trabalho.

- Ele acredita na missão do grupo. Gosta de fazer parte disso.

- Estou a tentar perceber qual é o teu envolvimento.

- Conto-te tudo. Só peço que te acalmes e me oiças.

- Maquinaste para colocar um velho amigo em posição de me poder vigiar. Foi isso?

O rosto dele ficou tenso.

- Não. Por favor, deixa-me...

- Podias ter-me procurado. Podias ter-me contado tudo sobre ti. Eu teria compreendido.

- Agora sei disso.

Baixei a cabeça, derrotada.

- Por favor, promete-me que não dás cabo deste jardim.

- Não posso fazer-te essa promessa. Vim para cá convencido de que escavar estas terras é um plano de loucos, e talvez seja, mas tenciono levá-lo até ao fim.

Ele vai escavar tudo. Vai encontrar a Clara e acreditará na resposta errada.

- Se encontrares provas de que foi outra pessoa a matar a Clara, o que farás?

Os seus olhos encheram-se de uma determinação gelada.

- Procuo o filho da mãe e meto-o na prisão. Não é isso que queres também? Não me ajudarias?

Cambaleei. Se ainda tinha dúvidas quanto aos seus objetivos e determinação, estas dissiparam-se. Eli queria vingança, justiça, sangue. Sangue Hardigree, embora ainda não o soubesse.

- A minha avó está velha e doente. E a Matilda também. Se pudesses esperar...

- Até elas morrerem? - Assenti sem palavras. Ele fitou-me com ar grave. - Estás a dizer que o ressuscitar dos mexericos e rumores é mais importante para elas do que descobrir quem matou a Clara? Ouve, sei que a Swan e a Clara não morriam de amores uma pela outra, mas a tua avó deve quer saber o que aconteceu à irmã.

Sentime como se a minha pele estivesse a separar-se dos ossos.

- Apoio o que tiveres de fazer pela tua família. Mas não posso aprovar esse plano.

Ele deu mais um passo na minha direção, a tensão agora mais densa no ar, os olhos a trespassarem os meus.

- Achas que foi o meu pai que assassinou a tua tia-avó. É isso, não é? Tens medo de que tenha sido ele. E não consegues ficar comigo se isso for verdade.

Olhei para ele.

- Isso nunca, *nunca* me faria...

- Não sabes mentir, Darl. Vejo-o nos teus olhos. Estás a esconder alguma coisa. E só pode ser isso. É o que faz sentido. Se eu provasse que o meu pai matou a Clara, terias de me rejeitar e defender a reputação Hardigree. É isso?

- Por favor, não tentes presumir o que eu penso. Mal me conheces.

- Que raio queres que pense? Maldição, *fala comigo*. - Com passos rápidos e furiosos, desceu para o jardim, passou por cima da sepultura de Clara e subiu a encosta oposta até estar junto de mim. Antes que eu pudesse recuar, prendeu-me nos braços. Apoiei as mãos no peito dele e empurrei, desesperada, tentando libertar-me.

- Mal te conheço? - repetiu ele. - *Nunca* mais me digas isso. Sabes bem que não é verdade.

- Não posso ajudar-te, não posso dar-te a minha bênção, não posso... continuar contigo como estivemos na Florida. As coisas agora são diferentes.

- Não deixes que a Swan leve a melhor sobre ti. O que é que ela te *fez*? Quebrou-te de tal maneira que te estás a transformar nela? A rapariga que conheci... raios, a mulher que conheci na Florida... nunca me viraria costas. Estás a proteger o nome da tua família? Como és uma Hardigree, não podes amar-me a menos que eu tenha o *pedigree* certo, é isso? Não consigo acreditar em tal coisa.

- Sim, amo-te - admiti. - Amei-te a vida toda.

- Darl... - Procurou-me os olhos, ergueu a mão para o meu rosto e passou o polegar sobre a minha face, gravando-me a mim, às minhas palavras, na sua pele. Estávamos ambos à beira das lágrimas. Uma sineta começou a tocar à distância: a velha sineta com que Matilda costumava chamar-nos, a mim e a Karen, quando andávamos a brincar.

- Tenho de ir. Por amor de Deus, deixa-me ir.

Lentamente, libertou-me e recuou.

- Isto não acabou. Não vou permitir que desistas da felicidade como a tua avó quer que faças. Não sei o que está por trás dessa atitude, mas podes estar certa de que também o vou descobrir.

Aquelas palavras rasgaram-me o peito, em simultâneo com o repicar do velho sino de bronze. Era como se estivesse a dividir-me em duas. Subi a encosta, às arrecuas.

- Nunca mais me peças para vir aqui. Este sítio está assombrado.

- Amo-te.

Abanei a cabeça.

- Não podes amar-me.

Também nós estávamos assombrados.

William estava no terraço das traseiras, entre os cisnes de mármore. E ao seu lado, sob a luz do crepúsculo, dourada e bela, com umas calças pretas e uma camisola simples, Karen viu-me sair do bosque. Pela primeira vez em vinte e cinco anos, a minha querida prima desceu a correr os degraus para me abraçar.

Ela não fazia ideia.

Quando entrei com Karen no quarto de hospital de Swan e Matilda, reparei que Matilda tinha uma nova unidade intravenosa ao lado da cama. O tubo fino e comprido terminava numa agulha presa ao seu antebraço com fita adesiva. Ela estava a dormir por baixo das cobertas e, de súbito, vi-a por aquilo que era: uma mulher velha, magra e doente. Karen parou no meio do quarto, com as mãos sobre a boca e olhar chocado. Swan, recostada na outra cama como uma imperatriz pálida, a segurar um pequeno livro de poesia *haiku* aberto, tinha também um tubo intravenoso, e o do oxigénio sob o nariz. O cabelo branco caía-lhe sobre os ombros da camisa de seda branca. Parecia cansada, mas cravou implacavelmente os olhos em Karen.

- Karen - chamou, em voz forte -, não dramatizes. Isso não a ajuda nada.

Olhei para Matilda, com o medo a latejar-me na garganta.

- O que aconteceu desde que aqui estive de manhã?

- Os exames mostraram alguns problemas com o coração dela. Os médicos alteraram a medicação.

Karen aproximou-se da cama de Matilda com passo inseguro.

- Avó? - Matilda agitou-se, entreabriu os olhos e gemeu baixinho. Karen sentou-se na cama, ao lado dela. - Avó... - Matilda ergueu os braços trémulos e Karen envolveu-a num abraço cuidadoso. Enquanto as ouvíamos soluçar, sentei-me numa cadeira ao lado da cama de Swan e os nossos olhos cruzaram-se. Inclinei-me e sussurrei em tom amargo: - Já sei o que mandou fazer na estalagem Rakelow. E que despediu o Leon.

O rosto de Swan permaneceu impassível, à exceção de um brilho malicioso nos olhos. Pegou na almofada que estava a usar para apoiar os braços, empurrou-a na minha direção e perguntou baixinho, em tom trocista: - Com vontade de me pôr isto em cima da cara?

- Sim. - O brilho bem-humorado extinguiu-se. Ao nosso lado, Karen e Matilda continuavam a chorar nos braços uma da outra. Swan e eu nunca nos abraçávamos, nunca choraríamos no ombro uma da outra. - Farei o que quiser - murmurei. - Mas não envolva mais ninguém.

Ela lançou-me um olhar vitorioso e assentiu com um aceno.



Nessa noite, no exterior de um motel nos arredores da cidade, reuniu-se uma multidão.

- Não saiam - pediu Eli à mãe e a Bell. - Não sabemos quem são estas pessoas. Podem vir acusar-nos da doença da Swan e da Matilda, como eu calculei.

Eli saiu do edifício térreo simples, virado para um parque de estacionamento cheio de carros velhos, carrinhas e motorizadas. Várias dezenas de homens rudes e mulheres simples olharam para ele. Os canteiros e as suas esposas. Leon destacou-se da multidão.

- Trouxemos uma coisa para levares para a campa do teu pai no Tennessee - disse. Eli suspirou

de alívio e chamou a mãe e Bell. Os três, lado a lado, viram a multidão afastar-se e revelar um pequeno atrelado. Nele estava um monumento alto de mármore trabalhado, o mais belo que Eli alguma vez vira, com a seguinte inscrição: «Jasper Wade Marido Pai

Canteiro Descansa em paz e justiça»

- São palavras vindas do coração - concluiu Leon. - Agora só tens de as tornar realidade.

Capítulo 17

Quando Karen e eu saímos do hospital depois da visita, na manhã seguinte, as senhoras no balcão de informações olharam para nós de boca aberta, e duas delas correram na nossa direção.

- Kare Noland! - exclamaram em uníssono. - *Cassandra!* Adoramo-la na série. A sua avó está tão orgulhosa.

Vi-a dar amavelmente um autógrafo às duas senhoras de cabelo branco, para alegria das mesmas.

- A avó fala mesmo sobre mim? - perguntou-me enquanto saíamos. Sentámo-nos num jardim com azáleas e bancos de mármore. Uma placa de mármore informava que o jardim fora uma doação dos Mármore Hardigree.

Confirmei com um aceno.

- Disse-me que nunca perde um episódio. Soube que as pessoas a param na rua para discutir as aventuras da tua personagem. Ela adora falar sobre ti.

Sentadas no banco de mármore, naquele pequeno mundo privado, Karen inclinou-se para a frente e murmurou: - O meu contrato chegou ao fim. Já disse ao meu agente que vou deixar a série. As últimas cenas estão gravadas. - Encolheu os ombros. - A Cassandra continuará a viver. Sei que já encontraram outra atriz para o papel. - Levantou as mãos. - Não serei uma celebridade durante muito mais tempo.

Absorvi esta informação mórbida com expressão confusa.

- Porque vais desistir de tudo isso?

- Estou grávida.

Aguardei um instante e depois perguntei: - De quanto tempo?

- Apenas dois meses.

- E amas o pai do bebé?

- Não, e ele deixou bem claro que não quer ser pai. Ainda bem. Não presta para nada.

- Alguém que eu conheça?

- Não, a menos que estejas familiarizada com *gangsta rap*.

- O que aconteceu?

Ela olhou para o mármore sob os nossos pés.

- Andei à procura de amor no sítio errado. Quem sabe? Tenho dinheiro. Tenho bom aspeto. Posso optar por negro ou branco, de classe alta ou baixa... não tenho falta de pretendentes. Simplesmente, parece que não consigo encontrar um, seja de que cor for, que valha a pena. - Mordeu o lábio e virou a cara. - Ser mãe é a primeira coisa que faz sentido na minha vida.

- Tens de contar à tua avó.

- Não sei como. Ela sempre quis que eu fosse irrepreensível. Classe pura. A Lena Horne. - Soltou uma risada seca. - Não consigo ser a Lena Horne. *Ela* é que é a Lena Horne. Portanto, acho que serei apenas uma mãe solteira vulgar. - Escondeu o rosto nas mãos.

Lentamente, passei o braço sobre os seus ombros.

- Se calhar, devias procurar o amor onde ele é simples, e onde sempre será. Aqui mesmo.

Ela endireitou-se. Partilhámos uma pontada de emoção e, depois, uma vaga de alívio.

- Tive saudades tuas, minha parva - murmurou ela.

Encostámos a cabeça uma à outra.

- Eu também.

Leon saiu do hospital, acompanhado por vários homens. Vimo-lo conversar com eles. Canteiros brancos e negros, um grupo variado, unidos numa coisa: todos o ouviam com deferência e respeito evidentes. Calculei que estivesse a falar sobre Eli e senti o coração apertado.

- Aquele é o Leon Forrest - sussurrei. - Lembras-te dele?

Karen endireitou-se, lançou-me um olhar espantado e depois virou-se para ele.

- Leon - murmurou suavemente.

Leon virou-se, distraído, e viu-nos. Levantámo-nos. Ele ficou parado quando percebeu quem estava comigo, como se tudo o que sabia sobre si próprio de repente o tivesse abandonado e precisasse de se reconstruir, pedaço por pedaço.

- Karen? - perguntou, em voz grave, carregada de prazer e incredulidade. Ela aproximou-se dele e estendeu a mão perfeita. Vi-a erguer os olhos para o rosto sério e cicatrizado de Leon e como ele

olhava para ela. Segurou-lhe a mão entre as suas, como se fosse de porcelana. Mal se mexeram, mal falaram. Trocaram as boas-vindas, trocaram vidas.

Vê o que lhes está a acontecer. O arrepio na espinha e as lágrimas que me ardiam nos olhos diziam-me que a minha prima estava a encontrar o caminho de casa com um instinto infalível. Não podia estragar tudo para ela. Em vez disso, chorei tudo o que corra mal na minha vida. Pensei em Eli e lamentei o que nunca poderíamos ter.



Eli acordou, a suar, num quarto elegante, na cama nova e grande, com lençóis esplêndidos e almofadas de penas, cortesia do decorador que enchera uma das Casas Estha, conhecida por Casa Larga. A Casa Larga ocupava uma esquina ampla entre duas bonitas ruas de carvalhos em Burnt Stand. Um executivo de Asheville e a mulher, amigos de Swan, tinham ali vivido na reforma, mas ambos haviam morrido recentemente e os filhos, espalhados pelo mundo, haviam decidido vender a grande casa com pórticos e pátios de mármore, candelabros nas salas e antiguidades europeias. Tal como todos os outros proprietários das restantes Casas Estha em Burnt Stand, tinham ficado mais do que felizes por receberem um cheque com o valor pedido, sem tentativas de regatear.

A mãe e Bell tinham-se instalado, com a bebé de Bell, em bonitos quartos com varanda e casas de banho amplas com banheiras enormes. Todas as noites, Bell passava horas ao telefone na biblioteca, a falar com a médium ou com o marido, Alton. Todas as noites, entre lágrimas, prometia a Alton que, em breve, tudo estaria resolvido.

- Tens de deixar a mãezinha fazer isto sozinha. Tem a ver com o orgulho *dela*. Somos seus filhos, fomos *ofendidos* e ela tem de nos defender. - Bell sussurrava enquanto segurava no braço de Eli e o forçava a ficar onde estava. Ele mordeu o lábio e tentou não ir atrás da mãe, que se dirigia aos elevadores no átrio do hospital. A mãe olhou para os retratos dos diretores e parou perante os quadros elegantes, de moldura dourada, de Swan e Matilda. Modesta e deliberadamente simples, com um fato de lã castanha e mocassins da mesma cor, firmou os lábios e ergueu os olhos para elas. Fez lembrar a Eli um ratinho do campo determinado preparando-se para enfrentar dois gatos lânguidos.

- Não posso - anunciou ele a Bell. - Não posso deixá-la enfrentar a Swan sozinha. Espera aqui com a Jessie. Eu vou com a mãe.

- Irmão, espera, não faças... - A porta do elevador abriu-se enquanto Bell puxava a manga de Eli. Para sua surpresa, Darl saiu. Vestia calças cinzentas elegantes e uma camisola de lã branca. Tinha o cabelo preso, deixando apenas uma ou duas madeixas finas caídas sobre a testa. A sua silhueta maravilhosa, a sua elegância, a expressão atormentada, mas ativa do seu rosto, encheram Eli de um desejo desesperado, deixando-o zangado e triste. O olhar azul gelado saltou dele para Bell e para a mãe, e tornou-se mais caloroso, mas inseguro.

- Ouvi dizer que pediu para falar com a minha avó - dirigiu-se ela a Annie Gwen.

- Tenho um assunto para discutir com ela - respondeu a mãe de Eli. - Desculpa, Darl, sei que ela não está bem e não me vou demorar muito tempo, mas tem mesmo de ser.

- É sobre o problema na estalagem Rakelow?

A mãe assentiu com um aceno.

- Ninguém diz aos meus filhos que não são bons o suficiente para ficar em qualquer lado. Espero que a tua avó esteja apenas doente e confusa, para tratar a minha família dessa maneira.

- Não, ela sabia o que estava a fazer e não há justificação possível. A si, à Bell e ao Eli... - os seus olhos procuraram rapidamente os de Eli e depois os de Bell - ... apresento as minhas mais sinceras desculpas. Não precisam de viver numa casa na cidade. Convido-vos a ficar no Solar de Mármore. Como meus hóspedes.

A mãe olhou para ela de boca aberta. Bell também. Quando Darl se virou para Eli, ele sabia que parecia zangado, mas a oferta dela transtornara-o. Abanou ligeiramente a cabeça.

- Por favor - insistiu Darl.

- Obrigado - respondeu Eli -, mas já temos uma boa casa na cidade. Não precisamos de caridade.

- *Eli!* - exclamou Bell baixinho. A mãe lançou-lhe um olhar severo.

Darl encolheu-se um pouco, o que foi uma punhalada para ele.

- Não era essa a minha intenção.

A mãe deu-lhe uma palmadinha no braço.

- Nós sabemos. Obrigada, querida, mas quero apenas dar uma palavrinha à tua avó.

- Está bem. Eu acompanho-a. - Darl virou-se e conduziu-a até ao elevador, com a mão pousada gentilmente no seu ombro. Depois de entrarem, olhou para Eli.

- Toma conta dela - ordenou-lhe ele em voz baixa. Darl assentiu em silêncio.

E de ti, acrescentou ele de si para consigo, enquanto as portas se fechavam.



Annie Gwen era a viúva do homem que nós tínhamos matado, Jasper Wade, tio direito de Karen e filho de Anthony Wade, que Matilda amara perdidamente. Foi assim que, na minha cabeça, apresentei Annie Gwen Wade a Swan e Matilda - como uma parente e um símbolo, uma mulher injustamente tratada pela sua própria família. Que nos incluía a nós.

Matilda recebeu-a com educação, mas falou pouco, envolta na habitual dignidade rígida mesmo deitada numa cama de hospital. Swan estava recostada, na pose de um monarca a receber um cortesão de um país mais pobre. Annie Gwen e eu parámos entre as duas camas. Não saí do seu lado. Ela manteve a cabeça bem erguida.

- Não vim para a ofender - dirigiu-se ela a Swan. - E, em troca, espero ser tratada de forma justa. Tal como sempre aconteceu no passado.

- Annie Gwen - interrompi, antes que Swan pudesse falar -, *ninguém* foi justo consigo e com a sua família há vinte e cinco anos. Merece um pedido de desculpas pela forma como a minha tia-avó Clara expôs a história de Anthony Wade nesta cidade. E pela forma como a minha avó virou costas à sua família. - Fiz uma breve pausa. - Tanto na altura como agora.

Swan fitou-me com um olhar gelado por cima do tubo de oxigénio. Depois, virou-se para Annie Gwen.

- A situação na época foi completamente caótica. Lamento muito a forma como lidámos com o assunto. Tal como lamento ter dado a impressão ao dono da estalagem Rakelow de que a vossa família não era bem-vinda na cidade. Garanto-lhe que ele compreendeu mal a minha ansiedade. A única coisa que fiz foi perguntar se estavam bem instaladas.

Esperei um segundo para que a magnitude daquela mentira ficasse bem clara.

- Não é verdade. Muitos dos convidados da minha avó que vêm de fora da cidade ficam instalados na estalagem Rakelow. Ela é responsável por uma boa parte dos rendimentos do estabelecimento. Disse ao proprietário que não queria a sua família lá e ele expulsou-vos.

Esta refutação brusca gelou o ar e fez com que Swan empalidescesse um pouco. Annie Gwen parecia não saber como lidar com a minha honestidade brutal, nem com o silêncio frio de Swan. Por fim, disse: - Senhora Samples, penso que me deve um pedido de desculpas, a mim e aos meus filhos.

- Com certeza que peço desculpa - garantiu Swan, fulminando-me com um olhar de soslaio. Depois, continuou a dirigir-se a Annie Gwen. - Pelo que sei, seguiram com a vossa vida. Soube que o Eli está muito bem e que a sua filha fez um bom casamento. Tem uma linda neta. Foi abençoada.

Annie Gwen franziu a testa.

- A minha família ultrapassou tempos muito difíceis graças a trabalho árduo e a bons corações.

- Então, porquê insistir em remexer num passado tão triste, que só pode ferir-nos a todos?

- Queremos apenas saber a verdade sobre o meu Jasper. A ideia de que as terras escondem algum segredo é apenas o sofrimento da minha filha a falar, e sei que parece um disparate, mas talvez o Senhor nos tenha trazido aqui com outro objetivo em mente, e só precisamos de perceber qual é.

Matilda, que estava a ficar mais agitada à medida que Annie Gwen falava, levou a mão delicada ao peito.

- Creio que posso sugerir-lhe um bom objetivo que todos podemos apoiar. O projeto Stand Tall. - O silêncio abateu-se sobre o quarto. Pela expressão de Swan, percebi que esta era uma das raras ocasiões em que Matilda a surpreendia. - Falo também pela Swan - continuou Matilda -, quando digo que consideraríamos uma honra se quisesse participar.

- Que projeto é esse? - indagou Annie Gwen. Descrevi-lhe rapidamente a escola interna para crianças problemáticas sem lar. Enquanto eu falava, os olhos dela adquiriram um brilho de interesse genuíno. - Vou falar com o Eli sobre o assunto. É ele que trata da contabilidade nas minhas obras de caridade. Não consigo organizar tanto dinheiro.

- Annie Gwen, não tem de dar dinheiro nenhum à Stand Tall - apressei-me a dizer.

- Oh, teria de ficar com um lugar na direção se desse muito dinheiro. - Com esta indicação subtil de que não era nenhuma idiota, Annie Gwen despediu-se de Swan e Matilda com um aceno de

cabeça. – Muito obrigada. O meu filho tratará deste assunto convosco. – Deu-me uma palmadinha na mão. – Obrigada. Não precisas de me acompanhar, querida.

E saiu do quarto, pequena e modesta, mas mais ativa do que qualquer uma de nós.

Swan endireitou-se na cama e olhou para Matilda, que sussurrou: – É a viúva do filho do Anthony. – Depois, virou-se para o outro lado, com movimentos lentos e débeis, como um passarinho cansado, e puxou as cobertas para cima dos ombros.

Swan e eu entreolhámo-nos. Os olhos dela estavam sombrios. Os meus celebravam esta pequena vitória inesperada.



As cinzas de Frog chegaram por correio, numa simples embalagem de cartão. Aceitei a caixa das mãos de Gloria à porta do Solar de Mármore, levei-a para a biblioteca e pousei-a numa mesa de madeira entre um tabuleiro de xadrez em mármore e um pequeno busto de Estha. Depois, sentei-me numa cadeira em frente, como se estivesse a receber um convidado inesperado. Assim que me acalmei, comecei a falar com Frog.

O mais importante na vida é o controlo, Froggie, e eu perdi-o. Não sei se alguma vez conseguirei voltar a retomar o controlo da minha vida – e não quero ser responsável pela vida de mais ninguém.

Karen estava no hospital. A casa estava silenciosa, como que de respiração suspensa, vazia sem Swan. Por fim, subi as escadas, vesti um fato profissional cinzento-claro e voltei a descer, com a mala ao ombro e as chaves do carro na mão.

– Vou para o aeroporto de Asheville – informei Gloria. – Por favor, ligue para o hospital e informe a Karen de que vou a Washington mas volto ainda hoje.

– Vai deixar a... a caixa com o corpo queimado daquele homem... aqui?

– Ele não lhe fará mal algum.

– Matou duas pessoas. Porque havia de ser bem recebido nesta casa?

Parei e olhei para ela até a ver recuar um passo.

– Porque é que alguém seria merecedor de perdão nesta casa? – ripostei.

– Como assim? O que quer dizer?

Saí sem responder.



Os escritórios do Grupo Phoenix tinham vista para as avenidas movimentadas de Washington e ficavam num pequeno edifício de pedra numa transversal da Pennsylvania Avenue. Em poucos minutos eu podia estar na Casa Branca, no Monumento a Washington, no Lincoln Center. O meu apartamento ficava nas imediações, num complexo residencial bem cuidado, com varandas pequenas e um relvado, num dos bairros interiores mais tranquilos, rodeado de pequenos restaurantes e lojas seletas, com a estação de metropolitano a um quarteirão. Washington tornara-se o meu lar, tanto quanto era possível fora de Burnt Stand.

Quando saí do táxi em frente dos escritórios olhei em volta, aturdida, como se as paisagens familiares estivessem desfocadas, ou eu própria.

– Senhora Union, é um prazer revê-la – cumprimentou-me o guarda à entrada. Atravessei o átrio de painéis de madeira escura, apanhei o elevador até ao quarto piso e saí para uma receção simples, com cadeiras confortáveis e uma carpete grossa. Levei o dedo aos lábios quando a rececionista, uma bonita estudante universitária, abriu a boca de espanto e depois sorriu.

– A Irene está à minha espera. – Não queria falar com os outros cinco advogados que formavam o grupo. Vinha numa missão simples e penosa.

A jovem informou Irene da minha presença pelo intercomunicador e ela veio esperar-me à porta do gabinete. Era uma mulher negra, baixa e roliça, com cabelo grisalho frisado preso na nuca. Vestia um fato de calças e casaco feito por medida, e usava sempre um lenço colorido ao pescoço, preso por um alfinete de ouro. Tudo nela transmitia estabilidade e sabedoria.

– Não gosto dessa cara – disse ela enquanto me mandava entrar. – Estava à espera de a ver com ar repousado, mas parece que vem da guerra.

– Tenho uma coisa para lhe comunicar. – Sentei-me em frente da secretária coberta de papéis e um computador, e ela franziu a testa enquanto se instalava na sua cadeira de cabedal. Fora uma das primeiras mulheres de uma minoria a ser nomeada juíza federal e, um ano depois de ser ter reformado do sistema judicial, fundara o Grupo Phoenix. Em jovem, no Alabama, marchara com o doutor King. Nos círculos jurídicos, a sua inteligência e justiça eram quase lendárias. Aquilo que eu

vinha comunicar-lhe era a coisa mais difícil que alguma vez imaginara ter de fazer neste trabalho. – Venho apresentar-lhe a minha demissão.

– Porquê?

– A versão resumida é que já não consigo ver-me como defensora da verdade, da justiça e dos valores americanos.

– Não foi você que falhou no caso do Frog Marvin. Não aceito a sua demissão. Terá de ser mais específica.

– Tenho deveres que me obrigam a regressar a casa.

Ela apoiou o queixo nas pontas dos dedos e lançou-me um olhar severo sob as sobrancelhas grisalhas.

– Está a acontecer-lhe algo muito destrutivo, e gostava de compreender o que é.

– É possível que tenha de tomar conta do negócio da minha avó na Carolina do Norte.

– Não é só isso.

– Mudou tudo. A minha vida pessoal está num caos.

Ela hesitou e, depois, afirmou calmamente: – Estou a par da sua relação com o Eli Wade.

Silêncio. Olhei para ela. O tiquetaque lento de um relógio antigo numa das estantes de madeira escura ecoou-me na cabeça. Fiquei desorientada.

– Presumo que foi o William que lhe contou.

– Sei tudo.

– Não estou satisfeita com a situação em que o William me colocou, mas não quero de forma alguma que isso prejudique a posição dele na fundação. Deixe-me tentar explicar a minha relação com o Eli Wade...

– Não é preciso – interrompeu ela. Levantou-se. – Venha comigo.

Segui-a por um corredor até uma pequena sala de reuniões. Ela abriu a porta e deu-me passagem. Assim que passei a ombreira, estaquei abruptamente, com o coração aos saltos. Eli levantou-se de uma cadeira na cabeceira da mesa de reuniões. As luzes do teto refletiam-se no seu cabelo. Vestia calças creme com uma camisa às riscas finas e suspensórios de pele. Apercebi-me vagamente de que Irene fechara a porta da sala, deixando-nos a sós.

– É evidente que não faço a mínima ideia do que se passa aqui – admiti, por fim.

– A culpa é minha. Senta-te e deixa-me explicar, por favor.

Sentei-me numa cadeira do outro lado da mesa e pousei as mãos abertas sobre a madeira escura e fresca. Eli ficou de pé e apoiou o braço nas costas de uma cadeira. Estava muito mais à vontade numa sala de reuniões do que eu teria imaginado.

– Pensei que nunca mais poderia regressar das ilhas – começou. – Mas a minha mãe e a Bell não gostavam de viver lá. A Bell já tinha conhecido o Alton Canetree e estavam apaixonados. Ele era um empreiteiro imobiliário do Tennessee e pedira-a em casamento; ambos queriam voltar para casa. – Fez uma pausa e suspirou. – O William e eu éramos sócios, como já te expliquei, numa operação de apostas desportivas *offshore* que nos tinha rendido uma fortuna. Comecei a jogar ainda adolescente, Darl. Era bom jogador. É tudo matemática: probabilidades e riscos calculados, estatísticas... Saímos de Burnt Stand com uma mão à frente e outra atrás, e eu estava disposto a ganhar dinheiro fosse como fosse. A notícia do meu «talento» começou a espalhar-se: aos dezoito anos, mentia sobre a idade para poder entrar em casinos e trabalhar com corretores de apostas, e tudo se desenvolveu a partir daí. Não estou a dizer que aquilo que fiz estava correto. Quero apenas que saibas como foi.

– Como é que te envolveste com isto? – perguntei com um gesto fraco, referindo-me ao Grupo Phoenix.

– O William também estava farto de ser apátrida. Nasceu na Jamaica, mas tem muita família nos Estados Unidos. – Eli fez uma pausa. – Incluindo a Irene. Que é avó dele.

Eu ainda tinha a mão no ar. Baixei-a devagar.

– Está bem.

– Entrei no país às escondidas e tentei decidir o que fazer. Ficar e arranjar um advogado... confessar, pagar, correr o risco de um ano ou dois na prisão? Ou trazer a minha mãe e a Bell e depois partir outra vez? Podia ver o mundo. Já tinha viajado bastante, a jogar póquer aqui e ali, a estudar melhor coisas que me interessavam, como sistemas informáticos e novas tecnologias. Pensei que podia fazer disso a minha vida. Voltei aos Estados Unidos para decidir. – Contornou a mesa,

pousando a mão nas costas das cadeiras ao passar, e parou antes de chegar junto de mim. – Havia uma coisa que eu sabia que tinha de fazer. *Tinha de voltar a ver-te.*

Soltei a respiração devagar.

– Porquê?

– Nessa altura, tinham passado quase vinte anos, mas todos os dias ao longo desse tempo pensei em ti. Calculava que não quererias ter nada a ver comigo, com a minha família ou com as memórias do passado. Se achavas que tinha sido o meu pai a matar a Clara, porque havias de me querer ver outra vez? Mas eu tinha de te ver, nem que fosse só uma vez. Localizei-te em Atlanta. Descobri que eras advogada... e uma excelente profissional, a avaliar pelas credenciais. Tinha de saber por que razão estavas tão interessada em defender pessoas pobres e miseráveis. Sempre te imaginara a fazer algo de bom, mas não isso.

»Fui ver-te trabalhar. Sentei-me numa sala de audiências, ao fundo, e esperei. – Fez uma pausa antes de continuar. – E depois tu entraste. Ali estavas tu. *Ali estavas tu.* A tua cliente era uma mulher negra franzina que tinha dado um tiro no ex-namorado. Se bem me lembro, a bala só lhe acertara de raspão. Ele espancava-a há anos. Ameaçava-lhe os filhos e não a deixava em paz. Ela tinha péssimo aspeto... uma pobre desfavorecida, feia, assustada. Mas tu levantaste-te e fizeste um discurso perante o júri que me deu vontade de aplaudir. Argumentaste que a dignidade de uma pessoa em más circunstâncias é merecedora de compaixão. Que só podemos julgar com misericórdia e bom senso. Os jurados olhavam para ti como se fosses um padre a fazer o melhor sermão da sua vida. E a mulher, a tua cliente, fitava-te com ar absolutamente deslumbrado. – Mordeu o lábio inferior. – *E venceste.* Venceste o caso dela. E eu, ali sentado, apaixonei-me outra vez por ti e soube que tinha de resolver a minha vida da maneira correta... tinha de estar à altura dos teus padrões.

Inclinei a cabeça. As palavras dele magoavam-me mais do que poderia imaginar. Ele não tinha nada de que se envergonhar. A culpa era toda minha.

– Percebeste mal – murmurei.

– Fui falar com a Irene. Uma vez que ela era juíza, pode dizer-se que me entreguei nas mãos da justiça. Disse-lhe para fazer o que quisesse comigo. Prometi-lhe que não envolveria o William, que assumiria sozinho as culpas dos empreendimentos ilegais. Ela andava há muito tempo a tentar persuadir o neto a deixar o mundo do jogo. Perguntou-me por que motivo estava a arriscar tanto para regressar aos Estados Unidos... o que fazia com que esse risco valesse a pena. E eu falei-lhe sobre ti. Ela ouviu-me até ao fim e, quando acabei, respondeu-me: «Não vou deixar que sejas preso. Traz o William para casa e arranjam os meios de resolver a situação. E depois quero que me apresentes essa jovem extraordinária. Essa Darl Union.»

»Disse-lhe que não era possível. Não queria estragar-te a vida. – Após uma pausa, uma expressão contrariada passou-lhe pelo rosto. – Não, na verdade não queria fitar-te nos olhos e ver aquilo que temia ver quando olhasses para mim.

– Eli, nunca devia ter olhado para ti daquela maneira...

– Queria ajudar-te e fazer parte do tipo de trabalho que estavas a fazer. Tive uma ideia, que apresentei à Irene. Ela estava prestes a aposentar-se do cargo de juíza. Talvez estivesse interessada em usar o meu dinheiro para fundar um serviço de apoio jurídico gratuito para quem precisasse? – Hesitou e estudou-me o rosto, como se quisesse ter a certeza de que eu não ia desaparecer assim que acabasse de falar. – Ela aceitou. Tratámos de tudo. Depois, ela entrou em contacto contigo e ofereceu-te um emprego. – Levantou as mãos, com as palmas para cima, como se estivesse a entregar-se a mim. – Foi assim que regressei à legalidade. E é por isso que tu e eu estamos nesta sala hoje.

– O Grupo Phoenix foi inteiramente financiado por ti?

Ele assentiu com um aceno.

– Sim. Tenho muito dinheiro – confessou.

Fiquei em silêncio e dei por mim a estudar um pormenor no grão da madeira da mesa da sala de reuniões, à procura de algo em que me concentrar. Ele fitou-me, inseguro.

– Não o fiz para te espiar nem para controlar a tua vida. Estou a pedir o teu perdão.

O meu perdão. Senti um nó na garganta. *Conta-lhe. Conta-lhe tudo. Leva-o para Burnt Stand e mostra-lhe os ossos de Clara no jardim.*

Mas assim perdê-lo-ia para sempre. Eu precisava de mais tempo.

- Vem comigo - pedi-lhe.

Conta-lhe. Conta-lhe o que aconteceu com a Clara. Confia que ele te perdoará. Era de tarde e estávamos no meu apartamento. Entrei no quarto e abri as cortinas da janela, do outro lado da qual um velho carvalho nos garantia privacidade. Eli seguiu-me. Olhámos para a cama e, depois, um para o outro.

- Há tanta coisa que tu não sabes - comecei.

- Chiu. - Abriu-me o casaco, desabotoou os primeiros botões da minha camisa e pousou a mão aberta na pele quente do meu peito, com um dedo encostado à base da minha garganta, os outros a roçar no início do seio. - Sou um homem simples - disse, apesar de eu saber que não o era. - Vamos para a cama agora, e falamos mais tarde.

Não, não falamos.

- Eli...

Levou um dedo aos meus lábios.

- És a única pessoa que sempre me compreendeu. É tal e qual como quando éramos crianças, só que ainda melhor. Não penses. Não fales. E eu farei o mesmo, por enquanto. - Cedi, impotente para resistir. Eli levantou-me do chão, com as mãos nas minhas ancas. Beijou-me a parte de cima dos seios e eu inclinei a cabeça para a dele. Levou-me para a cama e fingimos que nada mais importava.

Mais tarde, nus nos braços um do outro, saciados e tranquilos, ele perguntou: - Ainda tencionas deixar o Grupo Phoenix?

Agora era uma questão de honra. Quando a altura chegasse e eu lhe mostrasse o jardim, ficaria livre de mim em todos os sentidos.

- Sim - respondi baixinho.

- Porque não queres estar associada a mim?

- Não, não é por isso.

- Não acredito. É o único motivo que faz sentido.

- Depois do que acabámos de partilhar, achas mesmo que eu penso assim?

- Não sei, Darl. Porque não me dizes a verdade? - O meu silêncio criou um espaço entre nós, e sentámo-nos na cama. - Nesse caso, vou-me embora - concluiu ele, sem qualquer alegria.

Assenti com a cabeça.

- Eu compreendo. - Não dissemos mais nada. Ele vestiu-se e saiu, enquanto eu me enrolava num lençol. Sentia-me nua e feia.

Não conseguira forçar-me a confessar.

Karen e eu tomámos o pequeno-almoço na sala. Ela vestia uma camisa de noite e um roupão de seda vermelha. Eu tinha desencantado um roupão rosa-claro que pertencera à minha mãe. Contara a Karen tudo sobre a minha viagem a Washington, e o que descobrira sobre Eli e o Grupo Phoenix. Tínhamos passado a noite a conversar e agora parecíamos rosas cansadas depois de uma longa chuvada.

- Depois de descobrir os segredos da nossa família - murmurou Karen -, mal podia esperar para sair daqui. Queria ir para onde ninguém me conhecesse. - Hesitou. - Mas, quanto mais sozinha me sentia, mais zangada ficava. Não queria sentir a falta de ninguém, de nenhum sítio relacionado com a mentira. Nem da avó, nem de ti, nem da casa. Mas sentia. - Baixou a cabeça. - Agora parece tudo um desperdício de energia. O passado nunca nos deixou. Tal como aconteceu contigo e com o Eli.

- Não. Para poderes regressar e fazer as pazes com o passado, tinhas primeiro de te afastar.

- É isso que estás a tentar fazer?

- Neste momento, não sei o que estou a tentar fazer.

- O que achas que o Eli vai descobrir ali? - Indicou com a cabeça o bosque para lá da piscina e dos jardins. - Sabes, receio que ele descubra apenas alguma prova de que o pai era de facto um assassino.

Olhei para a caneca de café preto nas minhas mãos.

- O pai dele era inocente. Não tenho qualquer dúvida.

- Nesse caso, quem a matou? Quem teria motivos para assassinar a Clara?

- Muitas pessoas. Ela era perversa.

- Perversa? Isso parece conversa bíblica. Medieval. Não de uma advogada. Com certeza que não queres mesmo dizer...

- *Perversa*. - Ergui os olhos para os dela. - Talvez tudo por aqui tenha sido construído com base nos valores errados, e a Clara fosse apenas a ponta do icebergue Hardigree.

Karen abanou a cabeça, incrédula com aquelas palavras.

- A Swan e a avó não merecem, nesta altura das suas vidas, voltarem a estar envolvidas em memórias desagradáveis. Não fizeram nada de mal. Não quero acusar o Eli e a família dele de terem provocado a doença delas, mas é evidente que o *stress* não ajuda nada.

Lancei-lhe um olhar firme.

- Achas que ele lhes deve mais consideração a elas do que à sua própria família? À reputação do pai? O Eli é um bom homem. Não está a tentar prejudicar ninguém.

- Já decidiste que o amas outra vez - declarou ela baixinho. - Percebo-o em cada uma das palavras que dizes sobre ele. - Fechou as mãos sobre o copo de leite, como se o líquido representasse a pureza da paixão.

Após um momento, assenti com a cabeça.

- Sei que parece impossível e irrefletido, mas é a verdade.

- Não, parece coisa *tua*. De como eras antigamente. Aquela menina de coração aberto com quem cresci.

- Mudei assim tanto?

- Oh, Darl, mudaste *completamente* depois de a Clara desaparecer e de o pai do Eli ser morto. Deixaste de reparar em mim e fechaste-te no teu pequeno mundo. Partiste-me o coração. - Fez uma pausa. - Eu também mudei, admito. Enchi-me de vergonha por fazer parte da história desta cidade. Sentia-me totalmente sozinha no mundo e, portanto, decidi não precisar de ninguém. Nem de ti, nem da minha avó, de ninguém. Mas a verdade é que... Céus! Adoro este lugar. Esta casa, esta cidade. Não é doentio?

- Não. Eu compreendo. A minha família construiu esta cidade. A tua família construiu esta cidade. E a família do Eli. Hardigree e Wade. - O café ardia-me na garganta como ácido. Levantei-me, aproximei-me de uma das portadas e abri-a, respirando fundo. - E se nos vestíssemos e passássemos pelo restaurante novo da praça antes de irmos ao hospital? Têm *bagels* e queijo-creme na ementa de pequeno-almoço. Imagina, em Burnt Stand! Já somos quase cosmopolitas... - Um ribombar longínquo chegou-me aos ouvidos e cortou-me a palavra. Franzi a testa e saí para o pátio da piscina. Ali estava outra vez. Equipamento pesado, para lá do bosque. Escavadoras a esventrar a terra.

Eli.



Quando Karen e eu nos vestimos e atravessámos as colinas e vales, já Eli tinha limpado os terrenos em volta da Vivenda de Pedra. Estava sentado na cabina de uma escavadora cor de laranja, a manobrá-la com perícia - mais um dos seus talentos. Leon manobrava uma segunda máquina. Uma dúzia de homens, que reconheci como sendo trabalhadores da pedreira, remexiam na terra e nos destroços com as mãos enluvadas. À procura. Perto deles, Bell estava debruçada sobre uma pá cheia de terra, a examiná-la como se fosse arqueóloga. Continuava delicada como sempre, com calças de ganga e uma *t-shirt* verde vivo, o cabelo castanho e macio preso numa trança juvenil, a bebé aninhada contra os seus seios num pano colorido. Annie Gwen estava sentada numa cadeira, com um chapéu de palha de aba larga a proteger-lhe o rosto, e uma Bíblia aberta no colo das jardineiras de ganga.

- O que esperam eles encontrar? - perguntou Karen entre dentes. - Darl, isto é triste.

A futilidade da missão de Eli feriu-me e pregou-me ao chão. Quando ele nos viu, parou a escavadora e desceu. Leon aproximou tanto a máquina de nós que uma nuvem de pó se ergueu à volta dos nossos pés. Os canteiros que tinham vindo ajudar também pararam de trabalhar. Bell e Annie Gwen ergueram os olhos. Naquele teatro comovente, entre os cheiros de madeira partida e terra, nós as duas tornámo-nos o centro das atenções. Eli aproximou-se. O seu olhar virou-se para Karen por um instante e, depois, de volta a mim.

- Obrigada por teres mandado o William à procura dela - agradecei.

- De nada.

- Obrigada, Eli - ecoou Karen. O momento embaraçoso prolongou-se. Karen e Eli tinham o mesmo avô: a mulher de pele dourada e cabelo escuro e o homem rude eram primos.

- Karen? - A voz de Bell, baixa e trémula, a chamar-me. Estava agora ao pé de nós. Annie Gwen

juntou-se-lhe. Bell tirou o gorro de croché da cabeça da bebé. – Esta é a mais recente prima Wade. Está muito contente por te conhecer.

– Muito contente – repetiu Annie Gwen em voz suave.

Karen começou a chorar lágrimas silenciosas que lhe deslizavam pelas faces. Do topo da enorme escavadora, Leon estendeu a mão a Karen.

– Queres ver o mundo aqui de cima comigo? – Como que hipnotizada, ela pegou-lhe na mão, subiu e deixou-me sozinha. De súbito, senti-me muito só. Eli olhou para mim.

– O convite é também para ti. – E estendeu-me a mão.

Por favor, não me faças isto. Se pudesse, dir-te-ia onde deves rasgar a terra. Se a única envolvida fosse eu, faria tudo o que quisesses. Abanei a cabeça.

– Não posso, Eli. – Ele ficou onde estava, com expressão determinada, a mão erguida para mim.

– Não «queres», diz antes assim – retorquiu.

– Eli, não tornes as coisas ainda mais difíceis para ela – pediu Bell. Olhei para ela e para Annie Gwen.

– Sei que pareço insensível – argumentei. – Não sou. Simplesmente, fui apanhada entre a vossa vontade e a da minha avó. Lamento muito que tudo isto esteja a acontecer.

Annie Gwen respondeu-me com voz calma: – Sabemos que não estás contra nós. – Estendeu-me a mão e eu devolvi o gesto. Toquei ao de leve no ombro de Bell, depois, na cabeça da filha dela, e por fim nos dedos esticados de Annie Gwen, a pedir-lhes a bênção, ansiosa para que me perdoassem os pecados que não sabiam que eu tinha cometido.

– Era bom que fosse assim tão simples – concluí.

Voltei a entrar no bosque sem outro olhar para Eli. Foi preciso recorrer a toda a minha força de vontade.



O Bar do Neddler ainda funcionava na montanha, apesar de o velho Neddler ter morrido há muito. O novo proprietário dera-lhe o nome de Poço da Pedreira. Os canteiros que o frequentavam chamavam-lhe agora apenas o Poço. Nessa noite, Eli entrou e parou no meio da sala, rodeado por homens empoeirados com canecas de cerveja e tacos de bilhar suspensos no ar, a olharem de boca aberta para o cheque que ele tinha na mão.

– Cinquenta mil dólares – anunciou Eli bem alto – para qualquer homem, mulher ou criança que me dê alguma informação que leve à verdade. É a minha oferta.

Ninguém abriu a boca.

Eli deu meia-volta e saiu.



– O Eli contratou uma dúzia de mergulhadores para dragarem o lago Briscoe – contou-me Leon quando entrou no gabinete de Swan na pedreira. Eu estava debruçada sobre a magnífica secretária a estudar as folhas de receitas e despesas. Leon insistira para que eu inspecionasse a contabilidade da companhia.

Recostei-me na cadeira.

– Oh, Leon...

– Ele tem de dar a volta a tudo. Está à procura de uma agulha num palheiro, mas diz que tem de ser assim. E mandou vir equipamento de alta-tecnologia: sonares, câmaras subaquáticas, esse tipo de coisas. Tem uma equipa montada. Aquele amigo dele, o jamaicano, está lá em cima a organizar a operação.

Leon saiu do gabinete. Apoiei a cabeça nas mãos. Eli andava à procura de pistas que não existiam. As respostas estavam enterradas no solo, não na água. E em mim.

Capítulo 18

Assim se passou uma semana na floresta, a matar árvores, a escalar as encostas, a empurrar o nada. À noite, Eli sonhava encontrar esferas de luz, desenterrar pedras falantes. Dava voltas e mais voltas na cama, a tentar calcular as infundáveis toneladas de terra vazia – peso, volume, os grãos de granito e mica, o universo invisível de pó de mármore, os sistemas solares infinitos que giravam à sua volta. A verdade era uma ínfima partícula de ouro. Desgostos sem rosto faziam-no regressar ao Tennessee. *Vai ver a campa do teu pai. É aí que encontrarás o assassino.*

Durante o dia, engolia pó até se engasgar na cabina da escavadora. Sentia o sabor na boca durante o sono, lavava-o do corpo à noite, e deitava-se, nu, mas não limpo, na bela cama que o orgulho lhe comprara, sozinho, infeliz, a pensar em Darl.

Os pensamentos sobre Darl envolviam-no todos os dias, penosos e calorosos, ternos, orgulhosos, desesperados. Ela estava do outro lado de uma floresta que parecia encolher centímetro a centímetro, transformando-se em pilhas de troncos que ele vendia a madeireiros porque não suportava a ideia de os desperdiçar.

Nada era apenas peso, comprimento e preços. Já nada podia ser reduzido a meros números. Dentro de poucas semanas, a floresta deixaria de existir. À volta do Jardim das Flores de Pedra, admitia por enquanto uma cintura de árvores; porém, se continuasse a não encontrar nada, até o jardim teria de desaparecer.

A mãe lia e relia com fervor a documentação que Darl lhe enviara sobre a Fundação Stand Tall. Uma noite, veio ter com Eli enquanto este lavava a terra das mãos no lava-loiça da bonita cozinha da Casa Larga, e o seu olhar esperançoso encheu-o de infelicidade. A mãe ergueu o *dossier* muito folheado sobre o projeto.

– Aconteça o que acontecer em consequência da nossa presença aqui – anunciou ela a Eli, apertando as folhas de papel contra o peito –, esta é uma boa obra na qual estava destinado que participássemos.

Ele acenou que sim, para lhe agradar.

– Vou marcar uma reunião com a Swan – disse.



A cama de hospital de Swan estava vazia.

– Onde é que ela está? – perguntei, como se a minha avó conseguisse ficar invisível à sua vontade. O sol da tarde entrava pela janela do quarto. Karen estava sentada ao lado da cama de Matilda, com um ar um pouco culpado. Matilda, cada vez mais macilenta, ergueu a mão e apontou para a janela, fazendo baloiçar o tubo intravenoso.

– Insistiu para que a levassem lá para fora.

– Lá para fora?

– Para um jardim mais reservado do outro lado do edifício. Pede às senhoras na receção que te expliquem onde é. Chamam-lhe o jardim da capela.

– Eu estarei aqui quando voltares – garantiu Karen. – Prometi à avó que ficávamos durante o jantar, está bem? – Fiz que sim com a cabeça e vi Karen e Matilda darem as mãos. Karen estava decidida a explicar a sua vida e o seu regresso a casa sem perturbar Matilda, embora ainda não estivesse preparada para anunciar a gravidez. Já lhe contara que tinha estado com Leon e com os Wades. Em troca, Matilda fizera relatos elogiosos da ascensão de Leon ao estatuto de executivo nos Mármore Hardigree. Contou também a Karen que a mulher dele tinha morrido, que estava a criar sozinho os dois filhos e que construía uma bonita casa de mármore para a família na velha quinta dos Forrest. Não havia dúvidas de que estava a querer juntá-los.

Desci com alguma relutância até ao átrio. Falar com Swan deixava-me sempre consciente do meu lugar no seu universo, onde a carga emocional de a amar e de a odiar me tornava demasiado pesada para fugir à força da gravidade dela. As senhoras das informações indicaram-me um pequeno recanto entre o edifício principal do hospital e os serviços administrativos. Do outro lado de uma porta envidraçada, o pequeno jardim estava protegido por muros altos cobertos de jasmim. Uma mulher de ar pacato, com a bata azul de uma auxiliar de enfermagem, aguardava junto à porta. Reconheceu-me e lançou-me um olhar contrito.

– Não posso deixar entrar ninguém. A sua avó pediu para estar sozinha.

– Eu assumo a responsabilidade por invadir a sua privacidade. Não se preocupe. Obrigada. –

Quando estendi a mão para a porta, a mulher continuou: – Ela comprou computadores para a nova escola primária, o ano passado. E o meu filho venceu um concurso patrocinado pelos Mármore Hardigree: agora tem um computador portátil só dele. É muito boa pessoa, a sua avó. Tornou esta cidade num paraíso neste mundo de Deus.

Está é a pagar os velhos pecados com boas ações.

– Espero que Deus goste de mármore rosa. – A mulher riu-se. Saí do hospital e entrei no jardim por uma abertura nos muros verdes e rosa. No centro, uma pequena fonte borbilhava. Ao contrário do jardim de meditação, este tinha uma atmosfera mais austera, asiática. Aos cantos, áceres em miniatura forneciam sombra. Em canteiros de pedra nasciam tufo delicados de plantas ornamentais. A minha avó estava sentada na cadeira de rodas em frente da fonte. Tinha um tanque de oxigénio preso às costas da cadeira e, ao seu lado, um suporte intravenoso com rodas. Tinha a cabeça baixa e as mãos unidas, encostadas aos lábios. O cabelo branco reluzia sob os raios de sol. As mangas fluidas do roupão de seda branca ondulavam à brisa outonal.

Parei, e a estupefação gelou-me a pele. Swan, a rezar?

Ela pressentiu a minha presença e ergueu bruscamente a cabeça. Quando me aproximei, a expressão severa suavizou-se o suficiente para me indicar que ela estava aliviada. Depois, o brilho sardónico regressou-lhe aos olhos.

– Todos temos os nossos jardins – observou. – Todos vamos para onde as memórias nos levam.

– Alguns jardins são mais agradáveis do que outros. – Sentei-me num banco de mármore, mais deprimida do que zangada. Aqui, Swan não era Deus, apenas uma mulher velha que ia perdendo todos os seus amigos e companheiros mais chegados. Carl McCarl morrera anos antes. O barão do mármore italiano, também. – Está preocupada com a Matilda?

– Talvez. Achas assim tão inacreditável que eu reze quando estou angustiada? A minha devoção parece-te obscena? Hipócrita? – Sorriu como um gato.

– Quando era pequena, costumava observá-la quando íamos à igreja. Quando a avó rezava, nunca fechava os olhos.

– É verdade. Nunca acreditei que Deus exigisse uma fé cega. O que ele espera é senso comum.

– Eu pensava que a avó estava apenas decidida a fitá-lo nos olhos se ele decidisse aparecer no seu santuário. – Imitei-a em tom seco. – «Deus, construi esta igreja para ti. Espero bem que oiças as minhas orações e destruas os meus inimigos.» – Fiz uma pausa e olhei para ela. – E eu imaginava Deus a arrastar os pés e a abanar a cabeça como se fosse um dos canteiros no seu gabinete, com o chapéu nas mãos, a responder: «Sim, senhora, menina Swan. Como desejar, menina Swan. Vou tratar imediatamente de ouvir orações e fulminar inimigos, menina Swan.»

– Calculo que não tenhas vindo aqui para debater as minhas virtudes espirituais. – Swan afastou o meu sarcasmo, e talvez mesmo Deus, com um aceno desdenhoso.

– Vim porque os seus segredos estão a fazer mal a todas as pessoas que a rodeiam. – Falei-lhe sobre as escavadoras junto à Vivenda de Pedra. O rosto dela permaneceu impassível, mas o peito ergueu-se num suspiro.

– Da terra nascem grandes ideias e grandes feitos – considerou ela. – A mais bela pedra sai da lama mais repugnante. Podes odiar o processo, mas tens de apreciar dos resultados.

– Em suma, o fim justifica os meios?

– Exato.

– Está enganada.

– Ah, estou? Olha para todo o bem que a minha vida perversa causou. – Sorriu com tristeza. – Uma bonita cidade, empregos seguros para centenas de cidadãos, e a quantidade de doações generosas que fiz ao longo dos anos. Graças a mim... graças ao sucesso e à reputação da família Hardigree... a vida é boa aqui na nossa pequena e especial parte do mundo. Quando o lar para as crianças abrir, será um refúgio e um recomeço para almas torturadas de toda a Carolina do Norte. Portanto, não vamos reclamar e protestar por causa das decisões tristes, e de um ou outro arrependimento que nos trouxeram até aqui.

– Essas decisões e arrependimentos arruinaram a família do Eli.

– Arruinaram? *Arruinaram?* Por aquilo que vi, as dificuldades que os Wades passaram só o incentivaram a procurar a fortuna... e não foi muito seletivo quanto aos métodos. Uma criatura prática, como eu, não vê? E agora é rico. Faz as vontades todas à mãe e à irmã, e pode fazer o que

lhe apetecer. Se não tivesse sido vítima de uma tragédia, talvez fosse apenas remediado, um homem vulgar, não achas? Eu, sim.

- Então, quer assumir o crédito por aquilo em que ele se tornou?

- Não, mas também não assumo a culpa por aquilo em que não se tornou.

- Duvido que ele veja as coisas dessa forma.

- Também duvido que vejas aquilo em que *tu* te tornaste graças a mim.

- Pare com isso. Nem sequer lhe vou responder.

- Faz-me só um favor: não canceles a reunião da direção da Stand Tall. Representa-me e à nossa família. Cria algo maravilhoso.

- Já lhe prometi que trato disso.

- Em troca, farei algo por ti. Se queres o Eli Wade, eu posso dar-to. - Pegou no relógio de platina que tinha num fio fino e comprido ao pescoço, um presente do barão italiano, muitos anos antes. - Ele deve estar a chegar. Pediu para falar comigo. Sempre foi um rapazinho pontual. Vamos ver se isso ainda se mantém.

Não tive tempo de reagir, de fazer perguntas, apenas de olhar para ela, desconfiada. Eli abriu a porta de vidro do edifício principal e passou pelo muro do jardim.

- Ah! - exclamou Swan, e sorriu-me. Os olhos de Eli encontraram os meus com surpresa. Tinha as calças de ganga e a camisa de xadrez manchadas de barro. Lavara a cara e os braços, mas o cabelo escuro estava coberto por uma fina camada de poeira. Atravessou o pequeno jardim e olhou para Swan. Era a primeira vez que se confrontavam desde o regresso dele. Baixou os olhos para ela com os lábios apertados e inclinou a cabeça numa vénia galante.

- Menina Swan - cumprimentou.

Olhou para mim e apontou para o banco, mas eu abanei a cabeça. Ele sentou-se e eu continuei de pé.

Swan pigarreou.

- Bem, tenho de confessar uma coisa. O que você veio fazer à minha cidade repugna-me. Acho que é ridículo e humilhante para todos. Desprezo as táticas que a sua irmã utilizou para adquirir os terrenos, mas culpo-me a mim própria por ter sido ingénua ao ponto de permitir que tal acontecesse.

- Não há dúvida de que sabe como adular uma pessoa.

- Contudo, peço desculpa por qualquer erro de orgulho que tenha cometido no passado. Se disse ou fiz alguma coisa que possa ter contribuído para a morte do seu pai, assumo toda a responsabilidade. - Eu só consegui olhar para ela, atónita e desconfiada. Eli franziu a testa, mas inclinou-se para a frente, ouvindo-a com toda a atenção.

Swan prosseguiu: - Por mim, preferia nunca mais mencionar o nome da minha irmã Clara, e considero a sua morte um evento trágico que já não tem qualquer importância. Como quer que ela tenha morrido... e quem quer que a tenha matado... não há dúvida de que está morta. Nada pode mudar esse facto. Porém, se sente necessidade de provar que não foi o seu pai que a matou, tem a minha bênção.

- Vim falar consigo apenas por um motivo: para a informar de que quero um lugar para mim e para a minha mãe na direção da Stand Tall.

Gemi em silêncio. Swan nem pestanejou.

- Tencionava convidar-vos a ambos.

Quase me engasguei. Que mentirosa. Olhei para Eli.

- Ela está a subornar-te.

- Sim? - Eli olhou calmamente para Swan. - O que pretende em troca?

- Nada - garantiu Swan. - Quero apenas que a cidade inteira saiba que Swan Hardigree Samples recebe a família Wade de braços abertos. Vai recusar a minha oferta? E porque o faria?

Ele levantou-se.

- A minha luta não é consigo. É com a pessoa que matou a sua irmã e deixou que o meu pai morresse por isso.

- Com toda a razão.

- O que é que você e o nome da sua família ganharão com tudo isto?

- Uma conclusão, talvez. - Fitou-me de soslaio. - Uma reconciliação com a minha neta. Se eu o

envolver na Stand Tall, estou certa de que ela também participará de boa vontade.

- Nesse caso, aceito a sua oferta. - Tão simples como isso. Eli olhou para mim com uma expressão triste, mas determinada. Despediu-se de Swan com uma inclinação de cabeça e saiu do jardim.

Fiquei a vê-lo afastar-se e, assim que fiquei sozinha com Swan, lancei-lhe um olhar furioso, que ela devolveu com os olhos azuis impassíveis.

- Tentarei sempre dar-te aquilo que é bom para ti.

- Está a tentar comprar a amizade dele.

- E com sucesso.

- Diga-me, alguma vez amou um homem ao ponto de ser honesta com ele? Ao ponto de se sacrificar por ele? - Ela não respondeu. Contornei-a, como se estivesse a interrogar um criminoso. - Amou o barão italiano?

- Gostava muito dele. Tenho muitas saudades.

- Foi para a cama com ele? - O meu tom era cortante.

- Claro que sim.

- Nunca pensou em casar com ele?

- Não.

Inclinei-me abruptamente à frente dela, com as mãos nos braços da cadeira de rodas.

- Porquê? Achava que tudo o que ele de facto queria era os Mármore Hardigree?

- Minha querida, ele queria-me a *mim*. Adorava-me. Era maravilhoso para mim. Quando eu ainda era jovem e bela, ter-me-ia levado para a Europa, se eu quisesse, onde eu teria levado a vida de uma *contessa*.

Ergui a voz.

- Ele era rico, de boas famílias, era perfeito para si e amava-a. Casar com ele seria o derradeiro degrau na sua ascensão social. E «gostava» dele. Então, porque é que não casaram? Explique-me porque manipula todas as pessoas que gostam de si e rejeita o amor delas. E porque é que recusou até o de um homem de quem admitiu gostar.

Ela fitou-me calmamente.

- Porque tu eras o centro da minha vida, e ele detestava crianças. Queria ficar comigo, mas não *contigo*.

Nessa noite, saí para o terraço com um copo alto de *bourbon* na mão, sob os raios do sol poente, já bastante embriagada e a cambalear, e fiquei a ouvir as escavadoras de Eli. Estavam a oitocentos metros, do outro lado de colinas e vales; porém, quando o vento soprava na direção certa, pareciam estar logo atrás das primeiras árvores do bosque sombrio. Olhei para a superfície enganadoramente inocente do lago dos peixes, dez metros mais abaixo. Como fora fácil, no meio daquela confusão toda, Clara cair. Como era fácil para qualquer um de nós, a queda. Karen viu-me da janela e correu para mim.

- Perdeste o juízo? - perguntou, puxando-me para trás.

- A alma - corrigi.

- O que aconteceu hoje entre ti e a tua avó? Queres parar de beber e contar-me?

Fitei-a sem esperança.

- Ela fez-me odiá-la. Fez-me amá-la. Comprou a lealdade do Eli. E manteve a minha.

Capítulo 19

Teias de pedra fechavam-se sobre nós. Eu sentia-as nos meus sonhos. Segredos e mentiras, antigas vergonhas, velhos amores. Tudo ali, com rosto e sem ele. Karen também o sentia – a nossa herança comum, a nossa relação confusa num mundo moderno onde tudo devia ser tão fácil, tão igualitário. Uma tarde, Leon apareceu no Solar de Mármore com os filhos, duas crianças educadas e bem-comportadas que se derreteram, deslumbradas, quando Karen lhes apertou a mão.

– *Cassandra* – chamou-lhe a menina. – O papá deixa-me ver o seu programa, menos quando beija o Jeremy. É tão bonita. Quero ser igual a si quando crescer. – Tocou na pele castanho-clara de Karen e no seu cabelo cor de chocolate.

– Não, eu é que quero ser como tu – respondeu Karen, com um sorriso, acariciando as tranças negras e grossas da menina e a sua pele mais escura. – Porque és a menina mais bonita que já vi.

A menina abriu um sorriso radiante. E o rapaz, com alguma timidez, acrescentou: – Quando for mais velho, gostava de lhe dar um beijinho na cara.

– Bom, para já, posso dar-te eu um beijinho?

Ele arregalou os olhos escuros e virou-os para o pai, que respondeu: – Se fosse a ti, não perdia esta oportunidade, filho. – Assim, o menino ficou imóvel como uma estátua enquanto Karen lhe beijava ao de leve a face.

As crianças sorriram, felizes. Karen olhou para elas como se conseguisse saborear a doçura da sua inocência, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Com licença, volto já – disse com voz embargada, e saiu depressa da sala. Lancei um olhar preocupado a Leon, pedi à empregada para trazer gelado e fui ver o que se passava.

Encontrei Karen na lavandaria ao lado da cozinha, a chorar, com o rosto escondido no tecido macio de uma toalha de mesa com monograma.

– No outro dia o Leon convidou-me para jantar – explicou. – Eu recusei. Mas agora trouxe os filhos para me conhecerem. Sabes o que isto significa.

– Que ele é um cavalheiro e está doido por ti.

– Mas que não sabe que estou grávida.

Suspirei e sentei-me no grande baú de carvalho onde Swan guardava os talheres de prata. O monograma no cabo dos talheres pesados era um H de Hardigree, não um S de Samples. Algo que eu sempre achara muito revelador.

– És uma Noland – lembrei a Karen. – O teu pai era Marine e um herói de guerra. E és uma Wade. O teu avô era o melhor canteiro do Sul. Estou convencida de que ele foi um bom homem, apanhado numa má situação. És uma Dove. A tua avó sobreviveu a preconceitos e injustiças sem fim ao longo da vida, sem nunca perder a dignidade. – Fiz uma pausa. – E és também uma Hardigree. Isso significa... – Ela fitou-me como se esperasse o pior. – Significa que não podes continuar a esconder isto de mim. – Ergui a mão e puxei o colar que ela tinha por baixo da camisola azul, com o pendente Hardigree.

Karen soltou um suspiro trémulo.

– Foi a minha avó que mo deu quando eu era adolescente. Sempre me recusei a usá-lo. Até agora.

– És uma Hardigree – repeti. – Isso significa que tu e eu estaremos sempre aqui para nos apoiarmos uma à outra, porque essa é a melhor tradição desta família.

Ela pegou-me na mão.

– Estás a sugerir-me que conte a verdade ao Leon e assumo aquilo que me trouxe até cá?

– Deves fazer o que achares melhor – respondi, com um sorriso cansado. – Mas nunca te esqueças de quem és, nem de que tens uma família que se orgulha de ti, aconteça o que acontecer.

Karen respirou fundo.

– Conto-lhe em privado, quando os filhos dele não estiverem. Estou disposta a correr o risco.

Quando íamos a sair, ela deteve-me.

– E tu, sentes orgulho por seres uma Hardigree?

Nunca ninguém me fizera essa pergunta, que acertou em cheio num turbilhão confuso de emoções contraditórias. Não conseguia separar a vergonha do sucesso, o amor do arrependimento.

– Ainda não provei ser forte o bastante para sobreviver a esse nome – retorqui.



– Não devias estar do lado de fora quando a cerveja está lá dentro – ironizou Leon ao aproximar-

se de Eli, que se encontrava no exterior da porta de aço enferrujado do Poço da Pedreira.

- Já lá estive dentro. Vim ver se alguém tinha alguma informação, mas não. Não sei se quero voltar a entrar. Este sítio traz-me más recordações.

- Os homens não estão a esconder-te nada. Só que não têm nada para te contar.

- Há dias que os mergulhadores andam lá em cima no lago. Sem encontrar nada. - Eli abriu as mãos. - Nada no lago, nada nas terras, nada nas pessoas. Nada de nada. A minha irmã todas as noites se farta de chorar ao telefone com o marido, e a minha mãe está infelicíssima.

- Anda, vamos entrar. Não podes dar a um sítio tanto poder sobre ti.

Eli mordeu o lábio. *Tarde de mais*, pensou. Mas entrou com Leon e sentou-se ao balcão.

- Os miúdos conheceram a Karen - contou-lhe Leon. - Pensam que ela é uma princesa de contos de fadas. Ficaram a olhar para ela de boca aberta. Conquistou-os assim. - Estalou os dedos. - Estiveram a falar com ela duas horas.

- Ainda bem, para ti e para ela.

- Convidei-a para vir jantar à quinta comigo, com os miúdos e com o meu pai. E ela aceitou. Depois disse-lhe: «É um lugar bom para criar filhos. Muito diferente da cidade.» Não se pode dizer que tenha sido muito subtil.

- O que é que ela te respondeu?

- Que eu tinha razão e que queria que os filhos dela crescessem com bosques para passear. Portanto, ela quer ter filhos. Era o que estava a dizer-me, percebes? Então, respondi: «Bem, *eu* tenho bosques.» E ela olhou para mim com aqueles olhos capazes de aquecer um homem por dentro e acrescentou: «Um destes dias vou jantar contigo e ver esse bosque.» - Leon soltou uma risada rouca.

Eli abriu o tubo prateado, tirou um belo charuto *Macanudo* e deu-o a Leon.

- Toma, festeja.

- Que é que achas? Tenho alguma hipótese? Um tipo do campo que subiu na vida a pulso, com uma cicatriz destas na cara? - Leon abanou a cabeça e enfiou o charuto entre os dentes. - Alguma parte disto faz sentido para ti?

Eli acenou afirmativamente. A solidão colou-se-lhe à pele como poeira de mármore.

- Às vezes, sabemos que determinada mulher é a pessoa certa, e ela sabe que nós somos o homem certo. Essa é a parte fácil. - Esvaziou a segunda cerveja e mandou vir mais uma rodada. - O resto é que nos parte o coração.



A primeira reunião oficial da direção da Fundação Stand Tall teve lugar no Solar de Mármore, comigo à frente dos trabalhos e as outras pessoas a sussurrarem que eu ia ser eleita sua presidente. Não queria o cargo, mas o emaranhado na minha mente começara a apertar-se de formas estranhas. Se assumisse o controlo, podia proteger Eli e a família dele das manobras de Swan. Ela estava a puxá-los para si, à espera do momento certo para atacar, como era seu costume.

Karen e eu conduzimos uma dúzia de pessoas proeminentes da Carolina do Norte, tanto a nível social como espiritual e político, para a biblioteca, onde uma empresa de *catering* afastara as mobílias e montara uma mesa comprida com toalhas de linho branco. Em frente de cada cadeira havia blocos de notas e pastas de documentação. Num cavalete, ao canto, estava uma imagem do principal edifício da Stand Tall, uma estrutura vasta de mármore e madeira que fora projetada por um arquiteto.

Havia no ar uma corrente de curiosidade e entusiasmo, e Karen, a nossa celebridade, estava a ser alvo de muitos olhares.

«A boazona de cor», como ela observara em tom irónico nessa manhã, deitada no sofá, com uma compressa fria na testa por causa dos enjoos matinais. Ainda não contara a Leon da gravidez. Neste momento, contudo, parecia perfeitamente composta e segura, deslumbrante num fato de saia e casaco preto elegante, com joias de prata discretas. Eu vestia calças de seda creme e a blusa branca e fluida que ela me obrigara a usar em vez de um fato profissional. «Ficas tão bonita quando não estás a tentar parecer a Joan Crawford», comentara em tom de brincadeira. Apanhei um vislumbre de ambas no espelho grande numa das paredes. Sol e sombra. Natas e mel.

Leon chegou cinco minutos antes do início da reunião. Quando entrou na biblioteca, alto e quase elegante no seu fato castanho com vestígios de poeira de mármore numa das mangas, os outros presentes lançaram-lhe olhares embaraçados ou desdenhosos, que ele recebeu de sobrolho franzido.

Quando fiz menção de me dirigir a ele para o receber, Karen passou por mim, de queixo levantado e com o seu melhor sorriso de atriz no rosto.

- Leon - cumprimentou-o, transformando o nome numa carícia, com a voz a erguer-se acima do som das conversas. Enfiou o braço no dele. - Vais sentar-te ao pé de *mim*. - E ele fitou-a com uma expressão que me tirou o ar. Naquele momento, Leon teria enfrentado um bando de tigres por Karen.

Virei-me para dois cartões a marcar lugares que estavam a chamar a atenção de todos. Eli Wade. Annie Gwen Wade. A um minuto da hora marcada para o início da reunião, saí para o vestíbulo e esperei, ansiosa. A campainha da porta tocou e senti um arrepio. Acenei à empregada, que foi abrir. Annie Gwen entrou, seguida de Eli. O fato azul, macio e chique, dava a Annie Gwen um ar imponente, mas a mulher olhou em volta com lágrimas nos olhos e um sorriso melancólico ao recordar o Solar de Mármore.

- Já fiz exatamente o mesmo trabalho que você - disse à empregada, e a expressão do seu rosto mostrava bem o quanto desejava poder regressar a esse tempo, quando Jasper ainda estava vivo.

Eli, de pé atrás dela, roubou-me os pensamentos, a concentração, o ar do peito. Nunca o tinha visto de fato, e hoje trazia um fato escuro, feito à medida para os ombros largos, com uma gravata de seda. Enchia o espaçoso vestíbulo com a sua presença calma e íntegra. Olhou para mim e admirou-me tal como eu o admirara a ele. A intensidade daquele olhar queimou-me.

Peguei na mão de Annie Gwen.

- Estou contente por saber que fazem parte disto. - Ela afastou-me uma madeixa de cabelo do rosto. O gesto era maternal e carinhoso, embora os seus olhos estivessem tristes.

- Ainda há alguma bênção no meio disto tudo - respondeu. Com um nó na garganta, cumprimentei Eli com um aceno e acompanhei Annie Gwen até à biblioteca. Ele seguiu-nos, tão perto que eu sentia o aroma da sua colónia discreta. Os outros membros da direção olharam para eles. Imaginei os mexericos: de forma muito generosa, Swan fizera as pazes com a família do homem que assassinara a sua irmã, convidando-os até para a sua casa. Que nobreza, que altruísmo. Se Eli encontrasse os ossos de Clara, toda a gente teria pena de Swan.

- Em primeiro lugar, gostaria que cada um se apresentasse - pedi, ao iniciar a reunião. Líderes de congregações importantes, presidentes de prestigiadas instituições de solidariedade, um ex-congressista e os diretores de várias agências públicas levantaram-se e enumeraram as suas credenciais. Os currículos incluíam doutoramentos, prémios e cargos executivos. Leon, porém, levantou-se e disse apenas: - Cresci a cortar pedra nos Mármore Hardigree, estudei gestão na universidade graças a uma bolsa de estudo Hardigree, e hoje sou o gestor do negócio da senhora Samples. Sou viúvo, agricultor em *part-time*, pai e filho. Quero ajudar outros miúdos a terem a vida que estou a tentar dar aos meus. Foi por isso que aceitei o convite da senhora Samples para fazer parte desta fundação. - Sentou-se. Karen observou-o com puro respeito no olhar.

Por fim, chegou a vez de Eli. Levantou-se e todos ficaram imóveis e em silêncio. A presença dele tinha um efeito admirável. Era sólido e possuía um à-vontade que tornava a necessidade de credenciais elaboradas ainda menor do que em Leon.

- Cresci com o Leon - disse - e com a minha prima Karen. - Estas últimas palavras pareceram sugar o ar da sala.

Fez uma pausa e os seus olhos viraram-se para mim e derreteram-me por dentro.

- E também cresci com a Darl. Não sou natural desta cidade, mas este foi o meu lar durante algum tempo. - Tocou no ombro de Annie Gwen. - A minha mãe e a minha irmã pediram-me para falar por elas. Aqui, perdemos alguém que amávamos, e viemos para o reencontrar, se conseguirmos. Mas também voltámos para nos encontrarmos a nós próprios. Já fui jogador, investidor, inventor. Durante algum tempo, fui também um criminoso, mas neste momento tenho as contas em dia com Deus e com o governo. - Exclamações abafadas. - Ganhei muito dinheiro. - Olhou de novo para mim. - Quando era rapaz, a Darl Union acreditou em mim. A família dela deu uma oportunidade à minha e, apesar de as coisas terem acabado por correr mal, essa oportunidade trouxe-nos muito longe. Assim, vou doar cinco milhões de dólares à Stand Tall. Em nome do meu pai, Jasper Wade.

Sentou-se.

Depois disso, as restantes doze horas de reunião foram apenas conversa.



O mundo não acabaria em enchentes e fogo, como dizia a Bíblia. *A chuva da montanha e lama vermelha fariam o mesmo efeito*, pensou Eli. No dia a seguir à reunião, o tempo de outono tornou-se desagradável. A água fria escorria-lhe pela nuca e entrava na camisola de malha. Gotas avermelhadas pingavam da aba do boné de baseball, à frente do seu nariz, coloridas por resíduos do pó que acumulara nos trabalhos de limpeza dessa semana. Os cinco milhões que prometera à Stand Tall eram, para ele, apenas dinheiro. Tinha mais a provar.

Continuou a trabalhar com obstinação. Com o berbequim, fez mais um furo no mármore duro de uma das Casas Estha que agora lhe pertenciam. Era uma casa bonita e grandiosa, que se erguia numa rua secundária, numa pequena elevação de terreno, rodeada por carvalhos enormes. As pessoas chamavam-lhe Mansão Olson, o nome do herdeiro de uma fortuna dos caminhos de ferro que se mudara com a família para Burnt Stand nos anos quarenta. A Mansão Olson tinha cornijas de mármore esculpido e as soleiras das portas decoradas em padrões de flor de lis – tudo obra do avô do próprio Eli, o trabalho mais meticuloso que este alguma vez vira.

Enchia-lhe o peito de confusão e tristeza. *O que a minha família podia ter sido, se não fosse o azar e a família Hardigree. Ou, sem eles, teríamos sido uns zés-ninguéns na mesma?* Afinal, a melhor pedra saía do chão suja e baça. Era preciso cortá-la, talhá-la e poli-la para ela revelar todo o seu esplendor. Talvez toda esta miséria tivesse um objetivo. Talvez os Wades fossem o material em bruto e as Hardigree, as artesãs. Uns não existiriam sem os outros. Fora por isso que doara o dinheiro. Estava a tentar cicatrizar as feridas entre a sua família e a de Darl.

Filosofia num dia cinzento. Virou-se para a lógica implacável.

– Esta casa precisava de um alpendre, avô – observou em voz alta, à medida que chovia com mais intensidade. Pegou na última das cinco placas de mármore idênticas que fizera com a ajuda especializada de Leon na oficina da pedreira. Fora ele próprio que gravara as palavras, biselara as arestas e polira a pedra. Colocara uma na fachada de todas as Casas Estha que adquirira, ao lado da porta principal. Colocou a última à altura dos olhos, ao lado da porta imponente da Mansão Olson, e prendeu-a com grandes parafusos de bronze. Recuou um pouco, tirou o boné e leu alto a inscrição, um pequeno ritual batizado pela chuva: «Construída por Anthony E. Wade, mestre canteiro».

A inicial do meio do nome do avô era de «Elijah». Eli inclinou a cabeça por um instante, prestando homenagem ao seu homónimo imperfeito, que deixara para trás um legado imperfeito. Talvez o avô fosse pouco mais do que um gigolô, que deixava as mulheres usarem-no e que também as usava. Ou talvez fosse apenas um mulherengo sem controlo com talento para trabalhar a pedra. Fosse como fosse, aquela já não era uma Casa Estha. Era uma Casa Wade. E Eli queria que toda a gente em Burnt Stand o soubesse.

O som suave de passos no passeio fê-lo girar sobre si próprio. Era um bairro sossegado de casas antigas e a rua estava deserta a última vez que olhara. Até o som distante de um carro se teria ouvido. Darl estava à beira do relvado em frente da casa, com o cabelo comprido molhado e colado à cabeça e aos ombros, um vestido azul ensopado por baixo de uma gabardina cinzenta aberta. O ramo de um grande carvalho formava uma cúpula dourada por cima dela. Era bela e irreal, e parecia tão perdida que lhe partiu o coração. Olhou da placa para ele e o desespero no seu rosto foi substituído por uma expressão de orgulho durante um breve instante.

– És um homem difícil de encontrar – declarou, em voz inexpressiva. – Já estive nas outras casas todas.

Eli atirou o boné para o chão e dirigiu-se a ela sem uma palavra. Pegou-lhe no braço e conduziu-a pelo caminho ladeado de arbustos em canteiros de mármore.

– Não és mais inteligente do que eu, encharcada dessa maneira – observou, enquanto a água lhe escorria pelo rosto. Empurrou a porta e entraram para um vestíbulo amplo e vazio, com um candelabro suspenso do teto. A casa não estava mobilada e cada passo ecoava no chão de mármore. – Anda, nas traseiras há um alpendre. – Puxou-a por outro corredor até uma porta que dava para um pequeno terraço, virado para um relvado e mais carvalhos, protegido por arbustos esculpidos com quase seis metros de altura.

– Eli – começou ela em tom urgente –, deixa-me falar. Não vou permitir que dês dinheiro à...

– Já está feito. Eu quis fazê-lo. Comprarei um lugar ao teu lado, se tiver de o fazer.

– Não, não, Eli...

– Chiu. Não vamos cometer o erro de falar. – Limpou-lhe o rosto com as mãos. Ela soltou um leve

gemido de protesto, mas ele já tinha mergulhado as mãos no cabelo dela e, sem uma palavra, os seus lábios uniram-se. Enquanto se beijavam com paixão, ele pegou-lhe ao colo e sentou-se nos degraus do terraço. Ela ficou apoiada no chão, entre as suas coxas afastadas, com ambas as pernas dobradas sobre uma das dele. Eli inclinou-a para trás. Tão facilmente como chuva sobre poeira, agarrou-a e tocou, acariciou, enquanto ela o beijava e gemia. Darl enfiou as mãos dentro da camisola dele e explorou, depois baixou-as e acariciou-lhe as pernas e as virilhas por cima das calças de caqui. Eli já estava perdido quando ela voltou a subir as mãos para a sua cintura e para as costas, por baixo da camisola. Abriu os dedos sobre a pele nua entre as omoplatas e escondeu o rosto na curva do seu pescoço, beijando e lambendo a pele molhada, saboreando-o.

Um monte de bolotas caiu sobre o telhado do terraço, tão ruidosamente como foguetes. Ambos se sobressaltaram, como se fossem culpados de algo. O avô de Eli deixara-se enredar na teia de uma mulher Hardigree. *O que é que estou a fazer?* pensou Eli. Se Darl não queria estar com ele por ele ser um Wade, não devia encorajá-la. *Mas ela está comigo.* Tão subitamente como se tinham atirado para os braços um ao outro, ficaram agora abraçados em silêncio, a tremer. Fazia três semanas do dia em que se tinham encontrado na Florida como dois desconhecidos.

Darl ergueu a cabeça e afastou-se dele.

- Esta casa é a que aparece na fotografia - comentou. Ele sentiu um arrepio. Isso significava que, décadas atrás, o seu avô posara junto à parede inacabada, com ar de quem conseguiria resistir a fosse o que fosse. Mas o seu sorriso, secretamente virado para Matilda por trás das costas da velha Estha, já o denunciava. As Hardigrees iriam destruí-lo, e ele deixaria.

- Se queres que desista de ti por seres o raio de uma Hardigree - sussurrou Eli -, não o farei. Desta vez, eu é que vou ditar as regras. Não vou acabar como o meu avô. E tu não acabarás a chorar por mim.

Ela levantou-se, tocou-lhe no rosto e matou-o com um olhar.

- É demasiado tarde para me salvars disso - murmurou, e deixou-o sozinho.



Sentei-me atrás da secretária de Swan na biblioteca, na hora mais escura da noite, quando a casa estava silenciosa como um túmulo de mármore. Tirei de uma gaveta um monte de folhas de papel timbrado da Companhia de Mármore Hardigree e peguei na antiquada caneta de tinta permanente que o barão do mármore italiano oferecera a Swan quando eu era pequena, e comecei a escrever: «Há vinte e cinco anos, testemunhei o homicídio da minha tia-avó Clara Hardigree, assassinada pela sua irmã, a minha avó, Swan Hardigree Samples. E oculte esse crime desde então.»

Escrevi até ao raiar do dia, relatando cada detalhe que precedera e se seguira à morte de Clara, sem fazer qualquer menção a Matilda. Esta confissão seria a minha ruína e a de Swan, mas a de mais ninguém. Quando terminei, enfiar as folhas num grande envelope, fechei-o, escrevi o nome do procurador do Ministério Público na parte da frente e escondi-o entre dois livros antigos de geologia numa das prateleiras mais altas. Geologia, a ciência do leito rochoso e de forças irresistíveis.

Quando a hora chegasse, não pediria o silêncio nem a misericórdia de Eli.

Porque agora tinha a certeza de que ele me daria ambos.

- Estás a abusar da bondade dele - acusou Matilda, dirigindo-se a Swan, em tom arrastado mas veemente. Estava de pé ao lado da cama de hospital, agarrada ao suporte do soro para se apoiar, a ignorar as minhas tentativas para a convencer a deitar-se e a fitar Swan com ar furioso. Swan estava sentada na cama, com ar altivo, as pernas dobradas numa pose quase juvenil. Eu sentia-me como um pugilista que levava demasiados socos. - Não podes aceitar milhões de dólares do Eli Wade - insistiu. - As pessoas vão acreditar que ele está a admitir a culpa do pai. Não o permitirei. Não é justo.

- Estou a fazer uma demonstração pública de que aceito os Wades na nossa sociedade. Por ti. - Lançou-me um olhar de soslaio. - E pela Darl.

- O Eli vai doar o dinheiro como um pedido de desculpas público a si - retorqui com calma. - Por um crime que o pai não cometeu. Não permitirei que isso aconteça.

- O que queres que eu faça, então? - perguntou Swan. - Que o rejeite, a ele e à família? Ou que alimente o seu desejo de vingança contando-lhe a verdade? Matilda, queres que a Karen saiba o que nós fizemos? - Um leve rubor tingiu as faces de Matilda. - Olha para a minha Darl. Olha para ela... tão torturada, com tanto azedume em relação a mim. Quem me dera poder apagar aquela memória da mente *dela*. Com certeza não queres infetar também a Karen, não agora que ela voltou para casa.

Matilda gemeu e fechou os olhos.

- Mas o que estou a fazer ao *neto do Anthony*? Que monstro insensível é este em que me tornei? Eu amava-o e ele amava-me. Estou a traiçoa-lo. - Levou a mão à testa e cambaleou. Segurei-a rapidamente quando as forças lhe faltaram. Swan endireitou-se na cama, aflita.

- Matilda!

- Chame a enfermeira - pedi, enquanto ajudava Matilda a deitar-se.

Capítulo 20

Um manto de medo abateu-se sobre nós. Swan ficava a maior parte do tempo sentada numa cadeira ao lado da cama de Matilda, de onde a observava com uma concentração feroz, de mãos cruzadas no colo, as costas muito direitas. *Tem medo de perder a única pessoa que a compreende melhor do que eu*, percebi. Karen, com o rosto quase sempre molhado das lágrimas, abandonou a compostura e deitou-se ao lado da avó, apertando a mão dela na sua. Matilda estava acordada e consciente, mas tinha o canto do olho e da boca claramente repuxados para baixo e estava muito fraca.

- Estou a morrer - murmurou, mal conseguindo formar as palavras.

Karen encolheu-se.

- Não diga isso, por favor. Não é verdade.

Swan ficou tensa na sua cadeira. Ela e Matilda entreolharam-se por um momento, como se estivessem a transmitir vidas de experiências partilhadas - e esta fosse apenas mais uma - com uma graciosidade trágica.

- Quero ir para casa - declarou Matilda, esforçando-se para pronunciar cada palavra. - Para o Solar de Mármore.

Swan assentiu em silêncio.



Eli estava sentado com a mãe e Bell na bonita cozinha da Casa Larga, onde Bell amamentava a pequena Jessie. Leon mandara informá-los de que Matilda piorara. Eli olhou para a irmã quando esta mudou a bebé de seio, embora ela fosse hábil a esconder todo o processo por trás de uma fralda de pano.

- A família reconhece-se - sussurrou, consciente de que era apenas um chavão gasto e nem sempre verdadeiro, por mais que devesse sê-lo. Bell tirou Jessie do peito e limpou a boca pequena e cor-de-rosa da bebé. Eli viu-a cuidar da filha, a sua sobrinha, com uma sensação crescente de finalidade. Depois, o seu olhar encontrou o da mãe.

Annie Gwen sabia o que ele estava a pensar.

- Que família sairá mais magoada com esta nossa busca de respostas? - perguntou ela. - As Hardigrees, a Matilda, nós próprios? Ou pertenceremos à mesma, já que estamos todos ligados, de uma maneira ou de outra? Estas pessoas são parentes da Karen. E nós também. Rezei muito e perguntei a Deus: «Onde é que acaba a justiça e começa a misericórdia? Quando é que temos de parar de procurar respostas que só farão mal aos vivos?»

- Aqui e agora - declarou Eli. - Estamos a matar a Matilda. Estamos a magoar a Karen. A Darl. E até a Swan, maldita seja. - Após uma pausa, concluiu: - Estamos a fazer mal a nós próprios. - Olhou para Bell com ternura. - Desculpa, irmã. Se há alguma verdade sepultada na terra ou na água ou nas memórias das pessoas desta cidade, temos de acreditar que acabará por vir ao de cima por si.

Bell concordou com um aceno, mas apoiou a cabeça na mão e chorou.



- Obrigada por teres vindo. A Matilda chamou por ti. - Conduzi Eli através dos corredores do Solar de Mármore, onde havia luzes acesas e lareiras a arder em todas as salas para afastar os espetros da noite. - O Leon e a Karen estão lá atrás, no pátio. Anda primeiro falar com eles.

Eli pousou a mão no meu braço.

- Deixo-te assim tão desconfortável que não consegues sequer falar comigo a sós? - Parámos num corredor sombrio, ao pé de um pequeno retrato de Swan com a minha mãe, que Swan ali colocara há poucos anos. Eli trouxera consigo o ar frio da noite, que me envolvia agora, misturado com o aroma do seu cabelo e das suas roupas e com o calor do seu corpo.

- Sim - admiti. - Tenho tendência para me lançar para os teus braços. O que não é bom para nenhum de nós.

- Talvez se confiasses mais em mim te preocupasses menos.

Olhei para os olhos ingênuos da minha mãe. Ela amara o meu pai apesar da oposição de Swan. Tinham morrido a desafiá-la. *Tem coragem*, murmurou-me ela.

Confia nele. Todos os meus instintos gritavam que a minha única hipótese de redenção era confiar totalmente em Eli. Uma vaga de medo invadiu-me: medo de o perder, medo de magoar as outras pessoas, mas sobretudo medo de ceder à vontade de optar pela saída mais fácil e nunca lhe

contar o que estava enterrado no jardim. Agarrei-lhe nas lapelas do casaco e Eli fez menção de me puxar para si. Larguei-o e recuei um passo, trémula.

- Falamos mais tarde - disse-lhe. Virei-me e continuei a andar.

Leon e Karen estavam de pé sob a luz de um candeeiro junto da piscina. Da água aquecida erguia-se uma neblina branca no ar frio e húmido de outono. Karen vestia uma camisola de lã macia e tinha os braços apertados à volta do corpo, e o rosto erguido para Leon por cima da gola larga. Leon despiu o blusão acolchoado e ofereceu-lho. Ela abanou a cabeça mas ele colocou-lho sobre os ombros na mesma. Quando nos viram, Karen dirigiu-se a mim.

- Isto é ridículo. - Ergueu o olhar para a varanda do primeiro piso. Por trás da janela, vimos os movimentos indistintos das duas enfermeiras particulares. Era ali que estavam Matilda e Swan. - A minha avó devia estar no hospital. Não posso aceitar esta situação. De manhã, vou levá-la de volta.

Abracei-a.

- Onde é que foste buscar a ideia de que podes dizer à tua avó o que ela tem de fazer? Ou eu à minha?

- Ela está doente, não está a pensar como deve ser. Alguém tem de tomar decisões por ela. - Karen baixou a cabeça e continuou, com a voz embargada: - Estou tão preocupada.

Leon pousou-lhe a mão no ombro.

- A tua avó sempre me disse que não vale a pena viver uma vida sem dignidade. Ela quer estar em casa. Deixa-a em paz.

Karen apontou para si própria com o polegar.

- *Eu* é que sou a família mais próxima, devia ser eu a...

- Não vale a pena viver uma vida sem dignidade - repetiu Leon com firmeza. - Ela educou-te para a respeitares. Está na altura de o fazeres.

Karen virou-se para ele.

- Mas eu preciso dela. Não compreendes?

- Compreendo que estás a ser muito egoísta.

- Estou *grávida*!

Silêncio aturdido. Karen despejou tudo numa torrente furiosa, por entre lágrimas: que ia ter o filho de outro homem, alguém que não queria saber do bebé, e que estava feliz por nunca mais ter de o ver. Era uma notícia brutal, uma facada no coração. Observei-os, preocupada. O rosto de Leon ficou tenso e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela viu-as e acrescentou, em voz rouca: - Leon, desculpa. Já não sou a menina doce e inocente que costumavas proteger. Estou a tentar endireitar a minha vida, mas não quero fazê-lo às tuas custas.

Ele explodiu.

- Respeita os desejos da tua avó. É assim que comesças a endireitar a vida, para poderes criar um bebé com a dignidade que ela te transmitiu.

O tom de voz dele deixou-a rígida, humilhada. Karen deixou-nos ali e entrou. Leon viu-a afastar-se de ombros caídos.

Havia infelicidade suficiente para toda a gente.



Eli e eu entrámos no grande quarto de Swan, um aposento de janelas altas, antiguidades pesadas e linhos delicados. Em pequena, raramente tinha permissão para ali entrar, e nunca lá fora depois de adulta. Matilda estava deitada no meio da cama de Swan, uma peça imponente, com cabeceira de mogno e mármore. A estranha imagem de outra pessoa no santuário privado da minha avó completou a sensação de que o mundo que eu conhecia estava a desmoronar-se, de que o leito de pedra se desfazia sob os meus pés. Swan estava sentada numa segunda cama, ao lado da irmã, com a camisa de dormir e o roupão brancos espalhados à sua volta sobre um edredão de penas envolto numa capa de seda cor de pérola. Tinha os olhos postos em Matilda.

Karen, de pé junto da janela, com os braços apertados à volta do corpo, contemplava a noite. Com um gesto seco, Swan enxotou a enfermeira do quarto mal iluminado. Vi os olhos angustiados da minha avó, que endureceram ao deparar com Eli. Ele cumprimentou-a com um aceno breve, mas dirigiu-se a Matilda, que, com esforço, ergueu a mão esquerda.

- A outra treme muito - explicou, com a boca ainda um pouco repuxada.

Ele puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se, segurando a mão que ela lhe estendia entre as suas.

- A minha mãe e a minha irmã mandam dizer que estão a rezar por si.
- Quero que saiba uma coisa. - Doía-me ver o esforço que lhe era necessário para formar as palavras. - Karen, vem cá. Quero que oiças também.

Karen aproximou-se lentamente.

- Avó, não vai morrer, não há necessidade de estar a juntar as pessoas à sua volta...

- Cala-te - interrompeu Swan, com a voz a tremer. - Deixa-a falar.

Matilda olhou para Eli.

- O seu avô era um homem bom. Não era um mulherengo, como pode parecer. - Eli fitou-a, surpreendido. Eu também. Era a última coisa que esperava ouvir. - Ele não teve muitas opções na vida. E eu também não. Uma rapariga de cor... - Estava a ficar sem fôlego. Os seus olhos regressaram ao rosto de Eli. - Mas eu amava-o, ao seu avô. Amava o Anthony Wade. E ele amava-me a mim.

Karen pegou-lhe na outra mão.

- Essa é a mão que treme - disse Matilda, de sobrolho franzido.

- Não me importo. Continua forte. - Karen prendeu a mão de Matilda nas suas e encostou-a à barriga. Vi-a engolir em seco. - Avó... - sussurrou. - Não se ponha com confissões de leito de morte. Não vai morrer. Não pode morrer. Vai ser bisavó. Vou ter um bebé.

Matilda olhou para ela. À medida que Karen lhe explicava a situação, as palavras pareceram entrar-lhe no coração e subir até aos olhos, que se encheram de lágrimas.

- Fiquei muito feliz quando soube que ia ser mãe - murmurou, depois de Karen terminar. - E tu?

Karen levou a mão à boca e, a conter as lágrimas, fez que sim com a cabeça.

- Nesse caso, estou orgulhosa de ti - concluiu Matilda. No silêncio doce e trágico que se seguiu, Karen inclinou a cabeça para a mão da avó e todos os anos de separação desapareceram.

- Menina Matilda, vou pedir a sua neta em casamento - anunciou Leon da porta. Todos nos virámos, estupefactos. Karen abriu a boca. - Amo-a desde que era miúdo - continuou Leon em tom firme, com os punhos cerrados ao lado do corpo. - Ainda a amo, amo tudo nela. Tomarei conta dela e do bebé, juro-lhe, menina Matilda. Juro a todos os que aqui estão presentes. - Olhou para Karen. - Serei teu marido. Serei o pai do teu bebé. Se me quiseres. Pensa no assunto e não me respondas ainda. Falamos depois. - Karen fitou-o, chorosa e em choque, enquanto ele dava meia-volta e saía do quarto.

Matilda virou lentamente a cabeça para Swan. O olhar que trocaram gelou-me, assombrou-me, deu-me vontade de chorar. Comunicação silenciosa, escolhas, batalhas, tragédia, força - o clique do tempo a mudar de mãos.

- Quero que haja um futuro aqui para as nossas netas e os filhos delas - murmurou Matilda.

Swan afastou o olhar.



Nessa noite, na mansão silenciosa, Eli encostou-se à lareira de uma das salas mais pequenas, com um charuto meio fumado na mão. Era uma divisão cheia de livros, com poltronas de leitura confortáveis. Karen recolhera a um dos quartos de hóspedes para dormir um pouco. Leon estava a passar pelas brasas numa cadeira na cozinha. Do lado de fora do quarto de Swan, a enfermeira dormia num divã. Eli e eu falámos pouco. Por fim, ele atirou o charuto para a lareira e sentou-se na outra ponta do sofá onde eu me encontrava. Pouco depois da meia-noite, anunciou: - Quero que digas à Matilda que vou parar com as escavações.

Virei-me para ele.

- Como assim?

- Vou-me embora, Darl. Vou levar a minha mãe e a Bell de volta para o Tennessee. - Fez uma breve pausa. - Não quero magoar mais a minha família, nem a tua. Fazes parte de mim. Sempre fizeste. Estou a fazer-te mal a ti, aos que te são queridos. Foi um plano triste desde o princípio. Não há nada que eu possa fazer para salvar a alma do meu pai.

Ela venceu. A Swan venceu. Se a deixares. Levantei-me, aproximei-me e sentei-me junto dele. De súbito, senti uma calma extraordinária. Ergui as mãos para o seu rosto, acariciei-o, passei-lhe os dedos pelos lábios. Ele susteve a respiração.

- Não fizeste mal a ninguém - garanti-lhe. - Tudo o que está a acontecer aqui teve início há muito tempo.

Eli puxou-me para si, acariciou-me o cabelo, apertou-me contra o peito.

- Deixa este lugar de uma vez. Vem comigo. Eu espero por ti. Farei com que valha a pena.
- Não, vem tu comigo - pedi-lhe, com o desespero a confundir-se com a vitória. Ia mostrar-lhe a verdade. Ia perdê-lo e, com isso, libertá-lo. - Vamos ao Jardim das Flores de Pedra.



Parara de chover. A lua branca, alta e fria, iluminava com uma luz etérea as montanhas por entre as nuvens cinzentas. Os abetos densos tocavam-nos com os ramos pesados e deixavam cair o orvalho nos nossos rostos e cabelos, como lágrimas geladas, enquanto subíamos as colinas e descíamos para os vales. Eu ainda vestia as calças de seda e uma camisola de lã cinzenta macia. As silvas prendiam-se no tecido e nos meus sapatos. Estremeci. Tinha madeixas de cabelo coladas às faces e à garganta.

Eli trazia uma pá e eu, uma pequena picareta. Não me perguntou para quê e eu também não lhe disse. O cabelo dele estava húmido, o rosto, tenso. Apontei uma lanterna para o chão. Ele trazia um candeeiro a gás, com o brilho sibilante a envolver-me num horror silencioso. Eli não sabia o que estávamos prestes a desenterrar, mas eu sim.

Quando chegámos ao cimo da última colina antes do jardim, parei. Eli ergueu o candeeiro. Por baixo de nós, o enorme jarrão de pedra e o seu *bouquet* perpétuo reluziam à luz e lançavam sombras compridas. Os velhos bancos de mármore pareciam estar a afundar-se no solo. Cobertos de musgo e trepadeiras, mais pareciam lápides de pequenas campas com as almas de crianças presas lá dentro.

Desci a encosta, afundando-me mais naquele lugar a cada passo, cada vez mais perto dos ossos de Clara. Cheguei ao fundo e dirigi-me ao vaso com passo inseguro, afastando as folhas molhadas com os pés, a tremer. Eli seguiu-me.

- Onde? - perguntou com expressão grave. Apontei para o espaço a poucos centímetros da base do jarrão. Ele pousou o candeeiro no chão e baixou a pá.

Abanei a cabeça.

- Deixa-me ser eu a começar - pedi. Pus a lanterna de lado, segurei na picareta com ambas as mãos e cravei a lâmina estreita na terra molhada e macia como um corpo vivo. Todos os músculos do meu corpo se rebelavam contra a tarefa. Rasguei o solo, arrancando torrões de terra escura. O monte húmido foi crescendo em torno dos meus pés. O passado, a rodear-me. Lamentos surdos saíam-me dos lábios sem que os conseguisse conter, no meio da respiração ofegante. Todos os pesadelos, todos os momentos de culpa e desespero dos últimos vinte e cinco anos, a fervilhar debaixo de mim, expostos ao julgamento de Eli.

Ele segurou-me no ombro. Estava tão absorta que demorei um instante a reagir.

- Não - implorei. Mas ele endireitou-me e limpou-me o rosto, analisando o meu olhar com uma expressão determinada e desolada.

- Não estás sozinha. Esse foi o teu grande erro. O que quer que esteja aqui debaixo da terra, também me pertence.

- Não fazes ideia...

- Talvez não, mas não me digas que não estamos juntos para o que der e vier. - Virou-se, espetou a pá na terra e começou a cavar. Passei o braço pelo rosto transpirado e caí de joelhos ao lado do buraco que ia crescendo. Espremi o cérebro para tentar recordar os detalhes que me esforçara tanto para esquecer. A sepultura aberta parecera-me uma gruta sem fundo, quando era pequena, mas sabia que Swan e Matilda não podiam ter enterrado Clara muito fundo. Tremia a cada movimento da pá de Eli, cada vez que um som mais seco indicava que atingira uma pedra - ou um osso.

Tal pensamento agoniou-me e, debruçada para a frente, agarrei no cabo da pá.

- Chega. Tenho de fazer o resto à mão. - Inclinei-me sobre o buraco e enterrei na terra os dedos das mãos nuas. Os nervos pareceram contrair-se de repugnância quando o solo escuro deu lugar a um barro húmido e avermelhado. Cavei devagar. Eli agachou-se ao meu lado. Ergui os olhos uma vez, descomposta e desorientada, e vi-o olhar para mim como se eu estivesse a arrancar-lhe o coração do peito. Com ar aflito, deteve-me.

- Para. Para imediatamente. Não sei o que queres fazer a ti própria, mas não o vou permitir. Viste o meu pai enterrar a Clara algures por estes lados, não foi? Viste alguma coisa. É isso que sabes. É isso que te atormenta. - Esticou os braços e segurou-me nos pulsos.

Libertei-me com um puxão.

- Oh, céus... Não. Não, Eli. - Enfie novamente as mãos na terra. Eli voltou a segurá-las.

- Darl, não posso deixar...

Interrompi-o com um gemido rouco. Os meus dedos tinham-se fechado sobre algo pequeno e oval, talvez uma pedra, talvez outra coisa. Puxei. O pequeno objeto envolto em barro cabia-me na palma da mão. Aproximei-o da luz do candeeiro e esfreguei a terra vermelha e húmida com os polegares, até revelar uma textura fina. Puxei. Um colar. Antes de sacudir o resto da terra do objeto, já sabia o que era. Momentos depois, o pendente de família de Clara - com o mármore sujo de terra e o pequeno diamante a refletir a luz da lanterna - via a luz pela primeira vez em um quarto de século. No fundo do buraco no barro viam-se as arestas do que deviam ser vértebras. Eu arrancara o colar dos ossos do pescoço de Clara.

Olhei para a expressão aturdida de Eli. Compreensão, agonia, piedade e fúria encheram-lhe os olhos, até eu não suportar mais. Fechei a mão sobre o pendente e baixei a cabeça.

- Conta-me tudo o que sempre soubeste - pediu-me.

- *Eu estava lá quando a Swan matou a Clara.*

Eli apoiou-se nos calcanhares, livre do passado e arruinado. Ambos arruinados. Sentámo-nos em frente um do outro e chorámos.



Swan não conseguia sossegar. Estava de pé junto à janela do quarto quando viu Darl e Eli saírem da mansão, atravessarem o jardim das traseiras e descerem os degraus do terraço. A luz do candeeiro deixou-a ver as ferramentas. Levou a mão ao peito, sentiu os batimentos penosos e acelerados do coração, virou-se e sentou-se na cama. *Perdi. Estou a perder a Matilda e perdi a Darl, e é assim que tudo vai acabar.* De súbito, sentia-se muito cansada.

Do outro lado do quarto, Matilda agitou-se. A luz fraca de um candeeiro cobria-a de sombras suaves. Na semiobscuridade, a sua voz arrastada ergueu-se com urgência.

- Swan... Swan...

Swan agarrou-se ao ferro dos pés da cama, levantou-se com esforço e atravessou o quarto. O coração acelerado quase não a deixava respirar. Quando chegou junto de Matilda, percebeu de imediato que era o fim. Matilda emitiu um som estranho. Swan sentou-se ao lado dela, passou um braço sob o seu pescoço, segurou-lhe na mão trémula e debruçou-se sobre ela.

- Há qualquer coisa errada - murmurou Matilda. - Comigo. Connosco. - Pontadas de medo coalesceram, endureceram e começaram a brilhar. Intuição ou coincidência, destino, oportunidade, a chegada de últimas oportunidades e de esperanças perdidas.

- Vou chamar a enfermeira - disse Swan.

- Não, por favor. Não quero ser uma inválida.

A angústia cresceu no peito de Swan. Encostou a cabeça à de Matilda.

- Não vás.

- Liberta-as. Salva-as. Às nossas netas. Salva-as dos nossos erros.

- *Fica e ajuda-me.*

- Deixa-me ir. Liberta-me, e a ti também. É o amor que temos para lhes dar.

Sem fechar por completo os olhos, Matilda suspirou. Swan puxou-a para si, embalou-a e chorou muito baixinho, a única maneira segura de o fazer.

- *Irmã* - murmurou.



Eli olhou para Darl por cima da sepultura de Clara e ouviu enquanto ela lhe contava como tudo acontecera, e porquê. Viu a dor transbordar dela, como que através da sua pele, e esse sofrimento rasgou-o por dentro. Darl fitava-o como se não tivesse qualquer dúvida de que ele a odiava, e Eli ainda não sabia bem como admitir que a perdoava. Parte de si instava-o a não o fazer. Parte de si bradava que ela não devia ter pensado em mais nada a não ser na verdade, e para o diabo com a família. A raiva ferveu dentro dele.

Darl acabou de falar - rouca, exausta, lavada em lágrimas, de joelhos e, tal como ele, suja da terra da campa de Clara. Eli levantou-se, pegou na pá que pousara no chão ao seu lado, virou-se e bateu com ela no jarrao de pedra, com toda a força. O aço soltou faíscas ao colidir com o mármore, e o som ecoou pela floresta. O cabo da pá partiu-se em dois e estilhaços de mármore foram projetados. Um deles acertou-lhe no rosto, por baixo do olho, deixando um corte ensanguentado. Darl não se mexeu. Um fio de sangue escorria-lhe de um arranhão no queixo. Não tirou os olhos dele.

- Deixei tudo escrito - continuou Darl. - Tudo o que tem a ver comigo e com a minha avó. O que aconteceu e como. Exceto o papel da Matilda nisto tudo. Deixei-a de fora. A minha confissão está num envelope na biblioteca. Amanhã, levarei esse envelope até ao tribunal, onde o vou entregar ao procurador do Ministério Público. Tudo o que te peço... o que te imploro... é que nunca menciones a ninguém o envolvimento da Matilda.

As palavras de sacrifício fizeram os joelhos de Eli fraquejar.

- Quero saber porque nunca me contaste nada.

Ela baixou a cabeça.

- Deus me perdoe - murmurou. - Amo-te, mas também amo a minha avó.

Eli contornou a sepultura aberta e caiu de joelhos em frente dela.

- Dá-me o colar - ordenou com voz rouca, e estendeu a mão. *Ela tem de escolher, e vai escolher-me a mim.* Darl colocou o pendente de Clara na mão dele. - Escolhe - ordenou Eli. - Escolhe entre mim e aquilo que isto representa. Escolhe entre mim e a Swan. *Escolhe* e sai daqui comigo e nunca mais olhes para trás.

- Não posso - sussurrou ela. - A Swan está em mim, é parte de mim... tudo o que somos, tudo aquilo que ela sofreu para construir uma vida para si, para a Matilda, para a Karen... para mim. Não posso deixá-la.

Eli segurou-lhe nos ombros.

- Acabaste de me devolver o meu pai. Livre, limpo, inocente. *Mas eu quero também a minha mulher.* - As lágrimas deslizaram pelas faces de Darl. Ela abanou a cabeça.

- Tens de me esquecer. Eu castigarei a Swan à minha maneira.

O sino do Solar de Mármore começou a tocar.



Eu estava entorpecida. Eli queria perdoar-me, mas eu não o deixava. Leon, que se instalara num dos quartos vazios para passar a noite, estava agora ao lado do grande sino de ferro no seu suporte de mármore, ensombrado pelas luzes do jardim e pela luminosidade estranha das lâmpadas no fundo da piscina. Quando Eli e eu subimos os degraus do terraço, vi as lágrimas no rosto de Leon e a água que lhe pingava das roupas molhadas. Ele virou a cabeça para a piscina.

Swan estava deitada nos largos degraus de mármore que desciam para a parte menos funda, com a cabeça apoiada num braço sobre a borda da piscina, o cabelo a flutuar na água à volta dos seus ombros. Uma leve neblina erguia-se da água. A camisa de dormir e o roupão de seda flutuavam também à sua volta. Era uma imagem fantasmagórica e irreal. Anjo e espírito, livre da gravidade, sujeita apenas às suas próprias regras e às de mais ninguém.

- Encontrei-a e puxei-a para a borda - indicou Leon. - Ela desceu sem que ninguém a visse. - Fez uma pausa e engoliu em seco. - Já chamei a ambulância. - Mais uma pausa. - A Karen está lá em cima com a avó. Leon olhou para a mansão, desgostoso. - A menina Matilda está morta.

Passei por ele e corri para a piscina, com Eli atrás de mim. Entrei na água ao lado da minha avó, afastei o cabelo e segurei-lhe no rosto. Ela tinha os olhos fechados; mesmo à luz fraca, eu conseguia ver a terrível palidez da sua pele.

- Swan - chamei baixinho. - Avó. - Ela abriu os olhos, aqueles olhos de um azul extraordinário, e virou-os para mim.

- Sei onde levaste o Eli - disse.

Fiz que sim com a cabeça.

- Agora sou eu que mando. Conte-lhe tudo.

Eli também entrara na água e ela fitou-o. De rosto sério, ele inclinou-se e devolveu o olhar sem dizer nada. Apercebi-me vagamente de que Leon se aproximara e estava de pé por cima de nós, à beira da piscina.

- Tenho de ir ver da Karen - disse, e deixou-nos. Agora a sós com Swan e Eli, repeti o que dissera antes.

- Agora sou eu que mando, avó. Sou eu que tomo as decisões. Conte ao Eli aquilo que fizemos e vou arcar com as consequências.

- Continuas a espantar-me.

Eli fulminou-a com o olhar. Lentamente, ergueu a mão e deixou cair o pendente de Clara por entre os dedos, com o diamante a cintilar na luz azulada.

- Matou a sua irmã - acusou. - E deixou que o meu pai morresse por isso.

Ela admitiu a verdade com um pestanejar lento e humedeceu os lábios.

- Empurra-me para baixo de água. Podes fazê-lo. A minha família esculpiu a tua da melhor pedra. Fui eu que fiz de ti aquilo que és hoje. Fui eu que te tornei digno da minha Darl. Sei que és suficientemente forte para me matar.

Com um arrepio, olhei para ele com a angústia estampada no rosto. Eli tinha as lágrimas a brilharem nos olhos e uma expressão tensa, mas a bondade que havia nele veio ao de cima.

- Não posso odiá-la mais do que amo a Darl. - E atirou o pendente para o lado.

Eu chorava baixinho. Swan virou-se para mim.

- Então fá-lo *tu*. - A sua voz era apenas um sussurro ofegante e sofredor. - Prova que és capaz de fazer o que for preciso. Eu ensinei-te.

Abanei a cabeça. Ela trouxera-nos aqui para um batismo perverso - para lhe devolvermos a sua alma prescindindo da nossa. Passei o braço pelos ombros dela e acariciei-lhe a face com os dedos sujos de terra do Jardim das Flores de Pedra.

- Amo-a, avó. Nunca foi capaz de compreender isso, pois não?

- Compreendi, sim. Mas não podia deixar que me amasses. Para o teu bem e para o meu. O amor é tão difícil.

- Não, não é. Vou ficar apenas a abraçá-la. Aconteça o que acontecer, estarei aqui.

Isto quebrou-a. Vi o amor no seu rosto, o pedido de desculpas, a solidão e a paz. Eli pedira-me para escolher mas, como eu não conseguia, Swan estava a fazê-lo por mim. A libertar-me, embora colocando a verdade sobre mim como uma pedra, deixando-me apenas a escolha de como a transportar.

- *Neta* - murmurou. - O meu coração foi-se. É teu.

Beijei-a na testa, nos olhos, nas faces. Era a primeira vez na vida que encostava os lábios à pele dela. Morreu nos meus braços, a flutuar.



Darl recusou-se a deixar o corpo da avó ou o de Matilda. Ela e Karen, que estava destroçada pela dor, seguiram as avós até à morgue do hospital e depois para a casa funerária em Burnt Stand. De mãos dadas, ficaram a noite toda com os corpos cobertos numa sala fresca com chão de mármore. A notícia das duas mortes espalhou-se pela região e as pessoas começaram a chegar, num silêncio respeitoso, e sentaram-se em mantas na escuridão, sob a lua encoberta e as sombras das montanhas, até que, de manhã, o relvado húmido da casa funerária estava completamente ocupado por uma multidão expectante.

Eli percorreu as ruas da cidade até à Casa Larga, acendeu as luzes, acordou a mãe e Bell e contou-lhes que Swan e Matilda tinham morrido durante a noite. A mãe inclinou a cabeça em oração. Bell chorou. Eli tentou decidir que mais podia partilhar com elas, mas não conseguiu. O pai estava inocente. Elas teriam de o saber, e em breve. Gemeu baixinho e ouviu uma e outra vez as palavras de Darl: *Eu estava lá quando a Swan matou a Clara*.

- O que te aflige o coração? - perguntou-lhe a mãe. Eli abanou a cabeça e ela não insistiu. Bell ficou com a pequena Jessie, mas a mãe vestiu-se e regressou com ele à casa funerária. A multidão no relvado - canteiros e comerciantes, gente da cidade e agricultores - abriu-se para a deixar passar. Ela sentou-se na varanda e começou a ler passagens da Bíblia em voz alta. As pessoas escutaram-na com reverência. Eli sentou-se numa cadeira ao lado de Leon, num canto sombrio.

- O que estavas tu e a Darl a fazer no bosque? - questionou Leon.

- Conto-te quando conseguir descobrir como dizer as palavras - respondeu Eli. *Ou que palavras usar*, acrescentou para si próprio. Leon assentiu com um aceno. Fumaram charutos em silêncio. Era fácil imaginar os espíritos de Swan e Matilda a passarem pela varanda com ar de esperança renovada, olhar para os anéis de fumo no ar e imaginar as trágicas irmãs a atravessarem o véu em direção ao que tinham perdido - as suas filhas, a sua inocência. Eli olhou para a manhã fria de outono, escondida na neblina prateada. Pensou que o avô devia estar a observar, finalmente reunido com Matilda. E o pai também estaria a olhar para eles desse outro mundo. Baixou a cabeça e tentou esconder as emoções. *Paizinho, sei que estás comigo neste momento. Perdoa-me se alguma vez duvidei de ti. Perdoa-me. Amo-te. Fala comigo. Indica-me o que devo fazer*.

A resposta ergueu-se dentro de si, fazendo eco do coração do pai, ensinando-o a oferecer e a receber perdão.

Não deixes pedra por virar, nem amor algum esquecido.

E livra-te do resto.



O nascer do dia trouxe raios de luz através das cortinas claras, iluminando o vulto das nossas avós sob os lençóis. Karen e eu estávamos sentadas num sofá em frente das macas cobertas, numa salinha pequena da casa funerária que não estava aberta ao público. Um candeeiro de parede iluminava-nos os rostos. Karen tinha a cabeça apoiada no meu ombro. Abracei-a e encostei a cara ao seu cabelo escuro, de olhos fechados. Já tínhamos chorado tudo o que conseguíamos.

O meu coração é teu.

As palavras de Swan continuavam a ferir-me, dolorosas na sua ironia, na sua alegria, na sua confissão. Tinha saudades dela, chorava a sua perda, odiava-a, amava-a. Acima de tudo, sabia o que ela me deixara para fazer. Contaria a toda a gente a verdade sobre Swan e eu. Sobre Clara. O meu coração também se tinha ido. Só a verdade e Eli podiam ajudar-me a recuperá-lo.

- Não sei que mais hei de dizer à minha avó ou à tua - murmurou Karen com voz embargada pelas lágrimas. - O que faremos sem elas?

Beije-lhe o cabelo.

- Amaremos o melhor que pudermos e nunca desistiremos - respondi.

Tal como elas nos tinham ensinado.



Eli levantou-se quando Darl saiu para a varanda da casa funerária, na altura em que o sol começava a erguer-se acima das montanhas. Leon levantou-se também ao ver Karen atrás de Darl. A multidão fez o mesmo, respeitosamente. A mãe de Eli fechou a Bíblia e cruzou as mãos sobre a encadernação de cabedal branco, polida pelos seus dedos. Por baixo do cabelo grisalho revoltado, os olhos cintilavam-lhe de pesar. O olhar atormentado de Darl virou-se para ela, depois para Eli, sem pedir misericórdia. Tudo dentro dele se revoltou ao vê-la, um turbilhão que girou, procurou escape e, por fim, se dissipou. Darl apertou a mão de Karen, que olhou para a multidão silenciosa com um assombro aturdido. Leon puxou-a para os seus braços fortes e ela abraçou-o.

Darl aproximou-se do corrimão da varanda.

- Tenho algo para vos dizer a todos - começou, e Eli percebeu, com uma pontada de alarme, o que ela tencionava fazer. Darl virou-se para ele e para a mãe. - A vocês os dois, principalmente - reforçou. Depois, olhou para Karen. - E à minha prima Karen. Lamento muito ter de o fazer desta maneira mas, se as nossas avós me ensinaram alguma coisa, foi a ter força para fazer o que é preciso.

De cabeça erguida, Darl fitou os olhos de Eli, e o amor que ele viu naqueles olhos azuis partiu-lhe o coração. Ela ia arruinar-se por ele, e não podia permitir tal coisa. Avançou abruptamente, sobressaltando-a.

- Com licença - pediu. Ela abriu a boca para protestar, mas ele acariciou-lhe a face e pressionou-lhe os lábios com um dedo. Antes que ela pudesse falar, olhou para a mãe. - Antes de morrer, a Swan confessou-nos a verdade, a mim e à Darl. Foi ela que matou a irmã, há vinte e cinco anos.

Ouviram-se exclamações abafadas entre a multidão. Karen abriu a boca.

- Oh, Darl... - suspirou em tom de incredulidade, e quando Eli olhou para ela e para Leon, nem mesmo Leon conseguiu disfarçar uma expressão de surpresa horrorizada. No rosto da mãe, viu expectativa e esperança misturadas com desgosto. Depois, a esperança explodiu em compreensão e certeza, e ela levou as mãos ao peito. O marido estava inocente. Fora provado. Fora *proclamado*.

Eli olhou para o rosto estupefacto de Darl. Ela procurou-lhe os olhos. Ainda com o dedo sobre os lábios dela, virou-se de novo para a multidão.

- A Swan matou a irmã e deixou que o meu pai arcasse com as culpas. Foi tudo obra dela. Só dela.

Os lábios de Darl moveram-se ao de leve, pronunciando: *Porquê?*

- Amo-te - respondeu Eli, e puxou-a para si.

Darl pousou as mãos trémulas nas costas dele e segurou-se como se a sua vida dependesse disso.



A seguir aconteceu tudo muito depressa, como se a morte de Swan tivesse sido a chave para uma porta que agora se escancarava com toda a facilidade. Nessa tarde, Eli e eu levámos Leon e Karen ao Jardim das Flores de Pedra, juntamente com o xerife do condado, o médico-legista, o diretor da casa funerária e várias outras autoridades locais. Aí, de acordo com os procedimentos legais,

desenterrámos os ossos de Clara. Forcei-me a olhar para eles e senti Eli apertar-me a mão quando o fiz. O diretor da casa funerária levou os restos mortais num saco de borracha. Eli, Leon, Karen e eu ficámos junto da sepultura vazia, com as folhas de outono a caírem à nossa volta e a começarem já a encher o buraco.

- Lamento muito - disse-me Karen com um abraço, e depois afastou-se um pouco, parecendo angustiada. - Lamento o que a tua avó fez, e que tenhas de viver com isso.

- Vai correr tudo bem. Acho que vou lidar com a situação melhor do que esperava. - Virei-me para Eli e vi-lhe calma e tristeza nos olhos, bem como apoio e um brilho de vitória. Eram demasiadas emoções para qualquer um de nós conseguir digerir naquele momento. Karen tocou-lhe no braço.

- Também lamento muito por ti. Por aquilo que a nossa família fez à tua. - A voz falhou-lhe. - Estou certa de que, se a minha avó estivesse aqui, pediria desculpa pela Swan e nos pediria que tentássemos compreender como ela foi capaz de algo tão horrível...

- Somos todos família - interrompeu Eli. - E continuaremos a sê-lo. Isso é que importa.

Leon pigarreou.

- É o fim dos Mármore Hardigree. A companhia nunca mais será a mesma sem a Swan e a Matilda. Nem a companhia, nem a cidade.

- Discordo - opus-me. Olhei para Karen. - O testamento da minha avó divide a companhia entre nós as duas. - Fiz uma pausa. - E a mansão também. Agora somos nós as proprietárias do Solar de Mármore.

- Oh, Darl...

- É perfeitamente justo. Ela e a Matilda eram ambas Hardigrees. Tudo pertencia às duas, quer as pessoas soubessem ou não. - Ficámos ali parados um minuto, a absorver a notícia. O advogado de Swan trouxera-me uma cópia do testamento poucas horas antes. Pousei a mão na dela. - Tens a certeza de que vais ficar aqui?

Ela olhou para Leon.

- Sim.

- Nesse caso, vou dar-te a minha metade. Da companhia e da propriedade. - Olhei para Leon. - A vocês os dois.

- Darl, não podes... - começou Karen, enquanto Leon abanava a cabeça.

- Alguém tem de ser a senhora da mansão, e tu serás perfeita. E ninguém a não ser o Leon poderia ficar à frente da pedreira.

- Não sou um Hardigree - protestou Leon.

- Quando casares com a Karen, serás.

Vi-os pensar no assunto e tomar uma decisão, e senti o olhar de Eli sobre mim, angustiado mas orgulhoso.

- Viremos visitá-los - prometi. - Vamos estar envolvidos na Stand Tall.

- E se construíssemos a fundação nestes terrenos? - sugeriu Eli. - Haveria algo de bom nesta propriedade. Podíamos utilizar as terras que eu desbravei. A Vivenda de Pedra ficaria no centro do complexo. O que achas?

Afastei-me da sepultura vazia de Clara e toquei com as pontas dos dedos no grande jarro de pedra, com as suas maravilhosas flores de mármore, numa eterna imitação da vida, à espera da magia que Eli e eu sempre tínhamos tentado criar ali.

- Acho que seria perfeito.

Matilda e Swan seriam veladas na sala principal do Solar de Mármore. Eu tinha passado a manhã inteira com elas, sozinha, a falar. Agora encontrava-me na biblioteca, a alisar o fato cinzento-claro e a brincar com o pendente Hardigree que ainda me prendia o pescoço. Dentro de uma hora, abriria a casa a todas as pessoas que queriam vir prestar a sua homenagem. A mansão estava repleta de flores e cartões. Karen escapulira-se para a quinta de Leon. Eu estava dorida da fadiga, do desgosto, do peso das dívidas saldadas. Eli e eu quase não tínhamos conseguido estar a sós, e mal tínhamos falado nos dois dias desde as mortes. Havia demasiado a discutir. Não sabíamos como recomeçar, ou quando as palavras fluiriam de novo entre nós. Eu percebia porque nos estávamos a conter, mesmo que ele não o soubesse.

Gloria, que transferira o seu afeto por Swan para Karen, abriu a porta da biblioteca com ar macambúzio e Eli entrou, com Annie Gwen e Bell. O marido de Bell viera até à Carolina do Norte ao

encontro dela, e estava agora na Casa Estha com a bebé.

Olhei para Eli em silêncio. Vestia um fato de bom corte e parecia preocupado com o meu pedido para falar com a mãe e a irmã dele em privado. Não sabia o que eu tencionava fazer e tinha razão em estar receoso. Eu própria me sentia assustada.

- Pobrezinha - disse Annie Gwen, e abraçou-me. Bell fez o mesmo.

Abracei-as também.

- É um milagre que não me odeiem por aquilo que eu represento - disse, abatida.

- Como podíamos culpar-te a ti por aquilo que a tua avó fez? - exclamou Bell.

Vais ver, pensei. Contornei a secretária de Swan e tirei a minha confissão da estante onde a escondera, entre dois livros grossos. Nesse momento, Eli percebeu o que eu tencionava fazer. Aproximou-se e pousou a mão grande sobre o envelope castanho. Abanei a cabeça e consegui dizer, apesar do nó na garganta: - Tenho de fazer o que está certo. Este segredo estará sempre entre nós se eu não o fizer. Chega.

- Santo Deus - praguejou ele baixinho, angustiado. - Há coisas que não precisam de ser ditas, se só vão magoar as pessoas.

- Amo-te demasiado... a ti e à tua família... para permitir que isto continue enterrado. - Virei-me para Annie Gwen e Bell, estendi-lhes o envelope e continuei, em voz baixa e torturada: - Eu sei do homicídio da Clara desde criança. Escrevi aqui todos os pormenores. Sabia o que a minha avó tinha feito. Sempre soube, mas tive demasiado medo para contar a alguém. - Com a mão a tremer, pusei o envelope na secretária de Swan. - Tenho de partilhar a culpa por aquilo que ela fez.

Aos poucos, a tristeza foi invadindo os rostos de Annie Gwen e Bell. Vi uma dezena de emoções passar-lhes pelos olhos até que por fim, e para minha surpresa, restava apenas a tristeza.

- Calculei que soubesses - murmurou Annie Gwen. - Vi-te o sentimento de culpa no rosto na casa funerária. - Olhou para Eli. - E no teu também.

Levei a mão à garganta e fechei os olhos. Ao meu lado, Eli acrescentou: - Não permito que a Darl seja julgada pelo que sucedeu. Não queria que vocês as duas soubessem porque não devia fazer qualquer diferença. Só pode causar mais mágoa.

Bell correu para mim com os olhos ardentes cheios de lágrimas.

- Estás a dizer que a tua avó te contou sobre o homicídio quando eras pequena? Porque havia de te fazer uma coisa dessas?

- Ela não precisou de me contar. Eu vi tudo. Vi-a empurrar a Clara por cima do muro do terraço. Vi a Clara morrer. E, nessa noite, vi a Swan enterrá-la. - Dominada pelas emoções, tive de me apoiar na secretária. Eli segurou-me pela cintura. - Não espero que me perdoem.

Pequena e determinada no seu fato azul, Annie Gwen apertou os lábios e contornou a grande secretária, seguida por Bell. Segurou-me no rosto com ambas as mãos.

- Pobre criança - murmurou. - A justiça já foi feita. Eu e a minha família, nós... *nós matámos a tua avó*. Matámo-la ao regressarmos.

- Annie Gwen, isso não é...

- Oh, é, sim. No fundo do coração, ela sabia que tinha uma dívida a pagar, e o seu coração saldou-a. Mas matámos também a pobre Matilda, que era inocente, Deus nos perdoe. - Annie Gwen apertou-me mais as faces, como se quisesse transmitir-me a sua fé. - O que está feito, feito está. De ambos os lados.

- Deixemos tudo isto para trás - pediu Eli baixinho, e acariciou-me o cabelo. E foi o que fiz. Estava perdoada e podia começar a perdoar-me a mim própria. No instante seguinte, eu, Eli, Annie Gwen e Bell estávamos nos braços uns dos outros.



- Quero ver a Swan - declarou Annie Gwen em tom firme.

Levei-a à sala ampla, de janelas altas, e recuei. Bastava olhar para os dois caixões idênticos, no meio das montanhas de flores, para me partir o coração. Já vira o rosto da minha avó e de Matilda pela última vez e não queria voltar a olhar para elas.

Annie Gwen aproximou-se do caixão e parou ao seu lado em silêncio, a olhar para Swan. Depois falou, em tom suave, mas firme: - Vou acolher a sua neta no meu coração e torná-la parte da minha família. Serei uma boa avó para os filhos que ela possa ter com o meu filho... e eles honrar-me-ão. Você será apenas uma má memória... alguém de quem não falamos muito, para o bem da Darl. Por sua causa, perdi o meu marido. Mas agora vou ficar com o que resta da sua família. Vou ficar com o

futuro. E é essa a minha vingança, Swan Samples. Esse será o inferno que criou para si própria.

Annie Gwen Wade virou costas à memória da minha avó e olhou para mim.

- Tu amas o meu filho e eu amo-te a ti - declarou.

- Nunca a farei arrepender-se disso - prometi.

Ela, Bell, Eli e eu levámos o envelope com a minha confissão para o pátio de mármore rosa. Eli acendeu o isqueiro e, juntos, queimámos todas aquelas palavras.

O primeiro fogo em Burnt Stand dera à minha família um nome e um passado limpos. O segundo, ali no pátio de mármore, naquele dia, deu à minha família uma alma e um futuro limpos.

Swan, Matilda e Clara foram enterradas no mausoléu Hardigree no cemitério metodista, cada uma com o respetivo nome gravado na parte da frente da cripta correspondente. E, no espaço em branco da cripta secreta ao lado da cripta da minha mãe, gravámos o nome da mãe de Karen, Katherine Wade.

Agora, o passado estava definitivamente gravado em pedra.

- Vem comigo - disse Eli depois dos funerais. Era mais uma súplica do que uma ordem.

Levou-me até à Vivenda de Pedra, agora isolada num vale despido que em breve ganharia nova vida com os edifícios e jardins da Stand Tall. Eli e eu entrámos na beleza fria e assombrada daquela casa, reconhecendo em silêncio o amor que ali fora alimentado por Anthony e Matilda, a família que lá florescera depois de Jasper e Annie Gwen a ocuparem e, agora, a redenção e devoção que Eli e eu trazíamos às paredes erigidas pelo avô dele.

Segui Eli até um dos quartos, onde olhámos um para o outro ao lado de uma cama simples que tínhamos coberto com lençóis brancos, almofadas largas e edredões fofos. Não havia mais nada na casa de mármore a não ser aquela cama e nós. Ele estendeu as mãos e eu aproximei-me. Tirou do bolso do casaco um pequeno alicate, enfiou os dedos na gola da minha blusa, puxou o fio do meu pendente e cortou-o.

Pousei o colar num parapeito de mármore e nunca mais lhe toquei.

Despimo-nos um ao outro, até estarmos nus e puros, e deitámo-nos na cama. Ficámos lá o resto da tarde e toda a noite seguinte. Possuímo-nos mutuamente como amantes completos e verdadeiros, sem nunca nos afastarmos, para curar a tristeza e voltar atrás no tempo.

Na manhã seguinte arrumámos as nossas coisas, despedimo-nos de Karen e Leon, de Annie Gwen e Bell, e dirigimo-nos ao aeródromo nos arredores da cidade. Eu vestia calças de ganga e uma *t-shirt*, um blusão de cabedal de Eli e sapatos velhos. Ele estava vestido de forma igualmente confortável. Levantámos voo e ele sobrevoou a cidade por um momento. Olhei para a majestade rosada de Burnt Stand no meio das montanhas douradas.

- Está na hora de partir - disse Eli, e eu concordei com um aceno. Afastámo-nos nas correntes altas do ar de outono. Poucas horas depois estávamos livres da terra e do passado, a sobrevoar o oceano a sul, a caminho de alguma aventura quente e exótica, a deslizar sobre a superfície do mundo, desprovidos de peso.

Com o nosso amor um pelo outro, esquecemos a frieza da pedra.

Table of Contents

Apresentação

Prólogo

Primeira Parte, 1972

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Segunda Parte, Vinte e cinco anos depois

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20